MÁRIO MARTINS, S. J.

Peregrinações e Livros de Milagres na nossa IDADE MÉDIA

2.ª Edição

BX2323
.M38

EDIÇÕES "BROTÉRIA"
LISBOA, 1957

LIBRARY OF PRINCETON
SEP 19 1983
THEOLOGICAL SEMINARY

BX2323
.M38

Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média

OBRAS DO MESMO AUTOR:

Correntes da Filosofia Religiosa em Braga dos Sécs. IV a VII — Livraria Tavares Martins – Porto, 1950.

Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias († c. 1437) — Mosteiro de Singeverga – Negrelos, 1951.

Estudos de Literatura Medieval — Livraria Cruz – Braga, 1956.

Vida e Obra de Frei João Claro († c. 1520) — ed. da Universidade de Coimbra – 1956.

MÁRIO MARTINS, S. J.

LIBRARY OF PRINCETON
SEP 19 1961
THEOLOGICAL SEMINARY

Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média

2.ª Edição

EDIÇÕES "BROTÉRIA"
LISBOA, 1957

INTRODUÇÃO

NA *Viagem à Aurora do Mundo,* traz Erico Veríssimo o tema central doutro livro seu — *As Portas do Tempo*:

«Um dia o herói sai e deambula pelos subúrbios. Como é poeta, vai distraído, tão distraído com os seus pensamentos de cores tão vivas que passa, sem ver e sem dar por isso, por uma porta misteriosa. Ora, acontece que essa porta é nada mais nada menos do que uma das muitas portas do Tempo e, de repente, a minha personagem encontra-se em plena Idade Média. Só deu pelo estranho acontecimento depois de ter andado mais de um quilómetro através das terras de certo duque façanhudo e poderoso. Quando viu o castelo com a ponte levadiça, os guardas nas ameias — pessoas e coisas positivamente diferentes das de sua rua — é que percebeu em que lugar e em que época se encontrava, pois justamente na véspera estivera a ler um romance medieval de Sir Walter Scott. Se fosse homem prático e terra-a-terra, o meu herói diria que tudo aquilo não passava de um simples sonho. Mas como era poeta, aceitou desde logo a realidade e passou a viver na Idade Média, na corte ducal, onde, como era de se esperar, despertou grande curiosidade por causa de seus trajos, de sua língua, de seus modos e de suas ideias. Viveu aventuras emocionantes, amou uma castelã, andou em guerras sangrentas e um dia, distraído a correr atrás de uma borboleta, tornou a enveredar por umas portas misteriosas e encontrou-se de novo na sua rua, a caminho de casa.»

Pois bem. Pedimos ao leitor que se distraia também do presente e meta por uma das misteriosas portas do Tempo. E mer-

gulhe na Idade Média — não dos duques façanhudos e das pontes levadiças, mas dos peregrinos.

A Cristandade estava cheia deles e dava-lhes vários nomes, mesmo em latim: *peregrini* (peregrinos), *palmarii* ou *palmati* (palmeiros), *romei* ou *romerii* (romeiros), etc. Veremos, depois, como estes vocábulos nem sempre coincidem entre si. No mar, sob as velas enfunadas ou curvados sobre os remos incansáveis, em terra, por caminhos desconhecidos, com albergarias de longe em longe, onde encontravam cama, fogo, água e sal — a todos eles guiava a estrela brilhante e sonora dum santuário longínquo ou um país que fosse como que um santuário, sob a cúpula das estrelas (sobretudo a Terra Santa e a Tebaida).

Ao vê-los abalar, lembramo-nos dos versos de Guerra Junqueiro, n'*Os Simples*:

> «Ó senhor tão novo, d'olhos cor de esp'rança,
> Ides de caminho para algum lugar?
>
> *O peregrino:*
>
> Vou dar volta ao mundo...»

Porque o mundo era maravilhoso, todo cheio de sobrenatural e de milagre. Em Colónia, venerava-se uma urna com as cinzas

dos reis magos. Trouxera-a, de longe — quem diria? — Frederico Barba-Roxa. Na cidade de Tréveros, via-se a túnica sagrada que Nosso Senhor trouxera antes de ser crucificado. Em Aquisgrano, guardavam-se comovidamente uns paninhos do Menino Deus. À Virgem de Bolonha vinha um mundo de gente, plebeus e fidalgos: Henrique III (1255), o Príncipe Negro (1360) e Carlos da Borgonha. Bernardo de Claraval foi em devota romaria a Nossa Senhora de Chartres, uma das igrejas mais famosas da Europa medieval. A Santa Maria do Puy e a Rocamador chegavam peregrinos de terras estranhas, entre eles alguns portugueses. Cantuária erguera-se a centro n.º 1 da piedade inglesa. Na abadia escocesa de Dunfermline, repousava S.ta Margarida, a santa mais popular daquelas terras agrestes e românticas. Na Irlanda, em Down Patrick, repousavam as relíquias do grande patrono da ilha. E os peregrinos acorriam ao *Purgatório de S. Patrício* — uma caverna que antigamente ia dar ao Purgatório, dizia o povo. Porém, eram três as peregrinações maiores ou solenes: S. Tiago de Compostela, Roma e Jerusalém. No direito normando, os que para lá partiam eram levados em procissão até aos limites da paróquia. Quantos deles não regressariam mais!

S. Tiago de Compostela enchia a Cristandade com o nome do Apóstolo — *il Barone per cui laggiù si visita Galizia* (Dante, *Divina Comédia,* XXV, 6). Na Itália, Roma ofuscava o mundo. E no

túmulo de S. Pedro, os romeiros de todos os países metiam moedas que lá ficaram até aos nossos dias: italianas, inglesas, irlandesas, dinamarquesas, escandinavas, húngaras, croatas, boémias. E doutros países como Livónia, Eslavónia, Espanha e Portugal. Para a Terra Santa partia meio mundo, como se ela fosse o paraíso perdido. E nos mapas rudimentares de então, os peregrinos encontravam, bem assinalado, tudo o que pedia o seu ingénuo coração: o sepulcro de Job, o lugar onde Jesus curou o leproso, a caverna de Elías, a gruta de Nossa Senhora (*caverna beatæ Mariæ*), o sítio onde S. João Baptista costumava rezar, o poço de Jacob, a casa de S. Pedro, em Jope, o sepulcro dos Macabeus, o campo damasceno (*ager damascenus*) em que Deus criou Adão. Tudo. Gostavam de ler frases seguras, como esta: *hic occisus est Symon Machabeus.* E os peregrinos, sem duvidar, beijavam o cálice da ceia do Senhor, contemplavam a esponja embebida em vinagre que Jesus provou na cruz e a lança que lhe abriu o Lado. Desciam, também, ao vale de Josafá, para venerar o túmulo da SS.ma Virgem, visitavam o sepulcro de Lázaro, entravam na gruta de Belém e a alguns deles mostrava-se uma laje sobre a qual o Menino Jesus foi lavado pela primeira vez. E num oco da pedra, ainda lá havia um pouco da água primitiva! Era preciso amar muito para se crer tanto. Enchia-lhes o coração tudo o que se prendia à pessoa de Jesus. E isto explica esta ingenuidade, filha do amor.

Não sòmente os santos mas também os pecadores palmilhavam os caminhos lentos dos santuários. Aos que salteavam as igrejas ordenavam os cânones de S. Patrício que fossem peregrinar. Vemos embarcar assassinos para a Terra Santa, *por alma do morto*. E os finados mandavam alguém pelos seus pecados, a Compostela, Rocamador, etc. Havia penitentes que tinham de peregrinar até morrer. Mas a maioria dos romeiros partia por gosto, levando consigo o bordão e o bornal. Como diz o *Roman de la Rose*:

«Tantost comme bons Pelerins
Hastis, fervens et enterins...
Et port o moi par grantt effort
Escherpe et bordon grant et fort.»

E o *Roman de Vacce* fala-nos de gente que em Jerusalém andava descalça por devoção:

«En Jerusalem fist Peregrination
En langes et nus piez a grant devotion.»

Estas grandes migrações religiosas arrastavam consigo a transferência de valores culturais e religiosos de povo para povo, do Ocidente para o Oriente e da Palestina, Bisâncio e terras vizinhas para estes lados onde se põe o sol. As estradas, quando existiam,

eram maçadoras e cansativas, os bandidos salteavam os caminhos e punham uma dúvida aflitiva nas encruzilhadas e desfiladeiros. Ainda assim, abalavam. A sua fé não vacilava nunca e o mistério das lonjuras era, então, maior do que hoje. Jerusalém, por exemplo, lembrava um astro, longe, muito longe e acima das coisas terrenais. Quem lá chegasse entraria no céu. Partiam, voltavam, ficavam por lá ou morriam pelo caminho. Desta forma, puseram-se em contacto os monges e clérigos da Igreja grega e latina. S. Teotónio, de Coimbra, familiarizou-se com os religiosos de Jerusalém. Antes dele, já D. Telo estudara a vida dos clérigos e monges da Cidade Santa e de Bisâncio. E algumas centúrias atrás, vemos um bracarense trazer da Terra Santa as doutrinas de Orígenes, enquanto Paulo Orósio embarcava, pouco depois, para junto de S. Agostinho e daí para a Palestina, onde o esperava S. Jerónimo. Como a naveta que vai e vem, podemos subir e descer ao longo dos tempos. No século VI, entrou na Galécia um monge da Panónia que andara pela Terra Santa. Trazia consigo alguns códices gregos, como os cânones orientais e as sentenças dos Padres do Deserto. Chamava-se Martinho — S. Martinho de Dume, mais tarde bispo de Braga. Ele e o seu discípulo Pascásio encarregaram-se de pôr em latim esses manuscritos veneráveis que o Ocidente não compreendia.

Enfim, a cultura ganhou imenso com as andanças dos peregrinos infatigáveis: escreveram-se itinerários, mandaram-se notícias,

transcreveram-se livros, estudaram-se os costumes das nações remotas, a geografia alargou-se para além dos muros do castelo feudal, ouviu-se falar de Constantinopla, da Ásia Menor, o povo ficou a saber o que era a Galécia e a via láctea tomou o nome de estrada de S. Tiago. O mundo tornou-se maior e a rosa dos ventos respirou mais à vontade.

Os peregrinos compravam recordações: relíquias, conchas que simbolizavam a romaria de Compostela, objectos piedosos mais ou menos artísticos, peças de ourivesaria, livros iluminados e manuscritos gregos ou siríacos. E na retina dos seus olhos vinham novos motivos artísticos, enquanto os itinerários e narrativas que eles faziam informavam, miùdamente, sobre a arquitectura dos templos e das cidades estranhas, não raro com mapas e plantas dos monumentos e povoações. Nalguns objectos vinha desenhada ou em relevo a *rotunda* do S.to Sepulcro: um edifício circular que o Ocidente, em breve, faria entrar nas iluminuras dum ou doutro evangeliário, entre eles o de Saint-Medard de Soissons. E foi assim que a arquitectura ocidental adoptou, aqui e além, certas sugestões do Oriente.

Também a poesia seguiu os caminhos peregrinantes da Terra Santa, Roma, S. Tiago de Compostela e outros pontos onde se encontrava a religiosidade um pouco vagabunda de milhões de

homens. Nossa Senhora de Terena, no Alentejo, sugeriu várias cantigas a D. Afonso o Sábio. A poesia épica francesa desenrolou os seus poemas nos caminhos das grandes peregrinações. No ciclo de Guilherme de Orange, temos a *Chanson de Guillaume, La Charroi de Nimes, La Prise d'Orange, La Chanson d'Aliscans* e *Aymeri de Narbonne.* Todas estas canções de gesta *actuam* na via tolosana que seguia para Compostela. A lenda carolíngia coloca-se ao longo da *via romea* e dos portos onde se embarcava para a Terra Santa. A acção de *Girard de Roussillon* enraíza, longìnquamente, nas romarias a S.ta Maria Madalena, em Vézelay. Finalmente, o episódio central da *Chanson de Roland* passa-se no caminho de Compostela, em Roncesvales, junto de *Spagne la belle.* Finalmente o *Pseudo-Turpim,* do *Liber Sancti Jacobi,* está cheio de Carlos Magno e dos doze Pares de França (1). Conta-nos ele que um dia S. Tiago apareceu ao imperador da *barba florida* e pediu-lhe para libertar Compostela, dos sarracenos. E tudo caminha a par, tanto no *Liber Sancti Jacobi* como na *História do Imperador Carlos Magno e dos doze Pares de França*: O imperador conquistou a

(1) J. Bédier, *Lés légendes épiques. Recherches sur la formation des chansons de geste,* 4 vols., Paris, 1904-1913; *La Chanson de Roland,* ed. e tradução do texto franco-italiano por Giuliano Gasca Queirazza, Turim, 1954, v. 60; *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus* (texto), ed. por Walter Muir Whitehill, S. Tiago de Compostela, pp. 301-343; Mário Martins, *O Pseudo-Turpim na versão portuguesa da História do Imperador Carlos Magno,* em *Brotéria,* t. 59 (1954), pp. 380-395.

Espanha, encontrou, de novo, o túmulo do Apóstolo S. Tiago e pôs um arcebispo na cidade de Compostela. Depois, foi uma série de vitórias sonoras, contra o invasor Aigolante, até à batalha de Pamplona e à conquista de Córdova. Ai dele! O desastre de Roncesvales, com a *paixão* e morte de Roldão, veio pôr um amargo ponto final a toda esta aventura, começada, em boa hora, sob o signo de S. Tiago de Compostela.

Graças às peregrinações, chegavam a Compostela cantadores e poetas de vários idiomas e povos, com hinos em latim e nas línguas vivas, à honra do Apóstolo. E também cantigas profanas. Dali se espalhariam aos quatro ventos, naquele grande marulhar de gentes e línguas desvairadas.

O que foram as peregrinações medievo-portuguesas, isso irá o leitor descobrindo no volver lento destas páginas: as romarias nos nossos cancioneiros, as peregrinações a S. Domingos da Queimada, aos Mártires de Marrocos, a S. Gonçalo de Amarante, a S. Gonçalo de Lagos (para não falarmos de S. Frutuoso, S.ta Senhorinha e S. Geraldo), os santuários marianos e as romarias portuguesas nas *Cantigas de Santa Maria,* as nossas peregrinações a Compostela, a Roma e à Palestina — tudo isto é belo e misterioso, um vasto e confuso formigar de multidões, por todos os caminhos do mundo! E escreviam-se itinerários da Terra Santa e livros de milagres em latim e português: *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira, Livro*

de Milagres dos Mártires de Marrocos, Livro de Milagres do Santo Condestável, Livro de Milagres do Bom Jesus, etc. Uma literatura meio anónima em que o autor era legião.

Virá, nesta obra, a palavra definitiva sobre peregrinações medievo-portuguesas? Pobre de quem não compreende que a história tem o seu quê de cálculo por aproximações! História definitiva só Deus a escreverá, no dia do Juízo Final. Mais notícias poderíamos introduzir nestas páginas, se não receássemos fazer degenerar a história em mero arquivismo — útil, sem dúvida, mas fora de lugar. Esta obrinha frágil, que vai embarcar pela segunda vez, sai, ainda assim, com muitos dados novos, retocada aqui e além, dificultosamente. E ficamos a pensar que um livro tem o seu quê duma criança: gera-se no amor, mas corrige-se na dor, para, no fim de tudo, continuar ainda imperfeita. No entanto, pode ser que agrade por encerrar um tema amplamente humano, uma epopeia como poucas haverá na história, a epopeia dos que buscam alguma coisa de Deus na Terra dos homens.

Homo peregrinus — o homem que caminha, isto é, nós todos que andamos por este mundo. Era uma imagem sugestiva. Mais tarde, John Bunyan († 1688) deixar-se-ia levar por ela, ao escrever *The Pilgrim's Progress.* E a Soror Maria do Céu aconteceria o mesmo, nos *Enganos do Bosque e Desenganos do Rio.* E a *peregrina* do místico romance desta freira do século XVIII significa a

alma em busca de Cristo. Até os monges enclausurados nos mosteiros chamavam peregrinação à sua vida. Porque interiormente os homens eram todos uns desenraizados, a caminhar para algures. Roma, a Terra Santa, Compostela, Rocamador, que importância tinha isso? Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob — sobretudo Deus dos que não podem descansar neste mundo.

Que ao ler estas páginas, talvez um pouco agrestes, o leitor esqueça quem as escreveu e se recorde, ùnicamente, da legião obscura dos que procuravam, por toda a parte, a marca de Deus na face poluída da Terra. Que o livro siga sòzinho. *Alone with his glory,* como na balada de Charles Wolfe? Não. Sòzinho. Sem glória, sem esperança e sem receio. Ao alcance dos homens que precisam de partir, nem eles sabem para onde. E que procuram, sem saber o quê.

MÁRIO MARTINS

CAP. I

Sob o signo das peregrinações

«Todos quantos vevimos que en piedes andamos,
Siquiere en preson, ó en lecho iagamos,
Todos somos romeos que camino andamos.» (2)

NA Idade Média, as peregrinações e romarias faziam palmilhar os caminhos santos desta terra, no *cabo do mundo*. O *Cancioneiro da Vaticana* (3) diz-nos que as mães daquele tempo iam a *San Simon de Val de Prados candeas queymar* (n.º 336), acompanhadas das suas meninas. Mas estas parecem mais amigas de bailar do que de rezar. À ermida de S.ta Marta dirigiam-se os romeiros (n.º 710), a pedir graças e chorar de amor. Os trovadores falam-nos, ainda, da *sagraçon de Bonaval* (n.º 731) e da ermida de S. Bernardo, onde iam as «donas fazer romaria» e orar (n.os 738-750).

Outros fiéis partiam em romagem a S. Clemente, talvez para ver a pessoa amada e não sòmente para fazer oração (n.º 805). Alguns preferiam *San Salvador de Valongo* (n.º 846), S. Mamede e S.ta Cecília ou a ermida do Soveral — *Nunca eu vi melhor ermida nem mais santa* (n.º 882)!

Estas e outras passagens dos poetas galaico-portugueses dão-nos a imagem do que acontecia num e noutro lado do rio Minho. E nas legendas medievas dos nossos santos verificamos o mesmo fenómeno religioso. S. Frutuoso de Braga, no século VII,

(2) GONÇALO DE BERCEO, *Milagros de Nuestra Señora*, n.º 17.

(3) Cf. *Cancioneiro da Ajuda*, na edição e introdução de Carolina Micaellis de Vasconcelos, t. 2, Halle, 1904, pp. 797-889, etc.; ALBERTO VIEIRA BRAGA, *Curiosidades de Guimarães. O culto poético popular e romeirinho a Nossa Senhora*, em *Revista de Guimarães*, t. 64 (1954), sobretudo pp. 425 e ss.

abalava em peregrinação a S.ta Eulália de Mérida (4). Quinhentos anos depois, dois monges escreviam a vida e milagres de S. Rosendo: *S. Rudesindi Vita et Miracula* (5). Nascera pelos princípios do século X, quando o ano mil ainda vinha longe. Seu pai era o conde Guterres. A mãe, Dona Ilduara, vivia em Salas, junto de S. Tirso, enquanto o marido andava nas guerras para os lados de Coimbra, «segundo se dizia». Ora, a «real vila de Salas distava quase duas milhas da igreja consagrada à honra de S. Salvador, no cimo do Monte Córdova». E todos os dias a condessa cortava a direito pelo monte acima, sòzinha e descalça. E pedia ao Senhor que lhe desse um filho. Um dia, apoderou-se dela *um doce sono* e um anjo disse-lhe que havia de ser mãe duma criança salvadora de muitas almas. O conde voltou e a promessa cumpriu-se (6). Seria ela a única romeira a calcurrear os caminhos agrestes do Monte Córdova? Pensamos que não.

Com o decorrer dos anos, foram aumentando os centros de peregrinações: a beata Mafalda e suas irmãs, S. Frei Gil de Santarém, S. Gonçalo de Amarante, Frei Paio de Coimbra, S. Domingos da Queimada, os Mártires de Marrocos, S. Gervásio, S.ta Godinha — seria um nunca acabar de peregrinações medievais, na esteira doutras mais antigas, como a de S.ta Senhorinha de Basto (7).

S. Torcato e S. Donato, dois dos lendários companheiros de S. Tiago (8) participavam da devoção popular ao patrono da Galiza e da Península. Entre os documentos mais antigos da Colegiada de Guimarães, muitos há referentes a S. Torcato. Num deles, datado de 1049, Fernando Magno concede a imunidade ao convento deste nome e refere-se às relíquias do santo, ali existentes (9). Fala-se, mesmo, da «terra de S. Torcato»: *et in omnem terram sancti Torquati similiter faciant.* Em 1173, D. Afonso Henriques doa a igreja de S. Torcato ao mosteiro onde viviam alguns religiosos *secundum canonicam regulam Beati Augustini.* E diz-nos haver ali relíquias de S. Torcato e doutros santos: *Sancti Torcati et alliorum Sanctorum*

(4) San Valerio, *Obras*, ed. por R. Fernández Pousa, Madrid, 1942, pp. 76-77.
(5) *P. M. H., Scripores*, t. 1, pp. 34 e ss.
(6) *Ib.*, p. 35.
(7) A. Xavier Monteiro, *Santa Senhorinha de Basto*, em *Cenáculo*, 5 (1949--1950),pp. 245-248.
(8) *P. M. H., Scriptores*, t. 1, p. 398.
(9) *V. M. H.*, n.º 35.

quorum ibi reliquiæ reconditæ sunt ([10]). Seriam estas relíquias o corpo actualmente chamado de S. Torcato, alto e robusto como os barões feudais das histórias? Não nos parece. Pelo menos as palavras empregadas dão-nos a entender que se tratava de relíquias vulgares e não do corpo inteiro dum santo. Atendendo ao prestígio peninsular de S. Torcato e à lenda que o ligava a S. Tiago, tanto bastaria para que os peregrinos ali acorressem. O certo é que em 1501, numa carta aos cónegos de Guimarães, escrevia já o rei D. Manuel: «havemos por bem que o corpo do bem aventurado sam Turquato seja treladado a Igreja collegiada da ditta vila [de Guimarães], en logar onde ao Prior parecer bem» ([11]). Tal trasladação nunca se fez, porque, além doutros motivos, os povos não se deixavam fàcilmente manejar, nesta questão de relíquias. Enfim, o Dr. João de Barros, pelos meados de quinhentos, registava a tradição da presença do corpo dum *homem santo,* no mosteiro de S. Torcato, embora sem o identificar claramente. Diz-nos ele: «pareçe que este vocabulo [de *San Torcade*] anda corupto, porque hão de dizer São Donato. Jaz alli hu homem Sancto, porque os originarios nessa conta o tem pella fama de seus milagres e dizem que o seu muimento onde jaz tem hu cheiro suavissimo» ([12]).

Tais milagres (qualquer que seja o alcance desta palavra) asseguram-nos que muitos devotos iam lá pedir graças a *San Torcade.* Saltemos S.ta Marta, junto de Braga, de que fala a documentação medieval e onde as escavações puseram a descoberto os restos antigos duma igreja.

Pergaminhos bastante antigos tem-os S. Donato de Ovar. Uma doação do rei Ordonho, de 922, fala-nos duma igreja de S. Donato e S. João, *in porto de Obal* ([13]). E o relato da conquista de Lisboa, no século XII, diz-nos que, na Terra de S.ta Maria, repousa o corpo do bem-aventurado Donato, discípulo do apóstolo

([10]) *V. M. H.*, n.º 111.

([11]) GASPAR ESTAÇO, *Várias Antiguidades de Portugal,* Lisboa, 1625, p. 143. Diz-nos que tal documento «está no archivo da Igreja de Guimarães». Sobre S. Torcato e sua biografia cf. EDUARDO DE ALMEIDA, *S. Torcato,* em *Revista de Guimarães,* t. 33 (1923), pp. 261 e ss.

([12]) *Geografia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes,* Porto, 1919, p. 72; GASPAR ESTAÇO, *Várias antiguidades de Portugal,* Lisboa, 1625, pp. 138-155 (muita lenda); P.e AVELINO DE JESUS COSTA, *Documentos da Colegiada de Guimarães,* Coimbra, 1947, pp. 10, 14-21, 24-25; *V. M. H.*, no índice, em *Sanctus Torquatus.*

([13]) *P. M. H., Dipl. et Ch.*, t. 1, p. 17.

Tiago — *In cujus territorio requiescit beatus Donatus apostoli Jacobi discipulus* ([14]). Muitos romeiros abalariam para S. Donato, pois, na Idade Média, seria psicològicamente impossível estar o povo convencido da existência do corpo dum santo e deixá-lo em solitário abandono.

Nalguns centros de peregrinação organizavam-se confrarias e o comércio prosperava à sombra destas grandes aglomerações religiosas: «Quasi todas as cartas de feira portuguesas marcam o prazo da feira em relação a uma festa da Igreja, quer seja a Páscoa, a Natividade da Virgem, o Corpo de Deus, ou o dia de S. Pedro, S. Miguel, S. João, S.ta Iria, ou S. Bartolomeu. O pedido feito pela vila de Almendra a D. Afonso V, em 1441, para obter uma feira franca, quando da romaria que se fazia na vila à milagrosa casa *muy solempne de sancta Maria,* indica-nos que muitas feiras tiveram o seu berço junto à capela de algum orago particularmente venerado» ([15]).

Não se tratava, sempre, de santos canonizados. Como nos conta a *Cronica da fundaçam do moesteyro de sam Vicente dos conegos regrantes,* escrita por dois *homeens boons* ([16]), acerca do que «virom no seu tempo e outrossy do que ouvirom a seus antecessores» ([17]), o povo e o rei iam rezar ao túmulo dalguns soldados, mortos na conquista de Lisboa. Os sepulcros destes *mártires* «eram cada dia visitados muy honradamente del rey e dos prelados, e de todallas outras companhas. E os milagres e maravilhas que Deus fazia por os sanctos martyres, que por o seu amor espargerom o sangue, estes eram muytos e muy maravilhosos quantos os homens todos nom poderiam pensar» ([18]).

Sobretudo, tinham muita devoção a «hum cavaleyro que avia nome Enrique e foy natural d'hũa vila a que dizem Bõna». Ora, este cavaleiro, *bom e bem fidalgo,* abastado de todos bons costumes

([14]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, p. 395. Foi o Sr. Dr. Avelino de Jesus Costa que nos chamou a atenção para S. Torcato e S. Donato de Ovar.

([15]) VIRGÍNIA RAU, *Subsídios para o estudo das feiras medievais portuguesas,* Lisboa, 1943, pp. 9-10. Sobre confrarias, recordamos, por exemplo, a de S.ta Comba, junto de Coimbra, já existente em 1458 e composta *de moços*: «Outorgamos por este anno aos moços que ora fazem conffraria na irmida... de ssanta Conba», etc.; cf. *Indice chronologico dos Pergaminhos e Foros existentes no Archivo Municipal de Coimbra,* Coimbra, 1875, p. 52 (doc. XCIV).

([16]) Porto, 1873, p. 6.

([17]) *Ibidem.*

([18]) *Ib.,* p. 18.

«foy morto na entrada da cidade, fazendo muyto bem per seu corpo e vertendo de grã vontade o seu sangue antre os mouros, polla payxom de nosso salvador Jesu Christo. E jazendo este cavaleyro enterrado no dito moesteiro como dito he, nosso senhor Jesu Christo, que sempre quer dar galardom a todos aquelles que o servem, fazia por el muytos milagres e muy maravilhosos em aquela sepultura em que jazia. Entom, vendo os christãos aquellas maravilhas que Deus por el fazia, em todos aquelles que presas e cuitas e pesares aviam assi denfermidade como doutra qualquer cousa, e vistas estas cousas que Deus por el avia feitas e fazia cada dia, ouverõno por martyr com os outros martyres que jaziam sepultados no dito moesteyro» ([19]).

Deixemos o sonho do *servidor da egreja* ([20]). Entre os milagres, contava-se *hum muy maravilhoso*: «na cabeceyra do moymento do dito cavaleyro se levantou hũa palma semelhavil a esta que tragem os romeus que vam em Jerusalem. E levantada assi esta palma começou denverdecer e deytar folhas e fazer verdura, e creceo sobre a terra e feze sse muy alta. Entom vendo elrey este milagre tam fermoso, e outros que Deus mostrava por o sancto cavaleyro Enrique, e por os outros martyres que jaziam no dito moesteyro, e outrossi os pobos dos christãos [.....] chegavan se aaquella palma todos os que enfermos eram de qualquer enfermidade que ouvessem, e filhavam della e poynhãna ao collo e logo recebiam saude. Outros alguũs que aviam enfermidades das partes de dentro tomavam daquella palma e faziam della poo e bevendo aquel poo ficavam purgados e sãos. E tanto foy siguida esta palma que nom ficou dela nem hũa cousa sobre terra» ([21]).

Mais ao sul, veneravam-se os sete cavaleiros de Tavira, de que fala Rui de Pina, na sua *Crónica de D. Afonso IV* ([22]): *por elles faz Deus muytos milagres,* escreve o cronista. Pròpriamente cavaleiros eram cinco. A eles juntou-se o comendador-mor e foram caçar para os lados de Tavira, durante umas tréguas, a fim de terem *algum solaz.* Quando os moiros caíram, traiçoeiramente, sobre eles, «fizerrom hum palanque, o milhor que puderam, de

([19]) Porto, 1873, p. 19.
([20]) *Ib.,* pp. 22-24.
([21]) *Ib.,* pp. 37-38.
([22]) Cap. 41. Cf., também, *P. M. H., Scriptores,* t. 1, p. 418 (na *Chrónica da Conquista do Algarve*).

redor de paos de figueyras velhas que ahy acharrom». Ou venceriam ou dariam a vida em serviço de Deus! Foi então que chegou o n.º 7 — talvez o mais comovente deles todos, o almocreve e mercador Garcia Rodrigues que seguia «com sua recova de bestas como avya de costume». E ao ver a peleja, «dise a seus homems: *Tomade esa recova e ide vos com ela, que eu se vyver, não me mimguoara nada, e se morer aquy e serviço de Deos. Tudo esse partide emtrre vos.* Emtom se foy meter demtro no palamque». E lá acabaram *todos sete sua postimeyra vemtura.* Os seus corpos repousam na igreja de Santa Maria de Tavira, antiga *mesquita mor,* todos «avidos em gramde reveremçia e devação, como martires, que espargirom seu sangue por a homra de Christo» ([23]).

Ao norte, em Guimarães, veneravam-se as relíquias de S. Gualter. A versão quatrocentista da *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)* refere-se às maravilhas do santo franciscano: «Foy Galteiro muito devoto e perfeito, o quall por tam clara e famosa santidade respramdeceo que largamente tragia as gentes a devaçom da hordem e por via e exempro os reformava em bem. E, como ele pasasse ali desta vida, segundo dizem, manava olio da sua sepultura, ataa que o seu corpo foy treladado, o quall dava a muytos enfermos remedio de saude» ([24]).

Teresa de Ourém, criada de servir, chegou até aos nossos dias, envolta na lenda dalguns poucos milagres. Mais aristocrática e melhor documentada, ergue-se a Rainha Santa Isabel, cuja *leenda,* escrita no século XIV, dá informes concretos e seguros da afluência de romeiros e «enfermos de desvairadas enfermidades, tangidos do demonio, que partem dali curados» ([25]).

Os ossos do Infante Santo, trazidos por mar, foram recebidos em procissão por toda a cidade de Lisboa. E então, mestre Afonso, prior de S. Domingos, «fez um sermão para o caso mui conveniente e devoto, em que houve palavras de tanta piedade e compaixão, que comoveram as gentes a muitas lagrimas como se foram Endoenças.

([23]) *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal,* ed. por C. da Silva Tarouca, t. 1, Lisboa, 1952, pp. 262-268.

([24]) Ed. por José Joaquim Nunes, t. 1, Coimbra, 1918, p. 19.

([25]) *Vida e milagres de Dona Isabel,* ed. por J. J. Nunes, Coimbra, 1921, p. 90.

«E d'alli foram os ossos postos no mosteiro do Salvador, e de hi levados ao mosteiro da Batalha, e postos com devidas exequias em sua sepultura, na capella d'El-Rei D. João seu padre, onde segundo alguma clara evidencia, Deos por merecimentos do dito Infante, e em signal de sua bemaventurança fez alguns milagres» ([26]).

Quando D. Mécia Pereira entregou a alma a Deus, «da vylla [de Aveiro] ameude viinham fazer alli oraçam e beijar a sepultura. Doentes levavam a terra, e afirmavam achavam rremedio, e de muitas partes a mandavam pidir, e muitos a vinham per ssy tomar em giolhos des que entravam per a porta, muitos milagres afirmavam sentir, e que se apregoavam per muitos em diversos lugares» ([27]).

Maior concurso tinha a Infanta D. Joana, consoante a narrativa da sua criada, sor Margarida Pinheira: «E outras com ffe em Deus e em rogos e mericymentos da dita Senhora, tomando da terra da sua sepultura manyfestamente e millagrosa sentyram ajuda e alyvamento. E desto assy ser verdade, tomo ho Senhor Deus que de todo he sabedor por verdadeyra testimunha. E elle sabe isto assy seer. E que eu nom mynto. E se cada hũa juramentada ouvesse de dizer ho que acerca disto experimentou, vyo, e sabe, faryamos hũa grande leytura, nem ho queriryam creer» ([28]). Pois foi pena que sor Margarida Pinheira não nos deixasse uma *grande leytura dessas maravilhas.* Teríamos mais outro Livro de Milagres.

De Nuno Álvares reza a sua crónica que «ainda o dya de oje, depois da sua morte, Deos por sua merçee fez e faz muytos millagres naquell lugar honde seu corpo jaz, que som assaz denotados e magnifestos» ([29]).

Que longo friso de romeiros vemos passar no seu Livro de Milagres! Vinham de Montemor-o-Novo, Vila Nova, Óbidos, Xabregas, Ferraria, Cascais, Leiria, Sarilhos, S.ta Iria, Aldeia Galega,

([26]) Rui de Pina, *Crónica de D. Afonso V,* cap. 172; Gaspar Estaço, *Várias antiguidades de Portugal,* Lisboa, 1625, p. 187, cap. 52: *De hũa carta sobre os milagres do Infante Santo.*

([27]) *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro,* ed. por Rocha Madahil, Aveiro, 1939, p. 37.

([28]) *Ib.,* p. 185.

([29]) Cap. 80, ed. por Mendes dos Remédios, Coimbra, 1911, p. 211.

Fangas da Farinha, S.ta Marinha, Arruda, Ribatejo, Beja, Carnide, Santarém, Arganil, Setúbal, Sardoal, Vale do Paraíso, Lavradio, Oeiras, Vila Franca, Olivais, Castanheira, Campo de Ourique, Pedrógão, sobretudo do coração e termo de Lisboa. Eram escudeiros, criados do rei ou dos infantes, cordoeiros, uma certa *Isabella Faria que mora a par da comendadeira,* escrivães, mulheres do povo, uma *moça que mora com as filhas do doutor Gil Martinz que Deos perdoe,* uma tal Senhorinha Vasques, tosadores, tanoeiros, frades, um criado do alfaiate do Conde de Ourém, o prior de Óbidos, estalajadeiros, gentes do campo, pescadores, pequenos burgueses e marinheiros ([30]). Enfim, de tudo um pouco, sem distinção de classes. A fé era a mesma e igual o sofrimento.

Em Torres Vedras, repousava o corpo de S. Gonçalo de Lagos († 1422) ermita de S. Agostinho ([31]). Os seus milagres, escritos, em parte, no século XV, podem guiar-nos, a perto de quinhentos anos de distância.

Como nas outras peregrinações, levavam terra da sepultura de S. Gonçalo, bebiam-na com água ou penduravam-na ao pescoço, numa bolsinha ([32]). Invocavam o nome do Santo, faziam-lhe promessas, mandavam dizer missas em sua honra, ofertavam-lhe esmolas ou dedicavam-lhe algum ex-voto. Em 1490, por exemplo, Pedro Santiago, velho de Azambuja, já meio cego, prometeu «ir em romaria a Torres Vedras visitar as reliquias do Sancto e levarlhe de offerta huns olhos de cera» ([33]). Sentiu-se curado, mal entrou na igreja.

A devoção a Nosso Senhor Crucificado atraía a piedade dos fiéis para algumas capelas e imagens devotas. A ermida de S.ta Cruz do Monte, em Braga, já existia em 1430 ([34]). A imagem do Bom Jesus de Bouças, em Matozinhos, deu origem a uma fan-

([30]) Cód. 4044, da Bibl. da Casa de Cadaval, em Muge; CARLOS DA SILVA TAROUCA, *Onde está o Rol dos Milagres do B.te Nuno Alvares Pereira?,* em *Brotéria,* 47 (1948), pp. 155-163.

([31]) Nos princípios do século XVII, D. FR. ALEIXO DE MENEZES escreveu uma *Vida de S. Gonçalo de Lagos.* Cf. cód. 112 da Bibl. da Univ. de Coimbra. Outras biografias pouco ou nada trazem de novo, afora o t. 2 da *Chronica da antiquissima provincia de Portugal da ordem dos eremitas de S. Agostinho,* Lisboa, 1656, fls. 267-293, por FR. ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO.

([32]) FR. ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO, *op. cit.,* t. 2, fl. 287.

([33]) *Ib.,* fl. 287 v.

([34]) J. A. FERREIRA, *Fastos episcopais da igreja primacial de Braga,* t. 2, Braga, 1930, p. 254, nota 1.

tástica história ([35]): fora esculturada por Nicodemos e viera da Palestina! Mas, o certo é que o S.to Salvador de Bouças, na Idade Média, inspirava confiança a uma multidão de pescadores e camponeses. A gente do Porto também lá ia, em procissão, por causa da peste e mais tarde, em 1515, Afonso de Albuquerque mandaria panos, no valor de trinta xerafins, *ao crusyficyo de Bouças em Portuguall,* em cumprimento de uma promessa ([36]).

Não se mudavam os votos de romaria por coisa de nada. Só por dificuldades graves, perigos para o romeiro ou maiores bens que a peregrinação impedisse: «O bispo, diz Martim Pérez, pode remiir todo voto de romaria per esmola, salvo ende o de Jerusalen como te disse [.....]. Pode outrosy mudar o trabalho da romaria em jejuhum ou em oraçom. Ende se te o bispo der seu poder pera despensar em alguuns votos, conven que te movas com razon [.....]. Assi como aquel que fez i voto de romaria he doente. Se he doença por tenpo, podes lhe dar prazo que conpra a romaria des qua saar. E se a enfermidade he perpetua, podes lhe mandar que do que despendera hindo ou viindo e ala estando que o de aos pobres e que envie a aquel logar aquella oferenda ou offerta que ele ofeceçera se elle ala fora e por o trabalho do caminho da lhe algũa oraçon ou jejuhum ou se mays quiser esmola [.....]. Enpero se o prove sóóe pedir e nom he enfermo, nom has por que mudar a este tal o voto de romaria, salvo se a terra fose tal ou o tenpo que nom achase esmola ou se ouvesse medo de prison ou de morte em no caminho. Aas molheres outrossy que son mançebas por os perigoos dos corpos podes com ellas despensar, asy como he dito de suso, mayormente se son louçaãs». O mesmo se diga dos clérigos necessários à sua igreja, dos juízes ou dos *que teen filhos ou criados de manter ou de criar* ([37]).

Era a voz do bom senso, para não acontecer, por exemplo, o que vemos na lenda de S. Gonçalo de Amarante. Ao voltar da Terra Santa, que descobre o velho peregrino? O sobrinho, a quem ele entregara a alma dos seus paroquianos, tornara-se o lobo do rebanho. É uma passagem dramática que tem o seu quê da volta

([35]) Ant. Cerqueira Pinto, *História da prodigiosa imagem,* etc., Lisboa, 1737.
([36]) Cf. *Boletim de segunda classe, da Academia das Ciências,* 4 (1911), p. 137.
([37]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXIV a/213, fls. 139 v.-140 r.

de Ulisses para junto dos seus: «e depois de sua partida, o diabo enflamou o coraçom de seu sobrinho com diversas tentações, conselhando o que buscasse companheyra e as vaaydades do mundo servisse. Ao qual consentindo com maao coraçom, consentimento deu ao seu engano, trazendo em seu coraçon aquella que mais desejava. Começou de lançar fora de si os proves e aver gaviaães e açores, carvos e alaãos e podengos, colhendo de cada cabo, dando se a braados e ha vozes das aves feras. E creçia sua maa fama, afastada do desejo do tyo [.....]. Tornando o tyo aa ygreja muy asperamente vestido, desfecto do caminho e desamparado das forças corporaes, faminto e fedorento polla vilhiçe e fadiga grande do caminho, abayxado e encostado em seu bordom aa porta de sua ygreja, seendo o sobrinho a comer com sua amiga chegou. E com aquella voz que elle pode começou de bradar, dizendo: esmolla ao prove por amor de Deus. Os carvos e os alaãos, os podengos ouvida a voz do pobre, fortemente ladrando vierom aa porta e ao prove desejavam de morder, e elle provou outra vez atee tres vezes, dizendo: esmolla ao prove, por amor de Deus; e os caães com mais ira ladrando o fizerom muyto maravilhar [.....]. E veo seu sobrinho e ouvindo suas palavras abrio a porta e com o cajado que na maão tinha cruelmente o ferio» ([38]).

Lenda? Decerto, mas com valor simbólico duma grande verdade: muita coisa má podia acontecer na ausência ou pela ausência do peregrino. E isto explica a proibição de Dom Frei Telo, arcebispo de Braga, nas suas constituições de 1281: *quod clerici non eant in peregrinacionem, extra regnum, vel ad studium sine licencia.* Que os clérigos não devem ir peregrinar para fora do reino ou a estudar, sem licença, ordena o prelado franciscano ([39]).

Noutros casos, a entrada na vida religiosa ou em simples recolhimentos de emparedadas levava os confessores a dispensar da promessa de romarias a longes terras. E cá temos novamente o parecer de Martim Pérez, no seu *Livro das Confissões*: «Se alguum prometeo jejuhuns ou romarias estando en no mundo e antes que o conprisse tomou estado de religion, dizen os doutores que o conselho mays saão he que o seu prellado despense con el. E pareçe que assi deve o confessor husar en nas perssoas que toman estado

([38]) *Ho flos sanctorum em lingoajem portugues*, Lisboa, 1513, fls. 232 v.-233 r.
([39]) MÁRIO MARTINS, *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1956, p. 495.

de ençarramento. Ca mays val que lhe mude o prellado o voto de romaria en outra penitençia ou en aquella meesma en que esta que non que vaa andar pelo mundo de hu avera occasion de pecar» ([40]). Mas, no caso de Jerusalém, só o papa tinha o poder de comutar: *Non te disse aqui do voto de Jerusalem, como se deve mudar ou remiir, ca do papa he.*

Nem sempre era a piedade que levava às ermidas e santuários os grupos inquietos de romeiros. As constituições de D. Luís Pires, no século XV, referem-se a várias costumeiras profanas dos festeiros. Chegavam a pôr «emfusas e cantaros com vinho e auga sobre os sanctos altares» ([41]). Nas grandes vigílias, comiam, dormiam e bebiam dentro dos templos. Na véspera das festas, escreve o arcebispo bracarense, «de noute nas egrejas se fazem muitos pecados de luxuria e muitas desonestidades nos jogos, cantos e baylhos que com grande desonestidade fazem e mandam fazer os que taaes vigilias ordenam» ([42]). Soavam *orgoons,* alaúdes, guitarras, violas e pandeiros, ouviam-se cantares de romaria, nem sempre em louvor do santo patrono.

Por seu lado, Martim Pérez, no século XIV, dizia que «muyto som de castigar e de reprehender algũas romarias, ca muyto ben se perde en andar alguuns caminhos e se esfria a devoçam» ([43]).

Mais tarde, o rei D. Duarte lembraria que «as igrejas e moesteiros e oratorios e hirmidas foram principalmente edificadas pera rezar e orar e afim de se fazer em ellas devota e graciosa oraçom» ([44]). Porém, qual a triste realidade? Havia lá «jogos e tangeres e cantigas os quaaes nom tam soomente eram pouco prazentes a nosso senhor Deus, mais ainda torvavom o officio devino e as oraçoões dalguns boons christaãos que em ellas stavom em paz e paceficamente pera orar e pedir perdoaçam ao senhor Deus».

Apesar de tudo, a árvore não deve impedir-nos de ver a floresta. A estátua jacente da Rainha Santa, no seu túmulo, aperta o bordão de peregrina, pois fora romeira de Compostela. E isto pertencia ao activo das suas boas obras. Sobretudo as peregri-

([40]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXIV a/213, fl. 140 v.
([41]) Bibl. Públ. de Braga, ms. 871, fl. 10 v.
([42]) *Ib.*, fl. 12.
([43]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLI/377, fl. 73 v.
([44]) GABRIEL PEREIRA, *Documentos históricos da cidade de Évora,* P. 2, Évora, 1887, p. 54.

nações de Roma e Jerusalém, juntamente com a de S. Tiago da Galiza, impressionavam, fundamente, o coração religioso da Idade Média.

O *Leal Conselheiro* traduz a maneira de pensar no seu tempo, ao afirmar que «erramos em nom hir veer nosso senhor e lugares devotos» ([45]). E do Infante D. Pedro, diz-nos Vasco Fernandes de Lucena que ele «visitava a meudo os devotos e piedosos lugares» ([46]).

Não admira, pois, que fosse uma grande obra de misericórdia *dar alberge aos pelegriis e proves* ([47]). Determinava D. Leonor, no compromisso do hospital das Caldas da Rainha, que se «algum pobre peregrino sãoo quiser dormir e repousar no dito esprital, ho dito proveedor ho mandará agasalhar na casa dos peregrinos principalmente os Romeiros que vam pera Santiago. E lhe mandará dar cama e comer e beber pella primeira noyte» ([48]). E aqui temos nós mais um documento da simpatia pelas peregrinações compostelanas.

Ao longo dos caminhos, havia albergarias para os peregrinos, a cargo de albergueiros ou de membros de confrarias. Na nossa Idade Média, apontam-se para cima de 180, mas deviam ser mais, umas vezes isoladas, outras vezes juntas ao hospital ou ao pé duma ermida ou capela ([49]). Em S. Vicente do Cabo havia uma, fundada por D. Afonso III. Outra em Beja, a cargo da confraria dos mercadores. Outra, em Évora, sob o nome de S. Antão, anexa à capela do mesmo nome, e já lá estava no tempo do rei D. Dinis. E mais: em Montemor-o-Novo, Vila Viçosa, Viana do Alentejo (fundada por S.ta Isabel), Arraiolos, etc. Em Cacilhas, na albergaria dos palmeiros, de origem inglesa, podiam os peregrinos ficar três dias. Em Lisboa, havia umas poucas: a albergaria de Paio Delgado, no Poço de Borratém, a de S. Salvador, na Alfama, a de Maria Esteves, a dos Palmeiros, outra do cónego João Vicente e mais uma intitulada de D. Maria Aboim. E nas terras em volta,

([45]) Ed. Piel, Lisboa, 1942, p. 270.

([46]) *Livro dos Ofícios*, ed. J. M. Piel, 1948, p. LI.

([47]) H. HARE CARTER, *Paleographical edition and study of the language of a portion of codex alcobacensis 200*, Filadélfia, 1938, p. 39.

([48]) Cf. *O Instituto*, 80 (1930), p. 260.

([49]) FERNANDO DA SILVA CORREIA, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, 1944, pp. 405-420.

também não faltavam albergarias: Atrinces, Mafra, Cheleiros, Azueira, Alcainça, Fonte da Aranha, Palmeiros, Alenquer, Nossa Senhora de Rocamador, Aldeia Grande, Folgarosa, Ribaldeira, Carvoeira, Matacães, Vila Facaia, Enxara do Bispo, S. Pedro da Cadeira, S. Mamede da Ventosa, Sapataria, etc. O P.e Martim Anes fundou a albergaria do Olival, em 1323, para os lados de Vila Nova de Ourém, com 4 leitos, tendo os pobrezinhos direito a luz, lenha, farinha, vinagre, azeite e frangos (se por acaso adoecessem e não pudessem ir-se embora). E era ainda no distrito de Santarém que se encontrava a albergaria de Rocamador e dos Palmeiros. Temos, igualmente, as albergarias de S. Simão de Litém (Pombal), da Mendiga, junto de Porto de Mós, do Bombarral, onde abrigavam todos os peregrinos que traziam *carta de guia,* etc. E outras, por exemplo, na cidade de Leiria.

Deixemos as 12 albergarias de Coimbra e terras próximas. A albergaria de Soza (Vagos) foi fundada por D. Sancho I, em 1192, e administrava-a a confraria de Nossa Senhora de Rocamador. Na albergaria das Cabras, na Serra da Freita (Arouca), o albergueiro andava de noite com um archote aceso e uma buzina, para orientar os viajantes. A de Moledo, no rio Douro, pagava ao barqueiro que trazia os viajantes duma margem para a outra. Em Milreu, junto da Guarda, existia outra, já no século XIII. Em Guimarães houve nada menos de 10 albergarias: a de S. Roque ou dos Peregrinos, a de S. Vicente, da confraria dos alfaiates, a dos Sapateiros, a do Goardal, a de Nossa Senhora do Serviço, além doutras, três delas a cargo dos terceiros franciscanos. A mais antiga estava no convento de D. Mumadona.

No Porto, encontramos a albergaria de Rocamador, anexa ao hospital do mesmo nome, outra de Nossa Senhora da Silva e ainda mais 8, geralmente ao pé dum hospital ou duma capelinha. Enfim, mais ao norte, temos as albergarias das terras de Viana do Castelo, duas delas em Monção ([50]). Numa delas, pelo menos, pousavam os peregrinos portugueses a caminho de Compostela.

E o mesmo acontecia, como já dissemos, no hospital das Caldas da Rainha. «A todos [os romeiros de S. Tiago] era dada cama,

([50]) FERNANDO DA SILVA CORREIA, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas,* Lisboa, 1944, pp. 405-420.

comida e de beber, uma noite apenas, a não ser aos sábados e vésperas de festas de Nosso Senhor ou Nossa Senhora» ([51]).

As grandes relíquias centravam a veneração de milhares de romeiros vindos de longe. E havia-as maravilhosas de verdade, como estas trazidas pelo rei Carlos da *barba florida*:

«Charles li rois a la barbe florie
De Jersalem aporta les reliques
De cel saint fust ou il sofri martire
Et la corone qu'il ot el chief d'espines
E les sainz clox et la sainte chemise
Qu'enprès sa char avoit sainte Marie
Quant ele fu de son chier fil delevre.» ([52])

E outra canção de gesta traz estes versos:

«Du lait sainte Marie lui donna il en don
Et la belle chemise de Dieu son enfançon
Et la belle saincture que tant a renom
Que saincte ot la vierge,...
Et un de ses solers...
Et la saincte escuelle o Deus mist son poisson.» ([53])

Relíquias desta força, quase todas apócrifas, abundavam também entre nós. Em S. Salvador, de Santarém, pelos meados do século XIII, veneravam-se as relíquias de vários santos, algumas delas bem extraordinárias: ossos e carne dos apóstolos S. Simão e S. Judas, o Santo Lenho da Vera Cruz, pêlos da barba de S. João Baptista, relíquias do sepulcro de Lázaro. Ou, como reza o latim: «Consecratio hujus templi Salvatoris in æra 1305 prima dominica mensis Maii Dominicus Episcopus Ebulensis Ecclesiam Salvatoris in honorem ipsius, et beatorum martyrum S. Dionisii, et S. Catharinæ, quorum reliquiæ ibi conduntur, et multorum confessorum, et S. Vicentii Levitæ, et ossibus et carne beatorum Apostolorum Simonis et Judæ, et ligno Crucis Domini, et pillis barbæ S. Joannis Baptistæ, et sepulchro S. Lasari» ([54]).

([51]) FERNANDO DA SILVA CORREIA, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, 1944, p. 516.

([52]) SOR MARIANA GILDEA, R. S. M., *Expressions of Religious Thought and Feeling in the Chansons de Geste*, Washington, 1943, p. 253.

([53]) *Ib.*, p. 254.

([54]) JOÃO BAPTISTA DA SILVA LOPES, *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, Lisboa, 1848, p. 186, nota 3.

Os frades pregadores de Guimarães veneravam, no seu mosteiro, além do lenho da Vera-Cruz, as mantilhas de Jesus-Menino, um pedaço de pedra donde Nosso Senhor subiu ao céu, relíquias do véu da SS.ma Virgem e do seu sepulcro, do maná, da vara de Moisés, dos Santos Inocentes — tudo metido numa caixa trazida por um anjo duma cidade conquistada pelos infiéis, conforme a narrativa latina dum velho pergaminho ([55]).

Contudo, tenhamos alguma cautela, na interpretação de certas expressões — *leite de Nossa Senhora,* por exemplo. Fala-se desta relíquia ao longo dos séculos, e vamos encontrá-la, igualmente, em S.ta Cruz de Coimbra ([56]). Ora, o leite de Nossa Senhora não passa duma terra branca, a que anda ligada uma lenda antiga.

Fr. Pantaleão de Aveiro conta-nos a sua peregrinação de 1563 e escreve: «junto ao caminho á mão direita, está uma grande furna ao modo da do Santo Presepio, e na primeyra estancia está huma competente camara, feyta como uma capella da mesma rocha viva, sem haver cal, nem pedra, salvo hum altar de fabrica. A terra desta capella, e toda a mais da furna he quasi toda branca; e desfasse como farinha, a qual tem particular virtude de acrecentar o leite ás mulheres, e aos animaes brutos femeas, que crião, e não só as mulheres Christãas, mas tambem as Turcas, e Mouras usão della, bebendo-a em água, e dão ordinariamente aos seus animaes, para o que digo; chamão todos àquella terra, leyte de nossa Senhora, e affirmão, que esteve ella alguns dias naquelle lugar escondida com o Menino Jesu, e o Santo Joseph, antes que fossem para o Egypto, e que com seu leyte divino, do qual por sua vontade derramou alli algumas gotas, santificou aquella terra, dando-lhe aquella virtude» ([57]).

Muitos iam às romarias por causa das indulgências. Para isso, confessavam-se, comungavam, e rezavam algumas orações. Assim faziam os peregrinos de Nossa Senhora do Marmelar. Tinha a sua igreja bulas de Roma em que o Papa «outorga C dias

([55]) Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos,* L. 4, cap. 16. Cf., também, Virgílio Correia, *Uma descrição quinhentista do Mosteiro de Santa Cruz,* em *O Instituto,* 79 (1930), pp. 38-41.

([56]) Bibl. da Ajuda, ms. 51-v-25, fls. 126-128; Virgílio Correia, *Uma descrição quinhentista do Mosteiro de Santa Cruz,* em *O Instituto,* 79 (1930), pp. 28-54.

([57]) Fr. Pantaleão de Aveiro, *Itinerário da Terra Sancta,* Coimbra, 1927, cap. 54.

de perdom a todos aqueles que forem meenfestados e comungados em dia de sam Pero aa Igreja do Marmelar» ([58]). Frases como esta, tornam a aparecer, aqui e além: tantos dias *de perdom* «a todos os que forem em Romarya na festa de sancta Maria na Igreja do Marmelal bem meenfestados e comungados»; também «outorga C dias de perdom a todos aqueles que en dia de san Bras forem bem meenfestados e comungados fazer Oraçom a seu Oragoo do Marmelal»; finalmente, quarenta dias «de perdom a todos os que forem aa Igreja do Marmelal meenfestados e comungados fazer sa Oraçom en dia de Santa Maria Magdalena» ([59]).

Infelizmente, vagueavam, pelos povoados, os *ychacorvos* vestidos de frades ou ermitães, a pregar indulgências falsas. E em 1477, nas suas constituições, o arcebispo de Braga, D. Luís Pires, soltava esta queixa amarga:

«Cousa certa he que muitos ychacorvos e emganadores andam per este arcebispado pedindo esmollas mostrando leteras falssas e preegando Indulgencias e perdoanças mentirosas que nunca forom» ([60]).

Havia romeiros que passavam parte da noite a rezar, junto do túmulo ou da imagem do santo, com velas acesas. Daí vinha a expressão: candeias queimar a tal ou tal santo.

No Livro dos Milagres de S. Vicente ([61]), encontramos alguns romeiros cujas vigílias se prolongavam por várias noites, a seguir. Eram soldados, cónegos, mulherzinhas do povo, camponeses, enfermos de doenças nervosas que se julgavam possessos do demónio — e todos eles oravam, acendiam círios, tocavam nas relíquias ou deitavam-se junto do túmulo. S. Vicente aparecia-lhes em sonhos, quando dormiam angustiadamente. Às vezes, não enxergamos se a pessoa estava acordada ou não: *apareceu-lhe o bem-aventurado Vicente e encostando a própria mão à maxila doente, restituiu à rapariga o rosto e a saúde* ([62]).

([58]) Cf. José Anastácio de Figueiredo, *Nova História da Militar Ordem de Malta*, P. 2, Lisboa, 1800, p. 226.

([59]) *Ibidem*.

([60]) Bibl. Públ. de Braga, ms. 871, fl. 18 (*Constituiçom XLI*).

([61]) *Translatio et Miracula S. Vincentii*, em *P. M. H., Scriptores*, t. 1, pp. 96-101, nos milagres v.º, viii.º, xiv.º, xviii.º e xx.º.

([62]) *Ib.*, p. 98, milagre ix.º.

Tais aparições parecem diminuir um pouco, no século XV, pelo menos junto do sepulcro do santo. Em compensação, na casa dos enfermos, sucede o mesmo que nas igrejas dos séculos XII e XIII.

Conta-nos o Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos que Rodrigo Afonso Alvete era «doente de door de dentes que nom podia comer nem beber nem dormir nem assesegar em nehũa guisa». Ora, o bom homem *prometeu-se* «com muy gram devaçom a estes sanctos martires e elle jazendo em sua cama, com muy gram door adormeçeo e veerom a elle v frayres de sam Francisco. E huum delles o tomou e deulhe hũa bochechada daquella parte donde lhe os dentes doyam e acordou com grande pavor e achouse saão» ([63]).

Relacionaremos certas práticas religiosas das peregrinações medievais com a *incubatio* dos santuários greco-romanos do paganismo? Neste sentido, escreve o bolandista Delehyae, S. J., em *Les légendes hagiographiques*: «Nous sommes fort bien renseignés sur l'incubation, grâce surtout aux inscriptions d'Épidaure. Le but poursuivi était le songe, où le dieu se montrait et accordait la santé ou, plus souvent, indiquait le traitement à suivre. Le rituel parfois assez compliqué qui servait de préparation n'était qu'une condition pour se rendre la divinité propice.

«Parmi les documents que l'on a réunis au sujet de l'incubation chrétienne, il faut mettre en première ligne les recueils de miracles des saints Cosme et Damien et des saints Cyr et Jean. Il est difficile de n'y point relever une foule de traits rappelant l'incubation telle qu'elle était pratiquée dans les temples d'Esculape. Les saints apparaissent aux patients durant le sommeil et les guérissent ou leur prescrivent des remèdes. Rien n'indique pourtant que, dans ces sanctuaires chrétiens, la pratique de l'incubation ait été régulièrement organisée comme à Épidaure, et qu'il y ait autre chose ici que des cas isolés» ([64]).

Há tendências religiosas comuns a todos os homens. Almas esmagadas pelo sofrimento, habituadas a ver, nos sonhos, um pressentimento, quando não uma profecia, é natural que ansiassem por estas visões adormecidas. Nada, porém, descobrimos dos exageros dos santuários pagãos, nos Livros de Milagres portugueses.

([63]) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 4 v.
([64]) Bruxelas, 1906, pp. 172-173.

Trata-se, antes, de uma coincidência, pelo menos na imensa maioria dos casos. Sempre à espera de um milagre salvador, não admira que dessem um significado sobrenatural a um fenómeno resultante do mecanismo psicológico normal, aplicado a uma preocupação religiosa. Nem podemos negar, apriorìsticamente, todas estas curas, sobretudo ao lermos certas narrativas de uma simplicidade única e impressionante.

Os peregrinos de S. Vicente levavam-lhe *dons* e *oblações*, pediam-lhe *graças com muitos gemidos e contrição de coração*. No caso, pelo menos, da cura de uma rapariga lisboeta, bastante conhecida, houve um reboliço enorme. Puseram a repicar os sinos de toda a cidade, em acção de graças ([65]). Outros agradeciam mansamente a Deus os benefícios recebidos, conforme recomendavam os clérigos do santuário ([66]).

Na festa dos Mártires de Marrocos, em Coimbra, encontramos a estranha *procissão dos nus*. Tal prática devia ser antiga, noutras partes, quando o bom Vicente Martins fez a sua promessa aflitiva, no primeiro quartel de quatrocentos ([67]).

E o Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos fala-nos bastante destes romeiros, meio despidos, no frio arripiante daquela festa de 16 de Janeiro. Vicente Martins trouxera todos os filhos e contara o *milagre* aos outros aldeões. Um deles foi o seu vizinho, *Joham Cabellos*, que também fez a mesma promessa. Mais à frente, em 1466, *viinham muytos homeens e moços nuus*, no dia da romaria, em cumprimento de promessas ou a pedir alguma graça ([68]). Vicente Martins talvez já descansasse na terra da verdade — mas a árvore que ele plantara lançava raízes e esbracejava.

Fr. Manuel da Esperança, no século XVII, informa-nos como se fazia esta procissão, no seu tempo. Levavam os rins cingidos com uma toalha ou coisa semelhante. «Alguns se confessão, e commungão; e acabada hũa missa, que cantamos, vai saindo a cruz da nossa communidade nas mãos d'hum religioso, cujos lados acompanhão outros dous, que levão ceroferarios. Seguem-se logo

([65]) *Translatio et Miracula S. Vincentii*, em *P. M. H., Scriptores*, t. 1, p. 97, milagre IV.º.
([66]) *Ib.*, p. 99, milagre XII.º.
([67]) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 3 v.
([68]) *Ib.*, fls. 4-6 v.

os Nus postos em duas fileiras, assi despidos e descalços, co as cabeças descubertas, as contas em hũa mão, e hũa vela na outra» ([69]).

Viria tal prática do desejo de imitar o opróbrio dos Mártires de Marrocos que também «forão levados, despidos, e açoutados pelas ruas de Marrocos» ([70])? Não nos parece. Nem o escritor do Livro dos Milagres se refere a esta *representação* do martírio, como seria natural. Devia ser um costume antigo da Idade Média ([71]). Os penitentes entravam em certas procissões, de pés descalços, só com a camisa (*in camisiis tantummodo*).

Nas vigílias, alguns peregrinos rezavam ou liam vidas de santos, conforme recomendava D. Luís Pires. Que os romeiros fizessem a vigília «com toda onestidade e pureza de coraçom orando rezando ou leendo per livros de sanctas estorias» ([72]).

Muitos caminhavam descalços, mesmo pessoas de sangue real. Davam voltas em torno da ermida ou da igreja, de joelhos, *queimavam candeias,* e iam *fazer oraçom* junto do santo, como dizem os nossos cancioneiros. Quanto mais não fosse para que o *amigo* não lhes perdesse o bem-querer...

No século XVI, o *Livro de la historia y milagros hechos a invocación de nuestra Señora de Montserrat* ([73]) traça-nos um quadro aproximativo das nossas peregrinações medievais: nobres cavaleiros, diz ele, vêm de longes terras, a pé, com grandíssimo trabalho; outros, tanto homens como mulheres, chegam descalços, com feridas ensanguentadas dos ásperos caminhos; outros caminham *desnudos con sola camisa, y algunos sin ella,* sofrendo frios e calores; outros sobem as encostas pedregosas do monte, de joelhos; outros carregam aos ombros pesadas barras de ferro; outros atam uma soga ao pescoço ou apertam o corpo com cordas; outros trazem argolas de ferro ao pescoço ou grilhetas nas mãos; outros caminham com correntes de ferro nos pés, trabalhosamente; outros disciplinam-se até derramar sangue; outros caminham a chorar amargamente, uns de dor e arrependimento, outros pedindo a Nossa Senhora que lhes acuda.

([69]) *História Seráfica,* t. 1, Lisboa, 1656, pp. 299-300.
([70]) *Ib.,* p. 300.
([71]) Du Cange, *Glossarium,* em *Processio.*
([72]) Bibl. Públ. de Braga, ms. 871, fl. 12.
([73]) Barcelona, 1568, fls. 29-30.

As peregrinações relacionavam-se, também, com pecados passados. Os romeiros iam a Roma e outras partes ganhar *perdões*. Como reza a *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*, S.to António mandou a um velho «em penitençia que visitasse doze vezes as moradas dos apostollicos e, quamdo aquelle velho dizia estas coussas ao fraire, tornava já de Roma a dozena vez» ([74]). Verdadeira ou não, esta pequena história supõe o costume de ir peregrinar, em penitência imposta pelo confessor ([75]).

Sobretudo, cumpriam-se romarias pelos mortos. O cavaleiro Gil Martins, em 1288, manda um homem a Rocamador, de França, e deixa quinhentos maravedis por *alma daquelles que eu matei, e mandei matar, e fiz matar* ([76]). Mais frequente era deixar dinheiro para uma romaria, por alma do testador: «mando que pollo meu haver inviem outro homem a São Thiago da Galiza e mandem alo dizer outra missa e ponhão hi outra candea e obrada por mim». Assim reza um testamento de 1388 ([77]).

Peregrinações e cruzadas andavam frequentemente unidas. Um testamento de 1340 deixa *para cruzadas e para Romarias dez libras* ([78]). E em 1313, o bispo do Porto D. Frei Estêvão urgia, por seu lado, o pagamento das esmolas para a *santa passagem* — isto é, para ajudar os que iam libertar a Terra Santa ([79]).

As ermidas perdidas nos descampados viviam de *oblações, ofertas, esmolas, mealheiros, terras de cultura,* com «vinhas, e hulivais, figueiredos, terras, chãos, casas, e hortas» ([80]). Tudo servia para as festas do santo, despesas do culto, sustento do ermitão e esplendor da confraria.

Por costume vindo da noite dos tempos, ofertavam ao santuário uma *imagem historial* da graça concedida, se nos permitem a expressão. Um quadrinho pintado, embora toscamente, uma

([74]) Ed. por J. J. Nunes, t. 1, Coimbra, 1918, pp. 283-284.

([75]) Du Cange, *Glossarium*, em *Peregrinatio*.

([76]) Viterbo, *Elucidário*, em *Consolar*. Cf. Luís Vásquez, de Parga, José María Lacarra, Juan Uría Riu, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. I, Madrid, 1948, pp. 155-167: *La peregrinación forzada*.

([77]) Alb. Vieira Braga, *Curiosidades de Guimarães. Mortórios*, Guimarães, 1942, p. 24.

([78]) *Ib.*, p. 20.

([79]) Viterbo, *Elucidário*, em *Passagem (Santa)*.

([80]) *Ib.*, em *Hermitagio*.

figura, um barco em miniatura, etc., serviam, à maravilha, para mostrar a gratidão dos fiéis e perpetuar a recordação do *milagre*.

Pela cura dum animal, traziam a sua figura, de cera. Assim fez um criado do Infante D. Fernando: «Joham do Couto criado do Iffante dom Fernando diz que tinha hum cavallo, e que lhe naçeo hum lobinho apar do olho que estava em ponto de lhe quebrar, e prometteo ao sancto conde hum cavallo de çera» ([81]). E o certo é que pelas *rogarias* do santo conde o cavalo curou-se e o dono teve de dar «um cavallo de çera».

Junto do túmulo da *santa duquesa* D. Constança de Noronha, em Barcelos, diz uma relação de 1488 que *tudo estava cercado de muitas offertas: a saber de cera, e panno de linho, e bizallhos de terra atados, e mãos, e queixadas, e dentes de cera, e pés, e outras muitas offertas* ([82]).

Quanto à nossa Rainha S.ta Isabel, a sua «lenda» só menciona, expressamente, um ex-voto, de 1400. Dera-o uma *freira moça*: «ofereceo-se a esta rainha santa com ũa mão de cera» ([83]). Do que acontecia em Nossa Senhora das Virtudes, falaremos adiante.

Estas recordações põem-nos em contacto com a vida religiosa dos romeiros e vinham de longe. Talvez que o documento escrito mais antigo, entre nós, a tal respeito, seja o da *Vita Sancti Geraldi*, de Braga, da primeira metade do século XII. Conta-nos o seu biógrafo que na capela «em que repousa o seu santíssimo corpo, muitas figuras de cera, penduradas diante do sepulcro, postas ali pelos doentes, constituem, na verdade, uma prova visível da santidade de tão grande patrono» ([84]).

Anos e anos depois, em 1310, um tal Lourenço Dinis fala-nos da prática religiosa dos ex-votos, ordenando desta forma, no seu testamento: «Item mando que me ponham ante ho oragoo de Santarem duas ffeguras de bestas hũa de coor baio e outra de mua

([81]) Bibl. da Casa de Cadaval, cód. 4044, fl. 106.

([82]) Fr. Manuel da Esperança, *História Seráfica*, t. I, Lisboa, 1656, p. 182.

([83]) *Vida e milagres de Santa Isabel*, (texto do século XIV), ed. de J. J. Nunes, Coimbra, 1921, p. 94.

([84]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 59, no fim da *Vita Sancti Geraldi*.

baya, e duas omajees affeguradas de mym e outra dAffonso Sanchez e sejam de cera» ([85]):

Voltando ao Livro dos Milagres de Nuno Álvares, do século XV, encontramos várias notícias deste género: Diogo Gonçalves, meio cego, *prometteo-lhe hũs olhos de çera* ([86]); Bento Vicente, de Montemor-o-Novo, «estando em Lisboa lhe deu tal door de dentes, que lhe pareçia que todos lhos arrancavão, a qual lhe durou dias, e prometteose com grande devação ao senhor conde sancto, que elle rogasse a Deus que lhe desse saude, e lhe tirasse tam grande dor, e elle veo antes a sua sepultura e fez a sua oração, e deitou dinheiro pera huns dentes de çera» ([87]); João Afonso, clérigo de Beja, doente duma perna, «devotamente se prometteo ao sancto condestabre, e vir ao mosteiro aonde elle jaz e mandarlhe dizer hũa missa officiada, e trazerlhe hũa perna de cera» ([88]); um frade pregador fez também o mesmo ([89]) e logo recebeu saúde; Rui Homem, da Castanheira, tendo um filho com uma perna quebrada em dois lugares, comprometeu-se a «vir em Romaria, e trazer huma perna de çera, e mandar dizer huma missa» ([90]).

A forma do ex-voto relacionava-se, pois, com a natureza do milagre. Por isso, Beatriz Afonso, de Tomar, curada dos olhos (pois um delles *lhe saltou fora na maão,* por causa duma pancada) *se encomendou* ao santo conde, prometendo-lhe *hũas capellas de prata* ([91]), isto é, uns olhos de prata ou coisa parecida ([92]).

([85]) A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira,* em *ex-voto,* fala destas figuras de cera ofertadas por Lourenço Dias como sendo o ex-voto português mais antigo, conhecido. Não é verdade, como consta da *Vita Sancti Geraldi.*

([86]) Bibl. da Casa de Cadaval, cód. 4044, n.º 16.

([87]) *Ib.,* n.º 24.

([88]) *Ib.,* n.º 105.

([89]) *Ib.,* n.º 110.

([90]) *Ib.,* n.º 168.

([91]) *Ib.,* n.º 195

([92]) *Capela do olho,* quer dizer pálpebra.

CAP. II

Peregrinações a S. Vicente do Cabo

QUANDO, nos princípios do século VIII, os muçulmanos invadiram a Península Ibérica, nem tudo ficou perdido para o Cristianismo. Entre os muçulmanos, permaneceram muitas comunidades cristãs, com a sua hierarquia e os seus monges e freiras. A onda invasora amansou um pouco e tanto vencedores como vencidos foram-se adaptando. Se aqueles eram mais fortes, estes continuavam a ser mais numerosos, nalguns lugares.

Muitos cristãos apostataram com maior ou menor sinceridade. Porém, mesmo nos apóstatas, nem sempre o Cristianismo desaparecia totalmente do íntimo das almas.

Embora esmagados de impostos e, algumas vezes, perseguidos, muitos continuavam, abertamente, dentro do catolicismo. Eram os *moçárabes* (93). «Le nom de *mozarabe, muzarabe, mostarabe,* vient probablement de *musta rab* qui désigne un Arabe par droit de naturalisation ou un chrétien qui a adopté l'arabisme. Mais le nom est appliqué plus généralement aux chrétiens d'Espagne qui vivaient sous le joug musulman. L'étymologie *mixto-arabi* donnée par quelques-uns n'est pas exact» (94).

(93) H FLÓREZ, *España Sagrada,* t. 3, Madrid, 1754, pp. 187-192; F. XAVIER SIMONET, *Historia de los mozárabes de España,* Madrid, 1897-1903, pp. VII-XVII; DAVID LOPES, *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano,* em *Boletim de segunda classe da Academia das Ciências,* 4 (1911), pp. 378-380, etc.; *P. M H., Scriptores,* t. I, p. 85.

(94) F. CABROL, *Mozarabe (Liturgie),* em *Dictionnaire d'archéologie chrétienne.*

Esta última explicação filológica que radica a palavra *moçárabe* em *mixto-arabi* surge em vários escritores. Já o cónego Mestre Estêvão, do século XIII, escreveu, na *Translatio et miracula S. Vincentii,* que D. Afonso Henriques libertara da servidão «muitos cristãos que se chamam moçárabes, como quem diz misturados com os árabes» — *quamplurimos christianos, qui muhsaraves, quasi mixti arabes nuncupantur* ([95]). Por seu lado D. Rodrigo Ximénez († em 1245 ou 1247) deu o mesmo étimo para o termo moçárabes, «por viverem misturados com os árabes» ([96]). Era uma explicação comum a portugueses e espanhóis, embora errada.

Mas, prescindamos da filologia. Esqueçamos, também, que em 1045, havia ainda na Vacariça um mosteiro de moçárabes, da Regra de S. Frutuoso de Braga ([97]). Falemos das peregrinações moçárabes ao Cabo de S. Vicente.

Em devoção e concorrência de fiéis, a célebre Igreja do Corvo, no cabo chamado, hoje, de S. Vicente, vencia a famosa Igreja de S.ta Maria do Algarve, em Faro ([98]).

A narrativa da trasladação e milagres de S. Vicente, de Mestre Estêvão ([99]), lembra-nos a existência antiga dalguns monges moçárabes, meio anacoretas, que guardavam o corpo do Santo e viviam naquela extremidade da costa ocidental, batida pelo mar deserto: «Porém, tendo perecido a Cristandade, em quase toda a Hispânia, por causa da invasão dos sarracenos, alguns varões religiosos [...] esconderam os ossos sacratíssimos do sobredito mártir [scl. S. Vicente], num lugar muito apartado, para o Ocidente, o qual em latim se chama cabo de S .Vicente do Corvo e, em árabe, porém, *elkenicietal corabh,* isto é, igreja do corvo. E construíram, também, quantas celas ([100]) podia comportar aquele lugar apertado metido pelo mar. Nestas celas serviram ao glorioso mártir os religiosos varões, durante algum

([95]) *P. M. H., Scriptores,* t. I, p. 96

([96]) DAVID LOPES, *loc. cit.,* p. 379.

([97]) MÁRIO MARTINS, *O monacato de S. Frutuoso,* sep. de *Biblos,* 26 (1950), pp. 95-100.

([98]) F. XAVIER SIMONET, *Historia de los mozárabes de España,* Madrid, 1897-1903, pp. 524-525. Fala dos moçárabes, em Portugal, nas pp. 250-259, 500, 524-525, 629-634, 654-657, 814-815.

([99]) A. B. DA COSTA VEIGA, *Estudos de história militar portuguesa,* t. I, Lisboa, 1936, pp. XXXIX-XL; *P. M. H., Scriptores,* t. I, pp. 96-101.

([100]) Isto é, pequenas ermidas ou casinhas, para eles viverem.

tempo, para glória de Deus, e celebrou-se o seu culto muito devotamente, não sem benefícios de Deus» ([101]).

Tudo isto poderia ser uma lenda. Mas, os historiadores árabes contam-nos o mesmo, com os indispensáveis remoques à piedade cristã. Efectivamente, colhe-se das suas páginas que vinham, de longes terras, peregrinos moçárabes. E no santuário, encontravam os famosos corvos, já tradicionais na literatura do mártir S. Vicente.

Rasis, o *cronista por excelência,* compunha, no século X, a narração de todos estes factos. Escrita em árabe, a *Crónica do mouro Rasis* foi vertida para a língua *portogalesa,* no tempo do nosso rei D. Dinis: «Et nos maestre Mahomad, et Gil Perez, clerigo de Don Peynos Porcel, por mandado del mui noble rrei Don Dionis, por la gracia de Dios, rrei de Portogal, trasladamos este libro de arábigo en lengua portogalesa, et ternemos por bien de seguir el su curso de Rasi. De mi, Gil Perez, os digo que non menti mas nin menos de quanto me dixeron Mahamad, et los otros que me leieron» ([102]).

Vertida de português para castelhano, é desta tradução que nos servimos, por ter desaparecido a portuguesa:

«Et este [scl. Abderramão] tomava todos los cuerpos de los que los christianos crehian et adoravan et llamavan sanctos, et quemavalos todos. Et quando esto vieron los christianos, cada uno como podia fuir, fuia para las sierras, et para los logares fuertes. Et todas las demas de las cossas que en Espanya havia honradas, segunt la fee de los christianos, todas los christianos llevaron á las sierras et á las montañas. Et quando él entró en Valencia, tenian los christianos que hi moravan un cuerpo de un home que avia por nombre Veçeint, et honrravanlo como si fuera Dios, et los que tenian aquel cuerpo façian creher á otra gente que façia ver á los ciegos, e fablar á los mudos, et andar á los cojos; desta guisa enbaucavan á las gentes que eran sandias. Et quando ellos vieron á Abderrame, ouvieron miedo que él que saveria esta burla, et fuyeron con él. Et dixo Abolacin un caval-

([101]) *P. M. H., Scriptores,* t. I, p. 96.

([102]) D. Pascual Gayangos, *Memoria sobre la autenticidad de la Crónica denominada del moro Rasis,* em *Memorias de la Real Academia de la Historia,* t. 8, Madrid, 1852. No fim, apêndice n.º 1, vem publicada a *Crónica do mouro Rasis,* segundo o original da igreja de Toledo.

lero natural de Fez que andava con su conpaña á monte en la rivera de la mar, que fallara, en un cavo de la tierra que va sobre el Algarve, et entra sobre el mar de Lisbona, el cuerpo de aquel home porque los christianos huiron de Valencia; fiçieron hi cassas en que moravan. Et que él matara los homes, et los moços llevó captivos, et que dejara hi los huesos de aquel home» ([103]).

André de Resende († 1573) serviu-se, ainda, da versão portuguesa da *Crónica do mouro Rasis* ([104]). Chama-lhe o *Livro de Rasis*. Também ele nos informa acerca dos seus tradutores: «Rasis Mouro, cronista de Miramolim de Marrocos screveo hum livro das cousas de Hispania. Ho qual livro foi de lingua arabica trasladado em Portughesa per meestre Mafamede, Mouro dos que em Portugal sohia haver & screveo com elle hum Gil Perez capelão de Pedreanes de Portel, filho de dom Joam de Avoim» ([105]).

Resende escreveu a história do mártir S. Vicente, traduzindo para latim a narrativa do famigerado «cronista de Miramolim de Marrocos». E vê-se que conta substancialmente a mesma coisa:

«Este [Abderramão] tirara das igrejas e fazia queimar todos os corpos daqueles em que os cristãos acreditam, a quem veneram e chamam santos. Ao verem isto, os cristãos, conforme cada um podia, fugiam com estas tais coisas para os montes e para os lugares seguros e inacessíveis. E assim, todas as várias coisas que, na Espanha, eram religiosas, para a fé dos cristãos, foram levadas para as montanhas das Astúrias. Porém, aproximando-se ele de Valência, os cristãos que aí viviam tinham lá o corpo dum certo homem morto, de nome Vicente. E eles adoravam-no, como se fosse Deus. E os que tinham o corpo em seu poder persuadiam o vulgo que aquele homem fazia ver os cegos, falar os mudos e andar os coxos direitamente. E assim dementavam a gente estulta.

([103]) *Crónica do Mouro Rasis*, ed. de Gayangos, pp. 93-94, P. 2, n.º 29.

([104]) C. Michaelis de Vasconcelos, *André de Resende e a Crónica do Mouro Rasis*, Lisboa, 1922, pp. 3-5, diz-nos que a *Crónica do Mouro Rasis* tinha, também, outros nomes: *Geografia e História de Espanha*, etc.

([105]) Idem, *ib.*, p. 9.

«Quando, porém, souberam da chegada de Abderramão, tiveram medo de que se descobrisse esta trapaça e fugiram, levando consigo o corpo daquele homem. E disse Alibohaces [...] que tendo vindo, certo dia, com a sua companha, até à costa marítima do Algarve, a fim de caçar na extremidade do monte que se mete pelo mar, encontrou, ali, o corpo daquele homem, com os que tinham fugido com ele de Valência, os quais tinham lá feito casinhas, aonde habitavam. E certo é que matou os homens, mas às crianças trouxe-as consigo cativas; porém, deixou ficar o corpo desse homem» ([106]).

É sabido que a *Crónica do mouro Rasis* entrou para a *Crónica Geral,* a segunda, já refundida, de 1344. E nela ficou interpolada. Vertida esta crónica para português, *retroverteu-se*, deste modo, o *Livro de Rasis* para a *lengua portogalesa* ([107]). Desta forma, vamos encontrar a narrativa do santuário da Igreja do Corvo, num belo português medieval. Em Valência, «tiinham hi os christãaos ([108]) que hy moravam huum corpo dhuum homen que avya nome Vicente e oravano como se fosse Deos». Os anos correram. «E disse Abelfacem huum cavalleiro natural de Fez que andava con sua companha a monte na rribeira do mar que achara em cabo da serra que vem per sobre o Algarve e entra em aquelle mar de Lixboa, o corpo daquelle homem com que aquelles fugiron de Vallença con elle e que fezeron hi casas em que moravan e que elle matara os homeens e que leixara hy os ossos do homem» ([109]).

Cristãos e muçulmanos conheciam a fama da Igreja do Corvo e o promontório onde ela se erguia: Tarf-al-gorab (Cabo do Corvo). Iam lá peregrinos moçárabes e crentes do Alcorão, tanto mais que os monges do santuário mostravam-se bastante hospitaleiros. Não lhes faltavam rendas nem esmolas.

([106]) André de Resende, *Antiquitatum Lusitaniæ Lib. V, Orationes item; Epistolæ Historicæ et poemata omnia,* Colónia. 1600, pp. 165-166.

([107]) C. Michaelis de Vasconcelos, *ib.*, pp. 15-16.

([108]) Desdobramos as palavras e pomos letras maiúsculas em nomes próprios: Fez, Algarve, etc.

([109]) Bibl. da Academia das Ciências, de Lisboa, ms. 1, (iluminado) fl. 89 v. Esta passagem foi-nos apontada pelo nosso amigo Dr. Luís Lindley Sintra. Cf., também a sua obra: *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, 1951, t. 1, pp. CCCXLV, CCCLXXI, CCCLXXIII nota 151, CCCLXXVI, CDLXIX-CDLXXII.

Junto dos monges, viviam algumas famílias. O mouro Rasis fala-nos de crianças ([110]) e os centros de grandes peregrinações originavam, com frequência, uma pequena povoação.

Idrisi ou Edrici, pelos meados do século XII, diz que desde «Tarf-algarb até à igreja do Corvo vão sete milhas. Esta igreja não sofreu alteração alguma desde o tempo dos Romis ([111]) até hoje, possuindo bens das esmolas que lhe dão e das ofertas que lhe fazem os cristãos que alí acodem em peregrinação. Está situada num promontório que se mete pelo mar. No cimo da igreja estão (constantemente) dez corvos, aos quais nunca pessoa alguma viu ausentarem-se ou saírem dali; os sacerdotes da igreja contam dos ditos corvos coisas maravilhosas que tornariam suspeitoso a quem as referisse.

«Todos os que passam por aquela igreja vêem-se obrigados a não sair de lá até tomarem a comida hospitalária que lhes oferecem, sendo isto uma obrigação forçosa e um uso constante que nunca se muda e que, conforme é coisa sabida, se veio prolongando, ininterruptamente, dos antigos aos modernos.

«A igreja, com as suas dependências, é servida por sacerdotes e monges, e possui tesoiros consideráveis e rendas copiosas que, na maioria, procedem de legados e donativos recolhidos pelas comarcas e povoações do Algarve, sendo empregadas nas necessidades da igreja e dos seus ministros e mais pessoas dedicadas ao seu serviço, assim como, também, para dar hospitalidade a todos os viajantes e peregrinos que vêm visitá-la, quer sejam poucos quer muitos» ([112]).

Na sua *Pérola das maravilhas,* Omar Ibn Aluardi cita-nos outro escritor muçulmano, Abu Hamid Alandalusi, igualmente do século XII. Também deduzimos das suas informações que a Igreja do Corvo era um centro de peregrinações, mesmo para os muçulmanos. Em frente do santuário cristão, escreve Omar, levantava-se uma mesquita, aonde os *muslins* ([113]) ou seguidores de Mafoma iam

([110]) Dizemos o mouro Rasis ou quem fez esta pequena interpolação, antes da transferência das relíquias para Lisboa, no século XII. E aqui, prescindimos do problema da autenticidade das relíquias.

([111]) Isto é, *cristãos.*

([112]) F. XAVIER SIMONET, *Historia de los mozárabes en España,* Madrid, 1897--1903, pp. 255-256.

([113]) Muslim, muslemo, etc., isto é, *salvado.* Na prática, o mesmo que muçulmano.

em romaria. Era ali que eles comiam a *adiafa* ou comida hospitalária. Mais uma vez, aparece a história do corvo. Empoleirado na cúpula da Igreja, crocitava tantas vezes quantos eram os peregrinos muçulmanos que acabavam de chegar. Deste modo, sabiam os monges a comida que era preciso fazer:

A Península da Igreja *(Gezirat-Alcanisa)*

«Refere Abu Hamid el Andalusi ([114]) que nesta península existe um monte sobre a costa do Mar Negro ([115]) e, em cima dele, uma escavação aberta a picareta na rocha do monte, em que se levanta um grande edifício em forma de cúpula; sobre ele, vê-se um corvo a esvoaçar e sem nunca se afastar dali. Em frente da cúpula está uma mesquita visitada pelos muçulmanos, convencendo-se eles de que a oração ali feita é melhor ouvida.

«A gente desta igreja tem a obrigação de servir a *adiafa* aos muçulmanos que visitem a mesquita; e logo que chega um romeiro, o corvo introduz a cabeça no interior da igreja e dá tantos gritos quantos são os peregrinos muçulmanos: se é um, um; se são dois, dois; e se são dez, dez, sem nunca se enganar; e com isto, logo vem gente da igreja ao encontro deles com a adiafa, consoante o número, sem lhes levar de mais nem de menos.

«Contam, também, os sacerdotes que eles reparam sempre neste corvo e que não sabem aonde ele come nem onde bebe. E esta igreja é conhecida por Igreja do Corvo — Casinat-algorab» ([116]).

Os cristãos das terras libertadas conheciam, também, esta igreja. Mestre Estêvão cita, por sinal, o vocábulo árabe: «arabice vero [dicitur] *elkenicietal corabh,* id est, ecclesia corvi» — em árabe, porém, [chama-se] *elkenicietal corabh*, isto é, igreja do corvo ([117]). E acrescenta ser um projecto antigo de D. Afonso

([114]) Os nomes árabes, postos em línguas europeias, apresentam uma ortografia desorientadora, pela sua falta de uniformidade. Neste ponto, não pretendemos nem temos competência para introduzir uma unidade que ainda não existe.

([115]) Um dos muitos nomes dados pelos árabes ao Atlântico.

([116]) Este documento vem na íntegra, em árabe e castelhano, na obra de F. X. Simonet, *Historia de los mozárabes en España*, ed. cit., pp. 814-815.

([117]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 96.

Henriques trazer o corpo do Santo, para terra cristã. Ora, continua ele, «nesse tempo, o dito rei restituiu da servidão dos infiéis à terra cristã muitos cristãos chamados moçárabes [...]. Entre eles, vieram dois irmãos ([118]), varões religiosos de idade avançada e hábito monacal que, no lugar sobredito, também tinham, de bom acordo, passado a sua vida no serviço do bem-aventurado mártir. E estes, vivendo honesta e religiosamente em Lisboa, aos muitos que o desejavam ansiosamente saber comunicaram cuidadosamente o que conheciam do lugar aonde os seus antecessores tinham posto o bem-aventurado Vicente».

A última expedição árabe contra o santuário, quando o tal cavaleiro de Fez matou os homens e levou cativos os jovens, arruinara, bastante, este centro de devoção. Com efeito, guiado por uma velha crónica de S.ta Cruz de Coimbra, diz-nos André de Resende que os dois monges moçárabes foram com os soldados e desembarcaram no cabo de S. Vicente. Ali, procuraram recordar o sítio da Igreja do Corvo; «finalmente, por indicação dos corvos, acharam vestígios e, arredada a terra com muitas escavações e limpa do entulho, encontraram o caixão de madeira do sagrado corpo, por baixo do altar arruinado da capela» ([119]). E André de Resende ajunta que estava apodrecida a madeira do ataúde em que repoisavam os restos de S. Vicente.

Destas fontes árabes e cristãs, concluem-se dois factos principais: existia, no cabo de S. Vicente, uma igreja fartamente concorrida de peregrinos moçárabes e respeitada pelos próprios muçulmanos; além disso, uma poética costumeira antiga mantinha, no santuário, um ou mais corvos alimentados, provàvelmente, pelos monges e peregrinos. Eram recordação do primeiro corvo que defendera o corpo do mártir contra o lobo e as aves de rapina. Vamos verificar um facto semelhante, em Lisboa.

A *Translatio et Miracula S. Vincentii* ([120]) põe-nos em contacto com os romeiros e devotos de S. Vicente, desde a jornada auda-

([118]) *fratres*, diz a *Translatio et miracula S. Vincentii*. Não sabemos se eram também irmãos carnais ou só membros de alguma ordem religiosa.

([119]) André de Resende, *Antiquitatum Lusitaniæ Libri V*, Colónia, 1600, pp. 159-162; Simonet, *op. cit.*, p. 258, nota 2, traz abundante bibliografia árabe e cristã em torno desta trasladação. E mais poderia acrescentar.

([120]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, pp. 96-101. Cf., também, *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, ed. por C. da Silva Tarouca, t. I, Lisboa 1952, pp. 48-49, 101-106.

ciosa à Igreja do Corvo até à série de maravilhas, na cidade de Lisboa. Os portugueses «preparam os navios, com tudo pronto, atiram-se ao mar, vencem os perigos e chegam ao lugar desejado, depois duma feliz navegação. E ali, insistindo em orações e vigílias», descobriram o corpo do santo e meteram-no num barco, para Lisboa, cheios de alegria ([121]). E as ondas do mar amargo tornaram-se mansas sob a quilha santa do barco das relíquias ([122]). Finalmente, «com alegres remadas chegam à praia e tiram do navio a santíssima carga, pondo-a aos piedosos ombros».

A posse destes despojos sagrados despertara rivalidades incontidas, segundo escreve Mestre Estêvão: «quando, ao amanhecer, a cidade soube tão bom acontecimento, fez-se um ajuntamento de paisanos e soldados. Uns contestam, violentamente, e defendem que elas, [as relíquias], se deviam pôr no mosteiro duns certos regulares que viviam fora da cidade. Outros, com melhor parecer gritam que deviam levar o corpo santíssimo para a igreja catedral» ([123]). Graças à intervenção do cónego Roberto, foi o corpo levado para a Sé.

Voltam de novo, sobre as ondas amargas, ao Cabo do Corvo, a buscar o que lá tivesse ficado, por causa da pressa ou por simples descuido. E tudo isso trouxeram, com diligência e vigilante cuidado. E assim, «ajuntam às outras relíquias cinzas sagradas, madeira do caixão e parte do casco da cabeça» ([124]).

Desde então, doentes, cegos, aleijadinhos, marítimos atribulados sobre as ondas incertas do mar, imploram, vezes sem conto, o socorro de S. Vicente.

Os vinte e quatro milagres, narrados por Mestre Estêvão, dão-nos uma ideia destas peregrinações. Também na Sé, encontramos os mesmos corvos simbólicos, de que fala Prudêncio, já no século IV ([125]). Muitos não acreditavam, observa Mestre Estêvão. Porém, não foi maior maravilha ver um corvo esfomeado guardar-lhe o corpo, logo após o martírio?

O melhor é escutar o biógrafo: «também alguns escarnecedores, ingratos à divina clemência, zombam de dois corvos que

([121]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 96.
([122]) *Ib.*, p. 96.
([123]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, pp. 96-97.
([124]) *Ib.*, p. 97.
([125]) Em *Peri Stephanon (Hymnus V. In passionem S. Vincentii Martyris).*

muitas vezes foram vistos chegar, em voo rápido, até debaixo do arco da abóbada da parte dianteira da igreja. Ora, eu penso, na verdade, que é muito mais inacreditável (e mais inacreditável porque mais maravilhoso) o facto de uma ave cheia de voracidade e entregue à gula ter-se esquecido da sua natureza voraz, conseguindo não só não tocar na carne do santíssimo mártir, triturada pelo ferro, pelo fogo e pelos muitos tormentos, mas, também, guardá-la ilesa das outras aves e das bestas feras, o que é espantoso! E contudo, isto foi muito verdade! Por vontade de Deus, pôde esta ave, também sem comer, alimentar o santo profeta durante quarenta dias ([126]), e não pôde voar até à sobredita igreja, quanto mais não fosse para dar testemunho do santo corpo?» ([127]).

E as *Crónicas dos Sete Reis* entram pelo mesmo caminho, embora nos falem só dum corvo: D. Afonso Henriques, dizem elas, mamdou comtra aquele lugar domde o corpo de sam Viçemte fora trazido, que catasem bem se ficara hy alguma cousa dele, e que o trouxesem omradamente. E emtom forom ala e catarom bem o lugar e acharom hum pedaço de testo da cabeça e pedaços pequenos das taboas do ataude, e trouxerom todo e puserom no com ho corpo. E diz a Estoria que depois que este corpo aly foy posto, que veyo por muytas vezes sobre o seu muymento o corvo, que amtes disemos, que o gardou, quando foy lançado as aves, e que veio com elle na barca, e voava andando pella igreja, e se punha sobre o altar mayor» ([128]). Muito velho devia ser este corvo! E vemo-lo ainda nas armas de Lisboa com outro companheiro, lembrando um destes mitos que não podem morrer.

Os anos iam florindo e murchando. D. Mateus († 1282), bispo de Lisboa, viu que eram «estreitos os aposentos que avia para agazalho dos romeiros». Por isso mandou reconstituir e alargar o hospital dos peregrinos, certamente com a ajuda das esmolas que estes lá deixavam. Devia haver bastante dinheiro na *arca de S. Vicente*. Como escreve D. Rodrigo da Cunha, «rendião entam grande cantidade de dinheiro as esmolas desta arca, pela multidão

([126]) Refere-se ao profeta Elias.

([127]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 98, milagre VIII.º

([128]) *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, ed. por C. da Silva Tarouca, t. I, Lisboa 1952, p. 105.

de peregrinos que acodião a visitar o santo, e pelos votos que lhe fazião» ([129]).

No século XIV, D. Afonso IV, ainda infante, foi *em romaria a S. Vicente de Lixbõa,* e assim *comprio sa romaria* ([130]). Mais do que os reis, recorriam a S. Vicente os habitantes de Lisboa, por ser o *patrão da cidade*: «não ficava egreja, escreve Fernão Lopes, que não fosse cheia de companha onde se faziam muitas inclinações, prometendo muitos votos de missas, jejuns, romarias, ferindo-se muitos peitos, cantando-se muitas litanias [...], cada um chamando o Santo em que maior devoção havia, e especialmente S. Lourenço, senhor dos ventos, e S. Vicente, patrão e defendedor da cidade» ([131]). E mais longe, o cronista fala-nos da promessa do povo lisboeta, ordenando uma procissão no dia de S. Vicente, «e fosse onde jaz o seu corpo, e de cada mister lhe fosse offertado um cirio» ([132]).

Tais romarias eram um misto de piedade e soltura de costutumes. Nas constituições de D. João Esteves de Azambuja (1402-1414), cap. 32, ordenava ele, «que nom cantassem nem dançassem nem balhassem nem trebelhassem, nos mosteiros e egrejas, cantos, danças e trebelhos desonestos nem em a festa de sam Vicente» ([133]). Se tal sucedia nas igrejas e mosteiros, fora deles seria pior.

Ao Cabo do Corvo, continuaram a ir alguns peregrinos. Tanto o rei D. Dinis, como Zurara e D. Duarte, referem-se à devoção a S. Vicente, nesse promontório. Numa carta escrita de Frielas, a 4 de Setembro de 1316, fala o rei lavrador dum «herdamento que El Rei seu pai havia dado para hospitalidade dos que hião em romaria à Ermida de S. Vicente do Cabo» e manda ao bispo que cuide da capela e do que for mister, para agasalho dos romeiros e decência do culto ([134]).

([129]) *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa,* p. 2, cap. 52.

([130]) *Vida e milagres de Dona Isabel,* ed. por J. J. Nunes, Coimbra, 1921, p. 34.

([131]) *Crónica de D. João I,* P. 2, cap. 4.

([132]) *Ib.,* P. 2, cap. 49.

([133]) Cap. 32. Foram publicadas estas constituições por Borges de Figueiredo em *Revista Archeológica,* t. I, (1887), pp. 10-15; 28-31; 60-64; 77-79; 94-96; 108-109.

([134]) J. B. DA SILVA LOPES, *Memórias para a História ecclesiástica do Bispado do Algarve,* Lisboa, 1848, p. 197.

Isto supunha o respeito dos reis pela romaria de S. Vicente do Cabo. Os bispos faziam o mesmo. Nos estatutos medievais da Sé de Silves, em latim, manda-se que os réditos da *ecclesia S. Vincentis do Cabo* ([135]) se gastem na sua conservação. Estamos já no século XV. Anos depois, o bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, ao desabrochar o século XVI, «logo na primeira visita que fez ao Bispado se encaminhou à Ermida do Cabo, a qual tinha sido mandada construir pelo Infante D. Pedro, filho de ElRei D. João I sobre o lugar da sepultura do Santo» ([136]). E construiu, ao lado, um pequeno mosteiro, naquela áspera paisagem, que os jerónimos habitaram por poucos anos.

Por seu lado, Zurara fala-nos dum escravo mouro que certos navegadores portugueses ofereceram a *sam Vicente do Cabo* ([137]). Lançarote e os mestres das caravelas, antes de repartirem alguns prisioneiros, «levarom em oferta o milhor daquelles Mouros aa Igreja daquelle lugar, e outro pequeno, que depois foe frade de Sam Francisquo, enviarom a Sam Vicente do Cabo, onde sempre viveo como catholico christaão» ([138]).

E em roda da pequena igreja, batida por todos os ventos, esvoaçavam ainda os tradicionais corvos sagrados, se acreditarmos no que nos conta D. Duarte, no *Leal Conselheiro* ([139]):

«Eu vy huum [milagre] muyto claro em os corvos do Cabo de sam Vycente, dos quaaes afyrmam os que moram naquella comarca, homeens de muy antiiga ydade a que o preguntey, que nunca vyrom em elles mudança, por que som dous, e nunca mais nem menos. Veensse aos homeens receber o pam que lhe lançom, e aguardam tam seguro e de preto como se fossem aves manssas.

«Esto natureza nom conssente que tanto podessem vyver, por que na leenda do dicto sancto fez meençom que dous corvos guardarom o sseu corpo das outras aves e caães quando no campo foy lançado, e agora veer aquelles que nunca sem mais nem menos, como dicto he, sem adoecerem nem fazerem mudança em sua manssydoõe, parece cousa muyto maravylhosa».

([135]) J. B. DA SILVA LOPES, *Memórias para a História ecclesiástica do Bispado do Algarve*, Lisboa, 1848, p. 567.
([136]) *Ib.*, pp. 295-296.
([137]) *Crónica dos feitos de Guiné, Lisboa*, 1949, p. 242.
([138]) *Ib.*, p. 123.
([139]) Ed. Piel, Lisboa, 1942, pp. 143-144.

CAP. III

S. Frutuoso, S.ta Senhorinha e S. Geraldo

1.º — Peregrinações a S. Frutuoso de Montélios. Furto das suas relíquias

O corpo deste grande condutor de monges jazia em S. Salvador de Montelhos ou Montélios. Ali morrera e ali ficara, depois de ter povoado a Península com mosteiros da sua Regra (140). E o seu corpo repousou num deles, conforme conta S. Valério: *edificavit monasterium, ubi suum humatum est corpus* (141).

Também S. Frutuoso fora peregrino e S. Valério descreve a sua romaria à cidade de Mérida, através da Beira Baixa, para venerar S.ta Eulália: *ob desiderium egregie virginis Eulalie* (142). Por sua vez, o corpo do bispo bracarense atraiu os peregrinos do Minho e da Galiza. De facto, os manuscritos antigos da *Vita Sañctissimi Fructuosi* trazem um pequeno aditamento anterior à trasladação para Compostela. Reza desta maneira, vertido do seu latim bárbaro:

«Perduram os milagres para todos os que vão ao sacratíssimo sepulcro do seu santo corpo. Porquanto, ali, não só ficam curados os doentes mas, também, põem-se em fuga os demónios. E qualquer pessoa aflita que suplica o seu invicto patrocínio, logo alcança do Senhor todo o fruto da sua prece» (143).

(140) Mário Martins, *O monacato de S. Frutuoso*, sep. de *Biblos*, 26 (1950).
(141) S. Valério, *Obras*, ed. por R. F. Pousa, Madrid, 1942, p. 88.
(142) *Ib.*, pp. 76-77.
(143) *Ib.*, pp. 89-90.

Pelo seu lado, um códice alcobacence ([144]) acrescenta mais estas linhas: «Também lá se manifesta outro venerável testemunho da sua grande santidade. Com efeito, evola-se do seu santo corpo um tal perfume, de suavidade imensa, que supera o bálsamo, o nardo e qualquer espécie de aroma».

Muitos peregrinos vinham de longes terras, pois os monges de S. Frutuoso falavam dele, por toda a parte, e vários códices, com a sua vida ([145]), registam a fama desses *milagres,* em bela letra gótica.

Em 1102, com o roubo das relíquias para Compostela, verifica-se, decerto, um deslocamento na intensidade local dessas romagens. O centro de gravidade passou para a cidade santa da Galiza.

D. Hugo, futuro bispo do Porto, mas, ao tempo, arcediago de Compostela, conta-nos, pormenorizadamente, esta audaciosa aventura medieval — *um pio latrocínio*, como ele diz. Estas páginas vividas constituem um documento psicológico de primeira classe, àcerca da paixão das relíquias, nesta costa ocidental:

Trasladação de S. Frutuoso, S. Silvestre, S. Cucufate, e da virgem e mártir S.ta Susana, para Compostela.

«No ano, pois, da Encarnação do Senhor, 1102, o venerável Pai, D. [Diogo Gelmires], pela graça de Deus segundo bispo da Sé de S. Tiago de Compostela, no segundo ano do seu episcopado, determinou visitar as igrejas, capelas e herdades que, na região portugalense, consta pertencerem à jurisdição da Igreja de Compostela. De facto, é obrigação do bom pastor cuidar não só dos bens externos da sua Igreja mas, também, dos internos para, com as suas providências, restaurar e regular aquilo que, porventura, encontrar de prejudicial ou desordenado.

«Tomou, então, consigo algumas pessoas mais gradas da sua Igreja e dirigiu-se para Portugal conforme resolvera. Ora, ao aproximar-se da cidade que se chama Braga, mandou à frente um correio que anunciasse a sua chegada ao arcebispo da cidade. E o arcebispo, chamado Geraldo, varão prudente e religioso, ao ouvir

([144]) Cf. Fr. Fort. de S. Boaventura, *Commentariorum de alcobancensi manuscriptorum bibliotheca libri tres,* Coimbra, 1827, p. 474.

([145]) S. Valério, *Obras,* ed. cit., pp. 1-38.

que o bispo de S. Tiago vinha à sua cidade, encheu-se de alegria. Reunindo todos os clérigos, cidadãos e o que havia de brilhante na sua Igreja, veio-lhe ao encontro e recebeu processionalmente e com grande honra o bispo de Compostela. Enquanto o clero cantava, ele mesmo, pegando-lhe com a mão direita, introduziu-o na Sé e, com grandes rogos, pediu-lhe que ali se dignasse celebrar missa, naquele mesmo dia.

«Depois da celebração da missa, o arcebispo acompanhou, honradamente, o bispo a comer e, depois da refeição, levou-o aos seus aposentos particulares. Assim, dando-lhe a sua própria morada, ficou noutra habitação.

«Passou, pois, o bispo de S. Tiago aquele dia, em casa do arcebispo de Braga. Mas, no dia seguinte, dizendo adeus aos irmãos daquela Igreja e dando-lhes a bênção, o sobredito bispo, em companhia do arcebispo, chegou à igreja de S. Vítor, de cuja jurisdição pertence uma metade à cidade de Braga. Foi recebido como senhor, nos régios palácios.

«Enquanto percorria as suas igrejas, visitando-as e celebrando, nelas, missas solenes, soltava gemidos de afectuosa religiosidade, vendo como os corpos de muitos santos ali jaziam semi-sepultados, sem a devida honra. E, levado pela sua piedade revolvia, no seu religioso coração, o que depois levaria a efeito com a ajuda de Deus. Na verdade, com religioso empenho, perguntava ele de que maneira poderia extrair as preciosas margaritas daqueles lugares indecentes e levá-las para a cidade de Compostela.

«Reunindo, por conseguinte, os seu clérigos familiares, de provado conselho, revelou-lhes, com estas palavras, o que ele queria fazer e de que maneira:

« — Irmãos caríssimos, sabeis que viemos a estas partes para, no caso de haver qualquer coisa arruinada ou desordenada nestas igrejas e herdades, as restaurássemos e ordenássemos, com a nossa estadia aqui, e mudássemos para melhor estado o que se encontrasse em má situação. Mas, não escapa, agora, ao vosso zelo quais são as coisas que nelas estão mal. Efectivamente, muitos corpos de santos não têm a honra de culto algum, antes vedes como eles jazem patentes e desnudos aos olhos do público, por aqui e por ali. Não ignorais que lhes falta a veneração a que têm direito. Se, pois, a vossa prudência nos der o seu conselho,

trataremos de emendar isto e cuidaremos em transferir, para a Sé de Compostela, alguns corpos dos preciosos santos a que, neste lugar, ninguém presta culto nenhum. Porém, precisamos de fazer isto às escondidas, não seja caso que o povo desordeiro desta terra, espoliado de tão grande tesoiro, levante contra nós alguma repentina revolta e venhamos a arrepender-nos de termos tentado, em vão, o que ousamos tentar.

«Tendo os clérigos aprovado este projecto, como se viesse por divina inspiração e afirmando eles que não se devia adiar, o venerável bispo, cheio da maior alegria espiritual, respondeu, dizendo: — Que o Senhor Jesus Cristo, em cuja misericórdia confiamos, realize piedosamente o nosso desejo e digne-se levar a bom fim o nosso piedoso projecto.

«Depois disto, entrou na igreja de S. Vítor e, celebrada aí a missa, mandou cavar na parte direita do altar-mor. Logo se encontrou, debaixo da terra, uma arca de mármore admirável e delicadamente fabricada e, tendo-se aberto na presença do senhor bispo, encontraram-lhe dentro duas cápsulas de prata. Tomando-as, então, o sobredito bispo, com grande temor, abriu-as, dando glória ao nome do Senhor, com salmos e hinos. Numa delas, mostrou que havia relíquias de Nosso Senhor e Salvador; e na outra, relíquias de muitos santos. Tendo-as fechado e selado seguramente, entregou-as à guarda dos seus fiéis clérigos.

«No outro dia, dirigiu-se à igreja da bem-aventurada Susana, virgem e mártir, perto da igreja de S. Vítor, e nela celebrou missa com a maior devoção. Acabada a missa, ainda paramentado com as sagradas vestes e a alma cheia de temor, aproximou-se dos mártires S. Cucufate e S. Silvestre, que repousavam na mesma igreja. E, às escondidas, tirou dos indecentes sarcófagos os seus gloriosos corpos. Envolveu-os em limpo lençol, mandou a fâmulos idóneos e fiéis que os levassem, com grande reverência, para os seus aposentos, e os guardassem fielmente. Uma vez chegado ao sepulcro da virgem S.ta Susana, tomou o seu venerável corpo, com choro, suspiros e lágrimas, e entregou-o para, escondidamente, o guardarem com os outros.

«Além disso, sabendo o varão de Deus que, por divina misericórdia, lhe fora concedida a graça de ser ele a honrar os corpos dos santos, determinou também trasladar, de igual modo, as glo-

riosas cinzas do corpo do bem-aventurado Frutuoso, confessor e pontífice, e colocá-lo com mais decência.

«Assim, dois dias depois, chegaram à igreja do bem-aventurado Frutuoso, onde [o bispo] celebrou missa, solenemente. No fim dela, dirigiu-se ao sepulcro, paramentado com as vestes sagradas. Mas, como S. Frutuoso era padroeiro e defensor daquela região, foi com o maior temor e silêncio que ele, num pio latrocínio, o tirou da igreja que ele mesmo ([146]) fizera, quando ainda era vivo e, depois de o tirar, entregou-o à vigilância dos seus fiéis guardas.

«Apesar de todos ignorarem este facto (afora os que tomavam parte neste plano) o bispo de nenhum modo pôde dormir socegadamente, na noite seguinte. É que tinha medo de perder o que se alegrava de ter consigo. Porém, logo que soube, de manhã, que não se tinha propalado o que ele fizera, levando com gozo e alegria o seu tesouro escondido para uma certa quinta de S. Tiago, chamada Corneliana ([147]), regressou a toda a pressa, como quem se punha em fuga.

«Ora, na Corneliana, chegou um rumor popular aos ouvidos do bispo. Corria que o bispo de S. Tiago praticara uma façanha indigna, pois tentava levar, para a sua cidade, santos tirados da terra portuguesa, a saber, defensores e padroeiros da Pátria.

«Ao ouvir isto, ele, que era um homem de grande prudência e piedade exímia, receou perder a preciosa carga por qualquer acaso ou pela violência. Entregou os corpos dos santos a um fiel arcediago e, com sabedoras palavras, ensinou-lhe por que caminhos ocultos os devia levar à cidade de Tui.

«Ficando, pois, o bispo, na Corneliana, e caminhando o arcediago, conforme lhe fora mandado, até ao rio Minho, que corre à beira de Tui, chegou venturosamente. Na verdade, o rio crescera, antes, com três dias de violentas tempestades, de modo que não podia ser atravessado em nenhum barco. Mas, apenas colocaram na margem do rio os corpos dos santos, parece que o rio sentiu respeito por eles» ([148]).

([146]) Scl. S. Frutuoso.
([147]) Correlhã.
([148]) *Historia compostellana*, L. 1, cap. 15; ANSELM GORDON BIGGS, O. S. B., *Diego Gelmirez*, Washington, 1949, pp. 40-45.

O que se passou na Galiza, interessa menos à história da espiritualidade portuguesa. Ao encontro dos santos, saiu, alegremente, todo o povo e clero de Compostela, com hinos e cânticos, caminhando os clérigos descalços. E o velho escritor medieval, mais tarde bispo do Porto, acrescenta, gloriosamente: «Eu, Hugo, cónego e arcediago desta Sé de Compostela, que tive conhecimento do sobredito segredo e que, também, com a presença do corpo e devoção do espírito, dei fiel conselho e ajudei diligentemente a encontrar e agenciar este tão grande tesoiro, escrevi com cuidado e entreguei, fielmente, à memória dos pósteros, o bom sucesso do sobredito acontecimento, para que não adormecesse na escuridão do esquecimento» ([149]).

Não é para aqui julgar a moralidade desta façanha de Diogo Gelmires e seus clérigos ([150]). Ainda assim, temos de recordar que a indecorosa atitude de D. Diogo, ante a hospitalidade de S. Geraldo de Braga, tornara-se bastante frequente na Idade Média, muito menos cavalheiresca do que nós imaginamos. Na peregrinação de D. Maurício à Terra Santa, veremos o arcebispo bracarense abusar da boa fé dum pobre velho.

O túmulo de S. Frutuoso lá ficou, tràgicamente vazio ([151]), pois nada garante a autenticidade dum pequeno osso que D. Diogo Gelmires ali teria deixado. Ainda assim o povo continuava a ir à sua igreja. Como escreve Fr. Manuel de Monforte, «paga o Santo mui bem a seus devotos tudo o que por seu amor fazem, com frequentes milagres, que alli obra nos que se encommendão a elle, e devotamente visitão sua sepultura. Com singularidade se experimenta esta virtude contra os obsessos, que de todas as partes, ainda que remotas, são alli trazidos, e lançados de seus corpos os demónios, que antes os atormentavão, e se tornão livres para suas casas» ([152]). Tinham passado mais de mil anos sobre a morte do Santo.

De S. Martinho de Dume pouco sabemos, como centro de piedade dos peregrinos. Mas no século XVI, o seu sepulcro continuava

([149]) *Historia compostellana*, L. 1, cap. 15.

([150]) CARDEAL SARAIVA, *Obras Completas*, t. I, Lisboa, 1872, pp. 81-82.

([151]) J. AUG. FERREIRA, *Fastos episcopais*, t. I, Famalicão, 1928, p. 116, nota 3.

([152]) FR. MANUEL DE MONFORTE, *Crónica da Província da Piedade*, Lisboa, 1751, p. 243.

a ser «respeitado de todo o povo como de são Martinho, e com particular devação e piedade venerado dos serenissimos Reis Dom João II e Dom Manuel, e ultimamente do Infante Dom Luís, quando passarão em romaria a Santiago de Galliza» ([153]). Porém, de nada vale insistir, à falta de documentação mais antiga.

2.º — Santa Senhorinha de Basto

Pelo nome cheio de poesia e pela vida aureolada de lenda, S.ta Senhorinha merece um lugar de relevo neste capítulo de peregrinações. Na primeira metade de seiscentos, continuava a ser «venerada sua sepultura, e frequentada de romeiros, que de mui longe vem a ella, pellos muitos milagres que Deos hi obra por meo das reliquias da Santa, e dà terra de sua sepultura, que tem por milagrosa para curar maleitas e outras enfermidades» ([154]). Tal piedade vinha da Idade Média, pois a biografia do século XII fala-nos de romeiros chegados de Guimarães, Braga, Lisboa e Zamora. Também a sua festa entrou nos missais e calendários litúrgicos, pelo menos nesse século. E daí para diante achamo-la nos missais de Braga e S.ta Cruz de Coimbra ([155]).

Senhorinha não era um nome extraordinário, em Portugal. Aparecem outros assim: Senhorinha Fernandes, Senhorinha Rodrigues ([156]), Senhorinha Pires ([157]), etc.

A darmos crédito ao título XXII dos *Livros de Linhagens* ([158]), S.ta Senhorinha pertencia à família dos *Sousaãos* e era filha de Hufo Hufes ([159]). A *Vita Sanctæ Senorinæ,* por seu lado, diz que o pai dela era o conde *Avulfus.* E lemos estas linhas dos *Livros de Linhagens*, na vaga indecisão de tantas genealogias difíceis de fiscalizar: «E este dom Ahufo Ahufez foy casado com

([153]) D. Rodrigo da Cunha, *História eclesiástica dos Arcebispos de Braga,* P. 1, Braga, 1634, p. 326.

([154]) Idem, *ib.*, p. 458.

([155]) A. Xavier Monteiro, *Santa Senhorinha de Basto,* em *Cenáculo,* 5 (1949-1950) p. 240.

([156]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 149. *(O Livro das Linhagens do Conde D. Pedro).*

([157]) *Ib.*, p. 147.

([158]) *Ib.*, pp. 190-191.

([159]) Avulfo, Adulfo, etc.

dona Tereza e fez em ela o conde dom Goeyçoy Aúfez que chamaram o Nonnado e Sancta Senhorinha de Basto» ([160]). E ajunta ser ela parente de S. Rosendo — ou *Sam Roosendo* ([161]).

No século XII, os biógrafos de S. Rosendo registaram este mesmo parentesco, falando-nos da visita dele ao mosteiro de S.ta Senhorinha, «sua parenta, segundo se diz» — *ipsius, ut dicitur, consanguinea* ([162]).

A expressão, *ut dicitur*, é bem pouco tranquilizadora. Mas, o problema não nos interessa e esperamos que Emílio Saez nos diga alguma coisa, neste sentido, ao tratar de *Los ascendientes de San Rosendo* ([163]) e *San Rosendo y los orígenes del monasterio de Celanova.*

As duas vidas latinas de S.ta Senhorinha não nos oferecem grande segurança documental. Porém, interessam-nos no que respeita às práticas e devoções dos romeiros, em torno do corpo de S.ta Senhorinha de Basto. Dizia-se que estava inteirinho e que ela parecia dormir — *audivit etiam, quod ipsa in sepulchro adhuc sit toto corpore integra, et tanquam dormire videatur* ([164]). Corria isto já no tempo do arcebispo de Braga, D. Paio, que morreu à volta de 1138.

O biógrafo de S.ta Senhorinha, contemporâneo de D. Paio, escreve, pois, com um recuo de mais de um século sobre a morte da Santa (c. 982). Foi mais do que suficiente para amortalhar a sua memória numa lenda deliciosa.

Mesmo alguns dos *milagres*, contados como sucedidos em vida de S.ta Senhorinha, andam bem longe da garantia histórica que nos oferecem muitos dos que vêm na *Sancti Rudesindi vita et miracula,* na *Vita Sancti Geraldi* e na *Translatio et miracula S. Vincentii.* Estes eram contemporâneos dos factos e podiam verificar muitos deles. O escritor anónimo da vida de S.ta Senhorinha herdou, em parte, uma vaga tradição oral, diluída numa simpática ingenuidade, digna da *Legenda Áurea.* Falta-lhe robustês crítica, mesmo ao lado doutros autores da sua época.

([160]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 190.
([161]) *Ib.*, p. 191.
([162]) *Ib.*, p. 37, na *Sancti Rudesindi Vita et Miracula.*
([163]) Em *Hispania*, 8 (1948) pp. 3-86, continuando nos nums. seguintes.
([164]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 50, na *Vita Sanctæ Senorinæ.*

Este habiógrafo, é certo, trata, por vezes, de milagres apócrifos, alguns deles *imitados* doutras vidas (de S. Bento e S.ta Escolástica, por exemplo). Porém, devido a um anacronismo frequente em tais escritores, as suas páginas registam informes interessantes sobre a vida religiosa, não tanto do tempo de S.ta Senhorinha, como dos anos posteriores, até meados do século XII. Ademais, alguns factos foram contados por um clérigo que vivia na igreja de S.ta Senhorinha, bem informado das idas e vindas dos romeiros.

A biografia mais curta, posterior à primeira, já fala de D. Afonso II. Descreve a contínua afluência desses peregrinos, em grupos ou sòzinhos, e afirma: «soubemos que [S.ta Senhorinha] faz todos os dias inúmeros milagres, de modo que os doentes tornavam com saúde, os possessos ficavam livres, os manetas voltavam com as mãos, os coxos com os pés, os surdos com os ouvidos e os cegos com vista» ([165]).

Exagero retórico? Decerto! Porém não podemos negar a realidade de tais peregrinações, embora menos floridas de milagres.

Os romeiros foram os grandes *globe-trotters* da Idade Média, com uma diferença: olhavam para Deus, mesmo quando fitavam o mundo.

Vinham de longe. Um bufarinheiro judeu chega de Zamora, sobe desrespeitosamente ao sepulcro da Santa, mas é castigado. E foge miseràvelmente para Toledo. D. Paio Mendes († c. 1138), em visita pastoral pela sua diocese, vai rezar junto de S.ta Senhorinha e assiste à cura dum cego de nascença. Milagre autêntico? Não nos parece. Pensamos, antes, que é uma linda história para explicar o facto de ninguém ter verificado se o corpo de S.ta Senhorinha estava, efectivamente, intacto ou não ([166]): «Eu, diz [o cego] sempre fui cego de nascença e vi uma mão que tocou nos meus olhos e vejo o Arcebispo e o sepulcro de Santa Senhorinha»! Ante um testemunho desta força, o arcebispo põe de parte o desejo de abrir a sepultura, que Deus quer que esteja fechada, para todo o sempre. *E que isto é verdade ouvimo-lo daqueles que viram* ([167]).

([165]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 53, na *Vita Sanctæ Senorinæ.*
([166]) *Ib.*, p. 50.
([167]) *Ib.*, p. 51.

De Guimarães, chegou um certo Silvestre, *vexado do demónio*, e uma mulher com a filha, ambas atribuladas com a vida de família. O rumor das maravilhas chegou a terras de Espanha, pois de lá partiram peregrinos, por terem ouvido falar dos milagres da Santa — *auditis miraculis Divæ.*

Um deles trazia um filhinho coxo, em cima dum jumento. E «uma mulher apareceu ao coxo e falou-lhe: — Menino, diz ela, dá-me o pau que tu trazes! E ele, ao querer estender-lho, levantou-se curado e, então, desapareceu a mulher» ([168]).

Por vezes, chegaram a dormir tantos romeiros na igreja que não cabia mais gente ([169]).

Os milagres, chamemos-lhes assim, desta *Vita S. Senorinæ*, poderiam dividir-se em duas categorias. Os que se contam como sucedidos no tempo de S.ta Senhorinha revelam características nìtidamente lendárias. Num deles, por exemplo, encontramos um episódio algo romântico dum irmão de S.ta Senhorinha. Vira-se ele obrigado a entrar numa quadrilha de ladrões e foi ela que maravilhosamente o tirou dos grilhões da cadeia ([170]). Noutro, S.ta Senhorinha faz calar as rãs, que não deixavam rezar os salmos. Certa ocasião, S.ta Senhorinha proibiu à chuva que caísse na eira onde se debulhava o trigo. E assim por diante.

Para nos fixarmos num destes milagres *vagabundos*, recordemos, com o bolandista H. Delehaye, que já Suetónio conta a mesma maravilha de mandar calar as rãs, acerca de César Augusto — «et depuis lors les grenouilles ne coassent plus à cet endroit. Le même fait merveilleux a été mis sur le compte de plus d'un saint: saint Rieul, saint Antoine de Padoue, saint Bennon de Meissen, saint Georges, évêque de Suelli, saint Hervé, saint Jacques de la Marche, sainte Ségnorine, sainte Ulphe» ([171]).

Dos milagres contados pelo clérigo nem sempre podemos sorrir do mesmo modo.

São estes últimos e outros posteriores que nos trazem mais pormenores acerca da vida religiosa dos peregrinos, classes sociais a que eles pertenciam, etc. Vemos que também D. Sancho I

([168]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 51, na *Vita Sanctæ Senorinæ.*
([169]) *Ibidem.*
([170]) *Ibidem.*
([171]) HIPPOLYTE DELEHAYE, S. J., *Les légendes hagiographiques*, Bruxelas, 1906, p. 39.

veio ao túmulo de S.ta Senhorinha, levando devotamente a cabo uma novena em sua honra — *cum novendiale devotus exequeretur votum* ([172]).

Fr. António Brandão encontrou, no cartório da Sé de Braga ([173]), a escritura original, em latim, referente a tal acontecimento e datada com o ano de 1238 da Era de César (1200 do nascimento de Cristo). Nela, escreve o rei D. Sancho: «Tendo eu percorrido algumas partes do meu reino, por motivo de oração, vim ao lugar aonde descansa o corpo da bem-aventurada Senhorinha e, aqui, dirigindo, como devia, as minhas preces a Deus Nosso Senhor, instei junto da virgem [S.ta Senhorinha], com gemidos e suspiros».

S.ta Senhorinha curou-lhe o filho e D. Sancho I percorreu a pé — *pedibus meis* — a terra em volta do santuário, que ele queria coutar, a ver por onde se haviam de pôr os muros.

A dedicação dos reis portugueses a este santuário tão popularmente português durou, ainda, longos séculos. Um documento do *Livro dos Registros del-rei D. Pedro I*, na Torre do Tombo, fala-nos desta devoção antiga: «Em nome de Deos. Amen. Saybão quantos esta carta virem, como eu Dom Pedro pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, a honra e serviço de Deos, e da Virgem Santa Maria sua madre, e assinadamente a honra, e louvor da Bemaventurada Santa Senhorinha de Basto, e do Bemaventurado São Gervaz, e em remimento de meus peccados, faço doação à dita Igreja de Santa Senhorinha para sempre, em guisa que nunca possa ser revogada, de todo o direito que eu hey do padroado da Igreja de Santa Maria do Salto do Arcebispado de Braga [...]. Com tal condição, que qualquer que dela for abbade, tenha hum Capellão para todo sempre, que cante em cada hum dia Missa, sobre o Altar, e diga as horas Canonicas em huma Capella que na dita Igreja fez Dona Ignes de Castro, aonde está o corpo de São Gervaz. E outrossi tenha um Mozinho, que sirva o dito Capellão na dita Igreja de todo o que lhe comprir, e tenha para todo sempre tres alampadas com azeite, que tambem de dia como

([172]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 53.

([173]) Fr. António Brandão, *Monarquia Lusitana*, t. 4, Lisboa, 1725, pp. 94-95; Bibl. Públ. de Braga, *Rerum Memorabilium*, t. I, fl. 108, publicado por A. Xavier Monteiro em *Cenáculo*, 5 (1949-1950) p. 237, n.º 1.

de noyte estem sempre acesas, e huma estè diante o Crucifixo, outra ante hu jaz seu corpo de Santa Senhorinha» ([174]).

Nalguns milagres descobrimos as práticas religiosas dos romeiros. Um hidrópico do reino de Aragão «acabadas as Vésperas, depois de acender as velas, deitou-se de costas, diante do sepulcro da Santa, pois não podia dormir nem estar deitado doutro modo». Na igreja, já de noite, alguns rezavam, outros dormiam, todos acabavam por cair com sono — *dormientibus vero omnibus*, diz a vida de S.ta Senhorinha ([175]). Contudo, nem todos lá passavam a noite, de vigília. Alguns, ao entardecer, voltavam para casa ou para algum abrigo de peregrinos, deixando os outros a rezar, com velas acesas ([176]).

Cumpriam-se as promessas e agradeciam-se os milagres, pois «o cego, lembrado, durante muito tempo, de tão grande benefício, tendo comprado velas e oblações, com as esmolas que lhe davam, oferecia tudo à sepultura da Santa» ([177]).

Alguns romeiros ficavam bastante tempo, junto do santuário. Nesse caso, podiam comer à custa de S.ta Senhorinha, em cujas terras trabalhavam.

O pai daquela criancinha aleijada, de Zamora, esteve 16 dias, pelo menos, junto de S.ta Senhorinha. Mas o bom homem cultivava as vinhas do santuário: «Como ele ([178]) se demorasse na Igreja da Santa, cerca de dezasseis dias, e tendo o pai do mesmo rapaz ido trabalhar, com outros camponeses, nas vinhas da Santa, deixou o filho na eira, para guardar o pão; e o pai fez isto para que ele e o filho merecessem o alimento que lhes havia de dar a Igreja da Santa» ([179]).

A vida deste centro de peregrinações estava bem organizada, mesmo materialmente. Talvez até existissse alguma albergaria

([174]) Fr. António Brandão, *Monarquia Lusitana*, t. 4, Lisboa, 1725, pp. 95-96; A. Xavier Monteiro, *Santa Senhorinha de Basto*, em *Cenáculo*, 5 (1949-1950) p. 239, n.º 1, publica o mesmo documento, da Torre do Tombo, Chanc. de D. Pedro I, Liv. 1, fl 43 v.

([175]) *P. M. H., Scriptores*, t. 1, p. 51.

([176]) *Ibidem*.

([177]) *Ibidem*.

([178]) Scl., o rapazito.

([179]) *P. M. H., Scriptores*, t. 1, p. 51.

para os romeiros, algo de semelhante à *casa de los peregrinos* de Santa Maria de Vila Sirga, perto de Carrión de los Condes ([180]).

O biógrafo de S.ta Senhorinha esteve, pessoalmente, em Basto, onde falou com as testemunhas dalguns factos: *ab iis qui viderunt accepi,* escreve ele — ouvi daqueles que viram ([181]). E, mais à frente, insiste na mesma afirmativa: *Hoc autem esse verum ab iis qui viderunt accepimus.* Outro informador, a quem já nos referimos, foi um clérigo, chamado Paio, prior da igreja de S.ta Senhorinha: *Clericus nomine Paius huic Ecclesiæ præpositus nobis affirmavit....* (Um clérigo chamado Paio, que governava esta igreja, afirmou-nos...). Evidentemente que lhe contaria bastantes milagres, pois ali vivia, a escutar as narrativas dos romeiros. De facto, os dois cegos vindos de Lisboa «contam ao clérigo chamado Paio tudo o que lhes tinha sucedido» ([182]) — e o mesmo fariam outros peregrinos.

Os biógrafos só registavam uma pequena parte do que andava de boca em boca ou do que ficava consignado nos Livros de Milagres. Por isso, escreve o autor da *Vita S. Senorinæ*, «vou falar dos milagres [...], mas de nenhum modo poderei contar todos os que Deus por meio dela fez e faz» ([183]).

O pregador da festa recordaria, forçosamente, as maravilhas obradas por S.ta Senhorinha, neste estilo concreto e caseiro que o povo compreende tão bem. O tom da vida maior de S.ta Senhorinha ([184]) lembra, mesmo, um sermão de festa, desde o prólogo até ao começar dos milagres sucedidos após a sua morte. Estes últimos têm a aparência de um apêndice, feito pelo mesmo pregador ou por outro qualquer.

Em certos casos, registavam-se as narrativas populares, com a exactidão duma reportagem:

«Dois mancebos, cegos, de nascença, vieram cá, de lugares muitíssimo afastados, pois lhes tinha chegado aos ouvidos a fama dos milagres desta Santa. Ora, tendo entrado em Lisboa, perguntaram aonde estava sepultado o corpo de S.ta Senhorinha.

([180]) Marquês de Valmar, *Estudio sobre las Cantigas del Rey Don Alfonso el Sabio,* Madrid, 1897, p. 149.
([181]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 50.
([182]) *Ib.*, p. 51.
([183]) *Ib.*, p. 50.
([184]) *Ib.*, pp. 46-51.

Responderam-lhe que se dirigissem ao arcebispado de Braga, a um rio que se chama Basto, junto do qual está sepultado o corpo de S.ta Senhorinha. E eles, trazendo consigo também as mulheres, chegaram à igreja e contaram a um clérigo chamado Paio tudo o que lhes tinha sucedido. E quando o sol caía para o ocaso, voltando os outros para casa, os cegos, com as mulheres, ficaram junto do sepulcro da virgem. E embora ambos rezassem, contudo, um deles, como se verá depois, orava com maior empenho da alma. Com efeito, acabada a primeira vigília da noite, estando ainda acesas as velas, junto do túmulo da virgem, o cego mais amigo de Deus ouviu um trovão tão forte que todo o edifício parecia desabar e lhe despertou o companheiro. E este, acordando, perguntou:

«— Que é isto?

«Então, o que era devoto disse: — Vejo toda esta casa cheia de círios acesos.

«E logo o mesmo que cobrara a vista tocou os sinos, alvoroçado de gozo e alegria. Então, todos os clérigos e empregados da igreja, acordados, viram o cego que cobrara a vista e veneraram a Deus e a Santa, por tão grande benefício» ([185]).

Em suma, S.ta Senhorinha de Basto concentrava um pequenino mundo de gente religiosa, em torno do santuário: romeiros que chegavam e que partiam, cegos, aleijados e doentes, peregrinos que trabalhavam nas terras da igreja, clérigos, empregados e, finalmente, o *mocinho* para ajudar o capelão, de que nos fala a escritura de D. Pedro I.

3.º — S. Geraldo de Braga

Cada santuário encontrava o seu historiador e cada santo o seu biógrafo. S. Geraldo, monge de Cluni, mais tarde arcebispo de Braga, morreu em 1108. Francês, teve um cronista contemporâneo na pessoa doutro compatriota seu, o arcediago Bernardo ou Bernaldo, futuro bispo de Coimbra.

Fora S. Geraldo que o trouxera para Braga: *Ego Bernaldus natione Gallicus ad partes Bracarensium a Beato Geraldo*

([185]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 51.

ductus... ([186]). Quer dizer: Eu, Bernardo, gaulês de nação trazido para as terras de Braga pelo bem-aventurado Geraldo...

A sua *Vita Sancti Geraldi* é um depoimento coetâneo dos factos, sóbrio e veraz, embora nem sempre acerte na interpretação dos acontecimentos. Apesar das suas fraquezas, esta biografia desmente, no que lhe toca, uma afirmação de Fidelino de Figueiredo, exagerada, na sua generalidade: «Essas agiographias carecem totalmente de espírito crítico, são apologias do milagre e do sobrenatural» ([187]).

Sem exigirmos das páginas do arcediago a crítica histórica que levou séculos a levedar, é certo oferecerem elas uma base documental séria. No que respeita aos *milagres*, a sua explicação, muitas vezes, é inaceitável. Mas, já não dizemos o mesmo dos factos em si, na maioria.

Também à volta de S. Geraldo esbracejou a lenda, frondosamente. Porém, isto veio depois. Fr. Leão de S. Tomás ([188]), ao lado dos informes de D. Bernardo, *cronista do Santo*, insere alguns outros, menos históricos. E o mesmo vale para o *Hagiológio Lusitano* ([189]), ao contar-nos os milagres das «cadeas do glorioso S. Giraldo» e dos sinos que repicavam «por mão invisível», todas as vezes que S. Geraldo ia para a Sé. Nada disto aparecia na *Vita Sancti Geraldi.*

Nestas páginas, descrevem-se as mesmas cenas doutros centros de peregrinação. Notamos até que o povo conservou intactas, através dos séculos, muitas formas de piedade já velhas no tempo de D. Bernardo.

Nos muros das igrejas e santuários, penduravam-se ex-votos, em recordação das graças recebidas ou destinados a impetrar a misericórdia de Deus. Eram, geralmente, figurinhas de cera moldada, representando mãos, pernas, braços, cabecinhas de criança, seios, olhos, animais, etc. — enfim, um sinal histórico do milagre obtido ou a obter ([190]).

([186]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 58, na *Vita Sancti Geraldi.*

([187]) *História da literatura clássica*, (1502-1580), Lisboa, 1922, p. 35.

([188]) Fr. Leão de S. Tomás, *Benedictina lusitana*, t. 2, Coimbra, 1651, pp. 285-309.

([189]) T. 2, p. 392.

([190]) *P. M. H., Scriptores*, t. I, p. 59.

Talvez lá se encontrassem, igualmente, ex-votos a representar navios, como nos santuários portugueses de agora. Muitos devotos de S. Geraldo, «navegando pelo mar, se alguma vez se levanta uma tempestade, recebem, sem demora, segura calma, ao invocarem, à uma, o nome do santo» ([191]). Um deles foi o clérigo Honorico, de Braga, peregrino da Terra Santa ([192]).

Embora viessem romeiros de mais longe, da Espanha e de Trás-os-Montes ([193]), D. Bernardo fala-nos, sobretudo, da gente do Minho, principalmente de Braga. Aparece um clérigo a quem o Santo sarou «uma fístula, conforme dizem os médicos» ([194]), uma mulher com uma espinha de peixe atravessada na garganta do filhinho ([195]), uma leprosa entrevada da gafaria, transportada em cima dum carro, um monge que acompanhara várias vezes S. Geraldo e que não tinha barco para atravessar o rio Cávado, etc.

Por último, D. Bernardo conta-nos como estivera quase afogado, com um apostema na garganta: «Por fim, diz ele, lembrando-me do costumado patrocínio de S. Geraldo, a favor dos oprimidos e dos doentes, corri ao seu sepulcro, apesar de ter o corpo fraco, e lá chorei durante muito tempo. E entre estas lágrimas, falei assim, dizendo: — Ó bem-aventurado e santíssimo confessor Geraldo, lembra-te, por favor, que me trouxeste, outrora, para estas regiões e me elevaste ao estado clerical e mandaste que me sujeitasse à Igreja de Braga [...]. Mas, agora, molestado por uma gravíssima doença, vejo-me obrigado a morrer como exilado e estrangeiro, em terra alheia» ([196]).

E até ser curado, o biógrafo de S. Geraldo passou noites inteiras, de vigília, ao pé da sepultura do Santo. De manhã, voltava para casa e dormia.

Chegavam romeiros das mil aldeias perdidas nas montanhas e veigas nortenhas: uma fidalga, com um filho possesso do demónio, segundo ela pensava; um clérigo de Panóias, com uma doença «a que os médicos chamam cefaleia» e que, «refugiando-se junto do túmulo do santo Confessor, ali recitou salmos durante toda a

([191]) *P. M. H., Scriptores,* t. I, p. 59.
([192]) *Ib.*, p. 58.
([193]) *Ib.*, p. 59.
([194]) *Ib.*, p. 58.
([195]) *Ib.*, p. 58.
([196]) *Ib.*, pp. 58-59.

noite, com lágrimas e preces»; um homem de Coucieiro, que agradeceu a cura «e ofereceu ao sepulcro o que as suas posses lhe permitiam»; uma mulher asmática que vivia «entre dois rios, a saber, o rio Homem e o Cávado»; uma outra, paralítica, e um rapaz surdo, cego e entrevado que ficou «aos pés do santo Confessor ([197]) e ali permaneceu imóvel como um tronco» ([198]).

Tais narrativas dolorosas revelam o fundo constante da espiritualidade destes centros de peregrinações: Deus e os Santos não permaneciam alheios à dor humana, o *milagre* fazia sentir essa presença actuante de Deus, na vida dos homens.

Chegavam, mesmo, a trazer loucos: «Também existe a lembrança de ter sido levada ao sepulcro deste mesmo Confessor uma rapariga maníaca — *puella maniaca* — que andava, há um ano inteiro, a vaguear, furiosa, pelos descampados dos montes e à qual S. Geraldo fez um patente milagre» ([199]).

Como já notámos, muitos peregrinos adormeciam com a ideia fixa duma cura milagrosa. Tal ideia libertava-se, às vezes, sob a forma duma visão, em sonho, a que Deus *podia* unir a cura extraordinária. Nem sempre é possível verificar a verdade de tal ou tal facto particular. No entanto, o conjunto parece-nos substancialmente exacto. Além disso, o vocabulário não possui a exactidão técnica das obras rìgidamente teológicas. O termo *visio,* muitas vezes, significa *visão nocturna*, *sonho*, embora lhe possa andar ligada uma graça especial de Deus.

Basta recordar este caso, para nele surpreendermos o tom geral destas curtas narrativas:

«Conta-se, também, que vivia na cidade de Braga uma mulher cujo filho pequenino, estando certo dia a comer peixe, ficou com uma espinha presa na garganta. Por causa disso a criancinha, atormentada por uma dor intolerável, não podia achar alívio em nenhum remédio da medicina.

«Ora, a mãe, ignorando a causa da dor, passava o tempo a chorar. Por isso, triste e a gemer, correu ao sepulcro de S. Geraldo, com o filho nos braços; e ali, chorando toda a noite, pedia que se lhe desse remédio para tanta dor.

([197]) Scl., S. Geraldo.
([198]) *P. M. H., Scriptores,* t. I, p. 58.
([199]) *Ibidem.*

«S. Geraldo, olhando às lágrimas da pobre mãe, arredou aquilo que se prendera à garganta da criancinha e mitigou-lhe completamente a dor.

«Então, na noite seguinte, o santo e glorioso varão apareceu, em visão — *in visione* — à mãe da criancinha, falando-lhe deste modo: — O sofrimento que molestava o teu filho, sem tu o saberes, era insuportável. Efectivamente, atravancava-lhe a garganta uma espinha de peixe, que se prendera; estando ela cravada nas carnes, arranquei-a, com a ajuda do poder de Jesus Cristo Nosso Senhor.

«E a mulher, despertando, celebrou, por toda a parte, as grandezas de S. Geraldo, magnificando a glória do Omnipotente» ([200]).

Mais tarde, na festa de S. Geraldo, o povo ornamentava-lhe o altar, com uvas, peras, melões, melancias, etc. ([201]). Tais ofertas pareciam significar um pedido de bênção para os campos.

«Tem o Santo confraria muy principal, escreve Fr. Leão de S. Tomás, que o festeja particularmente no seu dia, e a armação com que se orna seu sepulchro são Cidras, Limões, Maçãs e uvas, reconhecendo a Deos por autor principal dos frutos da terra, e ao glorioso São Geraldo por intercessor da creação, e conservação delles, e quando estes frutos faltão armasse o sepulchro com frutos semelhantes, feitos de sera» ([202]).

Pelos meados de quatrocentos, veneravam-se já as *cadeas de S. Geraldo,* correntes de ferro que teriam cingido o corpo do Santo ([203]). E foi, também, nessa época, que o arcebispo de Braga, D. Fernando Guerra, ornamentou, no seu palácio, «a sala que chamão de S. Giraldo, e mandou pintar no forro, e paredes della, a vida do santo» ([204]).

Ao núcleo primitivo, os séculos iam ajuntando coisas novas — como um ser vivo que é sempre o mesmo e sempre *outro.*

([200]) *P. M. H., Scriptores,* t. I, p. 58.

([201]) Aug. Ferreira, *Fastos episcopais,* t. I, Famalicão, 1928, p. 227, n.º 2.

([202]) Fr. Leão de S. Tomás, *Benedictina lusitana,* t. 2, 1652, p. 300.

([203]) D. Rodrigo da Cunha, *História eclesiástica dos Arcebispos de Braga,* t. 2, Braga, 1635, p. 235.

([204]) *Ibidem.*

CAP. IV

Milagres e romarias portuguesas, nas cantigas de Santa Maria

Em tempos de D. Afonso X, o Sábio († 1284), sagrara-se o galaico-português como a língua preferida dos poetas peninsulares. E no entanto, alguns deles versejavam nas terras ásperas de Castela ou cultivavam a *gaya sciencia* na corte de Aragão. Com um pouco de lisonja mas ainda mais de verdade, o Marquês de Santillana, no século XV, lembrava a D. Pedro, condestável de Portugal, «que non ha mucho tiempo cualesquier decidores é trovadores destas partes, agora fuesen Castellanos, Andaluces, ó de la Estremadura todas sus obras componían en lengua gallega ó portuguesa» ([205]). Um deles foi D. Afonso X, nas suas *Cantigas de Santa Maria.*

Através da Europa católica daqueles dias, circulavam colecções de milagres, em verso e em prosa, em latim e nas línguas românicas, sobretudo à volta de Nossa Senhora e dos grandes santuários marianos. Afonso X leu alguns desses Livros de Milagres ou falou, pessoalmente, com os romeiros, para cantar, em verso, muitas das suas històriazinhas devotas.

No seu clássico *Estudio sobre las Cantigas del Rey Don Alfonso el Sabio* ([206]), o Marquês de Valmar conseguiu classificar as fontes poéticas destes pequeninos cantares de gesta sagrada. Pouco inventou o Rei Sábio. Ele mesmo o confessa, em várias ocasiões, e

([205]) *Carta al Condestable de Portugal.*
([206]) Madrid, 1897, cap. 4.

escreve: *contou-me um clérigo que o achou escrito...*; *contaram-me...*; *ouvi dizer...*; *achei escrito...*; *um mui grande milagre contarei que mo juraram homens de boa vida...*; *ouvi eu contar a uns romeiros que foram rezar a Rocamador...*; *escrito achei num livro antigo...*; *em Soissons há um livro todo cheio de milagres...* ([207]).

As *Cantigas de Santa Maria* são a epopeia sagrada dos milagres e peregrinações marianas. Vemos desfilar a multidão cosmopolita que enche as igrejas de Nossa Senhora, de além-Pirenéus, ouvimos os romeiros dos santuários espanhóis de S.ta Maria de Vila Sirga, de Nossa Senhora de Tudia, de S.ta Maria de Sala, de S.ta Maria de Oña, de Nossa Senhora de Atocha, da Virgem de Siguenza e outras igrejas famosas. Desta vasta ondulação mariana, de cujas maravilhas as cantigas de Afonso X são a crónica rimada, queremos isolar, ùnicamente, as poesias referentes a peregrinos, milagres e santuários portugueses. Tais cantigas representam a *lapidação* do diamante em bruto que eram as històriazinhas em prosa, partidas de cá para Castela ou que Afonso X leu nos nossos Livros de Milagres.

D. Afonso, o Sábio, estava ao par desses factos, por meio de relações orais e, provàvelmente, através de cópias manuscritas e ambulantes dos milagres de Nossa Senhora. Pelo menos, conhecia a sua existência. De facto, ao falar dum milagre acontecido em Santa Maria de Évora, afirma que estava lá um *grande volume* deles:

«... foron, aa grand eigreja
que é de Santa Maria,
ú ([208]) gran vertude sobeja
mostra de sanar enfermos,
ond'an feit'un gran volume» ([209])

Deixemos de lado a parte estética destas narrativas em verso. Depois de tanto se ter escrito neste sentido, seria deitar água no mar pôr, aqui, as magras coisas que sabemos. Vamos, antes,

([207]) Marquês de Valmar, *ib.*, pp. 152-156.
([208]) Onde.
([209]) Cant. CCCXXXVIII. Seguimos a ed. de Valmar, em dois volumes: *Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sabio*, Madrid, 1889. Daqui em diante, poremos, no texto, o número da cantiga.

encarar tais composições poéticas como documento histórico de maior ou menor valor, em torno das romarias portuguesas de Nossa Senhora, no século XIII.

Ainda assim, digamos, de passagem, como se articulam, frequentemente, essas cantigas. Tomemos como tipo a cant. CCCXXII: *Como Santa Maria guariú uun ome en Évora que ouvera de morrer d'un osso que se lh'atravessara na garganta.*

Este título inicial, em prosa, resume o conteúdo histórico da narrativa. A seguir, vem o refrém sempre a repetir-se no fim de cada estrofe:

> «A Virgen, que de Deus madre est'e filla et criada,
> d'acorrer os pecadores sempr'está apparellada.»

Tal refrém repisa uma ideia dominante, a que poderíamos chamar a filosofia moral da história, isto é, uma conclusão que se desprende, reflexivamente, da sua leitura.

Às vezes, numa estrofe ou em mais de uma, desenvolve-se o pensar contido no refrém. Assim acontece nos versos que temos entre mãos, sobre o santuário de S.ta Maria de Évora. Efectivamente, escreve D. Afonso, o Sábio, Nossa Senhora não nos socorre, sòmente, em certos dias ou em horas marcadas. Ajuda-nos prontamente, em todos os tempos e de todas as guisas, para não ficarmos fora do reino do seu Filho, onde ela é rainha. Sobretudo, tem Santa Maria piedade de nós, nas grandes doenças e dores. E em prova disso, se me escutardes, vou contar-vos um grande milagre que fez esta honrada Senhora.

Segue, depois, o prodígio da Virgem SS.ma que nós pomos em português de hoje em dia, mas conservando-lhe o sabor arcaico que não impeça a compreensão da linguagem:

«Em Évora, vivia um homem que fiava muito da Virgem e que todos os dias se lhe encomendava. Uma noite, quando ele estava em casa, a cear, sucedeu que chegou a ponto de morrer, a desoras, sem tardança. Com efeito, o homem era grande comedor e metia bocados muito a miúdo, na boca, grandes e desmesurados. Nessa noite, ceava ele uns coelhos assados e atravessou-se-lhe um osso na garganta. E cerrada ficou ela de tal maneira que cuidou ser afogado, pois aquele osso tinha-lhe tapado o gorgomilo.

E assim, daí a pouco tempo, estava tão fortemente inchado que já não podia tomar fôlego nem também falar nada.

«Assim esteve grande tempo, sem poder comer nem beber coisa alguma, a não ser caldos e água fria. Por fim, chegou a festa da Virgem S.ta Maria de Agosto, quando ela foi coroada. Então, todos os seus parentes e amigos o tomaram e à igreja desta nobre Senhora o levaram e, dando-o por morto, ante o altar dela o deitaram. E ali passou aquela noite, até de madrugada.

«Quando a missa já diziam, tomou-o uma tosse tão forte que cuidaram logo que era chegada a morte. Porém, a Virgem gloriosa que dos coitados é conforto, não quis que ele morresse ali, daquela vez. Pelo contrário, fez com que, ao tossir, deitasse imediatamente o tal osso pela boca, diante de quanta gente ali estava. Logo, de boa mente, louvores deram a S.ta Maria, Mãe de Deus amada».

O ritmo do linguajar do povo e as suas expressões entraram bastante nas cantigas de Afonso X, de modo que estas narrações diferem pouco da prosa anónima dos Livros de Milagres — afora a rima e a estrutura da composição poética.

Das cantigas de S.ta Maria relacionadas com Portugal, pomos de parte a LV, localizada em Lisboa.

Esta canção não parece de origem portuguesa e vem já nas páginas de Gautier de Coincy: *De la nonnain que Nostre Dame delivra de grant blasme et de grant poine* ([210]). Mas aqui, o facto não se dá em terra portuguesa e, em lugar do clérigo, surge um cavaleiro. Também vemos acontecer quase o mesmo, na cant. XCIV, em que um fidalgo se apaixona, também, pela pobre monja que era *menyna fremosa.* Em suma, tudo isto tem o sabor das lendas errantes, embora com a beleza poética duma parábola em torno da misericórdia acolhedora da Mãe de Deus. É ver como ela recebe a filha pródiga, que regressa envergonhada, *andando senpre de noite come sse fosse ladrõa* (cant. LV)!

França, Espanha, Lisboa, pouco importa; certas lendas vagabundas poisam aladamente, aqui e além, e ao fim dalgum tempo ganham foros de cidadania. A lenda errante lança raízes, modifica-se e ganha cor local, substancialmente a mesma e sempre nova.

([210]) Núm. XIX do cód. de Soissons. GONZAGUE TRUC pô-la em francês moderno em *Les Miracles de la Vierge,* Paris, s/d., pp. 161-168.

Certos casos, bem situados em terra portuguesa, deviam ter nascido dum núcleo histórico primitivo, embora modificado pela imaginação popular. Assim acontece à cant. CCXXXVIII, acerca do jogral de Guimarães. *Como Deus se vingou d'un jograr tafur que jogava os dados et porque perdera descreeu en Deus et en Santa Maria.* Tal cantiga mostra que o povo achava bem o castigo de Deus contra quem blasfemasse da Mãe SS.ma, de Nosso Senhor e do padre *que levava Corpus Christi*:

À passagem do sacerdote com o SS.mo Sacramento, escreve D. Afonso, os joelhos em terra todos puseram, diante daquele que nos libertou da cadeia do Dragão. E o jogral taful e mal-andante? Esse cuspiu, fez pouco dos que ajoelhavam e insultou o padre. Resultado: a Virgem SS.ma, invocada pelo sacerdote, deixou que o demónio viesse e logo matasse o jogral. E a alma do incrédulo foi parar aos infernos, pois renegara de Jesus e S.ta Maria.

Outro facto corria de boca em boca, a propósito dum clérigo: *Como Santa Maria guariú o crérigo que se lle tornaran as pernas atrás porque fez uuns panos menores d'un pano que furtou de sobelo altar* (cant. CCCXXVII).

Aconteceu *este milagre mui fremoso*, feito pela Mãe do Rei Jesus Cristo, *en Odimira.* Ao verem o castigo do mau clérigo e a sua cura maravilhosa, «todos começaron o seu nome de loar». E o milagre, levado nos lábios piedosos dos romeiros, chegou aos ouvidos do Rei Sábio: *ouvi contar,* confessa ele.

Salus infirmorum, refugium peccatorum, consolatrix afflictorum. Estas três invocações das ladainhas de Nossa Senhora exprimem, à maravilha, outras tantas características permanentes dos milagres das *Cantigas de Santa Maria*: a SS.ma Virgem é a saúde dos enfermos, o refúgio dos pecadores e a consolação dos aflitos. Basta-nos exemplificar em meia dúzia de factos.

A cant. CCCXLVI fala-nos de Nossa Senhora de Estremoz, *vila de Portugal.* Levaram uma doente à igreja de S.ta Maria e, bendita seja Nossa Senhora! curou-a logo daquela *enfermidade sobeja.* Ao verem isto, deram todos *loores granadas aa Virgen groriosa* — deram grandes louvores à Virgem gloriosa.

Milagres destes não têm conto e, neles, ressalta o costume antigo de levar os doentes aos santuários famosos. A medicina

ainda estava na infância e não havia para os homens outra esperança, a não ser a misericórdia de Deus.

Os pecados dos homens pesavam, igualmente, sobre o seu destino. Desta maneira, erguia-se uma súplica de perdão, ao *refúgio dos pecadores,* não se perdesse a alma eternamente. Surgiram, assim, duas formosas històriazinhas, uma das quais passada em Santarém: *Como Santa Maria fez en Portugal, na vila de Santaren, a hũa moller peccador que non morresse ta* (211) *que fosse ben confessada, porque avia gran fiança en ela et jajũava os sábados et as sas festas a pan et agua.* (cant. CCXXXVII).

Era uma mulher de mau viver, diz Afonso X, mas devota da SS.ma Virgem. Jejuava, *no dia da Encarnaçon.* Passava o dia a pão e água, nas *cinquo festas da Sennor Reyna corõada.* A estas cinco festividades da Rainha coroada acrescentava ela o sábado, também consagrado a Santa Maria. Nesse dia, ouvia missa e jejuava. Ainda mais: «en aquel dia [de sábado] fazer maldade non queria», visto ele ser dedicado à Mãe de Deus. Assim o prometera a um monge, seu confessor. E assim cumpriu, embora a assassinassem. E ao morrer, chamava por Nossa Senhora.

O cadáver lá ficou, longe do caminho. Mas, a Virgem apareceu à morta e disse-lhe: — Levanta-te! E guiou a mulher ressuscitada, prometendo-lhe o perdão dos pecados, caso os confessasse. Assim o fez:

«... et foi mui ben enton
confessada primeyro
e comungou-ss'; e a Madre
do Fillo verdadeyro
log'a alma d'ela levou.

Isto é: confessou-se muito bem e comungou. E a Mãe do Filho de Deus sua alma levou, não consentindo S.ta Maria que a sua devota extraviada viesse a perder-se para sempre.

Qual seria a fonte desta cantiga? *Livro de Milagres* ou narrativa oral e vagabunda? Afonso X não o explica claramente: *assi ey aprendudo,* escreve ele.

(211) Até.

Na cant. CCCXCIX, é Nossa Senhora quem vai evitar um infanticídio. Na verdade, *en a vila d'Elvas ũa molher quiso matar seu fillo, et meteu-lle hũa agulla pela cabeça, et apareceu-lle Santa Maria ante que o matasse, et disse-lle que tomasse peendença* ([212]). E a pobre mulher pegou na criança e foi a toda a pressa confessar-se a um monge. Depois, *en orden entrou,* quer dizer, entrou para freira, vestindo o *froque* (hábito), por loriga, contra o diabo. Muitos o souberam e deram graças a Santa Maria. O menino criou-se e a mãe *polo demo non deu hũa figa* — nem dava uma figa pelo demo.

Nossa Senhora, consoladora dos aflitos, intervinha nas dificuldades de cada dia e nas grandes provações. Basta ouvir o Rei Sábio contar-nos *Como Santa Maria tirou un ome de prijon, e o fez passar un rrio que era mui fondo e non se mollou* (cant. CCXV).

Aconteceu isto em *Riba de Limia,* nas terras de Entre Douro e Minho, e o homem era de S. Salvador da Torre. Foi a Mãe do mui alto Rei que o livrou dos *roubadores,* que muitos havia, então, *no reyno de Portugal.* Mal atravessou o rio, sem se molhar, foi logo contar tudo aos frades: ele costumava enfeitar o altar da Virgem *com muita flemosa fror.* Em recompensa, a Virgem Nossa Senhora apareceu-lhe, tomou-o pela mão e abriu-lhe as portas do castelo.

Também a SS.ma Virgem livrou o capelão das freiras de Chelas, duma aranha venenosa: *Esta é do capelan que cantava missa no mõesteiro das donas d'Achelas que é en Portugal, consomyu hũa aranna e depois sayu-lle pelo braço* (cant. CCXXII).

Deu-se tal milagre, perto duma «mui rica cidade que é chamada Lisbõa», num convento de donas que *castidade manteen.* E as boas religiosas ficaram maravilhadas «et a aranna mostraron enton a muita gente».

Eis-nos, outra vez, em Santarém. Um alcaide mal encarado e *sanhudo* queria prejudicar uma tendeira que vendia cevada, mas S.ta Maria livrou a mulherzinha das garras daquele mau homem, pois ela dizia contìnuamente: *Aquel é de mal guardado que guarda Santa Maria.* E o povo deu «mui grandes loores, por tam fremoso miragre, aa Virgen gloriosa, que he Sennor das Sennores» (cant. CCCLXIX).

([212]) Fizesse penitência.

Desta fé no poder da Virgem SS.ma nasciam as mil devoções que os clérigos e monges iam aconselhando, mesmo a gente de mau viver: jejum e missa de Nossa Senhora, aos sábados, não pecar nesse dia, etc. Tal austeridade agradava à Mãe de Deus e seria perigoso proceder doutra forma. E se não, vissem o que acontecera no Algarve, «ú soya ([213]) aver gran gente de mouros que ss'en foron, et foi ben». A poesia intitula-se desta maneira: *Como Santa Maria guardou oito almograves en hũa fazenda que ouveron con mouros, porque non comeron carn'en sábado* (cant. CCLXXVII).

Eram dezasseis almogávares, de Lisboa, que andavam à caça de veados, em terra de moiros. Apanharam um veado, assaram-no logo e assentaram-se para comer, pois outra coisa não tinham. Oito deles não quiseram comer carne, por ser dia de sábado. Contentaram-se com o pão:

«Sábad'era aquel dia
quand'a comer s'assentavan
d'aquel cervo; mas os oito
que o sábado guardavan
por onrra da Virgen santa,
sol de comer non penssavan
d'aquel cervo, mas comian
pan, qual en guerra conven.»

Mas os outros diziam: comer ou não comer não tira nem põe, numa terra destas. E que aconteceu? De repente, sobrevêm os moiros. Os que tinham comido carne caíram mortos ou ficaram prisioneiros. Pelo contrário, salvaram-se os devotos de S.ta Maria, pois tinham deixado a carne, *por onrra da Virgen santa.*

Alguns doentes passavam a noite de vigília, diante do altar da Virgem. Vimos isso, em S.ta Maria de Évora, na festa da Assunção (cant. CCCXXII). Como agora, gostavam de ir oferecer flores à imagem de Nossa Senhora (cant. CCXLV) e assim fazia o homem de S. Salvador da Torre, na capelinha do adro.

Monsarás, Évora, Odemira, Alenquer, uma ermida sobre um monte, à beira do mar e, sobretudo, S.ta Maria de Terena, são os

([213]) Costumava.

principais centros de romarias de Nossa Senhora, nomeados por Afonso X.

Estes pontos de afluência piedosa não excluíam outros, mesmo para além das fronteiras, como S.ta Maria do Rocamador e S.ta Maria de Puy (cant. CCLXXI). Nas *Cantigas de Santa Maria,* veremos gente portuguesa que recorre às devotas imagens ali veneradas e o mesmo acontece ao *Cancioneiro da Vaticana*, quanto a Rocamador:

«Pero d'Ambroa prometeu de pram
que fosse romeu de sancta Maria,
e acabou assy sa romaria
com'acabou a do flume Jordam;
ca entonce ata Monpylier chegou,
e ora per Ronçavales passou
e tornou se do poio de Roldan.» (n.º 1066)

À igreja de Monsarás andava unida uma romântica e pitoresca história ([214]). Havia lá um templo dedicado a Nossa Senhora e, perto, muitas cabras montesas. Ora, as cabrinhas chegavam e punham-se muito quietas, em frente da igreja, até virem os monges ordenhá-las: «estavan y muy quedas en paz, ta ([215]) que os monges las yan monger». Durou esta maravilha quatro anos, durante os quais «os monges ouveron pera si assaz de leite». Um dia, certo clérigo sandeu furtou um cabrito e comeu-o. E as cabrinhas montesas desarvoraram, para nunca mais. Tal é o tema da cant. LII: *Esta é como Santa Maria fez viir las cabras montesas a Monssarraz et se leixavan ordennar aos monges cada dia.*

Não admira, pois, que os devotos começassem a afluir, vindo *gran romaria de romeus.*

Foi ainda neste lugar que os peregrinos de Nossa Senhora puderam contemplar o milagre da rocha. Era uma pedra enorme. Um dia caiu. Mas, Deus desviou-a para não esmagar a igreja, onde os monges, àquela hora, *cantavan a missa da madre de Deus* (cant. CXIII).

([214]) A propósito de Monsarás, cf. VALMAR, *Estudio sobre las Cantigas,* ed. cit., pp. 151-152; idem, *Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sabio*, t. I, Madrid, 1889, p. LXIX.

([215]) Até.

Nossa Senhora de Terena teve uma vasta projecção nas *Cantigas de Santa Maria.* D. Afonso X dedica-lhe treze cantigas e talvez possuísse alguma cópia do *Livro de Milagres* que lá devia existir. Doutra forma, ser-lhe-ia difícil conhecer tantos casos maravilhosos da igreja de Terena.

J. Leite de Vasconcelos já chamou a atenção para a importância religiosa deste santuário mariano, em que a Virgem *muitos miragres faz.* Defende, mesmo, que o Rei Sábio devia conhecer bem o local, pois chega a falar numa grande azinheira que lá estava ([216]).

Muitos deviam ser os romeiros e ainda maior a fama de Nossa Senhora de Terena, por todo o Alentejo e nas planuras espanholas. Na linguagem de Afonso X, quem quer que lá fosse voltava curado.

«... logo d'aly são
vai, pela sabença
desta Virgen santa
que nos atrevença
dá que a sirvamos
come graciosa.» (cant. CCCXIX)

A Nossa Senhora de Terena vinham muitos doentes de raiva:

«Por todo o mund'ela miragres faz;
mais d'ũa sa casa, cabo Monssarraz,
que chaman Terena, sei ben que assaz
faz muitos miragres a quen y recude.» ([217])

«*Todolos coitados que queren saude*
demanden a Virgen et a ssa vertude.» (cant. CCXXIII)

Ora, D. Mateus *raviou mui forte* e os seus parentes levaram-no a Terena. Não eram só eles. *De todalas terras gentes vëen y* — vão ali gentes de todas as terras. D. Mateus, pois, também para lá partiu e *foi logo são* (cant. CCXXIII).

Na cantiga seguinte ([218]), declara o régio autor terem-lhe afirmado ser santo tal lugar. E porquê? Por S.ta Maria fazer ali

([216]) J. LEITE DE VASCONCELOS, *Santa Maria de Terena nas «Cantigas» de Affonso o Sábio,* Lisboa, 1906. Nota de sete páginas.

([217]) Acode, vai.

([218]) Cant. CCXXIV: *Como Santa Maria de Terena, que é no reino de Portugal, ressuscitou hũa menyna morta.*

numerosos milagres! Falava-se dela muito longe e chegavam romeiros com longas caminhadas.

Em Beja, por exemplo, um *almoxerife del Rey* tinha uma filhinha aleijada. Partiu em peregrinação, mal ouviu falar dos milagres «que faz grandes em Terena» (cant. CCXXIV). Com ele, puseram-se a caminho outros romeiros. E S.ta Maria fez o milagre! À vista disto, *todos loaron a Virgen pura.*

D. Afonso, o Sábio, ainda a propósito dos milagres de Terena torna a dizer que ela «fez muitos et faz cada dia aos que os van buscar» (cant. CCLXXXIII). Mas não estava sòzinho, na sua admiração. Referia o que ouvia *dizer a muitos* (cant. CCLXXV).

Como seriam estas romarias à Senhora de Terena? Muitas vezes, vinha o doente com a família. Ou então peregrinavam *con outra conpanna d'i,* isto é, em companhia de gente do mesmo lugar (cant. CCXXIV). Em cada povoação, ajuntava-se um grupo de romeiros e punham-se todos a caminho. Aparece, também, um aleijado que há quinze anos andava num carrito (cant. CCCXXXIII). Percorrera muitas igrejas, até chegar a Terena, e ali ficara longos meses. Uma noite, chegou da terra dele uma *mui gran romaria.* Fizeram vigília até de manhã e o pobre aleijado curou-se milagrosamente.

As mães dos doentes, principalmente, rezavam e choravam pelo caminho. Assim fazia esta pobre mulher, com a filha atacada de raiva:

«... levou-a correndo
d'aly a Terena,
gran dóo fazendo
et pela carreira
ynd'assi dizendo:

— Virgen de Deus Madre
santa preciosa,
[.....]
Sobr'esta mia filla
mostra ta vertude,
[.....]
Fonte de bondades,
tu lle dá saude;
ca mui bem podes
dar, Virgen fremosa.» (cant. CCCXIX)

E continuou rezando a S.ta Maria de Terena, *chorando muito dos seus olhos.*

A vista da igreja enchia-os de alegria e D. Afonso, o Sábio, conta-nos algumas graças concedidas neste momento. A primeira vem na cant. CCLXXV: *Como Santa Maria de Terena guariú dos freyres do Espital que raviavan.* Eram dois freires raivosos, da Ordem do Hospital, e vinham de Moura para Terena. Atravessaram o Guadiana e um deles subiu a um outeiro, donde lobrigou Nossa Senhora de Terena. E disse logo:

«— Soltáde-me, ca já eu ravia non ey ([219])
ca vejo Santa Maria, et ben sey
que ela me guariú mui ben d'este mal.
[.....]
Mais agua me dade que beva por Deus.» (cant. CCLXXV)

O mesmo aconteceu a uma rapariga espanhola (cant. CCCXIX):

«Tanto que a moça
que era doente
viú a eigreja,
logo mantenente ([220])
foi mui ben guarida.»

Nem admira. Se a Virgem nos livra do fogo do inferno, também pode curar a raiva:

A que nos guarda do gran fog'infernal
sãar nos pode de gran ravia mortal. (cant. CCLXXV)

A Nossa Senhora de Terena ofereciam muitas esmolas em géneros e dinheiro. Nem faltava, certamente, a presença de bastantes ex-votos relativamente frequentes nas narrações dos *Livros de Milagres.*

Acendiam-se círios diante da Virgem de Terena: «cada un d'eles acendeu ant'o altar da Virgen seu estadal», isto é, a sua vela (cant. CCLXXV). Assim fez, igualmente, o pobre aleijado da cant. CCCXXXIII, mal entrou na igreja: *fez fazer candeas logo.*

([219]) Tenho.
([220]) Imediatamente.

Muitos enfermos ficavam aos pés de Nossa Senhora de Terena, para que ela os visse, tivesse pena e os curasse. Um peleiro (*peliteiro*) de Burgos, atravessado com uma agulha na garganta, foi levado a Nossa Senhora de Terena. Na igreja, *ant'o altar o deitaron* (cant. CXCIX). Era um gesto sublime de abandono e confiança, para obrigar a Virgem a ver o desgraçado e a fazer o milagre. E quando um pobre rapaz de Arronches, chamado Bartolomeu, se finou no caminho de Terena, levaram-no, assim morto, à igreja e depuseram-no diante do altar:

«E a tal morto com'era
levaron-o ben assy
dereitament'a Terena
et poseron-o log'y
ant'o altar da mui nobre
Virgen.» (cant. CCCXXXIV)

Aos pés da imagem, rezavam os romeiros, muitas vezes a chorar:

«Jazend'assi na eigreja
sempre gemend'e chorando
à Virgen Santa Maria
et de coraçon rogando
que Il'ouvesse piadade.» (cant. CCCXXXIII)

As orações prolongavam-se pela noite fora, em certas ocasiões, com grande solenidade e concurso de povo:

«Aquela noite fezeron
vegia grand'e onrrada.» (cant. CCCXXXIII)

E também aqui, a maioria das pessoas acabava por adormecer na igreja. Na cura do aleijadinho, que tantos santuários percorrera, no seu carrito, o homem ergueu-se, louvando a gloriosa Senhora. E a gente despertou, ouvindo as suas vozes:

«Et as gentes s'esperataron
todos aquestas vozes.» (cant. CCCXXXIII)

Em tais casos, o rebuliço devia ser grande, com os peregrinos a correr para ver o milagre: *os romeus correron,* diz a cant. CCXXIV,

para contemplar a menina ressuscitada, e deram *graças a Santa Maria.*

As peregrinações envolviam, frequentemente, a ideia de purificação espiritual. O doente rezava na igreja, chorando, também, os seus pecados:

«... et no coraçon gemendo
feramente seus pecados
et sa oraçon fazendo
aa Virgen groriosa.» (cant. CCCXXXIII)

A esta pena de pecados, juntemos os jejuns, rogos e orações, da cant. CXCIX.

Nas ermidas devotas e nos centros de romagem, os peregrinos davam voltas ao redor da igreja. A lenda do mu ou macho, a dar três voltas a Nossa Senhora de Terena, mais não faz do que registar esta devoção religiosa:

«... andou ele muit'agynna ([221])
tres vegadas ([222]) a eigreja
da Virgen santa Reynna
a derredor.» (cant. CCXXVIII)

Faziam-se promessas de dar tal esmola ou tal coisa à Virgem Santa Maria e cumpriam-se: *mui grandes offertas deron* (cant. CCXXIV); *prometendo-lle sas offertas et dões* (cant. CXCIX); *et seu don deron* (cant. CXCVII); *deron y de seus dynneiros et d'eles de seus ganados* (cant. CXCVIII) — uns deram do seu dinheiro, outros dos seus gados. Um romeiro oferece, mesmo, dez porcos, para a Virgem de Terena perdoar ao seu irmão, morto sem cumprir a prometida romaria (cant. CXCVII) Estamos no Alentejo.

Eram tantas as dádivas à Virgem de Terena que os curas das freguesias próximas sentiam sombra desta generosidade dos fiéis. Basta ler a cant. CCLXXXIII: *Como Santa Maria de Terena sãou un clérigo da boca que se lle torcera mui feramente.*

Resume-se no seguinte: Certo padre morava perto da Senhora de Terena. Um dia, pôs-se a pregar ao povo, dizendo ser uma

([221]) Depressa.
([222]) Vezes.

vergonha e uma tolice abandonar a igreja da freguesia para ir fazer promessas à Virgem de Terena e levar lá esmolas. E se algum freguês seu tal coisa fizesse, pela festa de Agosto, que o havia de excomungar. Porém, Nossa Senhora castigou-o.

Desta alusão à festa de Agosto, conclui-se que a grande romagem realizava-se no dia da Assunção da SS.ma Virgem.

Um ermida de Alenquer oferece-nos outro exemplo de clérigos mal humorados: *Como Santa Maria fillou vingança do crérigo que mandou queimar a hermida, et fez-ll'a fazer nova* (cant. CCCXVI).

Levantava-se tal capelinha *alén do rio da vila.* E o tal clérigo chamava-se Martim Alvites ou *don Martyno.* Era trovador e fazia cantigas de escárnio:

«En aquela vila ouve um crérigo trobador,
que sas cantigas fazia d'escarnho mais ca d'amor,
et era daquela vila dũa eigreja prior
et Martin Alvitez nome avia.»

Ainda mais: Martim Alvites, prior de Alenquer, era também amigo do rei D. Sancho: «mui privad'era del rei Don Sancho, en aquel tenpo».

Ora, a Senhora da ermida fazia muitos milagres. Afluíam bastantes romeiros e as ofertas fugiam da igreja de Martim Alvites. O desalmado mandou pôr fogo à capelinha, mas cegou, logo, de ambos os olhos. Bradou, então, por Nossa Senhora, levantou outra ermida a pedra e cal e, ao assistir à missa cantada da SS.ma Virgem, recuperou a luz dos olhos. Desde esse dia, o clérigo-poeta prometeu fazer versos a Nossa Senhora: *des aqui adeante quero já por ti trobar!*

Quanto não daríamos nós pelas cantigas a S.ta Maria deste clérigo arrependido de ter *trovado por outra dona!*

Em Odemira, também Nossa Senhora fazia numerosos milagres:

«Onde, se m'oyr quiserdes,
d'aquesto vos contarei
un miragre mui fremoso
que fez a Madre do Rey

Ihesu-Crist'en Odimira
como vos ora direi,
ú ([223]) ela fez ende muitos
outros en aquel logar.» (cant. CCCXXVII)

Em Évora, na igreja de S.ta Maria, havia um *Livro de Milagres,* bastante grosso (cant. CCCXXXVIII). Curavam-se muitos enfermos, *ardian muitas candeas* e foi lá que S.ta Maria deu vista a um cego.

À beira do mar, muito alto, levantava-se uma capela de Nossa Senhora, com um ermitão a cuidar dela. Que igrejinha seria essa naquela altura, alcandorada sobre o mar? Nossa Senhora da Nazaré? Afonso X não o declara, mas nomeia o lendário ermitão: «El cond'Abran foi aqueste, de mui santa vida» (cant. XCV).

Este conde, continua o Rei Sábio, trocara a Alemanha por Portugal, para viver em sossego, «preto da salgada agua do mar». Lá passou longos e tranquilos anos, *servind'a Santa Maria,* mais os seus romeiros. Para si, deitava cinza no comer, nunca bebia vinho e o peixe que pescava dava-o de graça, sem aceitar dinheiro. Porém, tinha uma pequena hospedaria para os peregrinos da Senhora e *adubava* muito bem a comida que lhes dava, posta em branca toalha — «lles parava mesa en branca toalla».

Um dia, estava ele a pescar à beira do mar. Vieram os piratas mouros e levaram-no consigo. Impossível avançar! O vento não soprava. É que S.ta Maria estava a castigá-los por procederem mal com o seu ermitão. Trouxeram-no novamente para a ermida e os ventos propícios encheram logo as velas. As quilhas fendiam as ondas pelo meio *bem como navalha,* diz o poeta.

A Virgem de Faro, na muralha junto do porta, atraía a devoção dos moçárabes (cant. CLXXXIII), no seu nicho *na riba do mar.* E outras imagens haveria, junto das quais os pescadores do nosso século XIII haviam de rezar e chorar.

Muitos mercadores e marítimos, conhecedores de terras estranhas e acostumados a viajar, recorriam, nos perigos, a S.ta Maria de Rocamador e a Nossa Senhora de Puy. É o que lemos, nas

([223]) Onde.

cantigas CCLXVII e CCLXXI. Nesta última, os marítimos prometem *ayuda pera un cález,* a oferecer a Nossa Senhora de Puy, na França. Porém, mais de que Nossa Senhora da Puy era a Virgem Morena, de Rocamador, que enchia de devoção os peregrinos portugueses.

Muitas romarias havia então, de que os livros de milagres são a crónica humilde e anónima! O homem medieval lembra, constantemente, o *homo viator* de que falavam os teólogos daquele tempo, embora noutro sentido. Os longos caminhos palmilhados pelo *homem-peregrino* tornavam-se bem o símbolo da vida cristã — cada um de nós é o homem que marcha para Deus e, neste mundo efémero, só tem de seu a terra que pisa.

CAP. V

Peregrinações a Nossa Senhora, no séc. XV

MUITAS delas eram anteriores à Monarquia. Havia anos e anos que Nossa Senhora dos Açores, a uma légua de Celorico, atraía as multidões, envolta na sua lenda antiga. Ainda em 1512, lá iam cavaleiros e escudeiros, a cavalo, em vistosa romaria ([224]).

Lembremos um nome humilde do *Cancioneiro da Vaticana* — S.ta Maria das Leiras:

Hyr quer'oj'eu, fremosa de coraçon
por fazer romaria e oraçon
A Santa Maria das Leiras. (n.º 341)

Ao contrário de Afonso Lopes de Baião, Aires Pais prefere S.ta Maria de Leça (n.os 891-892). Outro trovador canta, de boa vontade, os louvores de S.ta Maria do Lago, uma *ermida* onde ele iria de *gram sabor,* mas acompanhado (n.º 893). E a documentação medieval ou, pelo menos, tradições seguras do século XVI, falam-nos de Nossa Senhora da Silva, no Porto, Nossa Senhora de Vendoma, na mesma cidade, S.ta Maria de Cárquere, Nossa Senhora da Franqueira, Nossa Senhora da Abadia ([225]) e outras mais.

O santuário de Cárquere andava envolvido numa lenda já registada numa crónica dos começos de quatrocentos, a propósito de D. Afonso Henriques. Nascera este *com as pernas emcolheytas*

([224]) VITERBO, *Elucidário,* em *Açores.*
([225]) P.e ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA, *Senhora da Abadia,* Barcelos, 1951.

e os *mestres* diziam que não tinha cura. «E quando D. Eguas vio a cryamça tão fermosa e com tal aleyjam, ouve muy grande doo dela. E comfiando em Deos, que lhe podia dar saude, a tomou e a fez criar não com menos amor e cuidado, que se fose muy sam. E jazendo D. Eguas Moniz huma noyte dormindo, semdo ja o menino de çimquo anos, lhe apareçeo Nosa Senhora e dise: *D. Eguas, dormes?* E ele a esta visão e voz acordando dixe: *Senhora, quem sois vos?* E ela dise: *Eu são a Virgem Maria, que te mando que vas a hum tal lugar* — dando lhe loguo synais dele — *e faze hy cavar, e acharás huma igreja, que em outro tempo foy começada em o meu nome, e huma imajem minha. Faze coreger a igreja e a imagem, feyta em minha homra. E ysto feyto, farás hy vegilya, poemdo o menino que cryas sobre o altar, e sabe que guareçerá e será sam de todo; e não menos te trabalha, dahy avante, de ho bem criar e guardar, como fazes, porque meu Filho quer por ele destruir muytos imiguos da fee.* Desapareçida esta visão, fiquou D. Eguas Moniz muy consolado e alegre, como vasalo que com sam e verdadeiro amor amava seu senhor e suas cousas. E tamto que foy menham, alevamtou se loguo, e foy se com jemte aquele lugar, que lhe fora dito. E mandou ahy cavar, e achou aquela igreja e imajem, poemdo em obra todas as cousas que Nosa Senhora mandava. A qual aprouve por sua samta piadade, tanto que o menino foy posto sobre o altar, nada tivera [...]. E por causa deste milagre, foy depois feyto em esta igreja com muyta davasão ho mosteyro de Quarquare» ([226]).

Teriam sido os religiosos deste pequeno mosteiro que forjaram tal lenda ou *ela se forjou a si mesma,* aos poucos, espalhando-a eles, de boa fé, para glória da Senhora de Cárquere? É difícil responder, mas uma coisa é certa: Nossa Senhora de Cárquere tinha os seus devotos, de perto e de longe. O mesmo acontecia a outras *senhoras,* com uma zona de influência espiritual, mais ou menos vasta: S.ta Maria do Bouro, nas asperezas solitárias do Norte de Portugal, S.ta Maria de Pombeiro, Nossa Senhora da Peneda, nas terras maninhas e fragosas do Soajo, a Senhora de Finis Terrae, em Soure, na fronteira da moirama de então, Nossa Senhora da

([226]) *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal,* ed. por C. da Silva Tarouca, t. I, Lisboa, 1952, pp. 12-14.

Insua, exposta às tormentas do mar, numa ilhota marulhante, na foz do rio Minho, Nossa Senhora da Luz, em Pedrógão Grande, Nossa Senhora de Mileu, junto da Guarda — todas elas eram já mais ou menos antigas ao despontar o século XV. Outras foram nascendo, em datas nem sempre bem conhecidas: a Senhora da Franqueira, dos princípios de quatrocentos, aonde o povo ia, com *clamores* e *alvoradas;* a Senhora de Guadalupe, em Santarém, também ela do século XV ([227]).

Se fôssemos a ocupar-nos, miùdamente, de todas estas pequenas e grandes romarias, escreveríamos muito e nada acrescentaríamos de substancialmente novo. Havia-as de todas as espécies, no descampado e nas povoações, na montanha, na monotonia das planuras e à beira-mar.

À volta de 1414, dizia o escrivão Diogo Ferreira que na «Commenda de Cezimbra he hedificada hũa Ermida, a que chamão Santa Maria do Cabo, que he logo ([228]) de grande romagem, e devoçom» ([229]).

Efectivamente, havia *círios* a Nossa Senhora do Cabo — cada ano com a sua freguesia, guardando em si a imagem da Senhora e organizando-lhe a romaria. O nome veio-lhe do lugar onde estava «por finalizar neste ponto a Serra da Arrábida, que entra pelo mar cinço legoas [...]. Chamão-lhe os geografos Cabo de Finis Terrae; e outros o intitulão Cabo de Espichel» (Fr. António da Piedade, *Chrónica da Província da Arrábida,* t. I, Lisboa, 1728, p. 19).

Muito se escreveu já sobre Nossa Senhora do Cabo e as suas peregrinações, entre outros, Frei Luís de Sousa, na *História de S. Domingos,* Frei Agostinho de S.ta Maria, no *Santuário Mariano,* Frei José Pereira de Santana, na *Chrónica dos Carmelitas* e, sobretudo, o arrábido Frei Cláudio da Conceição, na *Memória da prodigiosa imagem da Senhora do Cabo,* Lisboa, 1817. Do mesmo teor e com a data de 1810, vale também a pena ler o ms. 98 da *Pombalina,* na Bibl. Nac. de Lisboa: *Memórias sobre a antigui-*

([227]) Frei Agostinho de Santa Maria, no *Santuário Mariano,* dá-nos mais problemas históricos do que soluções apoiadas em documentos sérios.

([228]) Lugar.

([229]) Fr. José Pereira de Santana, *Chrónica dos Carmelitas,* t. I, Lisboa, 1745, p. 822. Bibl. Nac. de Lisboa, *Pombalina,* ms. 98.

dade das Romarias, e da Romaria do sitio de Nossa Senhora do Cabo, etc. Tradições antigas, alguns versos, receitas e despesas das romarias, capelães, giros dos *círios,* folclore religioso — tudo isto enche as pp. 11 a 207 do manuscrito (pois as restantes 10 primeiras páginas pertencem a Nossa Senhora da Nazaré). Os círios de Nossa Senhora do Cabo vinham já da primeira metade de quatrocentos e vamos dar a ordem do primeiro *giro,* como vem nesta obra anónima (sem pormos a mão na fogo por tudo o que ela diz): 1431, Alcabideche; 1432, Carnaxide (já com confraria da Senhora do Cabo); 1433, Tojalinho; 1434, S. Pedro de Penaferrim; 1435, Belas; 1436, Loures; 1437, Carnide; 1438, Bucelas; 1439, Barcarena; 1440, Sousa; 1441, Unhos; 1442, Tojal; 1443, Oeiras; 1444, Benfica; 1445, S. Domingos de Rana; 1446, S. João das Lampas; 1447, Arranhol; 1448, Montelavar; 1449, Rio do Mouro; 1450, Nossa Senhora da Ajuda; 1451, Cascais; 1452, Odivelas; 1453, S. Martinho de Sintra; 1454, Mafra; 1455, Almargem; 1456, S.to Estêvão das Galés; 1457, Igreja Nova; 1458, Ferrugem; 1459, Fanhões; 1460, S.ta Maria e S. Miguel do *Arrabalde de Cintra* (pp. 85-100). Isto dá-nos uma ideia aproximada da mais forte zona de influência de Nossa Senhora do Cabo.

De S.ta Maria a Redonda, em Celas, «se valião as molheres faltas de leite e offerecião panelas de leite» ([230]).

Assim por diante.

A muitas imagens da SS.ma Virgem o povo atribuía uma origem extraordinária. S.ta Maria da Luz, em Carnide, fora achada por um antigo cativo dos mouros, chamado Pero Martins ([231]), no séc. XV. E um documento de 1489 fala-nos de um tal Diogo Fernandes que prometeu «de fazer hum pè de cera» e levá-lo a Nossa Senhora da Luz. O homem era de Torres Vedras e andava por Castela. Isto dá-nos uma ideia da fama desta Senhora ([232]).

Da peregrinação de S.ta Maria do Espinheiro, escreve Gabriel Pereira a lenda antiga: «Ahi por 1400 um rapazinho pastor achou ali, então o sítio era ermo, uma imagem de Nossa Senhora em

([230]) Fr. Bernardo da Assunção, *Mosteiro de Celas. Índex da Fazenda,* ed. por J. M. Teixeira de Carvalho, Coimbra, 1921, p. 29.

([231]) Cf., por exemplo, Fr. Roque do Soveral, *História do insigne apparecimento de Nossa Senhora da Luz, e suas obras maravilhosas,* Lisboa, 1610.

([232]) Fr. António da Purificação, *Crónica da antiquissima província da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho,* t. 2, Lisboa, 1656, fl. 288 v.

cima dum espinheiro. Correu a notícia, augmentou a fama, e pouco depois (1412) ergueu-se uma ermidinha; duas doações de João Affonso e Leonor Rodrigues, deram importância ao novo sanctuario» ([233]).

Quem poderá fiscalizar, agora, a parte maravilhosa destas histórias? Uma coisa é certa: a existência dessas imagens, com peregrinos, irmandades e doações dos fiéis. E isto é que importa.

Noutros casos, trata-se da história comezinha duma imagem vinda da Flandres, por exemplo. No convento de Nossa Senhora do Mosteiró, puseram os frades menores uma «imagem nova da Santíssima Senhora, porque a sua antiga, dominando com milagres o fogo, e as doenças, quis sujeitar-se às injúrias do tempo [...]. Esta he entalhada em madeira, e assentada em trono com o Minino Jesu na mão direita por scetro, como notei noutras imagens antigas; e vindo da Flandres pelos annos de 1456, sucedeo na virtude dos milagres à primeira» ([234]).

Pescadores e marinheiros faziam promessas a algum santuário da Mãe de Deus. E assim, escreve Zurara que Gil Eanes, Lançarote e outros capitães, de volta da Ilha Tider, mandaram um escravo para se vender, a *Santa Marya da augua da Lupe, hũa ermida que está naquelle termo de Lagos* ([235]).

Era uma devoção entranhadamente medieval andar de igreja em igreja, quase ao modo duma via-sacra. Nuno Álvares tinha alma de peregrino e uma estranha devoção a S.ta Maria sob as suas várias invocações — entre elas Nossa Senhora da Orada (Cf. P.e José Manuel Semedo Azevedo, *Nossa Senhora da Orada*, Faro, 1956). Depois de Aljubarrota, escreve Fernão Lopes, «se foi o conde em romaria a Santa Maria d'Ourem por devoção» ([236]). E ao voltar do Porto, a fim de cercar Moura, dirigiu-se novamente «a Ourem em romaria a Sancta Maria de Ceiça» ([237]).

([233]) Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses. O Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro*, Évora, 1916, p. 5; Bibl. do Escurial, ms. c. III. 3 (letra do final de quinhentos), fls. 378-385 v.: *Antiguidade de S. Maria dospineiro e breve sumario da casa*; Fr. Agostinho de S.ta Maria, *Santuário Mariano*, t. 6, Lisboa, 1716, pp. 12-20, onde aponta mais bibliografia.

([234]) Fr. Manuel da Esperança, *História Seráfica*, t. 2, Lisboa, 1666, p. 441.

([235]) G. E. de Zurara, *Crónica dos feitos de Guiné*, Lisboa, 1940, p. 242.

([236]) *Crónica de D. João I*, P. 2, cap. 46.

([237]) *Crónica do Condestável*, ed. por Mendes dos Remédios, Coimbra, 1911, p. 187.

Encontramo-lo, depois, em Trás-os-Montes, onde «foi-se em romaria a Santa Maria do Azinhoso, em que havia devoção e ouvindo ahi missa, offereceu um firmal que apodavam a gran preço» ([238]).

Nem sempre tais devoções eram folguedos fáceis. Nuno Álvares «se foy de pee e descalço em romaria a Sancta Maria do Açumar hũa legoa de hy, que he hũa ygreja muy devota e todollos seus depos elle. E como chegou aa ygreja achou a cassa della muyto çuja das bestas dos castellaãos, que dentro nella meterom quando per hy passavam. E ante que se apousentasse mandoua limpar, e elle foy o primeyro que ajudou tirar o esterco fora» ([239]). E ao voltar do cerco de Cória, em Castela, «se foy em romaria a sancta Maria do meo que está na Sertaã» ([240]). Ficamos com a impressão de que as suas aventuras guerreiras andavam ìntimamente unidas às peregrinações marianas, talvez para a sua alma descansar um pouco.

Outra igreja que ele gostaria de visitar seria a de Flor de Rosa. Levantou seu pai essa «mui honrrada ygreja de sancta Maria muy devota e em que Deos faz muytos milagres» ([241]). Deus obrava lá «muytos milagros e grandes, e he ygreja de grã romagem e de muytas perdoanças que lhe o dito priol em sua vida ganhou dos padres sanctos de Roma». ([242]).

E aqui temos nós mais um poderoso motivo para as peregrinações: as indulgências dos *padres sanctos de Roma.*

O Mestre de Avis, embora não fosse a sombra de Nuno Álvares, andava mais ou menos pelos mesmos caminhos devotos. Quando chegou a Évora, «foisse de pee em romaria a Samta Maria de Benavilla, que prometera quamdo fora preso» ([243]). Anos mais tarde, já iluminado pela glória das batalhas, estando em Santarém, «ordenou de partir daquella villa por cumprir sua romaria que promettera ante que entrasse á batalha, a qual era que vencendo-a como em Deus tinha esperança, que fosse de pé a Santa Maria de

([238]) *Crónica de D. João I,* P. 2, cap. 70.
([239]) *Crónica do Condestável,* Coimbra, 1911, p. 73.
([240]) *Ib.,* p. 146.
([241]) *Ib.,* p. 2.
([242]) *Ib.,* p. 14. Por ocasião de certas festas, ganhavam-se também indulgências, por exemplo, em S.ts Maria de Tomar, na igreja dos frades pregadores de Santarém, em S. Vicente de Fora, na igreja do mosteiro de Odivelas, etc. Cf. J. dos Santos Abranches, *Suma do Bullario Portuguez,* Coimbra, 1895, n.os 151, 150, 196, 215.
([243]) Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando,* cap. 148.

Oliveira, que era na vila de Guimarães, espaço de quarenta leguas, e ante que de Santarem partisse, ordenou que andassem em sua companhia cem besteiros continuadamente, e dalli levou seu caminho, e chegou ao campo onde houvera a batalha, e ali ouviu missa e fez oração e começou sua romaria e chegou a Leiria [.....] e continuando seu caminho, chegou a Guimarães, onde haviam prometido, onde o receberam com grão procissão clerigos e frades e toda a outra gente, e feita sua oração e offerta deu muitas esmolas e tornou-se ao Porto».

Afonso Peres já escrevera, no séc. XIV (1342-1343), a gesta sagrada da Virgem de Guimarães, no *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira,* e os tabeliães que vieram depois romanceram um pouco os dados de Fernão Lopes, ajuntando-lhes outros. Seguiam, talvez, uma tradição oral e deformada, de raiz vimaranense, que vamos encontrar nas transcrições seiscentistas do *Livro de Milagres,* de Afonso Peres, tendo como centro a Senhora da Oliveira e, personagens principais, D. Afonso Henriques, D. João I e o Infante D. Henrique ([244]).

Um dos maiores centros marianos de Lisboa era a capelinha de Nossa Senhora da Escada. Mesmo a Rainha D. Leonor Teles, «antes que fosse ao paço, foi fazer oração a Santa Maria da Escada» ([245]). No tempo de D. João I, o povo prometeu ir lá em procissão, pelo mês de Maio ([246]). Assim, mal chegou a nova da batalha de Aljubarrota, ordenou-se «uma geral procissão em que foram todos descalços, homens e mulheres e clerigos e frades, e levaram em ella a imagem de S. Jorge, o mais honradamente que ser pode, e assim chegaram a Santa Maria da Escada, onde disseram missa solemne e prégação» ([247]).

([244]) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I,* P. 2, cap. 62; GASPAR ESTAÇO, *Várias antiguidades de Portugal,* Lisboa, 1625, pp. 177-186 (alguma lenda); Arquivo Municipal de Guimarães, em letra de 1620, cód. 1550/A-5-4-65, fls. 96 e ss., na introdução ao *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira*; Arq. da Universidade de Coimbra, doc. 57, cópia de 1645 (*Livro dos Milagres de Nossa Senhora de Guimarães*); o texto do Livro dos Milagres e quase toda a introdução tabeliónica deste último apógrafo foram publicados por MÁRIO MARTINS, S. J., «*O Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira*» *de Afonso Peres,* Guimarães, 1953. Cf., também, Avelino de Jesus da Costa, *Documentos da Colegiada de Guimarães,* Coimbra, 1947, *passim.*

([245]) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Fernando,* cap. 129.

([246]) Idem, *Crónica de D. João I,* P. 1, cap. 41.

([247]) *Ib.,* P. 2, cap. 47.

Finalmente, à hora da morte, transportaram D. João I «com grande acatamento e muita obediencia à capella maior da Sé». E depois de venerar S. Vicente «foi de caminho visitar a igreja de Santa Maria da Escada, que elle, pegada com o mosteiro de S. Domingos, novamente mandou fazer, e em que tinha singular devoção, e depois de se despedir da Imagem de Nossa Senhora e com inteiro conhecimento da sua morte encommendar a ella sua alma, foi levado ao castello donde partira» ([248]).

Também Mestre André Dias, bispo de Mégara, fazia uma procissão «em cada huum dya a sancta Maria da Escada, por rezom da pestelença, que era muy grande sobre a dicta cidade» ([249]).

Outra Senhora de vasta influência era a da Nazaré, sobre as ribas do mar atlântico. Não vale a pena referir a lenda posterior desta imagem, vinda da Palestina para aqueles arrifes desolados ([250]). Fixemos ùnicamente que, pelos meados de quatrocentos, já florescia e esbracejava largamente uma confraria da Senhora da Nazaré, com terras e peregrinos de toda a Estremadura e de mais longe.

Em 1446, a viúva Aldonça Vicente, moradora em Lisboa, na *costa do espital dos palmeiros,* olhando ao *serviço de Deus e salvaçom de sua alma,* doava um casal, na Serra da Pescaria, à «comfraria de nossa senhora de Nazaré, digo a comfraria de ssanta Maria da Nazaret que he no termo da Pederneira» ([251]) — tudo isto «com comdiçam que nenhum clerigo nem porvençia nem senhorio allgum a que a dita ermida de ssanta Maria de Nazaret seja sofraganha nam ajão nada de veer em o dito casal salvo os mordomos e comfradas e comfrades que por tempo da dita comfraria forem».

Próximo de Marvão, nos meados do século XV, corria a fama de Nossa Senhora da Estrela e dos seus milagres — e damos a esta última palavra o sentido lato e popular que ela tinha na Idade-Média. Uma bula de 1448 fala-nos dos quase inumeráveis prodígios da gloriosa Virgem Maria, a Senhora da Estrela: *meritis gloriosæ virginis Mariæ pene innumerabilia miracula* ([252]).

([248]) Rui de Pina, *Crónica de D. Duarte,* cap. 1.

([249]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 74 v.; Mário Martins, S. J., *Laudes e cantigas espirituais, de Mestre André Dias,* Singeverga, 1951, p. 286.

([250]) Cf. Manuel de Brito Alão, *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora de Nazareth,* Lisboa, 1684.

([251]) Bibl. da Casa de Cadaval, em Muge, cód. 789, fl. 16-16 v.

([252]) Fr. Jerónimo de Belém, *Crónica Seráfica dos Algarves,* t. 2, Lisboa, 1756, p. 51.

Entre a Azambuja e o Cartaxo, perto de Aveiras de Cima, temos Nossa Senhora das Virtudes, com o seu conventinho de franciscanos, ao lado. Uma lenda envolve o seu aparecimento aí por 1403: a imagem teria sido achada por um vaqueiro, dentro duma silveira. E um touro prostrou-se, diante dela, de cabeça baixa, sem aguilhão que o pudesse arrancar dali.

Fr. Manuel da Esperança teve nas mãos a documentação do rei D. Duarte, sobre a ermida de Santa Maria das Virtudes: «avento grande devação, e fiuza em a mui Alta Senhora Madre de Deos, da qual por experiencia muitas vezes sentimos, que era nossa singular avogada procurandonos de seu santo Filho largos, e grandes beneficios com abondanças de ricas merces, propuzemos quando com ElRei meu Senhor, e Padre fomos na tomada de Seita, edificar hum moesteiro de S. Francisco na Ermida de Santa Maria das Virtudes».

Junto da ermida, erguia-se o convento. Ao lado, uma casa para o rei. D. Duarte chama-lhe os *Paços da nossa pouzada.* Havia, também, um cemitério, um hospital para os romeiros doentes, um alpendre para eles passarem a noite e terras de cultivo. Um milagre de 1440 tem como testemunhas, precisamente, *Lourenço Pires, Mordomo da Casa, e Vasco Martins, Hospitaleiro.*

«Os Romeiros erão tantos assi neste mesmo dia, como nas outras suas festas, e pela roda do anno, que enchião os caminhos, e por ventura que não ouvesse no Reino romagem mais frequentada», escreve o cronista franciscano, apoiado na documentação de D. Duarte e D. Afonso V. Este último chegou a ordenar que se abrissem seis estalagens, onde pousassem os romeiros. Mas, a vasta multidão amontoava-se nos alpendres, em noites agrestes.

Salvaram-se as narrativas de alguns milagres de Nossa Senhora das Virtudes, no século XV. «Parte delles mandou escrever em hum quaderno o P. Fr. João da Povoa; outros ficaram escritos em alguns livros de coro; muitos foram copiados em taboas e pano, com o painel do pintor; d'alguns davam testemunho as ofertas, em que eram retratados» ([253]).

Vinha gente do Alentejo, da Estremadura, das Beiras, de Ceuta — um pouco de toda a terra portuguesa. O *Livro dos Mila-*

([253]) Fr. Manuel da Esperança, *História Seráfica,* t. 2, Lisboa, 1666, p. 584. Conta ele a história desta peregrinação nas pp. 570-588.

gres dos Mártires de Marrocos, por exemplo, fala-nos de «hũa molher da Beyra que avia nome Catelina Periz e era deminhada», a qual prometera ir a S.ta Maria das Virtudes ([254]).

Graças aos apontamentos do caderno mandado escrever por Fr. João da Póvoa, conhecemos, perfeitamente, o estilo desta romaria, as dádivas dos peregrinos, os nomes dalguns deles e, até, os ex-votos da igreja: «No anno de 1453, a 5 do mez de Março, fizerão os Prelados inventário de tudo, do qual consta que avia no convento dezaseis corpos de prata, huns grandes, outros pequenos; huns em pé, e outros de joelhos; e quasi todos agradecendo favores com as mãos levantadas ao ceo. Sinquo cabeças e duas dellas maiores, que tinhão oferecido o Infante D. João, e Elrei o II deste nome. Tres rostos, hum meio rosto, hũa queixada, dez pares de olhos, hum braço, e quatro mãos, hum dedo, hũa perna, duas canelas, dous pés, e vinte e seis corações. Avia tambem tres naos em memoria d'outras tantas, que por milagre desta Senhora santissima forão livres de naufragios; muitos colares de quem saio de prizões; e duas rodas de S. Caterina, as quaes poderião ser dos que em suas calamidades melhorarão de fortuna. Tudo isto era composto de prata, ao que se ajuntarão dous olhos d'ouro massisso» ([255]).

E no seu testamento, antes de abalar para a expedição de Tânger, o Infante Santo deixou «a Santa Maria das Virtudes duas capas de baldoquy vermelho, com passarinhas azulles» ([256]). Quantos romeiros não levariam à Senhora das Virtudes ofertas piedosas, embora de menos vista que as capas com *passarinhos azuis!*

Os reis, às vezes, peregrinavam a pé. Por volta de 1493, escreve Garcia de Resende, D. João II esteve «muyto doente, e perigoso, e na doença prometeo de hir a pe ao mosteiro de Santo António da Castanheyra, da ordem de Sam Francisco, e tanto que Deos deu saude para o poder fazer cumprio a dita romaria. E com senhores, e fidalgos, e outras pessoas que pera isso escolheo, partio de Torres Vedras hum dia polla manhaã a pe, e foy jantar

([254]) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 4 v.

([255]) Fr. Manuel da Esperança, *História Seráfica,* t. 2, p. 586.

([256]) Fr. João Álvares, *Crónica do Infante Santo D. Fernando,* Coimbra, 1911, p. 141.

a hũa quinta, e dormir a hũa aldea que se chama Riba Fria, junto de Aldea Gavinha [...] e ao terceyro dia foy polla manhaã ao mosteiro com muyta devação sempre a pe, e ahy ouvio Missa, e offereceo esmolas. E dahy se partio ja a cavallo, e foy por o mosteiro de Santa Caterina de Carnota [...]. E em nossa Senhora da Pena elle e a Raynha forão estar onze dias por hũa novena que prometerão, e estiverão muyto sós, porque então a casa era hũa bem pequena hermida, e os que com elle estavão pousavão em tendas que El Rey ahy mandou levar, onde se agasalhavão muyto bem, e a todos se dava de comer em muyta perfeição, e nos onze dias acabada a dita novena el Rey e a Rainha se tornarão a Sintra» (257).

Não foi esta a única romaria de D. João II. Era devoto de Nossa Senhora do Espinheiro e prometeu *mandar forrar o cruzeiro* da sua igreja. E numa das suas andanças pelo reino, ele e a rainha «foram em romaria a São Domingos da Queimada, que está junto de Lamego, com grande devaçam pedir lhe que por seus merecimentos Deos lhe desse filhos dantrambos, que el Rey muyto desejava, e lhe levarão ricas offertas que lhe ofrecerão» (258).

De N.ª Senhora da Conceição de Matozinhos, refere Fr. João da Póvoa que «viinham muitas pessoas dormir aa dicta igreja e fazer suas offerendas, dizendo que Deus e sua madre fezera por ellas muitos milagres e que os gardara de muitos perygos asy per mar como per terra. Depois desto, no anno do Senhor de mil e CCCC e LXXXIIII, morto ja ellrei dom Afonso, veeo a regnar elrrei dom Joam que Deus defenda e garde e foe doente e veeo aa cidade do Porto e com o principe seu filho a pee des o Porto veeo a santa Maria da Concepçom, fazendo sua romaria com muita devoçom» (259).

Em Ceuta, os portugueses rezavam a Nossa Senhora de África, oferecida pelo Infante D. Henrique: «enviei, escreve ele, hũa imagem, assaz devota, de Santa Maria. Mandandolhes poer nome, Santa Maria dAfrica, poendo a dita imagem na dita casa que assi

(257) GARCIA DE RESENDE, *Crónica de D. João II*, cap. 171.

(258) *Ib.*, cap. 50.

(259) *Memórias soltas e inventários do Oratório de S. Clemente das Penhas e do mosteiro de N.ª S.ª da Conceição de Matozinhos, dos séculos XIV e XV*, por FR. JOÃO DA PÓVOA. Ed. por A. de Magalhães de Basto, Porto, 1940, p. 35.

fazerom e ordenarom» ([260]). Escreve o mesmo Infante que ela «faz muytos milagres tendo os devotos christãos que em a dita cidade morão, e outros comarcãos assi dos Reinos de Castella, como do Reino do Algarve, e muitos cativos christãos que jazem em terra de Mouros, em ella muy grande devoçom» ([261]).

Na *Crónica dos feitos de Guiné* ([262]), diz-nos Zurara que o Infante D. Henrique pedira ao Papa *as indulgencias de sancta Maria dAfrica, que he em Cepta.* E ao chegar a esta cidade, com os soldados da expedição de Tânger, «se foram logo directamente á Igreja de Sancta Maria d'Africa onde estiveram em vigilia e devoções a parte d'aquelle dia e noite» ([263]).

Juntamente com a Virgem de Belém, esta Senhora de África, oferecida a Ceuta pelo Infante, vale por um símbolo: a Virgem SS.ma peregrinaria pelo mundo, levada nos barcos portugueses, e as romarias de Nossa Senhora seriam transplantadas para o Ultramar. E como o Infante D. Henrique, qualquer outro romeiro repetiria: «peço a minha Senhora sancta Maria, por sseer Madre de misericordia, que peça a Deus misericordia por mym, que me de salvaçom» ([264]).

Seria longo tratar, aqui, da devoção da Virgem de Rocamador, em Portugal e na Espanha ([265]). Iam lá romeiros de toda a Europa, até de Jerusalém e da Síria, principalmente a partir do século XII. Era a *Virgem morena.*

([260]) AFONSO DE DORNELAS, *Santíssima Virgem d'Africa, Padroeira de Ceuta,* Lisboa, 1924, p. 7.

([261]) *Ibidem.*

([262]) Lisboa, 1949, p. 85.

([263]) RUI DE PINA, *Crónica de D. Duarte,* cap. 21.

([264]) A. J. DIAS DINIS, *O testamento do Infante D. Henrique,* Coimbra 1946, p. 25. Separata de *Biblos,* 21 (1946).

([265]) DE FONTENILLES, *Notre-Dame de Roc-Amadour en Espagne et Portugal,* Cahors, 1896; QUERUBINO LAGOA, *Hospital e albergaria de S.ta Maria de Rocamador*; JOSÉ JÚLIO GONÇALVES COELHO, *Notre Dame de Roc-Amadour en Portugal. Son culte. Hôpitaux et hôtelleries,* Roche-Drive, 1912; JOSÉ MARIA DE CORRAL, *Santa María de Rocamador y la milagrosa salvación de una infanta de Navarra en el siglo XII,* em *Hispania,* 7 (1947), pp. 554-610 (sobretudo o último capítulo: *Nuestra Señora de Rocamador en Portugal*); A. DE MAGALHÃES BASTO, *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto,* t. 1, Porto, 1934, *passim*; nas páginas 318-320 desta obra, o A. põe justamente em dúvida que os irmãos de S.ta María de Rocamador constituíssem uma ordem religiosa (não passavam de uma confraria); VITERBO, em *Elucidário,* em *Roca-Amador,* equivocou-se, neste ponto da ordem religiosa; FERNANDO DA SILVA CORREIA, *Origens e formação das Misericórdias Portuguesas,* Lisboa, 1944, *passim*; etc.

A sua confraria, a favor dos enfermos e peregrinos, espalhou-se por terras de Portugal — Lisboa, Porto, Coimbra, Santarém, Leiria, Torres Vedras, Guimarães, Braga, Chaves, Lamego, etc. Os reis deixavam, quase sempre, alguns morabitinos a S.ta Maria de Rocamador e S.ta Isabel escreveu, no seu testamento: «Item mando aa Sancta Misericordia de Rocamador hũa vestimenta boa, e hum calix con que cante hum clerigo» ([266]).

O povo gostava da *Virgem morena.* Em 1228, D. Pedro Lourenço, consoante o costume da época, deixava dinheiro para quem fosse, por ele, a Jerusalém e acrescentava quatro morabitinos para entregar a S.ta Maria de Rocamador: «Item mando ad Sanctam Mariam Rupis Amatoris quator maravitinos» ([267]). Quanto a S.ta Maria de Braga, ficava com um morabitino e S.ta Maria de Roncesvales recebia dois.

Quem não podia ir a Rocamador, mandava um romeiro *por sua alma.* Assim fez o abade de Cedofeita, Abril Peres, cónego do Porto, por cuja alma dois peregrinos abalaram em longa jornada, um deles para Jerusalém e outro para a *Virgem morena*: «Mando aos meus executores que enviem huum homem aa terra de ultramar e outro a santa Maria de Rocamador em meu aver por alma» ([268]).

Por ocasião da vitória do Salado, a Senhora do Pilar vira os reis vencedores ajoelhados ante o seu altar. Um deles era D. Afonso IV, o Bravo: «forão recebidos com grandes alegrias da cydade [de Sevilha] e com muy solene presysão do Arcebispo e cleresya. E forão deçer em Samta Maria de Pilar, onde depois de darem pela samta e milagrosa vitoria muytas graças e louvores a noso Senhor Jesu Christo e a bemaventurada Virgem Maria, sua madre, se forom apousentar nos paços» ([269]).

E um testamento de 1388 mostra-nos que muitas esmolas e peregrinos se encaminhavam para este e outros santuários marianos de Espanha: «mando que pello meu aver enviem hum homem a Santa Maria de Rocamador que van alo por mim em Romaria e

([266]) A. de Vasconcelos, *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão,* t, 2, Coimbra, 1894, p. 6.

([267]) *Vimaranis Monumenta Historica,* Guimarães, 1908, p. 198.

([268]) *Censual do cabido da Sé do Porto,* Porto, 1924, p. 416.

([269]) *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal,* ed. por C. da Silva Tarouca, t. 2, Lisboa, 1952, p. 348.

mando dizer hũa missa e ponha la hũa candea e hũa obrada por mim e fassa çerto por escritura publica como ala foi. [.....]. Item mando que inviem outro homem a Santa Maria de Serena e a Santa Maria do Pillar de Çivilha e ponhão em estas Romarias senhas Candeas, e senhas obradas e fassão dizer senhas missas a honrra de Santa Maria por mim» (270).

Ao lado da Senhora do Pilar e de Nossa Senhora de Serena, brilhava a Virgem de Guadalupe. Nas suas campanhas militares, Nuno Álvares teve «entençom de hiir em romaria a Sancta Maria da Guadalupe, e leyxou de o fazer porque lhe disserom que seria forçado sua gente fazerem grande danno na terra de Sancta Maria, e deu volta atras» (271). E em 1490, por ocasião da peste, os habitantes de Lisboa «fizerão voto a Nossa Senhora de Guadalupe, se fosse servida interceder diante do Tribunal Divino pola Cidade, e alcançar-lhe saúde, mandarião em nome della a sua sancta Casa hum Romeiro, e com elle hum cirio, que ficasse na Igreja em penhor da humildade e devação, com que se lhe encommendavão. Feito o voto, foi Nosso Senhor servido levantar o mal [.....]. Havendo de hir Romeiro, quiz que fosse um filho desta Ordem; e escolheo ao Mestre Frei Antão de Sancta Maria, que por sua devação fazia o officio de sacristão de Nossa Senhora da Escada, depois de muito velho, e despois de administrados grandes cargos na Ordem. Levou este Padre consigo sinco officiaes cirieiros, que lavrarão o Cirio em Guadalupe de cera branca, e peso de dez quintais» (272).

Também a Princesa S.ta Joana ordenou que um seu capelão fosse a Guadalupe, apenas ela morresse: «comprindo elle ho mandado e voto da dyta Senhora Iffante hiindo aa Romarya a nossa Senhora de Gadalupe, partyndo logo que ho seu corpo foy dado

(270) Cf. A. Vieira Braga, *Curiosidades de Guimarães. Mortórios,* Guimarães, 1942, p. 24.

(271) *Crónica do Condestável,* Coimbra, 1911, p. 133.

(272) Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos,* P. 2, liv. 6, cap. 7. Na Bibl. Nac. de Lisboa, *Fundo Geral,* ms. 74, letra do século xvi e xvii, fls. 1 r.-57 r., vêm muitos milagres feitos a peregrinos portugueses (inclusive da ilha da Madeira), que no primeiro quartel de quinhentos visitaram Nossa Senhora de Guadalupe, em Espanha.

aa terra, e acabada, ditas suas missas e offertas, em se tornando ffaleceo muito santamente» ([273]).

Por seu lado, o *Livro dos Milagres da Senhora de Guadalupe* fala-nos, ainda, de dois mareantes portugueses, salvos das ondas. Lá foram ao santuário *cumprir un voto* e contar o milagre: na tempestade, disseram eles, viram *nuestra señora visyblemente con su hijo* (viram a Nossa Senhora, visìvelmente, com o seu Filho), tal qual a veriam depois, em Guadalupe ([274]).

Estes pobres marítimos, nas suas peregrinações, ombreavam com os grandes do seu tempo, numa irmandade única, diante da Virgem. Basta recordar, entre nós, o rei D. Afonso V que, em 1464, «com alguns senhores e fidalgos escolhidos, secretamente se foi em romaria a Santa Maria de Guadalupe» ([275]). Tal viagem vem mencionada no sobredito *Livro dos Milagres da Senhora de Guadalupe* — um velho códice madrileno dos princípios do século XVI, que nos conta «como fué fallada la ymagen de nuestra señora santa Maria mediante la qual fué fundado este monasterio de Guadalupe».

Conta-nos, pois, este *Livro de Milagres* que D. Afonso V sofria duma *enfermedad de fiebre terciana.* Fizeram-se promessas e rezaram-se orações à Virgem guadalupana e o rei curou-se. E «vyno aquy el mysmo Rey don Alfonso de Portugal a dar muchas gracias a nuestra señora por tanto beneficio e cumplir lo que avia prometido y bolvyose a su reyno com paz y salud» ([276]).

Às vezes, havia almas desprendidas deste mundo, que passavam longos anos ao pé destes lugares abençoados. O Beato Amadeu, pelos meados do século XV, ficou em Guadalupe, com os jerónimos ([277]), e uma certa D. Teresa, de hábito dominicano, mas sem votos, abalou em romaria, a cumprir a promessa de ir a Nossa Senhora de Guadalupe. *A qual hindo, la falleceo,* escreve Margarida Pinheiro ([278]).

([273]) *Crónica da fundação do mosteiro de Jesus, de Aveiro,* ed. por Rocha Madahil, Aveiro, 1939, p. 179.
([274]) Bibl. Nac. de Madrid, cód. 1176, fls. 70-71.
([275]) Rui de Pina, *Crónica de D. Afonso V,* cap. 157.
([276]) Bibl. Nac. de Madrid, cód. 1176, fls. 104-105 (é o milagre 73.º).
([277]) *AA. SS.,* Agosto, dia 10, t. 2, Veneza, 1751, pp. 574-575.
([278]) *Crónica da fundação do mosteiro de Jesus, de Aveiro,* ed. cit., p. 38.

CAP. VI

Peregrinações a S. Tiago de Compostela

À volta do ano de 814, descobriu-se o túmulo de S. Tiago — ou, antes, que se dizia dele — em terras da Galiza ([279]). Deste facto, restam seis documentos mais antigos, a partir de 867, pois as actas de Ordonho I e alguns outros testemunhos não passam de peças apócrifas, quando se referem a S. Tiago.

As peregrinações a Compostela iam encher um dos mais belos capítulos da Idade-Média religiosa.

Enfàticamente, a *Historia Compostellana* coloca, na boca duns embaixadores muçulmanos, todo o espanto causado pelos longos caminhos cheios de romeiros, levados pela fama dos milagres de S. Tiago. Foi isto, diz ela, no tempo da rainha D. Urraca, no primeiro quartel do século XII:

«Os quais [embaixadores], ao caminharem para o Ocidente (pois tinham ouvido dizer que a rainha e o filho dela moravam no território da Galiza) vêem um grande número de peregrinos cris-

([279]) LUCIANO HUIDOBRO y SERNA, *Las peregrinaciones jacobeas*, t. 1, Madrid, 1950, pp. 7-210, trata desta questão e traz várias opiniões, a favor e contra a autenticidade. Mas as suas conclusões não nos parecem exactas. Cf. também, LUÍS VÁSQUEZ DE PARGA, JOSÉ M. LACARRA, JUAN URÍA RÍU, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. 1, Madrid, 1948, pp. 27-36; JUSTO PÉREZ DE URBEL, *Orígenes del culto de Santiago en España*, em *Hispania Sacra*, 5 (1952), pp. 1-31; Idem, *Primeros contactos del Islam com el reino asturiano*, em *Arbor*, 24 (1953), pp. 501-525; SALUSTIANO PORTELA PAZOS, *Orígenes del culto al Apóstol Santiago en España*, em *Arbor*, 25 (1953), pp. 455-471. Nestas obras e trabalhos vem mencionada uma bibliografía enorme que seria impossível carrear para aqui. Nomeá-la-emos quando for necessário.

tãos, que iam e voltavam de S. Tiago, por motivos de oração. Admirados, perguntam a um centurião, chamado Pedro, que era um cristão que os guiava e mantinha em terra cristã e também bastante conhecedor da língua deles:

«— Quem é este, tão grande e valente, a quem inúmeros cristãos de além e de aquém-Pirenéus acorrem, para rezarem junto dele? É tal a multidão dos que vão para lá ou voltam, que a custo nos deixam o caminho desimpedido para o Ocidente.

«Respondeu-lhes: — Este é S. Tiago, Apóstolo de Nosso Senhor e Salvador, irmão do apóstolo João Evangelista e, ambos eles, filhos de Zebedeu; e o seu corpo se conserva sepultado nas terras da Galiza. Veneram-no a Gália e a Inglaterra, a Itália, a Alemanha e todas as províncias cristãs e, sobretudo, a Hispânia, como seu padroeiro e defensor [.....].

«E quando chegaram a Compostela, eles, que dantes se admiravam do que ouviam dizer, ficaram feridos de grande assombro, ao contemplarem a basílica do Apóstolo.

«— Cáspite!, exclamam eles, como sobressai, em glória e nobreza, a casa do vosso Tiago! Aquém e além do Mediterrâneo, nada vimos que se compare a isto. Por Mafoma! Grande glória é a sua se for tão poderoso no céu como honrado é, por vós, na terra! Que protecção dá ele e que auxílio aos que o honram e veneram?

«A isto respondeu o centurião, em língua árabe: — Pelos seus méritos e intercessão, consegue tanto favor de Nosso Senhor Jesus Cristo que, pela misericórdia de Deus, dá vista aos cegos, andar aos coxos, saúde aos leprosos e pessoas atacadas por outros vários géneros de doença. Vem em ajuda e socorro de todos os seus devotos e é poderoso, em milagres sem conto, aquém e além-Pirenéus ([280]).

Efectivamente, a fama de S. Tiago enchia o mundo católico e este hino compostelano reflecte o ecumenismo destas peregrinações:

«Hic Zebedei Iacobus
Maior vocatur et probus,
Qui facit in Gallecia
Miraculorum milia.

([280]) *Historia Compostellana,* liv. 2, cap. 50.

Ad templum cujus splendidum
Cunctorum cosmi climatum
Occurrunt omnes populi
Narrantes laudes domini.

Armeni, Greci, Apuli,
Angli, Galli, Daci, Frisi,
Cuncte gentes, lingue, tribus
Illuc pergunt muneribus.» ([281])

Assim pensava a Idade-Média, ao ouvir falar deste santuário, perdido nos confins do Ocidente.

S. Tiago era o padroeiro da Península Ibérica e, principalmente, da Galécia, o seu guia e pastor — *Yspanie et Gallecie plebis pastor et dux* ([282]). Por isso, o compilador do *Liber Sancti Jacobi* exclama, todo emocionado: «Ó feliz povo da Hispânia e da Galécia, tu que és honrado pelo poder de tão grande Príncipe, não exaltado pela glória da tua bondade mas levantado pelos méritos do glorioso apóstolo! Foi ele que te aformoseou, foi ele que te ornou, foi ele que te fez feliz, foi ele que te honrou!» ([283]). E insiste, mais à frente: *Feliz terra da Galécia que mereceste possuir um tão grande tesouro!* ([284]).

S. Tiago de Compostela tornara-se o entroncamento de todas as nações e de todos os idiomas. Como símbolo desta realidade histórica e religiosa, podemos tomar a *Prosa sancti Iacobi Latinis Grecis et Ebraicis verbis* — Prosa de S. Tiago com palavras latinas, gregas e hebraicas ([285]).

Nasceu uma literatura famosa ([286]) em torno deste santuário de Compostela, sobretudo o *Liber Sancti Jacobi — Codex Calix-*

([281]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, S. Tiago de Compostela, 1944, p. 194 (do texto). A respeito das peregrinações irlandesas, cf., por exemplo, RICHARD HAYES, *Ireland's Links with Compostella*, em *Studies*, 38 (1948), pp. 326-332. Sobre peregrinos holandeses, alemães, ingleses, suecos, franceses, etc., cf. L. VÁSQUEZ DE PARGA, J. M. LACARRA, J. URÍA RÍU, *Las peregrinaciones de Santiago de Compostela*, t. 1, Madrid, 1948, pp. 39-110.

([282]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 187 (do texto).

([283]) *Ib.*, p. 171.

([284]) *Ib.*, p. 173.

([285]) *Ib.*, pp. 221-222.

([286]) L. HUIDOBRO y SERNA, *Las peregrinaciones jacobeas*, t. 1, Madrid, 1950, pp. 387-446.

tinus ([287]), compilado entre 1139 e 1173 ([288]) e refundido depois. Obra complexa de dogma, história, liturgia, moral e propaganda, sob o nome prestigioso do papa Calisto II, o *Liber Sancti Jacobi* é, também, um guia para os peregrinos de Compostela.

Tais páginas haviam de deslumbrar a piedade entusiástica dos leitores medievais. No entanto, o *Liber Sancti Jacobi* não passa duma falsificação literária ([289]) com intuitos de propaganda. Porém, como os seus autores conheciam bem os itinerários de França para Compostela, com todos os santuários que ladeavam estes longos e devotos caminhos! E como as práticas ascéticas dirigidas aos romeiros de S. Tiago põem a nu certos desvios e pecados que se introduziam nestas peregrinações! Só acharíamos mais encantador que, em vez duns nomes pomposos, surgissem as assinaturas humildes dos escribas ou monges, talvez cluniacenses ([290]), que escreveram estas páginas, para glória de S. Tiago, edificação e guia dos peregrinos da Idade Média.

O *Codex Calixtinus* ou *Codex Compostellanus,* editado em 1944, contém cinco livros, e não lhe falta, em verso latino, um *Miraculum Sancti Iacobi de liberatione christianorum et fuga sarracenorum a Portugalia,* datado de 1190 ([291]).

O primeiro livro encerra textos litúrgicos, hinos, prosas e outras peças ritmadas para-litúrgicas. O segundo traz os *Miracula Sancti Jacobi* (*Milagres de S. Tiago*), já publicados pelos bolandistas ([292]). O terceiro conta-nos a *Translatio Sancti Jacobi in Galleciam* (*Trasladação de S. Tiago*). O quarto é a *Historia Karoli magni et Rotolandi* (*História de Carlos Magno e de Roldão*), também chamada crónica do *Pseudo-Turpim* e que pertence ao ciclo carolíngio. O quinto livro intitula-se *Guia do peregrino.*

([287]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus* (estudos e índices), S. Tiago de Compostela, 1944, pp. XIII-XV; P. DAVID, *Études sur le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte,* em *Bulletin des études portugaises,* 10 (1945), pp. 1-41; 11 (1947), pp. 113-185; 12 (1948), pp. 70-223; 13 (1949), pp. 52-104; 15 (1950), pp. 180-193.

([288]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus* (estudos e índices), ed. cit., pp. XXI-XXVI.

([289]) A respeito desta falsificação literária, cf., também, MENÉNDEZ Y PELAYO, *Orígenes de la novela,* t. 1, Santander, 1943, pp. 204-214, e L. V. PARGA, J. M. LACARRA, J. URÍA RÍU, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela,* t. 1, Madrid, 1949, pp. 171-200.

([290]) P. DAVID, *Études sur le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte,* em *Bulletin des études portugaises,* 11 (1946), p. 158.

([291]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., pp. 406-407 (do texto).

([292]) *AA. SS.,* Julho, t. 6, pp. 47-59.

Se a *Historia Turpini* nos interessa mediocremente, já não sucede o mesmo aos onze capítulos do *Guia do peregrino*, com este conteúdo: Dos caminhos de S. Tiago, das jornadas do caminho de Compostela, dos nomes das povoações deste caminho, dos três bons hospitais do mundo, dos nomes dos construtores da estrada de S. Tiago, das águas doces e amargas que há neste caminho, das qualidades das terras e povos, das santas relíquias que se encontram e da paixão de S. Eutrópio, de como é a cidadè e a igreja de S. Tiago, da divisão das oblações do altar de S. Tiago, de como os peregrinos devem ser bem recebidos.

Deixemos o itinerário inglês, em verso, o guia rimado alemão, por Herman Künig von Vach, o *Itinerarium* de William Wey, e ainda outro de Arnold von Harf, etc. ([293]).

Compostela atraía as multidões de todos os países e línguas, que era maravilha, e todos os idiomas e dialectos do tempo louvavam o apóstolo ([294]). Ouviam-se pelos caminhos da Galiza as canções dos povos do sul e dos peregrinos nórdicos, com o seu dialecto romano-germânico:

«*Herru Sanctiagu,*
Got Sanctiagu,
Eultreia, esuseia,
Deus aia nos.» ([295])

Isto é:

«Senhor S. Tiago.
Bom ([296]) S. Tiago,
Eia, mais além,
Eia, mais acima,
Deus ajuda-nos.»

Os peregrinos punham-se em marcha, apesar do medo dos ladrões, das dificuldades das jornadas e, até, da exploração e

([293]) Sobre itinerários e guias compostelanos, cf. L. V. de Parga, J. M. Lacarra, J. Uría Ríu, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. 2, Madrid, 1949, pp. 11-592.

([294]) *Les chansons des pèlerins de Saint-Jacques*, Montauban, 1899, p. 45.

([295]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 401 (do texto).

([296]) *Ibidem* (estudos e índices), pp. LXI-LXII, onde D. Germano Prado traduz *Got* por *divino*. Pierre David prefere *bom*. Cf. *Études sur le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte*, em *Bulletin des études portugaises*, 10 (1945), p. 26, nota 1.

insídias das pequenas hospedarias espalhadas ao longo dos caminhos desertos ([297]).

Vinham escoceses, francos, normandos, teutões, gente das Baleares e da Provença, iberos e *ímpios navarros,* flamengos, alemães, noruegueses, russos, italianos, romeiros de Creta e Jerusalém, búlgaros, gregos, africanos, abissínios e romeiros de terras muçulmanas, diz o *Liber Sancti Jacobi,* com certo exagero retórico, difícil de controlar. Juntam-se em torno do altar, «com velas acesas nas mãos, de modo que toda a igreja resplandece como o sol ou um dia claríssimo. Cada qual faz as suas vigílias, ajuizadamente, em companhia dos seus compatriotas. Uns, tocam cítaras; outros, liras; outros, timbales; outros, flautas; outros, pífaros; outros, trombetas; outros, sambucas; outros, violas [...]. Uns, com cítaras, outros com diversos géneros de música, passam a vigília a cantar. Outros choram os seus pecados. Outros rezam salmos. Outros distribuem esmolas pelos cegos. Ouvem-se, lá, diferentes espécies de línguas, clamores vários dos bárbaros, as falas e cantilenas dos teutões, dos ingleses, dos gregos e das mais tribos e gentes diversas de todas as partes do mundo» ([298]).

Catalães e portugueses, flamengos, alemães, suecos e ingleses, muçulmanos, gente de Dantzig e de Nuremberga, peregrinos da Itália e da Irlanda — de todos estes, pelo menos, há notícias seguras, sem esquecer o nome checo de Schaschek, companheiro de Leão de Rosmithal, da Boémia, e autor de um livro onde conta a viagem à cidade santa da Galiza ([299]).

Alguns peregrinos carregavam ferro ou chumbo para as obras da basílica, outros «fazendo penitência e chorando os pecados, traziam aos ombros barras de ferro e algemas. Tinham sido libertados pelo apóstolo, das prisões dos malvados» ([300]).

Antes de partirem para Compostela, recebiam, na igreja, o bordão de peregrino e uma sacola benta pelo padre. O bordão e o bornal significavam o aperto do jejum e da pobreza (pois no saco pouca coisa podiam levar), a mortificação da carne, a fé na

([297]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., p. 128 (do texto).
([298]) *Ib.,* pp. 147-149.
([299]) L. V. de Parga, J. M. Lacarra, J. Uría Ríu, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela,* t. 1, Madrid, 1948, pp. 89-118. Sobre Schaschek, *ib.,* p. 98.
([300]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., p. 149 (do texto).

SS.ma Trindade e a confissão dos pecados — afirma o *Liber Sancti Jacobi.*

Nem todos aceitariam esta explicação subtil. Ainda assim, partiam de bordão e sacola. E quando voltavam, traziam *crusillas* ou conchinhas, do mesmo modo que os peregrinos da Terra Santa vinham de lá com folhas de palmeira (301). Eram conchas com relevo em forma de dedos de uma mão — *velut digiti manus sculpuntur* — e que os peregrinos coziam às capas, em honra do santo apóstolo. Vendiam-se, também, em Compostela, estas conchas aos peregrinos de S. Tiago — *in quo crusille piscium idem inter signa beati Jacobi venduntur peregrinis*» (302).

Por vezes, traziam consigo grandes búzios com que tocavam (303). Tinham, sobretudo, um fim prático: animar os peregrinos à jornada, reunir os membros do grupo, dar o sinal de partida e indicar a algum, que ficasse para trás, aonde é que se encontravam os companheiros.

Sofriam muito pelo caminho. Os hospedeiros exploravam-nos, diz o *Liber Sancti Jacobi,* enganando-os nos géneros. Vendiam-lhes sidra, em lugar de vinho, e davam-lhes carne e peixe de três dias, de modo que os romeiros chegavam a adoecer. São páginas dignas da nossa *Arte de furtar.* Negavam-lhes água, só para eles comprarem vinho, iam à estrebaria roubar a cevada das cavalgaduras, as camas eram más e as medidas falsificadas (304). Contudo, parece-nos que o *Liber Sancti Jacobi* exagera bastante, na sua antipatia contra os vascongados.

Em Compostela, os cambistas enganavam os romeiros e os logistas vendiam-lhes, por preços exorbitantes, as velas de cera, correias e cintos. Nem faltavam maus clérigos e leigos, vestidos de monges, que saíam, pelos caminhos, ao encontro dos romeiros. Estes confessavam-se aos pseudo-monges e recebiam, por penitência, mandar celebrar um grande número de missas por um sacerdote que tivesse feito o voto de pobreza, que fosse casto e não

(301) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., p. 153. A 5 de Agosto, dia antigo de S. Tiago, ainda os rapazinhos de Londres celebravam, a seu modo, a velha festividade, com grutas de *oyster shells* — conchas de ostras. *The Catholic Encyclopedia,* em *Pilgrimages.*

(302) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., p. 379 (do texto).

(303) Em certas terras de Portugal, os ranchos da azeitona ainda usam estes búzios, de manhã e à noite, para reunir a gente do rancho, etc.

(304) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., pp. 160-171 (do texto).

comesse carne. E os peregrinos entregavam ao pseudo-monge o dinheiro para as missas ([305]).

À beira da estrada, mendigos hipócritas exibiam chagas que não existiam; outros traziam folhas de palmeira, como se foram peregrinos de Jerusalém, e diziam-se doentes; outros fingiam-se aleijados.

No entanto, Deus amaldiçoava quem tratasse mal os romeiros de Compostela ([306]).

Alguns historiadores muçulmanos registaram a importância religiosa das peregrinações compostelanas, tanto mais que os filhos de Mafoma conservavam um certo respeito pelo túmulo de S. Tiago. «Almançor, escreve um deles, chegando, neste tempo, ao mais alto grau de poder e ajudado por Deus, nestas guerras contra os príncipes cristãos, marchou sobre a cidade de S. Tiago, que está situada na Galiza e é o maior santuário cristão, não só da Espanha mas também das regiões adjacentes da grande terra. A igreja desta cidade é para eles o que a Caaba é para nós; invocam-na nos seus juramentos e vão lá em peregrinação dos países mais afastados, de Roma e de mais longe. O sepulcro que lá vão visitar é, pretendem eles, de S. Tiago».

A seguir, vai-nos dizendo que Almançor, em Viseu, juntou ao seu exército muitos nobres cristãos, seus vassalos, e que todos partiram, numa peregrinação sangrenta, a ferro e fogo. Que sentiriam, na alma, estes cristãos de terra portuguesa, ao aproximarem-se do túmulo do apóstolo? Conquistaram a *orgulhosa cidade de S. Tiago,* arrasaram o templo e tudo o mais. *Bendito seja Deus!* exclama o historiador muçulmano. No entanto, Almançor fez respeitar o túmulo de S. Tiago e mandou pôr guardas para o defenderem. Só ficara, ali, um velho monge, assentado ao pé do sepulcro. E Almançor perguntou-lhe «por que se conservava naquele lugar. *É,* respondeu ele, *para honrar S. Tiago.* O vencedor ordenou que o deixassem sossegado» ([307]).

([305]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., p. 164.

([306]) *Ib.,* pp. 387-388.

([307]) *Histoire de l'Afrique et de l'Espagne intitulée Al-Bayano'l-Mogrib,* tr. por E. Fagnan, t. 2, Argel, 1904, pp. 491-495. O título é: *Livro peregrino das galas do Ocidente*; A. Ibn Mohammed Al-Makkari, *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain,* t. 2, tr. de P. Gayangos, Londres, 1840-1843, pp. 195-196.

Nos caminhos que levavam a Compostela, fundavam-se albergarias para os peregrinos e, no final de quatrocentos, o hospital das Caldas da Rainha acolhia, «com o maior carinho, na *Casa dos Peregrinos,* todos os romeiros de passagem que pedissem abrigo, principalmente os que se destinavam a Santiago de Compostela. A todos era dada cama, comida e de beber, uma noite apenas, a não ser aos sábados e vésperas de festas de Nosso Senhor ou Nossa Senhora em que, no caso de já não terem tempo de ir dormir a outro sítio onde pudessem ser agasalhados, teriam abrigo por duas noites» ([308]).

Muitas lendas se espalharam em torno de S. Tiago e da sua trasladação ou pseudo-trasladação. Algumas delas já as regista o *Livro de S. Tiago,* como sonhos e fábulas, diz ele, para meter entre os apócrifos ([309]). Uma delas localizou-se em terra portuguesa. Trata-se do *Milagre das veeiras que aparecerom no cavaleiro,* quando S. Tiago ainda vinha na barca maravilhosa, a caminho da Galiza. Vem escrita em *Os autos dos apostolos* ([310]). Mas, esta obra é a impressão quinhentista do *Segundo livro que fala de todo o feito e de todalas vidas e das paixões dos apostolos,* dos meados de quatrocentos ([311]).

Tanto *Os autos dos apostolos* ([312]), como o *Segundo livro que fala de todo o feito e de todalas vidas e das paixões dos apostolos,* contam-nos, efectivamente, que os discípulos de S. Tiago meteram o seu corpo, num barco, na *riba do mar.* Que nave maravilhosa, *guisada de mastro e de veela e de todo o al que a mester!* «E logo lhes fez huum vento muy manso e muy boo, que os fez correr pelo mar alto muito em paz e muy bem. E quando chegarom dereito de Portugal a huum logar que a nome Bouças, aveo assi que huum ricomem que tinha terra de Gaia casava sa filha com huum filho doutro rico homem, que tiinha da outra parte do Doyro a terra da Maya. E faziam as vodas em Bouças,

([308]) Fernando da Silva Correia, *Origem e formação das misericórdias portuguesas,* Lisboa, 1944, p. 516. Cf., também, o cap. 14, na parte intitulada: *As peregrinações a Santiago de Compostela.*

([309]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., pp. 144-145 (do texto).

([310]) Impressos por Valentim Fernandes, em Lisboa, 1505, por mandado da rainha D. Leonor.

([311]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXII/280, em letra gótica de duas mãos (1442-1443).

([312]) Lisboa, 1505, cap. 49.

que jazem en na Maya, honde era natural o cavaleiro. E a festa e a lidiça era muy grande, e a cavalaria e as donas e a gente muita. E cada huum fazia o que sabia que perteeçia aa voda. E os huuns lançavam ao tavolado, e os outros baffordavam. Mais antre estes que baffordavam, baffordava o noyvo. E aveo assi pera mostrar Deos as sas maravilhas aos que el quer pera ssi, que o noyvo em indo boffordando, o cavalo em que hia tirou pelo freo, e meteo sse com el en no mar. E levou o per so a agua ata dereito da nave hu andava o corpo de Santiago, e ali sayo o cavaleiro a par da nave. E catou sse, e vio o cavalo e a seela e o peitoral e as estribeiras e a lança e os pannos todos cheos de veeyras. E por saber mais daquelo, tirou o sonbeiro ([313]) e catou o, e vio em el outro tal, e foe espantado todo. E quando se vio assi cheo de vieiras, e que veera per so agua sem danno nenhum que ouvesse, e que estava sobre o mar bem como em terra chaã maravilhou sse muito. E estando sse assi maravilhando, vio a par de ssi a nave. E quando vio os homeens ouve ende gram prazer e gram conforto. E disse lhes todalas cousas em como lhe aqueeçerom, e amostrou lhes as veeiras e perguntou lhes que lhes semelhava daquelas cousas que lhes enssinara. E eles disserom: verdadeiramente quer Deos de ti fazer boa çima e Jhesu Christo por este vassalo que aqui trazemos, pera mostrar per el o seu poder a ti e aos que em esta terra som. E ele lhes perguntou per latim muy humildosamente que lhes fezessem entender que era Jhesu Christo e que era o que diziam daquel seu vasalo, e que era o bem que lhe ende poderia viinr. E eles lhe contarom toda a fazenda de Santiago, assi em milagres como en no al, como volo ja contado avemos» ([314]).

E aqui temos uma explicação popular das conchinhas simbólicas que os romeiros de S. Tiago levariam a todo o mundo cristão! E um escritor de setecentos regista o mesmo, num hino antigo da Igreja de Oviedo:

«Cunctis mare cernentibus,
Natus Regis submergitur;
Sed a profundo ducitur,
Totus plenus conchilibus.» ([315])

([313]) Deve ser *sombreiro*.
([314]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXII/280, fl. 132-132 v.
([315]) ANTÓNIO CERQUEIRA PINTO, *História da prodigiosa imagem de Cristo crucificado, que tem o título de Bom Jesus de Bouças*, Lisboa, 1737, pp. 93-96.

Isto é: À vista de todos, o filho do rei afunda-se no mar. Mas, tira-se do pego, todo cheio de conchinhas!

A quadra anterior a esta localizava o milagre em Portucale, na foz do rio Douro, confirmando, desta forma, o códice de Alcobaça:

«Brevi, Calensem, tempore,
Portum pertingit barcula,
Quo Regum recens soboles
Festum pro nuptu peregit.»

Quer dizer: em breve tempo, a barquinha chega a Portucale, onde o jovem filho do rei celebrou a festa do casamento.

Las peregriñaciones a Santiago de Compostela ([316]) também recordam o hino do breviário de Oviedo e acrescentam:

«El milagro se debía narrar ya en la Edad Media, puesto que lo encontramos interpolado en el libro segundo de la versión que fray Juan de Ascona hizo del *Liber Sancti Jacobi* en 1532».

Plenamente de acordo, se atendermos ao *Livro que fala dos Milagres de S. Tiago,* do *Segundo livro que fala de todo o feito e de todalas vidas e das paixões dos apostalos,* em letra de 1442--1443 ([317]). Podemos até pensar que a tal interpolação do milagre das *vieiras* no *Liber Sancti Jacobi,* registada pela versão de Frei Juan de Ascona, também existia no exemplar do *Liber Sancti Jacobi,* de que lançou mão o escritor dos *Autos dos apostolos.*

Embora S. Tiago Maior, entre os apóstolos, viesse logo depois de S. Pedro, como padroeiro das igrejas do norte português ([318]), os chamados *votos de Santiago* nem sempre se cumpriam de bom grado. Eram prestações agrárias em que «todos os lavradores, por cada junta de bois, pagavam os seus votos em determinadas medidas do melhor pão e do melhor vinho» ([319]). Com o tempo, nem

([316]) L. Vázques de Parga, J. M. Lacarra, J. Uría Ríu, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela,* t. 1, Madrid, 1948, p. 132. López Ferreiro também se refere a este hino santiaguista de Oviedo, em *Historia de la iglesia de Santiago,* t. 2, pp. 57-58.

([317]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXII/280.

([318]) Pierre David, *Études Historiques sur la Galice et le Portugal,* Lisboa, 1947, pp. 228-229.

([319]) Alberto Vieira Braga, *Os Votos de Santiago. Artes e Artistas,* Guimarães, 1948, p. 17. José Gaspar de Almeida, *Indice-Roteiro dos chamados livros originais do cartório do Cabido da Sé do Porto,* 1936, pp. 20-23, aponta vários documentos sobre os votos de S. Tiago. Cf., também, Anselm Gordon Biggs, *Diego Gelmirez, first Archbishop of Compostela,* Washington, 1949, pp. 54, 284, 296, 300, 367.

todos estes votos ou vodos chegavam a Compostela. As dioceses «de Braga, Porto e Coimbra foram as que mais fiéis se mantiveram no cumprimento dos votos, e não só pelo encargo estabelecido mais ainda porque atendiam piedosamente à grande fama e esplendor de que gozava, entre o mundo cristão, o Grande Apóstolo ([320]).

A *Crónica Geral de Espanha de 1344* refere-se a esta praxe, num capítulo imaginoso em torno *Da promesa que este rey dom Ramiro fez aa igreja de Sanctiago apostollo*: «chamou ally el rey dom Ramiro os bispos e os abbades que foron com elle em aquella batalha que ouvera con os mouros e ouve seu conselho com elles. E o acordo que ouverom foy este: estabellecerom que, de quantas juntas de bois ouvesse em terra de cristaãos, que dessem de cada hũa senhas meas de pã, como por primicia, aos clerigos que servissem a igreja de Santiago; e outrossi, de vynho, senhas meas de cada moyo; e esto que fosse por sempre. Outrossi estabellecerom ainda pera sempre que, de todallas guaanças que fezessem cavalleiros cristaãos e os outros homeens d'armas em suas hostes e em suas fazendas que ouvessem com mouros, que, daquelle dia en deante, que dessem outrossy aa igreja de Santiago, como em oferta, outro tanto como a huum cavalleiro acontecesse em sua parte da cavalgada que fezessem e da colheita do campo que arrancassem» ([321]). A lenda que faz enraizar os votos de S. Tiago numa aparição do grande Apóstolo a D. Ramiro, procura explicar um facto cujas origens jurídicas não se enxergam claramente. Seja como for, muito dinheiro chegaria a Compostela, não obstante a resistência passiva dos homens! Apesar de tudo, o nosso povo tinha um grande apego ao Apóstolo que os soldados invocavam nas batalhas, ao modo dum Wotan peninsular. E os governantes procediam com igual generosidade. Em 1097, o conde D. Henrique confirmava a igreja de Compostela na posse da Correlhã, em terras de Ponte de Lima, tudo isto à honra do glorioso patrono: *Glorioso et venerabili patrono nostro domno Jacobo cujus corpus tumulatum digna*

([320]) Alberto Vieira Braga, *op. cit.*, p. 17.

([321]) *Crónica Geral de Espanha de 1344*, ed. por Luís Filipe Lindley Cintra, t. 2, Lisboa, 1954, pp. 405-406.

sepultura manet in finibus Amaee ([322]). Ele, D. Henrique, e sua mulher D.ª Teresa tinham vindo venerar S. Tiago e tal facto aparece no documento, posto em relevo: *et nos amore hujus apostoli venientes causa orationis...* ([323]).

Mas Compostela estava ao pé da fronteira portuguesa. Ir lá era certamente maravilhoso, porque grande era o poder do Apóstolo. No entanto, não tinha o sabor da perigosa aventura duma peregrinação à Terra Santa. Isto explica que nos ficasse uma documentação relativamente muito maior acerca das peregrinações portuguesas a Jerusalém. Porém, muito mais gente seguia pelas estradas que levavam a S. Tiago de Compostela.

Eram contínuas as nossas relações piedosas com o famoso santuário de Compostela. Muitos bispos iam lá peregrinar, com longa comitiva de amigos e criados. E o bispo do Porto, D. Hugo († 1156), um dos autores da *Historia Compostelana* viera, mesmo, da cidade santa da Galiza.

O antigo arcediago de Compostela, depois bispo do Porto, havia de voltar à cidade das peregrinações para ver o seu amigo D. Gelmírez e rezar junto do sepulcro do apóstolo ([324]). E foi, ainda, por amor de S. Tiago e da sua igreja, que ele partiu para Roma, disfarçado de mendigo, para não o prenderem ([325]), «envolto em vestidos esfarrapados e pobríssimos [...], ora a cavalo, ora a pé, passava pelas cidades e municípios, ora cego, ora coxo, ora como se tivesse a cara torcida pela paralisia, enganava a perspicácia dos seus inimigos» ([326]). Nada desmentia, neste bispo, o arcediago audaz que ajudara a roubar as relíquias de S. Frutuoso, para glória de Compostela!

Era a S. Tiago que se atribuíam as vitórias contra os moiros. Por isso, vemos o nobre moçárabe Sisenando abalar em peregrinação para a Galiza, após a conquista de Coimbra, em 1064 ([327]).

([322]) *P. M. H., Diplomata et Chartae,* t. 1, p. 515.

([323]) *Ibidem.*

([324]) H. Flórez, *España Sagrada,* t. 21, Madrid, 1766, pp. 61-63.

([325]) *Historia compostelana,* liv. 2, cap. 13: *Quod Portugalensis Episcopus ad Papam Calixtum missus est.*

([326]) *Ibidem.*

([327]) A. de Vasconcelos, *A Catedral de Santa Maria Colimbriense ao principiar o séc. XI, em Revista portuguesa de história,* 1 (1941), p. 120.

Mais tarde, vieram as vitórias de D. Afonso Henriques e do seu filho D. Sancho, este último na batalha de Sevilha. E os peregrinos portugueses de Compostela gostariam de ouvir ler, em verso latino, o *Milagre de S. Tiago, da libertação dos cristãos e da fuga dos sarracenos, de Portugal.* Lia-se na festa dos milagres de S. Tiago, a 2 de Outubro:

«Miraculum Sancti Jacobi de liberatione christianorum et fuga sarracenorum a Portugalia. Hic legendus in festo miraculorum Sancti Jacobi V nonas Octobris

Lectio I.

Ecce Dei redeunt magnalia cum Machabeis,
Et veterum signa celitus adveniunt.
Gens Agarena perit et justa triumphat ubique,
Rege sub Alfonso Miramirin cecidit.
Rex quoque Sancius est sancti Jacobi in famulatu,
Ut patet, ante suus fidus amicus erat.
Regia jam virtus et vasallia fidelis,
Que sancti Jacobi est, regna tenet gemina.
Recta fides, filius regni, regit altera sceptra,
Hyspalis ad Palmam est regis itura manus.» ([328])

A gente humilde não se afastava dos caminhos compostelanos, a ponto de o povo afirmar séculos e séculos depois: *quem não vai a S. Tiago em vida, irá depois de morto.* Ou então, como reza a cantiga:

«S. Tiago da Galiza
É um cavaleiro forte.
Quem lá não for em vida
Há-de ir lá depois da morte.»

E como testemunho da profunda influência das peregrinações compostelanas na alma portuguesa, temos estes versos de um romance transmontano:

([328]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., pp. 406-407.

«A gritar vai uma alma,
a gritar que se perdia,
a caminho de Sant'Iago
a cumprir a romaria.» (329)

Também os nossos trovadores se referem à romaria de S. Tiago da Galiza:

«Por fazer romaria pug'en meu coraçon
ir a Santiagu un dia por fazer oraçon.» (330)

E o clérigo Airas Nunes, em busca da verdade, foi ter a Compostela, depois de andar a procurá-la pelos mosteiros. Também a não encontrou na cidade do apóstolo:

«Em Santyago seend'albeergado
em mha pousada chegarom romeus,
preguntey-os e disserom: Par Deus,
muyto levadel-o caminho errado;
cá se verdade quiserdes achar
outro caminho convem a buscar,
ca nom sabem aqui d'ela mandado.» (331)

S. Tiago era o patrono da Península Ibérica e, também, de cada um de nós. Por isso, a ele recorriam as almas namoradas, para que lhes trouxesse a pessoa amada:

«Ay, Santiago, padron sabido,
vós m'adugades o meu amigo;
[.....]
Ay, Santiago, padron provado,
vós m'adugades o meu amado.» (332)

Do século XV, ficaram-nos restos dum cântico em honra de S. Tiago — o cavaleiro que, na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, os soldados do rei Ramiro puderam contemplar, no meio da bata-

(329) F. A. MARTINS, *Folklore do concelho de Vinhais*, t. 1, Coimbra, 1928, p. 152.
(330) *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 265.
(331) *Ib.*, n.º 455.
(332) *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 429.

lha, «em cavallo branco com hũa signa branca e grande espada reluzente en na maão» ([333]):

«Apostolo Santiago
cavaleiro muito honrado,
antre os mouros
muy esforçado...» ([334])

Finalmente, temos ainda o *Vilançete que fez Pero de Sousa quando el rrey nosso señor veo de Santyaguo, que fez o sengular momo em Santos, o qual vilançete hyam cantando diante do entremes, e carro em que hya Santiaguo*:

«Alta rraynha senhora,
Santyaguo por nos ora.

Partymos de Portugual
catar cura a nosso mal.» ([335])

Iam a Compostela, por simples devoção, para salvar a alma, para ganhar as indulgências e, também, em penitência imposta pelo confessor. Outros peregrinavam por causa dalgum defunto.

De facto, em 1263, João Diogo, de Guimarães, mandou um homem por sua alma a S. Tiago da Galiza ([336]). Em 1328, ordenava outro testador: *mando a quem vá por mim a São Tiago de Galiza hum maravidi e meyo* ([337]).

Sessenta anos mais tarde, outro vimaranense exigia o mesmo e escrevia: «mando que pello meu haver inviem outro homem a São Thiago da Galiza, e mandem alo dizer outra missa e ponhão hi outra candea e obrada por mim» ([338]).

De Nuno Álvares Pereira, escreve Fernão Lopes na sua *Crónica de D. João I*: «cuidou o conde em sua vontade de ir em romaria a Santiago de Galliza» ([339]).

([333]) Ed. cit., t. 2, p. 404.
([334]) *Cancioneiro da Ajuda*, ed. por C. Michaelis de Vasconcelos, t. 2, Halle, 1904, p. 827.
([335]) Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*, t. 5, Coimbra, 1917, p. 102.
([336]) A. Vieira Braga, *Curiosidades de Guimarães. Mortórios*, Guimarães, 1942, p. 16.
([337]) *Ib.*, p. 19.
([338]) *Ib.*, p. 24.
([339]) P. 2, cap. 5.

Mais tarde, no tempo de D. Afonso V, encontramos uma peregrina ilustre, na pessoa de D.ª Filipa, tia da princesa D.ª Joana. Escreve Sor Margarida Pinheira que ela, tendo prometido «ir ao jubyleu de Sanctiago que esse meesmo anno era e corria, determynou partyr e ir logo com toda sua gente que trazia. E assynado ho dia e espidindo sse hũa Senhora da outra, partyo sse pera sua Romarya» ([340]).

Inútil seguir a marcha histórica destas peregrinações compostelanas que partiam de terra portuguesa. Registamos, apenas, a de S.ta Isabel, na primeira metade do século XIV, em 1325. Conta-nos esta romaria o *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel*:

«E, ante que se comprisse o ano do dia do passamento delrey, começou esta rainha caminho, sem o dando a entender, pera ir aa eigreja em romaria u jaz o corpo de Santiago apostolo. E assi calou pera u ia que os de sa companha per alguuns dias que nom entendiam a que partes ir queria, atá que nom chegou acerca de Santiago a uum logar que é alongado da vila per ũa legoa, onde parecia a eigreja. Foi de pee com gram devoçom até a eigreja de Santiago, e esto era no mes de julho, ante a festa de Santiago por dias, e teve ali a festa. E em no dia da festa, dizendo o arcebispo missa, ofereceu esta rainha ao apostolo Santiago a mais nobre coroa que ela avia com muitas pedras preciosas, e os mais nobres e melhores panos, apostados com muito aljoufar, pedras ricas e penas, que em vivendo com elrey, seu marido, vestira, e avia ũa mui fremosa e de gram valia, cuberta das mais ricas sueiras, que diziam aqueles que ali eram, que nunqua veer podessem rainha, nem outra senhora tam nobres cousas oferecer, e a mua que era enfreada de huum freo que nom era senom ouro e prata e pedras preciosas. E ofereceo i uuns panos d'ondas, de geebe rosado com sinais de Portugal e de Aragom, em que andava muito aljoufar, e ofereceo copas mui nobres e mui bem lavradas, por que ela em tempo delrey bevia. E tragia feitas capas, ũa vestimenta com almatica pera diacono e com todo comprimento mui nobre e rico e mui boom e oferecia ao apostolo Santiago, e do seu aver fez

([340]) *Crónica da fundação do mosteiro de Jesus, de Aveiro*, ed. por Rocha Madahil, Aveiro, 1939, p. 151.

outrosi grandes ofertas e esmolas de guisa que diziam os da eigreja de Santiago que ali erom que [nom] era [em] memoria de omeens em aquel tempo que tam nobre e tam rica oferta a nenhũa pessoa viissem dar aa eigreja de Santiago. E, comprida sa romaria, o arcebispo da eigreja deu aa rainha uum bordom e esportela, pera per o bordom e esportela parecer romeira de Santiago, e tornou-se pera Portugal» (341).

Esta descrição do século XIV mostra-nos, em grande estilo, o que muitos romeiros e peregrinos pobres fariam em ponto pequeno (342).

O *Liber Sancti Jacobi* exige dos romeiros arrependimento dos pecados e uma boa confissão (343). A vigília do santo apóstolo celebrava-se «com confissões e velas de cera acesas, durante a noite», pois não bastava varrer e limpar a basílica e pôr vestidos novos. Era também preciso «lavar os corações pela penitência recebida dos sacerdotes» (344).

Partiam para Compostela pecadores que os sacerdotes lá mandavam, por causa da enormidade dos seus pecados (345). E a bênção da esportela lembrava, exactamente, o sentido penitencial da peregrinação: *Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, recebe esta esportela, distintivo da tua peregrinação para que, emendado e bem repreendido, mereças a morada de S. Tiago, para onde desejas partir e, terminada a tua viagem, voltes para o meio de nós, salvo e alegremente, com a ajuda de Deus que vive e reina pelos séculos dos séculos* (346).

Quando voltavam para a terra, traziam consigo várias recordações. Florescia, então, a arte dos *azabacheros,* como dizem os castelhanos, isto é, *azevicheiros,* que chegaram a formar um grémio em S. Tiago da Galiza (347). Esculturavam pequenas imagens negras

(341) *Vida e milagres de Dona Isabel* (texto do século XIV), Coimbra, 1921, pp. 51-53.

(342) Acerca de S. Tiago da Galiza em Portugal, cf., também, ALBERTO VIEIRA BRAGA, *Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal,* Guimarães, 1948. Sobre os votos de S. Tiago de Compostela, cf. LUCIANO HUIDOBRO Y SERNA, *Las peregrinaciones jacobeas,* t. 1, Madrid, 1950, pp. 447-481.

(343) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus,* ed. cit., p. 57 (do texto).

(344) *Ib.,* pp. 15-16.

(345) *Ib.,* pp. 262-263.

(346) *Ib.,* p. 152.

(347) L. MÁIZ ELEIZEGUI, *El Apostol Santiago y el arte jacobeo,* Madrid, 1944, pp. 149-150 e as estampas do fim, com fotografias desses *azeviches.*

de azeviche, representando S. Tiago a pé ou a cavalo, com a conchinha simbólica no seu chapéu de romeiro. Ao lado, com umas contas ou um bordão de peregrino, ajoelhava-se um ou dois peregrinos minúsculos, a rezar ao patrono das Espanhas.

Os romeiros espalharam estas imagens pelo mundo católico e a elas devem referir-se estes versos populares:

«Se vais a Santiago,
compra-me um Santiaguinho,
não mo compres grande,
seja pequenino.» ([348]).

([348]) *Cancioneiro da Ajuda*, ed. de C. M. de Vasconcelos, t. 2, Halle, 1904, p. 828, num estudo da ilustre professora alemã.

CAP. VII

Peregrinações a Roma e à Terra Santa

PARA falar a rigor, os peregrinos dividiam-se em dois grupos: 1.º – peregrinos pròpriamente ditos, que iam de romaria a um ou mais santuários e que, depois, voltavam às antigas ocupações ([349]); 2.º – *palmeiros* ou *palmeirins,* sempre a caminhar de santuário em santuário, a vida inteira. Estes eram os profissionais da peregrinação, quer por gosto, quer por penitência. Denominavam-se *palmers,* em inglês; *palmieri,* em italiano; *palmeros*, em castelhano; *palmarii, palmati, palmares,* em latim bárbaro.

Este rigor de significação brevemente perdeu a sua força primitiva. *Palmeiro* tornou-se, sobretudo, o peregrino da Terra Santa, por trazer de lá uma palma. Conforme reza o *Roman de Blanchandin*:

> «Et de Jerusalem venons,
> Vez les paumes que nos portons.» ([350])

Também o *Liber Sancti Jacobi* explica que os que *voltam de Jerusalém trazem palmas,* do mesmo modo que os peregrinos de Compostela trazem conchas ([351]).

O *Indiculum fundationis Monasterii S. Vincentii* fala-nos deste costume quando se refere ao cavaleiro Henrique: *Nam palma, more peregriñorum ad scapulas Iherosolimis allata, secumque in*

([349]) L. D. AGATE, *Pilgrimage* (*Christian*), em *Encyclopaedia of religion and ethics*, t. 10, p. 18.
([350]) DU CANGE, *Glossarium,* em *Palmarius*.
([351]) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 153 (do texto).

sepulcro ad caput deposita, parvo post tempore revirescens ascendit de terra ([352]). Quer dizer: Com efeito, uma palma trazida de Jerusalém, aos ombros, conforme o costume dos peregrinos, e posta com ele, à cabeceira do sepulcro, reverdecendo pouco depois, ergueu-se da terra. Ou, como traduz a *Cronica da fundaçam do moesteyro de Sam Vicente* ([353]), «na cabeceyra do moymento do dito cavaleyro se levantou hũa palma semelhavil a esta que tragem os romeus que vam em Jerusalem. E levantada assi esta palma começou denverdecer», etc.

No entanto, *palmeiro* nem sempre nos parece um nome exclusivo dos peregrinos da Terra Santa. Em Lisboa e no Porto, havia hospitais de *palmeiros,* onde se recolhiam os peregrinos. Não podemos pensar que os fundadores destes albergues, ao falarem de palmeiros, se referissem, ùnicamente, a romeiros da Palestina.

Antes de 1212, Pedro Escuro fundou, em Santarém, o Hospital de Rocamador e Palmeiros ([354]). No século XIV, os peregrinos ingleses levantaram, em Cacilhas, a Casa dos Palmeiros, ainda existente em meados de quinhentos e destinada a *agasalhar os peregrinos* ([355]): «Nos tempos passados, escreve o autor quinhentista, vierão a este reyno os ingleses romeiros e chegando a Cacilhas, lugar dalem pegado com o mar, não acharam gasalhado, e vindo a esta cidade acharam a mesma falta. Espantados muyto de em tão nobre cidade não aver gasalhado para os peregrinos determinarão fazer aas suas custas dous espritaes hum no mesmo lugar de Cacilhas e o outro na cidade». Era o *Sprital dos Palmeiros.* E pelo país fora, surgem-nos nomes em que a palavra palmeiro talvez nos fale da Terra Santa — qualquer peregrino que de lá voltou e deu o nome a um casal ou a um pequeno lugar: Casal dos Palmeiros, Palmeiro ou Quinta do Palmeiro, em Arruda dos Vinhos, Monte do Palmeiro e Horta do Palmeiro, no concelho de Estremoz, Palmeiro ou Casal do Palmeiro, na freguesia de S. Pedro da Cadeira, em Torres Vedras, Palmeiro, lugar da freguesia da Lage (Vila Verde), Palmeiro de Fora, na freguesia de S. João dos

([352]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, p. 92.

([353]) Ed. de 1873, p. 37.

([354]) F. DA SILVA CORREIA, *Origens e formação das misericórdias portuguesas,* Lisboa, 1944, p. 342.

([355]) CRISTÓVÃO RODRIGUES DE OLIVEIRA, *Sumário em que brevemente se contam algumas cousas que há na cidade de Lisboa,* Lisboa, 1938, p. 55.

Montes (Vila Franca de Xira), Palmeiros ou Monte dos Palmeiros, em Orada (Borba), Palmeiros ou Horta dos Palmeiros, no mesmo lugar, Palmeiros, em Montelavar (Sintra), Palmeiros de Cima, para os lados da Batalha, etc.

Romeiros eram os que iam ou vinham de Roma. Contudo, já na nossa literatura de quatrocentos, chamam-se também romeiros aos peregrinos de Jerusalém e da Terra Santa. *Os autos dos apostolos* falam-nos em *romeus* de S. Tiago (caps. 58, 59, 66, 71, etc.). A rainha S.ta Isabel foi em *romaria* a S. Tiago e o arcebispo de Compostela deu-lhe bordão e esportela, para ela *parecer romeira de S. Tiago* (356). E a *Cronica da fundaçam do moesteyro de Sam Vicente* refere-se, como já vimos, aos *romeus que vam em Jerusalem* (357).

Empregaremos, pois, a palavra romeiro na significação lata de peregrino.

Roma, cabeça da Igreja, cidade dos mártires e das catacumbas, continuava a ser o centro da piedade peregrinante, nas suas andanças pelo vasto mundo católico. Muitos nobres, eclesiásticos e gente pia, aproveitavam a ocasião para resolver os mil negócios espirituais e temporais dependentes da Santa Sé.

S. Geraldo († 1108), arcebispo de Braga, foi a Roma, no tempo de Pascoal II (358). Hugo, bispo do Porto, também partiu para a cidade dos Papas. Maurício Burdino, arcebispo bracarense, trouxe relíquias da Cidade Eterna. A arcediago D. Telo, no século XII, também para lá se dirigiu. Era em Roma que batia o coração da Cristandade.

A ida dos romeiros alongava-se, pelos séculos fora. Quem não ia, enviava esmolas *por sua alma,* como então se dizia. O bispo de Lisboa, D. Domingos Anes Jardo († 1294), ordenou que fossem por ele «dous peregrinos à cidade de Roma, onde estarám duas quarentenas, e visitarám as estaçoens acostumadas, para que ganhem por minha alma as indulgencias, que ali são concedidas, para o que deixamos quinhentas livras» (359). Por seu lado, con-

(356) *Vida e milagres de Dona Isabel* (texto do século XIV), Coimbra, 1921, pp. 51-53.

(357) Ed. de 1873, p. 37.

(358) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, p. 54.

(359) D. RODRIGO DA CUNHA, *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa,* Lisboa, 1642, p. 207.

tam-nos as *Crónicas dos Sete Reis* que o rei Dom Dinis «hordenou que houtro boom homem e de boa vyda fose estar em Roma duas coremtenas, em que por ele amdase todalas estações em que se guanham as emdulgemçyas» ([360]).

Em 1367, D. Guiomar de Lisboa, ao comprar uma casa, em Roma, para alargamento do Hospital de Belém, refere-se aos palmeiros portugueses (*palmeriorum de Portugallo*), na Cidade Eterna ([361]). Ela mesmo estava em contacto com os peregrinos.

«Como dizem vários autores, quase traduzindo do já citado Butius, *D. Guiomar viu na visita às basílicas muitas pobres mulheres portuguesas peregrinando quase perdidas, sem terem onde se alojar, o que tocando a sua compaixão... a levou a, com largas esmolas, instituir um hospital com muitas camas para uso das pobres mulheres da sua nação que viessem visitar os lugares santos de Roma*» ([362]).

Por seu lado, o Hospital do Cardeal D. Antão, conforme diz um documento de 1467, destinava-se a receber portugueses pobres (*pro suscipiendis pauperibus Christi dictæ nationis Portugalensis*), muitos deles peregrinos ([363]). E o cardeal D. Jorge da Costa, em 1486, nos Estatutos da Igreja e Hospital de S. António dos Portugueses, ordenava que os romeiros seus compatriotas ficassem com hospedagem para dois meses ([364]).

Giannozzo Manetti, no jubileu de 1450, entre as multidões de várias terras, nomeia os portugueses ([365]). E no túmulo de S. Pedro, encontrou-se, ainda, uma moeda portuguesa da Idade Média ([366]), no meio de tantas outras que os peregrinos, devotamente, ofereciam ao Santo.

Quanto às peregrinações do *Ultramar* ou Terra Santa, vinham de longe. Podíamos citar o nome famoso da freira Egéria, Eithé-

([360]) *Crónicas dos sete primeiros reis de Portugal*, ed. por Carlos da Silva Tarouca, t. 2, Lisboa, 1952, p. 137.

([361]) Miguel de Almeida Paile, *Santo António dos Portugueses em Roma*, t. 1, Lisboa, 1951, p. 319.

([362]) *Ib.*, p. 50.

([363]) *Ib.*, p. 334.

([364]) *Ib.*, p. 346.

([365]) Mário Romani, *Pellegrini e viaggiatori nell'economia di Roma dal* XIV *al* XVII *secolo*, Milão, 1948, p. 8.

([366]) *Esplorazioni sotto confessione di San Pietro in Vaticano*, t. 2, Cidade do Vaticano, 1951, estampa 102.

ria, Aeithéria, Ethéria, que tantas são as formas do nome desta peregrina, nos vários manuscritos ([367]).

No século IV, partiu ela da antiga Galécia para o Oriente, numa viagem a todos os títulos célebre, tanto pelo *Itinerarium* ou *Peregrinatio* da sua autoria, como pelo resumo que dela publicou S. Valério de Bierzo, em forma de epístola: *Vita et epistola Beatissime Egerie laude conscripta fratrum bergidensium monachorum a Valerio conlata* ([368]).

Nasceu na extrema costa do mar ocidental — *extremo occidui Oceani littore exorta* ([369]), na faixa norte. De facto, S. Valério determina, geogràficamente, essa região, como ponto de partida — *hujus occiduae plagae,* desta plaga ocidental. Ora, *esta* costa ocidental lembra-nos que S. Valério escrevia nas montanhas do Bierzo e para os monges que lá viviam. Banhadas pelo rio Sil, afluente do rio Minho, numa época sem fronteiras entre Portugal e Espanha, as serranias de Bierzo, de que nos fala o monge Valério, não chegam para determinar, com mais exactidão, a origem da peregrina Egéria.

Esta freira andarilha e da alta sociedade, decerto que não peregrinou sòzinha, por caminhos de segurança duvidosa. Com ela, também outras mulheres estiveram em Jerusalém, no Monte Sinai, na Tebaida e em Constantinopla.

Nos princípios do século V, dois peregrinos de Braga, com o nome de Avito, espalhavam doutrinas avariadas, entre os seus patrícios. Um deles voltara de Roma e o outro regressara de Jerusalém, chegando a Braga antes do mês de Outubro de 409. Com eles, pregava um bispo grego, Basílio ([370]).

O cronista Idácio († c. 470), bispo de Chaves, foi outro romeiro da Palestina. S. Bráulio mete-o entre as glórias da costa ocidental ([371]) e o próprio Idácio conta-nos que, tendo ainda catorze anos, partiu em peregrinação à Terra Santa, levado pelos pais ou pessoas de família. Nunca se esqueceu de S. Jerónimo *ao qual* ([372]) *estou*

([367]) J. Garcia Villada, *Egeria ou Aetheria?,* em *Analecta Bollandiana,* 30 (1911), pp. 444-447.
([368]) S. Valério, *Obras,* ed. R. Fernández Pousa, Madrid, 1942, pp. 100-109.
([369]) *Ib.,* pp. 101-102.
([370]) H. Flórez, *España Sagrada,* t. 15, Madrid, 1787, pp. 311-316.
([371]) José Madoz, *Epistolario de S. Braulio de Zaragoza,* Madrid, 1941, p. 205.
([372]) Migne, *PL.,* t. 51, cols. 873-874.

certo de ter visto outrora, na minha infância, quando eu peregrinava pelas sobreditas regiões (da Palestina). E foi, ainda, na Palestina, que ele conheceu o bispo João, «com os santos Eulógio, Teófilo e Jerónimo». A todos viu Idácio, quando ainda não passava de um rapazinho estudante (*infantulus et pupillus*).

Por seu lado, o bracarense Paulo Orósio, contemporâneo e discípulo de S. Agostinho, fugiu dos bárbaros, na Galécia, passou a África e foi, por fim, parar à Terra Santa. Esteve em Belém, onde visitaria, seguramente, a grutazinha em que o Menino Deus viera ao mundo, e viu Pelágio. Ao abandonar a Palestina, na Primavera de 416, levava, consigo, as relíquias de S. Estêvão.

Paulo Orósio trazia, também, uma longa carta, escrita por um presbítero da Palestina, contando a história do aparecimento das relíquias. Originalmente composta em grego, vertera-a para latim outro peregrino português, Avito. Era um sacerdote da terra bracarense e servira de intérprete a Paulo Orósio, na sua discussão com Pelágio e o bispo de Jerusalém ([373]). S. Martinho Dumiense, filho da Panónia, andara igualmente pela Palestina, antes de arribar às costas de Portugal. Foi isto pelos meados do século VI. Uma centúria mais tarde S. Frutuoso esforçava-se inùtilmente por embarcar para o Oriente. O rei não o deixou partir ([374]).

Finalmente, recordamos o nome antigo de João de Biclara ou Valclara († 621), de família goda, *nativitate gothus,* conforme escreve S. Isidoro ([375]).

Nasceu em Santarém, passou a Constantinopla, ainda muito novo, e por lá ficou dezassete anos. De volta, vinha formado na literatura greco-bisantina e fundou, na Catalunha, um mosteiro de monges, a que deu regra própria ([376]). Teria passado alguma vez pela Terra Santa? S. Isidoro nada nos diz neste sentido. Mas, parece-nos difícil que um homem tão sábio, com dinheiro para ir até Constantinopla e com piedade suficiente para se fazer monge,

([373]) MÁRIO MARTINS, *Correntes da filosofia religiosa em Braga* (sécs. IV-VII), Porto, 1950, pp. 13, 26, 30, 62, 64, 74, 89, 108, 143-147, 150-156, 183-213, etc.; CASIMIRO TORRES, *Las Peregrinaciones de Galicia a Tierra Santa en el siglo V,* Madrid, 1955.

([374]) S. VALÉRIO, *Obras,* ed. por R. Fernández Pousa, Madrid, 1942, pp. 86-87.

([375]) *De viris illustribus,* cap. 44.

([376]) *Ibidem.*

nunca desse uma volta pela Palestina quando outros, menos santos e mais pobres, vinham de mais longe para beijarem a terra de Jesus.

Os séculos foram passando, lentamente. Barcos de peregrinos e de cruzados, ao tocarem nos nossos portos, deixariam entrar uma ou outra pessoa para Roma e Terra Santa. As cruzadas conservavam um certo carácter de peregrinação e a crónica de Osberno regista a repreensão austera, mas justa, dada a alguns flamengos que saquearam Lisboa, «com a ganância do alheio, embora sob a aparência de peregrinação e religião» — *sub specie peregrinationis et religionis* (377).

O bispo do Porto dirige-se àqueles rudes guerreiros como se eles fossem romeiros da Terra Santa: Eles, «para alcançarem de Deus um prémio eterno, trocaram por uma feliz peregrinação todas as honras e dignidades» (378). Levavam, consigo, uma ânsia íntima: estar na terra de Cristo. Por isso mesmo é que o prelado portuense lhes adverte, numa reminiscência de S. Jerónimo: «Não vos seduza a pressa da viagem empreendida, pois não é digno de louvor o ter estado em Jerusalém, mas o ter vivido como deve ser, durante esse tempo» (379).

Cada peregrino dispunha, por lei, dum espaço equivalente a sete palmos de comprimento por dois e meio de largo. Isto, teòricamente. Mas os barcos metiam quanta gente podiam, para ganharem mais dinheiro. Dormiam em montões e não faltava gente pobre. O biógrafo de S. Teotónio fala de *alguns peregrinos a quem ele pagou a passagem e dos que levou consigo, alimentando-os por amor de Deus* (380).

Nas peregrinações bem organizadas, entregavam-se à guarda de Deus, na hora da partida, cantando esta oração: «Naveguemos em nome do Senhor para obter a sua graça. Que Ele seja a nossa força e o Santo Sepulcro a nossa salvaguarda. *Kyrie eleison*».

O dia enchia-se com orações, ladainhas, procissões dentro do barco (caso houvesse espaço), rezas diante da imagem de Nossa Senhora, *salve-rainha* cantada, etc. Em horas de temporal, crescia o fervor, como veremos na viagem de S. Teotónio à Palestina.

(377) *Conquista de Lisboa aos Mouros*, Lisboa, 1935, p. 62.
(378) *Ib.*, p. 28.
(379) *Ib.*, p. 33; S. JERÓNIMO, na *Epistola ad Paulinum*, diz: «Non Jerosolymis fuisse, sed Jerosolimis bene vixisse laudandum est.»
(380) *P. M. H., Scriptores*, t. 1, p. 81.

Gritavam a Deus que lhes acudisse, lembravam-lhe que iam à Terra Santa por amor do seu Santo Sepulcro e pediam perdão uns aos outros.

O conde D. Henrique parece ter ido à Palestina, conforme diz o *Livro Preto*: *usque ad venitam Comitis de Jerusalem ubi erat.* Isto é: até à vinda do Conde, de Jerusalém, onde ele estava ([381]). E a *Crónica dos Sete Reis* ([382]) repete a mesma notícia: «E em esta sazom, amdamdo a Era MC e XLI anos, foy ele à Casa Sancta de Jerusalem. E quando de lá veyo, trouxe muytas reliquyas de Santos. Antre as quaes, quamdo chegou por Constamtinopla, soube que avya hi hum braço de S. Lucas Avanjelista. Por sua bondade lho derom». Foi talvez por causa disto que na Idade Média chegou a correr a lenda de o nascimento de D. Afonso Henriques *aver sydo no Ultramar e bautizado no ryo Jurdão* ([383]).

O galego Fernão Peres, seu contemporâneo, partiu duas vezes para a Terra Santa ([384]) e não iria sòzinho.

Por vezes, embarcavam, também, mulheres da alta sociedade medieval, mesmo princesas. Levavam grande séquito de criadas, pagens, damas de companhia e, seguramente, algum monge ou capelão. A dar crédito às *Chronicas breves e memorias avulsas de S. Cruz de Coimbra,* D. Urraca «foy casada com o conde Reymon, e ouveram uma filha per nome dona Sancha, a qual amando a virgindade nunca quis casar. E foyse a Iherusalem em romaria. Estando ella em o hospital do templo servindo a Deus, albergando os pobres e servindo os com caridade, o Senhor lhe quiz fazer tam alta mercee que lhe deu fogo novo em a sua lampada em dia de Spiritu Sancto alumiada pellas maãos dos angos. Esto nom he apocrifo mas cousa muy verdadeyra» ([385]).

Morreu ela em 1157, depois de muito ter peregrinado por S. Tiago de Compostela, Roma e Jerusalém — irmã mais nova da longínqua Egéria, que das costas da Galécia abalou para o Oriente.

([381]) L. GONZAGA DE AZEVEDO, *História de Portugal,* t. 3, Lisboa, 1940, p. 55.

([382]) *Crónica dos sete primeiros reis de Portugal,* ed. por Carlos da Silva Tarouca, t. 1, Lisboa, 1952, p. 15.

([383]) *Ib.,* p. 14; cf., também, *Liber Anniversariorum Ecclesiae Colimbriensis,* t. 1, Coimbra, 1947, p. 205; ALEXANDRE FERREIRA, *Memórias e Notícias Históricas da Célebre Ordem Militar dos Templários na Palestina,* t. 2, Lisboa, 1735, pp. 719-748.

([384]) L. GONZAGA DE AZEVEDO, *História de Portugal,* t. 3, Lisboa, 1940, p. 248.

([385]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, p. 25.

Os homens, evidentemente, tinham maior liberdade de acção e deles saía a maior parte dos peregrinos da Palestina. D. Telo, nos princípios do século XII, foi um destes *palmeiros,* visitando a Terra Santa na companhia de D. Maurício, então bispo de Coimbra: «Rogatus namque cum eo Iherosolimam peciit, per triennium tocius curie et episcopi curam apud se gerens, et cuncta pro suo nutu componens. Ibi cum sanctorum loca prout tante discrecionis vir circumspiciendo visu et gressu pererraret [...] post triennium navigantes apulerunt Bizancium» (386). Quer dizer: «Efectivamente, a seu pedido, dirigiu-se, com ele, para Jerusalém, tendo a seu cuidado, durante três anos, a casa e pessoa do bispo e governando tudo a seu parecer. Lá, como homem de tanta discreção qual ele era, percorrendo os lugares dos santos a pé e reparando em torno de si [...], arribaram por mar a Bizâncio, ao fim de três anos».

No século XVI, Pedro Álvares Nogueira não se afasta, substancialmente, desta narrativa do século XII: «E dizem que sendo [D. Maurício] Bispo desta Cidade foi em romaria a casa santa de Jerusalem onde se deteve tres annos visitando os lugares sagrados, e que dali foi a Cidade de Constantinopla e a outras partes, levando consiguo ao Arcediago dom Tello que fundou o mosteiro de santa Cruz desta Cidade» (387).

A *Vita Tellonis Archidiaconi* conta-nos as preocupações de D. Telo, na Palestina. Como vem numa versão de quatrocentos, «feita por mestre Alvaro da Mota da ordem dos pregadores, o maior leterado da ordem», D. Telo, em Jerusalém, viu «os lugares santos e muitos mosteiros de diversas religioões de viver. E maravilhou sse dom Telo de taaes coussas, e dava muitas santas graças a Deus que as asy ordenara. O quall Senhor Deus he muito alto bem, e quem o tem por sy nom lhe mingoa nem hũa coussa. E estando asy dom Telo em esta contenpraçom veeo a dizer com grande sospiro: *heu me, quia incolatus meus prolonguatus est*: que será de mim, porque a minha morada hé prolonguada. Despois maginou quaaes foram os fundadores de Jerusalem, e disse que foy Christo a cabeça, e os apostolos forom os nenbros, a saber: Pedro e Paulo e outros que foram XII per todos. E quedou dom Telo muito alegre pollos moesteiros e ordenanças que vira

(386) *P. M. H., Scriptores*, t. 1, p. 64, na *Vita Tellonis Archidiaconi.*
(387) *Livro das vidas dos Bispos da Sé de Coimbra,* Coimbra, 1945, pp. 24-25.

dos dictos moesteiros. E notou muy bem quaays erom ofícios dos prepostos, e achou que o preposto deve gardar as voontades dos suditos por exempro e liçom da santa escriptura, porque o lobo emvisivel non ache porta pera emtrar em no curral das ovelhas de Deus e furtar daly alguma ovelha. E ainda mais o preposto deve insynar aos suditos como ham de obedeecer em a obediencia humildosa e devota. Ainda mais aos moços guarda mui estreita, porque a sua idade que he inclinada a mall seria guardada ([388]), e as liçoões e doutrina mui usada e frequentada. Mais emsinar aos maiores sogeiçom devota. Os velhos ajam de soffrer em paciencia dos pequenos com misericordia. Ainda mais deve a insynar o preposto caridade mui amavell. Todas estas cousas notou don Telo nos moesteiros da terra santa» ([389]).

E aqui temos em que se ocupavam na Palestina os peregrinos de maior cultura: meditavam sobre a vida de Cristo, visitavam os Lugares Santos, estudavam a vida dos ascetas e monges, ouviam os seus conselhos espirituais e tiravam apontamentos.

O bispo D. Maurício ([390]) por seu lado, preocupava-se com relíquias: «Maurício, quando esteve em Constantinopla, era conhecido e amigo dos magnates da cidade e da corte e, até, do próprio Imperador Aleixo. Tendo gastado três anos nessa peregrinação, de volta para Portugal trouxe, de Constantinopla, uma caixa feita ao modo do texto do evangelho que alguns pretendem ter sido, outrora, de S. Basílio, arcebispo de Cesareia da Capadócia, e em que se continha uma grande porção do lenho [da cruz]. Esta caixa [...], após longa deliberação, mandou-a para França, para o mosteiro de Cluni, onde foi recebida pelo Abade Pôncio, no ano de 1112» ([391]).

Outra relíquia célebre, trazida por D. Maurício, foi uma cabeça de S. Tiago que D. Urraca entregou depois a Compostela. Sem pretendermos garantir a autenticidade de tal relíquia, passamos a narrar esta aventura do bispo de Coimbra. Foi um *pio latrocínio*

([388]) Talvez devesse ser: *seja guardada.*

([389]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, pp. 75-76.

([390]) CARL ERDMANN, *Maurício Burdino,* Coimbra, 1946; P. DAVID, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle,* Lisboa, 1947, pp. 441-501; ESTÊVÃO BALUZE, *Vita Mauritii Burdini,* em *Miscellaneorum Liber Tertius,* Paris, 1680, pp. 471-514, etc.

([391]) E. BALUZE, *Vita Mauritii Burdini,* ed. cit., pp. 475-476.

que não envergonharia a audácia de D. Gelmírez e do seu arcediago D. Hugo. Ouçamos a *Historia Compostellana*:

«E assim, Maurício, bispo de Coimbra, depois arcebispo de Braga e, agora, Papa Guiberto ([392]), foi há algum tempo a Jerusalém e por lá se demorou muitíssimo, construindo, como é seguro, uma igreja perto de Jerusalém. E quando ali estava, um certo velho, vizinho deste lugar, começou a frequentar a sua companhia. Perguntava-lhe Maurício várias coisas, por ser natural daquele sítio. Por fim, inquiriu dele por que razão era tão reverenciada dos indígenas aquela igrejinha em que o velho morava.

«Respondeu-lhe o velho sacerdote que, consoante ouvira dizer aos seus antecessores, estava, naquela igreja, a cabeça de S. Tiago, apóstolo. Logo que o bispo Maurício ouviu tal coisa, começou a chamar mais vezes o ancião para junto de si, a atraí-lo com palavras, a torná-lo, com presentes, seu amigo e íntimo, e a perscrutar este caso, com maior atenção, conforme costumam fazer os homens sagazes.

«Começou, também, o mesmo bispo a frequentar e a venerar aquela igrejinha e a assistir às vigílias, com muita assiduidade. Porém, ao descobrir que as suas artimanhas não davam resultado (pois havia lá guardas, constantemente) pensa noutra saída: dentre os seus clérigos, convoca os que ele sabia serem mais fiéis e prontos para coisas destas e expõe-lhes o seu projecto. E assim, ouvido o seu parecer, dois dentre eles começaram a adoecer, de propósito, a ter febre e a frequentar mais aquela igreja, com candeias e velas, e a pernoitar lá.

«Finalmente, numa noite propícia, estando ausentes os demais, fechada a porta da igreja, atiram-se ao altar, com enxadas, trazidas às escondidas, e cavando para o fundo, encontraram lá um certo cofre de marfim e, dentro dele, outro de prata, cheio de relíquias. E tomando isto, abalam com o bispo, de noite, e vão, fugitivos, para a cidade santa de Jerusalém.

«Ora, um certo ermita, tendo-os visto passar no caminho, muito do madrugada, chamou-os e disse-lhes: — Sei, de certeza, irmãos caríssimos, o que vós levais e que precioso tesoiro vós roubastes. Ide, e que a graça de Deus vos acompanhe! Na ver-

([392]) Papa Guiberto era sinónimo de anti-papa, neste tempo. Cf. P. David, *ob. cit.*, p. 475, nota.

dade, é preciso que onde está o corpo deste apóstolo, também esteja a cabeça.

«Ouvindo tal coisa, entendeu o bispo Maurício que o Espírito Santo revelara ao servo de Deus isto que ele fizera. Contudo, receou que o rumor deste feito se espalhasse depressa, em torno, e atravessou o mar o mais cedo que lhe foi possível. Finalmente, chegado a Espanha, depositou respeitosamente as relíquias em Carrión, na igreja de S. Zoilo.

«Viu, na verdade, a Espanha perturbada pelos contínuos tumultos da discórdia e receou que, de qualquer modo, o espoliassem de tão grande tesoiro.

«Depois, decorrido um não pequeno espaço de tempo, é recebida, em Carrión, a rainha D. Urraca, e expulso o rei de Aragão. Ela, apenas soube que estava na igreja de S. Zoilo a cabeça de S. Tiago, trazida de Jerusalém, pelo bispo Maurício, mandou tirá-la de lá, com as demais relíquias, e levou-as para Leão, colocando-as na igreja de S. Isidoro.

«Tão grande tesoiro, a saber, a cabeça de S. Tiago, um fragmento do Sepulcro do Senhor e um certo osso de S. Estêvão e as outras relíquias, com o cofre de prata, tudo entregou, por fim, ao sobredito bispo de S. Tiago» ([393]).

Desta narração um pouco fantástica e digna dum romance policial, deduzimos que alguns peregrinos não recuavam diante dos maiores atropelos, na terra de Cristo.

A partir de 1108, D. Gonçalo sucedeu a D. Maurício na Sé de Coimbra. Pelo menos, já era bispo de Coimbra em Janeiro de 1109. Também ele percorreu França e Aragança, como diz o povo. Abalou em peregrinação para Jerusalém e o *Livro das vidas dos Bispos de Sé de Coimbra* diz-nos o seguinte: era «a romaria da casa santa de Jerusalem nestes tempos tam celebrada que todos os prelados e pessoas devotas trabalhavaõ por visitar os passos desta santa Cidade, e contemplar os lugares e misterios de nossa redenção a qual avia poucos tempos se tomara aos mouros com favor e graça divina [.....]; asi que sendo esta santa Cidade recuperada dos mouros detriminou este nosso prelado visitala e os lugares sagrados como devoto e verdadeiro christão, donde

([393]) *Historia compostellana,* liv. 1, cap. 112.

trouxe hum pequeno lenho da vera cruz e muitas reliquias de nossa senhora. E de Constantinopla onde tambem foi trouxe muitas reliquias dos apostolos e de outros santos martires. E de Roma trouxe tambem reliquias dos apostolos Sam Pedro e Sam Paulo e de outros santos» ([394]).

Finalmente, em 1128, Martinho Módena vendeu uma vinha, junto de Celas, que lhe dera o arcediago D. Telo, para prover aos gastos de uma peregrinação a Jerusalém ([395]).

Não era ùnicamente de Coimbra que partiam peregrinos para a Palestina e Constantinopla. A *Vita Sancti Geraldi* conservou-nos o nome de um *palmeiro* bracarense — mas ele não iria sòzinho para os Lugares Santos:

«Ora, diz a *Vida de S. Geraldo,* um certo clérigo bracarense, chamado Honorico, quando voltava de Jerusalém, num navio, levantou-se uma forte tempestade no mar, pelo que recearam os navegantes naufragar, ali mesmo. Por isso, este clérigo, grandemente assustado, começou fervorosamente a implorar o seu padroeiro, que era S. Geraldo, cuja santidade ele contou aos circunstantes, exortando-os, inflamadamente, a invocá-lo em tão grande perigo» ([396]).

No meio do mar muçulmano, a Palestina cristã arrastava uma vida incerta e as suas dores repercutiam-se em toda a Cristandade. «Andados tres anos que este Rey D. Sancho reynava, saber na Era de MCCXXVI anos, sendo a moltidom dos pecados grande, e o povo Christão que moravom em Jerusalem e a sua maliçia multiplicada per desvayradas guisas, leyxou Deos cair em poder dos Mourros e inmiguos da Fee aquela Santa Casa e cidade, e foy tomada por Saldino, seu Duque deles, segundo se contem na Estoria de sua Conquista» ([397]). Longa foi a carta que o papa escreveu ao nosso rei D. Sancho I, para se libertar a *samta e bemaventurada terra em que estiverom os pees do Senhor e omde*

([394]) PEDRO ÁLVARES NOGUEIRA, *Livro das vidas dos Bispos da Sé de Coimbra,* Coimbra, 1942, pp. 34-35.

([395]) Torre do Tombo, Sé de Coimbra, maço IV, doc. 6, original em letra carolíngia.

([396]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, p. 58.

([397]) *Crónicas dos sete primeiros reis de Portugal,* ed. cit., t. 1, Lisboa, 1952, p. 146.

foy espargido seu preçiosso sangue. Como se podia consentir que os infiéis desonrassem o *Samto Sepulcro de Jesu Christo?*

Muito se doeu D. Sancho, «com novas de tão gramde mal como aquele, que muyto de vontade fora ala com todo seu poder, por salvar sua alma» ([398]). Mas o seu reino era pequeno e guerras com mouros tinha-as ele ao pé da porta. Lançou, pois, mão da frota de cruzados que chegara a Lisboa e resolveu conquistar Silves. «E aquelas gemtes estranjeyras que hy andavom a combater com elRey, asy como vinhom bem armados de vomtade e com grande esforço se chegavom a combater, e feriom se muytos de huma parte e de outra, porem pouquos morrerom. E quamdo algums dos seus moriom, loguo o tiravom daly e o levavom, dizemdo: *Ho irmão que em boa ora vieste aquy, que tam bemaventuradamemte moreste pela fee de Jesu Christo.* E com grande prazer e muy ledos diziom estas cousas, como se lhe avyese boom aqueçimemto mundanal» ([399]).

O tempo foi passando e «na Era de MCCLV anos, aviom gramde guera os Christãos com os Mouros em Jerusalem. Ouvyndo esto as nações dos Alemães e Farmenguos e outras gemtes da parte do aguião ajumtarom se todos em grão frota, CV naos, pera se irem ajudar a tomar a Casa santa» ([400]). Graças a estes homens que seguiam para a Terra Santa, Alcácer do Sal caiu em poder dos portugueses, numa irmandade de armas que nem sempre ficaria por aqui. Com efeito, mais de um português, soldado ou peregrino, abalaria nalgumas destas frotas a caminho da Palestina. E não falamos dos templários que por lá andaram.

Em paz ou com guerra, a ida de *palmeiros* à Terra Santa continuou pelos séculos fora. Conta Rui de Pina que o rei D. Dinis «ordenou que hum Cavalleiro de booa vida, e vergonhosa estivesse em Jerusalem, e servisse por elle na guerra contra hos infieis dous annos, e pera esto ordenou tres mil livras, que erão mil e duzentos cruzados, e quando se nom achasse taal Cavalleiro, ou nom ouvesse desposiçam pera ir ha Ultra-maar, que este dinheiro se convertesse em vistir pobres, e envergonhados e outrosi ordenou que outro boom homem de booa vida, fosse estar em Roma duas

([398]) *Crónicas dos sete primeiros reis de Portugal,* ed. cit., t. 1, Lisboa, 1952, p. 151.
([399]) *Ib.,* p. 157.
([400]) *Ib.,* p. 185.

quarentenas, e que por elle andasse todalas Estaçoens em que ganham has Idulgencias plenarias, e ha este ordenou mil livras» ([401]).

Em 1263, D. Martinho Geraldes, arcebispo de Braga, foi enviado pelo Papa a Jerusalém ([402]) e, nesse mesmo ano, João Diogo, homem de Guimarães, além dum legado a Rocamador, deixava esmolas para a Terra Santa ([403]).

Dádivas destas, encontramo-las, a cada passo, como se a peregrinação ao *Ultramar* preocupasse, fundamente, a alma religiosa dos nossos antepassados.

Em 1228, D. Pedro Lourenço deixava vinte morabitinos para enviarem, em seu lugar, um palmeiro a Jerusalém: *cuidam homini, qui eat pro me, et pro se ad Jerusalem viginti maravitinos* ([404]). Por seu lado, o *Censual do Cabido da Sé do Porto* contém bastantes disposições, no mesmo sentido: Mando que se dêm 50 morabitinos a um homem que vá ao Ultramar, em socorro da Terra Santa, escreve D. Pedro Salvador, pelos meados do século XIII ([405]). E o rei D. Dinis escrevia no seu primeiro testamento: «mando a hum cavaleiro que va por mim à Terra Santa dultramar e que esté hi dous annos servindo a Deos por minha alma tres mil libras, se a Crusada for» ([406]).

Ou então: «mando aos meus executores que enviem huu homem aa terra de ultramar e outro a sancta Maria de Rocamador em meu aver por alma» ([407]). E podíamos trasladar, para aqui, nomes e mais nomes de homens que deixavam bens para mandar peregrinos rezar a Jerusalém ou lutar pela defesa da Terra Santa.

Algumas destas peregrinações chegaram, até nós, envoltas numa lenda impenetrável. Tal foi a romaria de S. Gonçalo de Amarante a Jerusalém:

([401]) RUI DE PINA, *Crónica de D. Dinis*, cap. 31; *Crónica de D. Dinis*, ed. do texto do Cód. de Cadaval 965, por Carlos da S. Tarouca, Coimbra, 1947, cap. 46, p. 241.

([402]) J. AUG. FERREIRA, *Fastos Episcopais*, t. 2, Braga, 1930, p. 55.

([403]) A. VIEIRA BRAGA, *Curiosidades de Guimarães. Mortórios*, Guimarães, 1942, p. 16.

([404]) *Vimaranis Monumenta Historica*, Guimarães, 1908, p. 198. Tanto nesta obra como no *Censual do Cabido da Sé do Porto* e outras colecções documentais, encontramos, a cada passo, testemunhos de factos iguais a este.

([405]) *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, 1924, p. 391.

([406]) FREI FRANCISCO BRANDÃO, *Monarquia Lusitana*, t. 5, Lisboa, 1650, p. 330.

([407]) *Censual do Cabido da Sé do Porto*, ed. cit., p. 416.

«Veeo em sua vontade de continua consiraçom da payxam de nosso senhor Jhesu Christo de visitar os seus lugares. Mas temendo que a cruenta besta, scilicet o diabo, derramasse a manada do senhor pella sua partida, espaçou o tempo de hyr». Por fim, S. Gonçalo entregou a sua freguesia a um sobrinho clérigo, e resolveu partir para a Terra Santa. De facto, «o velho honesto abade tomadas as cousas da peregrinaçom, scilicet habito bordom e sombreiro, aa oraçom se deu rogando ao senhor Deos que lhe desse prospero caminho. E assy elle hiindo e o anjo o endereçando e guardando de todos os perigos do caminho hya pera Jherusalem [.....]. E viindo ho tio ([408]) a Jherusalem e visitando os lugares cujo desejo movera sua vontade, assy folgava e se deleytava com grande devoçom que nom prepunha de se tornar, salvo movido per providençia de Deos».

Quando voltou, «vinha asperamente desfecto do caminho, e desemparado das forças corporaes, faminto e fedorento polla vilhiçe e fadiga grande do caminho, abayxado e encostado em seu bordom aa porta de sua ygreja, seendo o sobrinho a comer com sua amiga» ([409]).

Mais romântica foi a aventura de Fr. António de Santarém, já contada na *Chronica XXIV generalium Ordinis Minorum,* do século XIII. Verteram-na para português do século XV, nesta maneira: «foy em Espanha, em no regno de Purtugall, outro samto fraire que se chamava Antonio, o qual era naturall de huũa villa, que se chama Samtarem, o quall barom era em nas escollas e de geeraçom de cavaleiros e emçendido em amor de huũa dona, segundo se dizia, muito fermosa. E, como este Antonio fezesse mençom do emçendimento do seu amor a esta dona, ella escarneçendo disse-lhe asy como por burla: Primeiramente hiredes ao rio de Jurdam e, como vierdes bem lavado e embranqueçido, casaredes commigo çerca do vosso desejo. E aquesto dezia ella burlando por o esquivar de sy, por que era asaz negro em na cara. E elle ouvindo esto, por que ao amante toda cousa he possivel, o dito Antonio, empuxado do amor da dona, por a esperança do bem por viir, começou seu caminho e trigosamente passou aa terra samta. E, como fosse ao rio de Jurdom e se bautizasse e banhasse

([408]) Isto é, S. Gonçalo de Amarante.
([409]) *Ho Flos Sanctorum em lingoagem portugues,* Lisboa, 1513, fl. 232.

em elle, tornou-sse e trouxe da agua daquelle riio, com a qual se apresemtou ante aquella dona. E, como lhe contasse por hordem todo o que avia pasado e lhe amostrasse huum vaso de agua que trouxera do riio de Jordam por amor della, ela, posta em maravilha de tamto amor, ela se deu por molher ao dito Antonio» ([410]).

Mais do que água do rio Jordão, apreciavam as relíquias da santa cruz. Com efeito, no último testamento de D. Dinis, fala-se duma relíquia famosa da santa vera-cruz: «mando que tornem logo ao Marmelal a Cruz de ligno Domini que ende eu mandei filhar emprestada qua a nom filhei eu, senom por devoçom que em ella havia e com intençom de a fazer tornar hu ante sia» ([411]). Tornara-se um centro de peregrinações, aquela igreja do Marmelar, pertencente ao prior de S. João do Hospital, D. Álvaro Gonçalves Pereira († c. 1375). Depois, iremos encontrar o lenho da vera-cruz do Marmelar na batalha do Salado, levado pelo pai do futuro Condestável: «ellRey mamdou ha D. Alvaro Gil Pereyra, Pryoll do Crato, que amte dos emcomtrarem, mostrasse a todos ho lenho da vera Cruz, que levara do Marmelar. O quall trouxe loguo hum cleryguo revestido, posto em huma aste, alevamtado com bamdeyra. E o Pryoll dise a ellRey: *Senhor, tende fee e devaçam neste synall vytoryoso da vera Cruz, porque na verdade oje vemçereys seus ymyguos.* E depois que ha Cruz com muyta devaçam ffoy dellRey e de todos hos que a vyram [...] tomaram diamte de sy a mesma Cruz por guya. E seguio loguo apos ella ha bamdeyra reall de Purtuguall» ([412]). Assim venceram os portugueses e grande louvor mereceu *ho Pryoll do Crato na comfyamça da vera Cruz.*

Que peregrino trouxe esta relíquia e por que longos e complicados caminhos? Ou andara de mão em mão, pela Europa fora, como essa tigelinha que um José de Arimateia quase mítico trouxe consigo da Palestina, até se fixar algures, com o nome de santo graal? Nem sempre é possível desemaranhar a teia obscura das questões históricas e muito menos saber se a relíquia era autêntica ou não. No entanto, os que vinham da Terra Santa ou os que

([410]) *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*, ed. por J. J. Nunes, t. 2, Coimbra, 1918, pp. 198-199.

([411]) Frei Francisco Brandão, *Monarquia Lusitana*, t. 6, Lisboa, 1672, p. 584.

([412]) *Crónicas dos sete primeiros reis de Portugal*, ed. por C. da Silva Tarouca, t. 2, Lisboa, 1952, p. 340.

olhavam simplesmente para lá punham todo o seu coração nestas recordações do Senhor.

Muitos peregrinos voltavam. Um ou outro ficava pelo caminho, mas o fervor não diminuía por isso. Em Évora, no século XV, existia uma confraria de *palmeiros*, tantos eram os que tinham ido à Terra Santa. Os estatutos desta irmandade foram escritos em latim e vertidos para português de quatrocentos. Mostram-nos à maravilha como se ajudavam, por meio de esmolas, os que desejavam ir à Cidade Santa:

«*In nomine patris et filii et spirituy santi amen.* Apllougue aos homees boons moradores da cidade dEvora que foram a Jherusalem dos quaees os nomes no cabo da carta sam escriptos ha honra de nosso senhor Deus Jhesu Christo e da beenta senpre virgem Maria e de todollos santos e santas de fazerem confraria e de se asembraarem em hum pera verem como e em quall guisa a elles convem que se contenham [...]; se allguu comfrade for doemte os confrades o vaão veer a meude e sse for coytado (condenado) vaão os confrades com elle dormir e aguardem no e aa morte com vigillias e com orações aguardem o corpo delle ataa que onestamente seja ssoterrado [...]. E se allguum confrade [...] se queser hiir a Jherusalem de proprio da confraria ou dos bees dos confrades como por bem virem seja ajudado» ([413]).

Esqueçamos o bispo do Porto, D. Afonso, que, na segunda metade do século XIV, foi ver o sepulcro do Senhor ([414]). Basta lembrar que o Mestre de Avis, na incerteza escura da sua prisão, «fez voto e prometteu a Deus que, se o livrasse [...] fosse a Jerusalem visitar o Santo Sepulchro» ([415]). À volta de 1411, D. João Esteves da Azambuja «caminhou pera Jerusalem visitar os lugares sanctos» ([416]) e, durante o concílio de Basileia, «o conde de Ourém não tendo esperança de haver effeito sua mais estada, se despediu do Concilio e com sua companhia foi visitar o Sepulchro Santo de Jerusalem» ([417]).

([413]) Cf. GABRIEL PEREIRA, *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, P. 1, Évora, 1885, pp. 38-39; JOÃO BAPTISTA DA SILVA LOPES, *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, Lisboa, 1848, p. 238.

([414]) D. RODRIGO DA CUNHA, *Catálogo e história dos bispos do Porto*, P. 2, Porto, 1623, p. 193.

([415]) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Fernando*, cap. 144.

([416]) FR. LUÍS DE SOUSA, *História de S. Domingos*, P. 2, liv. 1, cap.8.

([417]) RUI DE PINA, *Crónica de D. Duarte*, cap. 8.

Finalmente, o primeiro conde de Barcelos, diz Rui de Pina, «chegou á casa santa de Jerusalem, e em esta viagem, que elle assim fez, aprendeu e soube muitas cousas que viu naquellas partes estranhas» ([418]).

Era uma aventura de que alguns se gabavam e nem todos levavam a bom termo, esta de ir a Jerusalém. No *Cancioneiro da Ajuda,* encontramos uma cantiga que Martim Soares fez *a un cavaleiro que era chufador que dezia que viinha d'alen mar*:

«Pero non fui a Ultramar,
muito sei eu a terra ben
per Soeir'Eannes que én ven,
segundo lh'eu oí contar.
Diz que Marselha jaz alen
do mar, e Acre jaz aquen,
e Pomrortes logu'i a par.

E as jornadas sei eu ben,
como lhi oj'oí falar.
Diz que pod'ir, quen ben andar,
de Belfurad'a Santaren
e noutro dia madurgar,
e ir a Nogueirol jantar,
e mãer a Jerusalen.

E diz que vio i un Judeu
que vio prender Nostro Senhor.
E averedes gran savor
se vo-lo contar, cuido-m'eu!
Diz que é un Judeu pastor,
natural de Rocamador,
e que á nome don Andreu.» (n.º 395)

Nem sempre era fácil jornadear, então, pelos caminhos que levavam à Terra Santa. Neste sentido, recordamos os salvo-condutos pedidos pelo conde de Barcelos, D. Afonso de Bragança, nos princípios de quatrocentos.

Naquele tempo, Pedro de Luna rasgava a unidade da Igreja. Levantavam-se, constantemente, guerras e desordens. Os nobres abusavam da sua força. Nas estradas, pontes e passagem dos

([418]) Rui de Pina, *Crónica de D. João I,* cap. 7.

rios, exigiam-se portagens e as portas das cidades fechavam-se. E assim, os peregrinos viam-se explorados pela ganância das gentes.

Foi por isso que o conde de Barcelos, ao abalar para a Palestina, pediu salvo-condutos ao rei de Castela, ao anti-papa Pedro de Luna, e ao imperador da Alemanha — Ruprecht Klem († 1410).

No salvo-conduto do rei castelhano, ordena este aos «hijos dalgos, Adelantados, Maestros, Señores, Comendadores e Sob-Comendadores, Alcaldes de los Castillos», etc., que deixem passar o conde de Barcelos, com todos os seus bens e comitiva, mas que ele não traga consigo mais de cento e cinquenta cavalgaduras — *asta cento e cincoenta cavalgaduras* ([419]). Que ninguém exerça represálias contra ele, mesmo por causa do Cisma da Igreja de Deus. E *non consintades que le sean sarrados, ni abiertos ni escodrinhados sus malas ni sus cofres* ([420]). Que entre e saia pacìficamente, sem ninguém ousar fazer-lhe nenhum mal. Foi isso em 1408.

Neste mesmo ano, Pedro de Luna concedia-lhe, igualmente, um salvo-conduto para entrar em Avinhão e lá ficar até ao dia de Ramos, com cem pessoas de cavalo e a pé — *una cum centum personis de sua comitiva, equitibus et peditibus* ([421]).

Quanto ao imperador Ruperto, da Alemanha, passou o salvo-conduto mais cedo, em 1406. Por estar mais longe, talvez D. Afonso de Bragança lho pedisse com maior antecedência. E diz o seguinte: o magnífico conde de Barcelos, seu parente, «levado por uma singular inclinação do seu coração a querer entrar na Terra Santa, a fim de visitar o sepulcro do Senhor e os outros Lugares Santos dali, resolveu atravessar várias partes do mundo ([422]). Que atravesse, pois, os domínios dele, imperador, na companhia dos seus soldados, escudeiros e familiares e que ninguém lhe exija coisa nenhuma — *absque aliquali solutione guidagii Datii, paedagii thelone, tributi,* etc. ([423]).

Como se vê, uma peregrinação a Terra Santa tinha algo duma aventura perigosa.

([419]) António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica,* t. 3, Lisboa, 1744, p. 458.
([420]) *Ib.,* p. 456.
([421]) *Ib.,* p. 456.
([422]) *Ib.,* p. 457.
([423]) *Ibidem.*

Mais do que ninguém, os franciscanos olhavam para a Palestina. Fr. João da Póvoa, na segunda metade de quatrocentos, fala-nos de Fr. António de Monsanto que nunca descansou «até ver com os seus olhos aquelles santos lugares de Jerusalem, onde o mesmo Senhor padeceo morte de Cruz. De la trouxe hũa espada aguda atravessada na alma, que sempre o magoou; e andando crucificado com Christo, nesta casa, e no anno de 1462 acabou o seu martyrio» ([424]).

Fr. Fernando Ribeiro chegou a ser guardião do S.[to] Sepulcro e em 1460 ainda se conservava o breviário que ele trouxera da Terra Santa ([425]). Por seu lado, na Torre do Tombo, existem os comentários de Nicolau de Lira, em letra do século XIV. Tal obra veio, também, do convento franciscano de Jerusalém, no ano de 1415 ([426]), prova clara das relações medievais de Portugal com a Palestina.

Vasco Rodrigues, chantre da Sé de Braga, abalou, igualmente, para a romaria de Jerusalém e por lá se demorou alguns meses, conforme a narrativa do seu contemporâneo P.[e] Paulo de Portalegre († 1510). O P.[e] Diogo Gonçalves gastou seis meses a parcorrer, um por um, todos os Lugares Santos, donde passou à Jerusalém Celeste ([427]). Por seu turno, o próprio P.[e] Paulo de Portalegre, também cónego de S. João Evangelista, foi de romaria até à Palestina e escreveu um *Itinerário* da jornada que fez por aquelas partes ([428]).

Teria sido ele quem introduziu, em Portugal, a procissão do *enterro do Senhor,* «voltando de Jerusalem, ou porque lá se costuma fazer assim, ou porque a vista daquelles santos lugares, e contemplação daquelles sacratissimos mysterios, lhe excitarão o espirito, e lhe allumiarão o entendimento, para dar em hũa cousa de tanta piedade, e devoção» ([429])? Pomo-lo em dúvida, a não ser que se trate duma coisa diferente do que se fazia, por exemplo, nalguns mosteiros beneditinos.

([424]) Fr. Manuel da Esperança, *História Seráfica,* t. 2, Lisboa, 1666, p. 525.
([425]) *Ib.,* t. 2, pp. 541-542.
([426]) A. Baião, *O archivo da Torre do Tombo,* Lisboa, 1905, p. 94.
([427]) Cf. P.[e] Francisco de S. Maria, *O Ceo aberto na Terra,* Lisboa, 1687, pp. 662, 798, 799.
([428]) *Ib.,* p. 864.
([429]) *Ib.,* p. 300.

Já em 1467, Fr. João Álvares lembrava aos seus monges de Paço de Sousa como lhes ordenara na «sesta feira d'Endoenças a procissom e sepultura de nosso Senhor e o Planto et cetera e com ho Sacramento meteer no Moimento o Lenho da Cruz e assy estara todo ataa dia de Pascoa ante de manhãa que o tirarom» ([430]).

Ainda assim, temos de conceder que as peregrinações da Terra Santa ajudavam a criar uma atmosfera propícia a tão comovente cerimónia religiosa.

Uma sobrenatural nostalgia atraía, para Jerusalém, o coração religioso dos homens. Desiludido e cansado, D. Afonso V determinou «leixar este mundo e seus debates, e sem ser conhecido ir-se a Jerusalém, onde propôs servir a Deus» ([431]). Mais do que uma leviandade, era algo que prorrompia das profundezas religiosas da sua alma medieval.

([430]) *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa,* Lisboa, 1942, p. 126.
([431]) Rui de Pina, *Crónica de D. Afonso V,* cap. 202.

CAP. VIII

Itinerários

FORAM as peregrinações a Jerusalém que mais uniram a Palestina, Egito e Constantinopla ao Ocidente europeu ([432]). Muitos peregrinos viveram, piedosamente, junto dos lugares santificados por Jesus ou ao pé dos mosteiros famosos da Judeia, Síria, Tebaida e Constantinopla. Era aí que se criavam os famosos ascetas que espantaram o mundo — os grandes profissionais da renúncia.

Nem todos os peregrinos se punham a escrever os famosos itinerários (*Itineraria*). Mas, todos eles, analfabetos ou gente de letras, levavam para as suas terras e lares um mundo de belas e piedosas recordações. Como pedra caída em águas tranquilas, formavam-se grandes ondulações circulares em torno desses *palmeiros* que, de viva voz ou por escrito, íam espalhando, derredor de si, tudo o que os seus olhos tinham visto, na religiosa aventura da sua peregrinação longínqua.

Ora, no século XII, S. Teotónio também contou a um discípulo as peripécias da sua viagem, através das ondas inquietas, a caminho da Terra Santa. Apareceram muitos *itinerários,* antes e depois desta época ([433]). Na Galécia, basta recordar a *Peregrinatio,* de

([432]) MÁRIO MARTINS, *Correntes da filosofia religiosa em Braga* (séculos IV-VII), Porto, 1950, pp. 23-40.

([433]) *Library of the Palestine Pilgrims' Text Society,* Londres, 1897; GEYER, *Itinera Hierosolymitana saeculi IV-VIII,* em *Corpus Script. Eccles. Latin.,* t. 38, Viena, 1898; L. AUDIAT, *Pèlerinages en Terre Sainte au XV siècle,* em *Revue hist. nobil.,* 1870-1871, segunda série, t. 4, pp. 49-61; A. BARROIS, *Itinéraires de la Terre Sainte*

Egéria. É menos valiosa a narrativa de que vamos agora falar, escrita por um cónego de Santa Cruz e metida na *Vita Sancti Theotonii* ([434]). Mas, tem a beleza de uma coisa ouvida, directamente, dos lábios portugueses do protagonista. É a nossa narração marítima mais antiga, pois deve datar da segunda metade do século XII.

O autor refere-se à segunda viagem de S. Teotónio a Jerusalém — *et ad secundam profectionem illius in Iherusalem iam nunc stilum convertam* ([435]).

Juntamente com a relação das suas peregrinações pelos lugares sagrados da Palestina, a narrativa de S. Teotónio podia formar um pequeno *Itinerarium Terrae Sanctae* (Itinerário da Terra Santa), ao sabor de tantos outros itinerários medievais.

Embora escrito por um religioso que, segundo parece, não peregrinou com o Santo à Palestina, este itinerário conservou-nos, no entanto, cenas dramàticamente vividas por S. Teotónio. A narrativa da tromba marítima, por exemplo, a mais antiga que nós encontramos em Portugal, foi trazida, até nós, por uns olhos que viram, espavoridos, a estranha maravilha, sobre as águas do mar polissonoro, como dizia Homero.

Camões, séculos depois, sobre a inquietação das águas salgadas, repetirá o mesmo gesto maravilhado e há-de soltar a mesma exclamação deslumbrada, filha da impressão virgem de quem contempla, pela primeira vez, um mistério da natureza.

A *Vita Sancti Theotonii* traça-nos a rota marítima do barco peregrino, diz-nos os portos em que ele tocou, descreve-nos a vida piedosa de bordo, com salmos e ladainhas, rezas aflitas e o perdão dos pecados, sob a ameaça dum mar sem misericórdia. E conta-nos, ainda, o terror dos navegantes, ante um animal horroroso — *terribilis bestia* — dragão, monstro ou demónio?, perguntavam eles.

conservés à la bibliothèque d'Amiens, em *Revue Bibliographique*, 38 (1929), pp. 404-420; E. CARMOLY, *Itinéraires de la Terre Sainte des XIII, XIV, XV, XVI et XVIII siècles*, Bruxelas, 1847; etc., etc. Em português, JORGE HENRIQUES (século XVI), *Itinerário da viagem à Terra Santa*; FRANCISCO GUEREIRO (século XVI), *Itinerário da viagem que fez a Jerusalem*; foi impresso, mais tarde, em Lisboa, 1734; FR. PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerário da Terra Sancta*, Lisboa, 1596; FR. ANTÓNIO SOARES DE ALBERGARIA, *Itinerário aa Casa sancta do padre frey Antonio Soarez monge professo de Alcobaça dirigido ao Cardeal Ifante dom Anrique* (Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCCLXIX/303); FR. JOÃO DE JESUS CRISTO, *Viagem de um peregrino a Jerusalem, e visitas que fez aos logares sanctos*, Lisboa, 1819; etc.

([434]) *P. M. H., Scriptores*, t. 1, pp. 81-83.

([435]) *Ib.*, p. 81.

«Por conseguinte, inflamado nas virtudes e ansioso pelos santos lugares, esquecendo-se da casa, dos parentes, dos apaniguados e de tudo o que dizia respeito ao mundo, deixou a pátria com não pequena multidão de peregrinos e tomou, de novo, o caminho de Jerusalém, há tanto tempo desejada. Ora, o devoto varão já tinha percorrido este mesmo caminho.

«Tendo, pois, guiado por Deus, chegado são e salvo ao porto de S. Nicolau, ao fim de dez semanas, e cessando o auxílio próspero dos ventos, demorou-se lá seis semanas a seguir. Porém, não em ociosidade. Como se provou com toda a certeza, não sòmente enquanto lá esteve, mas, também, durante toda a sua peregrinação, mostrou a caridade que tinha com os pobres e, tanto com palavras como por exemplos, incitou às obras de misericórdia quer os habitantes da cidade, quer os que seguiam para Jerusalém. E também restaurou, sempre, a paz e a concórdia entre os desavindos, o que não foi menos agradável a Deus.

«Na verdade, todos sabiam que ele era justo e santo. Por isso, venerando-o como a pai, calavam-se ao ouvir a sua exortação e obedeciam com toda a boa vontade.

«Por fim, soprando vento propício, embarcou. Para que falo eu dos peregrinos a quem pagou a passagem e dos que levou consigo, alimentando-os só por amor de Deus? Depois disto, os patrões do navio deram velas aos ventos, na direcção de Jerusalém. Mas, como depois de alguns dias navegassem pelas alturas de Mália ([436]), começaram todos a correr perigo, devido a uma súbita tempestade marítima. Quero confiar à memória como tudo aconteceu, a fim de que, pelo perigo visto numa parte da peregrinação de tão grande varão, conheçamos, fàcilmente, por semelhança, quantos e quão graves foram os perigos por que ele passou, pelo nome de Cristo, em terra e no mar. Navegando, pois, o navio, pelo cabo de Mália, de repente escureceu-se o céu e eis que, por cima deles, assombrou-os uma nuvem com vento violento e terrível fragor. E ela, [scl. a nuvem], revolvendo-se as águas profundamente, agitava o mar tempestuoso e suspenso, à maneira dum monte líquido e ora mergulhava nas profundezas o navio sacudido pelas massas das ondas, ora o levantava do profundo abismo até

([436]) Situado na ponta sul do Peloponeso, na Grécia, o cabo Mália ou Maleia sempre foi temido pelos marinheiros, por causa da brusca mudança dos ventos.

aos altos cimos e cristas das vagas e derribava-o juntamente. E, o que é maravilhoso de dizer!, chupava para o alto a água do mar, como por um cano patente, a que os marinheiros chamam *cifum* ([437]).

«Prevendo já a tempestade, logo que o navio começou a andar à roda, entre a agitação das ondas, quebrando-se com suma rapidez o mastro e caindo às ondas, começaram também os marinheiros a colher as velas, a ligar o cordame e as antenas e a compor todo o equipamento do navio e do leme (para não se quebrarem eles com a força do mar) e também a alijar a carga, a fim de aliviarem o barco. Efectivamente, o mar avançava e empolava-se por cima deles, aterrados com medo de morrer.

«Porém, a coisas terríveis sucedem outras mais terríveis. Com efeito, aumentava, igualmente, o terror da morte um certo animal monstruoso e grandemente terrível, que todos viram nesta mesma tempestade do mar. E era de tal modo amedrontador que a nenhuma outra fera se podia comparar. Os seus olhos, conforme nos contava o Santo, pareciam archotes de fogo a arder. Uns diziam que era um dragão, outros que era um monstro, outros que era um demónio.

«De que serve insistir mais? Já tinha desaparecido toda a esperança de salvação. Enraivecendo-se, pois, as ondas ferozes, para os matar, e enfraquecidos os membros deles com o temor, estando já todos perturbados por causa da presença da própria morte e da visão da fera, deram-se mùtuamente a paz, já prontos para morrer, implorando com lágrimas o socorro do Omnipotente, para que aquele que entregara os seus corpos a tão temerosa morte recebesse as suas almas com muita benignidade ou, então, lhes enviasse, misericordiosamente, o socorro que os salvasse.

«Porém, D. Teotónio, prostrado também a rezar com lágrimas e todo voltado para Deus, depois dos salmos e ladainhas, invocou, deste modo, o Senhor da vida e da alma:

«Senhor, Senhor Jesus Cristo, diz ele, filho de Deus vivo, filho de Santa Maria, que com o Pai e o Espírito Santo sois um só Deus em altíssima Trindade e verdadeira Unidade, socorre-nos a nós, postos no maior perigo, para que, arrancados às iras das

([437]) *Cifum* talvez seja a forma bárbara do *sipho*, isto é, tubo, sifão. Camões chama-lhe *cano* (*Lusíadas*, V, 18).

ondas do mar, mereçamos ver o glorioso sepulcro da tua santa Ressurreição, ao qual viemos venerar e beijar, e para que demos graças por nos teres livrado.

«Também exortava a todos e, consolando-os com as palavras que podia, aconselhava-os a que se confessassem uns aos outros ([438]), perdoando-se do coração, e com fé e oração pusessem toda a sua esperança em Deus, prometendo-lhes que, se perseverassem, em breve lhes assistiria a clemência do Redentor.

«E foi o que aconteceu. Efectivamente, enquanto isto se passava no navio, Deus todo-poderoso que maravilhosamente lhes enchera a alma de terror, com maior maravilha lhes patenteou a sua misericórdia. Porquanto, eis que, inesperadamente, principiou a sossegar o sopro do vento e, quebradas a pouco e pouco as montanhas de água, torna-se o mar tranquilo.

«Começou, pois, a nascer uma nova luz, para eles. Todos os que já estavam nas mãos da morte admiram a paz das ondas. Por conseguinte, todos alegremente bem-disseram ao Deus do Céu, dando-lhe os devidos louvores e nobremente cantando *Glória a Deus nas alturas,* pois Deus misericordioso se tinha dignado livrá-los deste perigo de morte.

«Confesso que me excedi muito. De facto, não sei como me afastei da brevidade, por me repugnar omitir o perigo por que passava o varão de Deus. Mas, volto já ao meu propósito.

«Livre, por conseguinte, do mar de Mália, com todos os que o acompanhavam no navio, três semanas depois de terem embarcado no porto da cidade de Bári, fez a travessia do mar, aportando à cidade de Jafa. Com longuíssimos rodeios no caminho, deu a volta pelo sepulcro do mártir S. Jorge, até chegar a Nazaré, onde se criou o Senhor Salvador. Depois, partiu pelo caminho que leva ao Tabor, em que o Senhor se transfigurou e, subindo ao alto dele, olhava com todo o cuidado para vários lugares, que o Senhor santificava nas suas caminhadas.

«Descendo dali, dirigiu-se apressadamente para a Samaria, viu os sepulcros de S. João Baptista, dos doze profetas e, também, de Eliseu e Abdias. Com passo acelerado, parte para o poço em que o Senhor se assentara, com fome e sede, e onde foi saciado

([438]) Evidentemente, não se trata, aqui, de confissão sacramental.

pela fé da mulher samaritana. E adorando o Redentor do mundo, em cada um dos lugares, subiu alegremente a uma colina muito notável, donde se vê a tão desejada Jerusalém. Os habitantes chamam-lhe Monte da Alegria, pois que aí os peregrinos, ao verem a Cidade, concebem uma alegria inefável. Postos, pois, de joelhos, neste lugar, as suas lágrimas misturadas com gozo deram a entender com quanta alegria ele exultava e quantas graças ele deu a Deus.

«Risonho, entrou, então, na Cidade Santa. Determinou ver, em primeiro lugar, a cruz do Monte Calvário, aonde Cristo foi avaliado na balança da cruz ([439]), como preço do mundo. Diante dela, prostrado com o coração e o corpo, adorava o Senhor como se o visse pendente [da cruz]. Não sòmente se recordava da sentença de morte ou de maldição, decretada contra ele e contra todos os homens, por causa da desobediência do primeiro homem, mas também da misericordiosa propiciação e piedade do Filho de Deus, de quem lera: *fez-se maldito por nós, para nos remir da maldição* ([440]). O qual [Filho de Deus] naquele mesmo lugar sofreu escarros, opróbrios, murros, bofetadas, coroa de espinhos, açoites, a cruz e os cravos, o fel e o vinagre, a lança e a morte.

«Acabada a oração e deixando aí a cruz que ele levava, conforme o costume dos peregrinos, desceu um pouco para a esquerda, para o lugar do Gólgota aonde, conforme se diz, o sangue que correu do lado de Cristo partiu uma duríssima pedra. A pouca distância daqui, voltou-se para o sepulcro da Ressurreição e, ao ver o lugar onde jazera o corpo do Senhor, como se tivera sede lambia, com a boca da fé, as desejadas águas. Ocorria-lhe uma justa e meditada recordação do Senhor Salvador, a saber, como depois de tanto ter suportado, repousara naquele mesmo sepulcro e, mediante a sua descida aos Infernos, imaginava a inefável e grande alegria dos infelizes que Cristo trouxera, consigo, dos Infernos, do império e cativeiro da morte.

A seguir, levado dali ao centro do mundo ([441]), a saber, àquele lugar em que José de Arimateia depôs o corpo do Senhor,

([439]) No latim, vem: *in statura crucis*. Mas, deve ser: *in statera crucis*.
([440]) Sublinhamos os textos da Escritura.
([441]) Os mapas medievais punham, frequentemente, o Calvário no meio — o que simbòlicamente significava que a história e o mundo giravam em torno de Cristo Redentor. O Calvário era, pois, o *centro do mundo*.

descido da cruz, antes de o meter no sepulcro, orava com mais atenção, recordando aquilo de David: *Deus, porém, nosso Rei, antes dos séculos operou a salvação no meio da Terra.* Então, voltou-se um pouco para a esquerda, para a verdadeira cruz e, vendo o tronco da árvore em que os membros do Senhor foram cravados, o mesmo Senhor, por quem ele chamava, é testemunha de quanta dor e quantas lágrimas derramou.

«Finalmente, foi até onde Helena encontrou a vera-cruz. E, tendo o santo varão rezado algum tempo, nas sobreditas capelas, conforme lhe pedia a devoção, recolheu-se, por fim, ao hospício. E enquanto o seu espírito todo aquele dia e toda aquela noite se transportava através das coisas contempladas, adormeceu assim mesmo e descansou pacìficamente.

«Quem poderá dizer com quanta vontade e desejo percorreu ele, no dia seguinte, os lugares santos de Jerusalém? De facto, tendo entrado no templo do Senhor, saiu, depois da oração, pela porta chamada *especiosa,* subiu ao Sião, só até ao lugar da ceia, em que o Senhor lavou os pés dos discípulos e disse: *a paz seja convosco*; e ao discípulo que duvidava ofereceu o lado, para ele o apalpar. E voltando pela via-sacra, em que os apóstolos depuseram o corpo da Mãe de Deus, entrou na igreja de S. Pedro do Canto do Galo e no sepulcro de Tiago, irmão do Senhor, desceu ao vale de Josafá, rezou junto da sepultura da Virgem Santa Maria e, subindo dali, passou ao oratório de Getsemani, aonde o Senhor, na raiz do monte Olivete, orou ao Pai. Avançando dali, chegou ao lugar de que diz S. Lucas: *apartou-se deles a distância dum tiro de pedra.*

«Subiu pelo caminho direito ao vértice deste monte Olivete, donde o Salvador subiu aos céus. De lá, através da aldeiazinha de Betfagé e do lugar em que a brincalhona burrinha recebeu o freio do Senhor, desceu até Betânia, ao sepulcro de Lázaro e morada das irmãs dele.

«Depois disto, encaminhou-se para Belém e, tendo entrado na grutazinha do Salvador, adorou ([442]) suplicantemente o sagrado retiro da Virgem, em que Cristo nasceu, e como se fora um pru-

([442]) No latim, vem *adoravit* (adorou). Quer dizer *venerou.* Bernardes e outros clássicos portugueses também empregam o verbo *adorar,* no sentido de venerar profundamente.

dente animal fez o mesmo ao estábulo onde o boi reconheceu o seu mestre e o burro o presépio do seu Senhor.

«Também lá viu o lugar em que o cruel Herodes matou as crianças por causa de Cristo.

«De que serve contar a grande devoção com que se dirigiu às águas do Jordão, maculadas com os pecados de todo o género humano e purificadas com o baptismo de Cristo? Nem omitiu o lugar da Quarentena, em que o Salvador do mundo, tentado por Satã, quis significar, com a sua quaresma, todo o tempo da nossa campanha em que nunca deixamos de ser tentados. Passando dali a Jericó, fonte amarguíssima, adoçada outrora pela sabedoria de Eliseu, viu, à beira do caminho, o lugar onde os cegos, recebendo a vista, anunciaram os mistérios dos dois povos que haviam de crer em Deus.

«Seria longo pretender eu narrar com que ardor percorreu Canaã e Cafarnaum, familiares dos milagres de Cristo, e dizer com quanta admiração viu o lago de Tiberíades — santificado pelo Senhor, a modo de paga da passagem, quando o atravessou — e o deserto onde se fartaram muitos milheiros [de pessoas] com cinco pães e dois peixes. Direi tão sòmente isto: ele cria ver Cristo em todos os lugares e coisas santas e, conforme podia, oferecia dos seus bens ajudas para as despesas, distribuía esmolas pelos pobres e alegrava-se com o que contribuía para eles, como se o aplicasse a Deus.

«Olhando ao aborrecimento do leitor, poucas coisas lembrei dos santos lugares que ele percorreu com tanto entusiasmo que não podia arrancar-se dos primeiros senão para correr aos restantes. Porém, muitos dias morou ele junto do sepulcro do Senhor, devido ao ardor da sua fé, por amor da oração e dos divinos ofícios e não, decerto, para comer. E os cónegos regulares do mesmo sepulcro, vendo a sua santidade, recomendavam-se, instantemente, às suas orações e receberam-no, por sua vez, como participante das suas boas obras. Davam-lhe, igualmente e de boa vontade, a companhia da vida comum, se com eles quisesse viver, e também a guarda do santo sepulcro, que eles sabiam ser o seu maior desejo.

«Porém, ele respondia que não podia de modo nenhum fazer tal coisa, antes de voltar às Espanhas e dispor do que era seu. Por conseguinte, encomendando-se, instantemente, a Deus todo-

-poderoso, uma e outra vez, em todos os lugares santos de Jerusalém, despedindo-se também dos cónegos e de todos os servos de Deus, voltou a Jafa, onde antes tinha aportado. E dali, levado pela força dos ventos através das ilhas da Grécia, sofrendo pelos caminhos muitos trabalhos, pois viajava ora de barco, ora a pé, ora de burrinho, finalmente, moído e enfraquecido, tornou à Hispânia, para sua casa e campos. Futurava ele que havia de voltar outra vez e em breve a Jerusalém, onde esperaria, com devoção, o fim dos seus dias, junto do glorioso sepulcro.

«Contudo, recebido, em grande triunfo, pelos seus concidadãos, também aqui porei fim à primeira parte desta obra» ([443]).

S. Teotónio morreu em 1162. Cerca de quatrocentos anos mais tarde, um outro português, Frei Pantaleão de Aveiro iria à Terra Santa e escreveria o seu famoso *Itinerário*. Ora, nessas volumosas quinhentas páginas, surgem as mil coisas piedosas e cheias de maravilha, contempladas pelo peregrino do século XII e apontadas, resumidamente, pelo seu biógrafo: A mesma caminhada de Jerusalém para Betânia, monte Olivete, monte Calvário, sepulcro do Senhor, Vale de Josafá, túmulo dos profetas, grutazinha de Belém e monte da Quarentena. Como no tempo de S. Teotónio, os peregrinos, em certas cerimónias, levavam as mesmas cruzes, derramavam lágrimas igualmente sentidas, à vista da Cidade Santa, «porque o seu aspecto tem tanta efficacia, que subitamente move a todo o coração de pessoa christãa» ([444]).

Em todos eles — na freira Egéria, no santo cónego e no frade de S. Francisco — palpitava a mesma devoção cheia de curiosidade e ternura, em torno de Jesus, da SS.ma Virgem, dos profetas e dos santos. Era um mundo de tradições cheias de beleza religiosa, a formar uma via-láctea por onde caminhava o coração piedoso dos peregrinos. Parece-nos ouvir a mesma voz, através de todos os séculos.

([443]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, pp. 81-83, na *Vita S. Theotonii*; MÁRIO MARTINS, *Uma narrativa marítima do séc.* XII, em *Brotéria,* 47 (1948), pp. 257-265.

([444]) FR. PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerário da Terra Sancta,* Coimbra, 1927, cap. 20.

Para estes homens, não existiam dúvidas. Eles *sabiam* tudo ([445]). Rezavam *junto da sepultura da Virgem Santa Maria,* conheciam o sítio exacto em que Jesus se ajoelhara, no monte Olivete, estavam bem informados sobre a casa de Marta e Maria. Florescia, neles, a mesma piedade para tudo o que tivesse sido tocado por Jesus e Jerusalém era uma cidade que os fazia chorar, pois o Mestre percorrera aquelas ruas e lá continuava *presente.* Como diz o verso inglês, *se não és a rosa, passaste, pelo menos, junto da roseira.* Aquelas terras não eram Jesus, mas Jesus passara por lá. E isto bastava para as transfigurar.

Falemos, agora, do *Livro das romarias e peregrinações de toda a Terra Santa.*

Trata-se duma obrinha, em português, provàvelmente dos fins de quatrocentos. Vem num códice da Bibl. da Casa de Cadaval ([446]), em cópia de seiscentos, com a seguinte legenda: *Livro de couzas antigas copeado de outro de Letra muito antiga que está na Livraria de El Rey.*

Quase todo o seu conteúdo é dos fins do século XV, com uma ou outra coisa da primeira metade de quinhentos. Só nos interessa o itinerário.

O *Livro das romarias e peregrinações de toda a Terra Santa* ([447]) principia desta maneira: *Estas são as Romarias e perigrinações de toda a terra santa, que ora dos perigrinos se añdão e vizitão, e nos lugares donde he assinado o sinal da Cruz, ali he plenaria remissão a culpa e peña, nos outros nos quaes ñom he o dicto sinal som sete anos e sete coresmas de indulgencia, as quaes farão concedidas por o Sancto Padre Silvestre a rogos do grande Emperador Constañtino, e de sua madre Santa Elena.*

O copista de seiscentos modernizou a velha ortografia. Não se trata talvez duma obra originalmente em português, nem dum

([445]) Basta ler as *legendas* de certos mapas quatrocentistas, da Palestina: *Hic apparuit Christus discipulis piscantibus* (Aqui apareceu Cristo aos discípulos, quando eles estavam a pescar).

Caverna beatae Mariae (Gruta da bem-aventurada Maria).

Sepulcrum Job (Sepultura de Job).

Aponta-se o *campo damasceno,* etc., etc. Na história profana, verifica-se a mesma boa fé. Cf. HIP. DELEHAYE, S. J., *Les légendes hagiographiques,* Paris, 1906, pp. 49-50.

([446]) Em Muge, cód. 1046.

([447]) *Ib.,* fls. 83-87 v.

livro de impressões de viagem. Deve ser a tradução dum dos tantos itinerários medievais, uma espécie de *guia do peregrino.* Nada tem que ver com qualquer diário devoto dalgum palmeiro, amigo de escrever, nas horas vagas, tudo o que fosse acontecendo.

Ainda assim, e talvez por isso mesmo, vale bastante para sabermos por onde iam, em geral, os peregrinos de Jerusalém, que coisas procuravam ver e que recordações devotas e antigas eles ligavam aos vários lugares da Palestina.

Está dividido em dezasseis capítulos:

Primeiramente se começão as Romarias da cidade chamada de Jopen, oje chamada Japhá atà Jerusalem.
As perigrinações da cidade de Jerusalem.
As perigrinações dentro ñ̃a cidade.
As perigrinações do Valle de Josaphá.
As perigrinações do monte Sañto Olivete.
As perigrinações do Valle de Siloe.
As perigriñações do Santo Monte de Siom.
As perigriñações de Betellem.
As perigrinações de Betañia.
As perigrinações do Rio Jordão.
As perigrinações da m̃ontañha de Judea.
As perigrinações do Valle de Membre, e dos lugares da cerca.
As perigriñações de Nazaret.
Perigrinações de Damasco.
Perigrinações do sañcto monte de Sinai.
Perigriñações da terra do Egipto.

As viagens dos romeiros ultrapassavam, pois, os limites da Terra Santa, estendendo-se à Síria e ao Egito.

Estes capítulos, duma secura desesperadora, têm o sabor dum guia turístico que aponta os monumentos religiosos, a visitar em cada povoação. Porém, fere, constantemente, a nota das indulgências. Além disso, comove-nos a boa fé com que o autor traça o roteiro destas peregrinações, situando, geogràficamente, as personagens antigas da Bíblia, com assombrosa audácia: *a Igreja na qual foi nascido S. Elias propheta,* escreve ele, ao falar das peregrinações de Belém. E aponta-nos o lugar exacto onde a estrela desapareceu,

a sepultura dos Santos Inocentes, o sítio «onde o Anjo ensinou a Maria e Jozeph o caminho do Egipto», sem esquecer «o lugar donde estava a virgem quando os Reys Magos offerecerão os dõees» ([448]).

Um peregrino, no entanto, é mais do que um turista. Por isso, também este itinerário ensina como os romeiros se deviam dispor para ganhar os *perdões,* confessando-se contritamente. Depois, entrariam na terra das maravilhosas recordações: «Em Japhà, escreve ele, aos que vão bem ([449]) contrictos, digo bem ([450]) confessados e contritos, he concedida remissão de todos seos peccados. A meya legoa de Japhà está hum penedo, onde S. Pedro esteve pescando, e ali he o porto, onde Jonas propheta decendeo para fogir em Tarsis da face de Deos, e ali he o lugar, onde S. Pedro resuscitou a Tuvita ([451]) dos mortos, servidora dos Apostolos; de Japha a Rumula são dez milhares ou milhas, e de Rumula por duas milhas em hũa villa que se diz Lida hum lugar onde foi hũa Igreja fermosa, e ora he destroida», etc. ([452]).

Com que carinho se nomeiam os Lugares Santos, debaixo da secura hirta das palavras! Às vezes, surge uma frase ou outra, em latim, sem nós enxergarmos porquê. Talvez restos do original, provàvelmente latino ([453]). O mais segue pelo mesmo estilo:

Em tal lugar, apareceu Nosso Senhor a S.ta Maria Madalena, em *forma dortellão*; tal capela de Jerusalém assinala o sítio onde *Christo appareceu a sua Madre;* mais além, *foy achada a cabeça de Adão* ([454]).

Naturalmente, o caminho por onde Jesus passou, com a cruz às costas, ficou bem assinalado, nestas páginas — e com que minúcia!: «Antre a porta da Igreja na plaça que se faz he hũa pedra onde Christo descançou hum pouco, quando trazia a Cruz; a caza da Veronica; a caza do rico, que negou ào Lazaro as migalhas de pão; o trevio ([455]), que se diz encruzilhada na qual os Judeos alugarão Simão, que levasse a cruz, e ali depondo a cruz se voltou

([448]) Em Muge, cód. 1046., fls. 85 v.-86.
([449]) No ms., lê-se *vem.*
([450]) No ms., *vem.*
([451]) Claramente assim. Devia ser Talita.
([452]) Bibl. da Casa de Cadaval, em Muge, cód. 1046, fl. 83-83 v.
([453]) *Ib.*, fl. 83 v.
([454]) *Ib.*, fl. 83 v.-84.
([455]) De *trivium,* encruzilhada.

contra as mulheres, que o seguião, dizendo: filhas de Jerusalem nom choreis sobre mim, mas sobre vos, e sobre vossos filhos; o Lugar onde Santa Maria pasmou, vendo seo filho trazer a Cruz; mais hum pouco he hum cerco, onde estão duas pedras, onde Christo folgou hum pouco com a Cruz, onde se chama *nichostratos*; a escola de S.ta Maria onde aprendeu as primeiras letras; a casa de Herodes, a qual Christo foy trazido, escarnecido e vestido de vestidura alva» — e assim por diante ([456]).

Apesar de tudo, ao escrever do Monte Olivete, tem a probidade de nos dizer que as pedras donde Nosso Senhor subiu ao céu tinham sido levadas pelos mouros e não eram as que lá ficaram: «e as pedras são mudadas, e levadas pelos mouros, e nom são aquellas proprias».

Não se trata do diário de impressões de nenhum peregrino. Ainda assim, foi escrito por um homem que andou pela Terra Santa, embora quase não fale de si mesmo. Efectivamente, ao apontar as peregrinações de Nazaré, confessa não ter ido a certa povoação, com receio das violências dos bárbaros: *A cidade de Ciro,* diz ele, *onde Christo sarou a filha da cananea; nesta peregrinação nom foy por temor dos barbaros* ([457]).

O último capítulo trata do Egito, terra farta em recordações cristãs, envolta na lenda florida de mil episódios da infância de Cristo. Lá está o *rio que vem do Paraiso terreal,* esse Nilo famoso cuja nascente ninguém conhecia. Mantinham-se de pé mosteiros e igrejas dos célebres Padres do Ermo, etc. Numa *terra chamada Meelfelito* existia «hum moesteiro dos Jacobitas por nome, onde he a capella, onde a virgem esteve por sete annos com seo filho, e Joze e se faz gram festa de todos os christãos no dia de Ramos» ([458]).

Na Idade Média, a lonjura das terras e dos factos aumentava a curiosidade das coisas. Em cópias manuscritas e, mais tarde, em belos incunábulos, com gravuras e mapas, os itinerários corriam de mão em mão, mesmo entre nós ([459]). E a mulher de D. João II possuía um quadro célebre, a saber, o *Panorama de Jerusalém.*

([456]) De *trivium*, encruzilhada, fl. 84. Substituímos os pontos por ponto e vírgula, quando têm o seu valor.
([457]) *Ib.*, fl. 87.
([458]) *Ib.*, fl. 87 v.
([459]) CONDE DE SABUGOSA, *A Rainha D. Leonor,* Lisboa, 1921, pp. 367-368.

Nele, poderia a rainha D. Leonor repousar os olhos, religiosamente, pensando nos sofrimentos de Cristo, cujos passos da Paixão se representam por entre o casario da cidade ([460]).

Foi pena que se tivesse perdido o *Itinerário que se faz à Terra Santa,* do P.e Paulo de Portalegre e outros cuja existência ficou desconhecida ([461]). Deviam ser alguns, pois Frei Pantaleão de Aveiro, no seu *Itinerário da Terra Sancta,* diz ter visto «muitos peregrinos fazerem itinerários de sua peregrinação, onde escrevião seus trabalhos e perigos e os lugares que em Terra Sancta visitavam» ([462]).

([460]) CONDE DE SABUGOSA, *A Rainha D. Leonor,* Lisboa, 1921, pp. 364-368.

([461]) P.e FRANCISCO DE SANTA MARIA, *O Ceo aberto na Terra,* Lisboa, 1687, p. 864.

([462]) Coimbra, 1927, p. IX. Também o jesuíta Jerónimo Rodrigues († 1591) fez *um curioso roteiro* dos Lugares Santos, conforme diz o P.e António Franco no *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal,* Porto, 1930, p. 86.

CAP. IX

Livros de Milagres, em latim

A partir do século XII, multiplicaram-se as colecções de milagres, em livros isolados da vida do santo ou, quando muito, com uma curta introdução — síntese da sua biografia ou da história do santuário ([463]). Tratava-se de uma tendência autonomista, em literatura: era a crónica do santo, neste mundo, depois da morte, *gesta Dei per sanctos* (os feitos de Deus, pelos santos).

A tais colecções, pequenas ou grandes, independentes ou apensas, muitas vezes, aos textos biográficos, damos-lhes, por motivos de ordem prática, o nome de Livros de Milagres. Na Idade Média, como na antiguidade, *livro* não implicava a ideia de volume separado. Por isso, André Dias, no códice iluminado das suas laudes e cantigas, acrescentou, depois delas, um Livro de Milagres do Bom Jesus e introduziu-o desta maneira: *Em nome do Bom Jesus se comece este livro* ([464]).

Com o tempo, tais colecções de milagres iam crescendo, sobretudo nos centros das grandes romarias. Os peregrinos contavam ao monge ou clérigo do santuário tal ou tal graça e o *dossier*, como afrancesadamente diríamos hoje, ia aumentando. Explica-se, deste modo, a monotonia destas pequeninas relações, desfiadas pelos romeiros através dos anos e que lemos num dia.

([463]) J. DE GHELLINK, *L'Essor de la Littérature Latine au XII siècle*, t. 2, Paris, 1946, pp. 165-167.

([464]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61, fl. 72 v.; MÁRIO MARTINS, *Laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias*, Lisboa, 1951, pp. 283-298.

Ao princípio, escreviam-se preferentemente em latim, com uns milagres encadeados nos outros por meio deste título incolor: *Item aliud miraculum* (Ainda outro milagre). É um arquivo de documentos hagiográficos de valor único para o estudo das romarias e devoções populares da Idade Média. Porque o *milagre sê-lo-á* ou não. Porém, o que se conta é geralmente sincero e não se falsifica, habitualmente, o ambiente histórico, nestas narrativas orais dos peregrinos.

Para muita gente, tais livros não chegam, talvez, a ser literatura. Parecem-nos iguais em todos os pontos do mundo. Na Inglaterra medieval, S. Tomás de Cantuária atraiu a si milhares de peregrinos. Os códices com a sua vida e milagres inundaram a Europa ([465]). O *Livro de S. Gilberto de Sempringham* também oferece longas listas de maravilhas, bem numeradas e de títulos assim: 1 – *de clerico arido*; 2 – *de muliere contracta per septem annos*; 3 – *de sacerdote paralitico per annum et amplius* ([466]). Quer dizer: Do clérigo ressequido; da mulher tolhida durante sete anos; do sacerdote paralítico mais de um ano, etc. Por este estilo seguia, também, a obra intitulada *S. Rudesindi Vita et Miracula,* escrita por dois monges do mosteiro de Celanova: *De muliere illuminata, et filio a daemone liberato*; *De ferreis circulis fractis*; *De muliere illuminata*, etc. ([467]). Isto é: Da mulher que cobrou a vista e do filho livre do demónio; dos círculos de ferro quebrados; da mulher curada da cegueira, etc. Temos a impressão de estarmos a ler, sempre, obras da mesma pena.

Quanto aos nossos Livros de Milagres, em latim, interessam-nos as colecções antigas que lemos no final da *Vita Sanctae Senorinae,* na *Vita Sancti Geraldi* e, principalmente, na *Translatio et miracula S. Vincentii* ([468]). Este último oferece o tipo mais perfeito, entre nós, de Livros de Milagres, em latim, separados da vida do santo. Mais adiante, para o século XIII, falaremos do *Livro dos Milagres de S. Frei Gil,* em latim bárbaro. Mas, desapareceu há muito.

E cá temos uma literatura *populista,* cem por cento. O seu autor *era legião,* milhares de peregrinos anónimos que ditavam

([465]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXIX/172.
([466]) R. FOREVILLE, *Le Livre de Saint Gilbert de Sempringham,* St. Dizier, 1943, pp. 42-44.
([467]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, p. 39.
([468]) *Ib.,* pp. 96-101.

tais narrações. Embora muitas destas páginas brilhem pela funda sinceridade que as anima, contudo nem sempre devemos confundir tal sinceridade com a verdade objectiva dos acontecimentos e, menos ainda, com a verdadeira interpretação deles. A exactidão das coisas contadas está, geralmente, em proporção inversa do tempo e do espaço. Ao longo dos anos e passando de boca em boca, deformavam-se os informes iniciais e a lenda envolvia-os na sua nevoenta poesia.

O latim é de uma estrutura incerta e sem nada de aristocrático, a meio caminho das línguas vivas. Porém, as suas frases chegam a parecer *faladas*. Ficamos a ver o clérigo ou monge sentado à mesa, a escrever. E o romeiro, ao contar o *milagre,* com abundância de gestos e pormenores realistas, sem dar por isso, impunha à narrativa escrita algo do seu estilo oral.

Como já vimos, doentes de nervos que se criam endemoninhados, clérigos a tremer de febre, enfermos de asma, navegantes sobre as águas inquietas do mar, rapariguinhas loucas que vagueavam pelos montes — todos eles traziam a sua pequenina e dolorosa história ([469]) à igreja onde repousava S.ta Senhorinha.

Raramente, nestes Livros de Milagres, o escritor chega a falar de si mesmo ou do que os seus olhos viram. No entanto, também isso acontece, uma vez por outra. De facto, na *Translatio et Miracula Sancti Vincentii* (Trasladação e Milagres de S. Vicente), ouvimos Mestre Estêvão falar desta maneira: *Eu mesmo vi,* etc. ([470]).

Uns atrás dos outros, vemos passar toda a espécie de romeiros, a caminho de S. Vicente ou a visitar o túmulo de S. Geraldo. E a uma distância de séculos, compreendemos, plenamente, a aflição destes monges de Alcobaça, salvos das ondas: «O navio, pois, ao sopro dum vento enganador, saíra do porto e, ao afastar-se da terra para o mar alto, mais e mais, um vento forte e súbito, de sopro contrário, envolveu o sacudido navio no meio de tal tempestade que ele, batido horrìvelmente pelas ondas, era levado direito às concavidades das rochas e aos sítios donde ninguém poderia escapar. Porém, nesse momento, aqueles religiosos varões, aterrorizados pelo perigo gritaram a uma só voz e imploraram S. Vicente para os livrar da morte eminente, com grandes clamores

([469]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, pp. 50-51, 56-59.
([470]) *Ib.,* p. 97.

e prantos. Ó maravilha! Terminada a oração, acabou imediatamente a procela e o vento mudou-se em brisa suavíssima e o barco entrou, com grande facilidade, no porto em que se venera o bem-aventurado S. Vicente. Ali, já livres de tão grande susto, apressam-se a visitar o santo Mártir e dão-lhe muitas graças por os ter salvo do perigo e contam gratamente ao povo como pelos merecimentos do santo escaparam da morte próxima. Também muitos outros que ganham de comer e de vestir, pescando, por conhecido e frequente milagre de S. Vicente, trazem os barcos no mar alto, muito carregados da quantidade de peixe» ([471]).

No século XIII, Frei Pedro Pais, frade pregador, ajuntou um vasto repertório dos milagres de S. Frei Gil de Santarém. Pelos princípios de quinhentos, Frei Baltazar de S. João fundou-se nesses elementos para a sua *Vita Beati Gilii,* ainda inédita ([472]). Mais tarde, um grande filho da nossa Renascença, André de Resende, *traduziu,* para latim mais elegante, a linguagem desarticulada do latim medievo de Pedro Pais ([473]). Ao escrever os milagres de S. Frei Gil, não pensava este dominicano do século XIII que as suas pequenas narrativas, postas em estilo por André de Resende, serviriam para Frei Luís de Sousa escrever algumas das mais belas páginas portuguesas.

Mesmo literàriamente, estas pequenas narrativas, em latim ou português, tiveram alguma influência. As *Cantigas de S.ta Maria,* de D. Afonso, o *Sábio,* foram trabalhadas à base destes milagres, entre eles os de Nossa Senhora de Terena ([474]).

Em S.ta Maria de Évora, no tempo de D. Afonso, o *Sábio,* havia um *gran volume* de milagres escritos ([475]), não sabemos em que língua.

Ainda no século XIII, os dominicanos portugueses, principalmente S. Frei Gil, enviaram a Frei Humberto de Romanis muitos casos extraordinários, que Frei Gerardo de Frachet introduziu nas

([471]) *P. M. H., Scriptores,* t. 1, p. 100. Virá daqui a presença de monges bernardos no políptico de S. Vicente?

([472]) Bibl. da Ajuda, ms. 51/II/58.

([473]) *Vita Beati Aegidii.* Cf., por exemplo, *AA. SS.,* Maio, t. 3, Veneza, 1738, pp. 402-438.

([474]) J. LEITE DE VASCONCELOS, *Santa Maria de Terena nas «Cantigas» de Affonso o Sábio no séc.* XIII, Lisboa, 1906.

([475]) *Cantigas de Santa Maria,* ed. cit., cant. CCCXXXVIII.

suas *Vitae Fratrum*. A lista maior pertence aos prodígios de Frei Paio de Coimbra, ao todo uns catorze ([476]). Estas e outras relações de milagres passá-las-emos em silêncio.

Em compensação, vamos insistir mais nos Livros de Milagres, em linguagem portuguesa, por terem exercido maior influência na vida religiosa, além de valerem muito mais em número e qualidade.

([476]) Fr. Gerardo de Frachet, *Vitae Fratrum*, P. v, cap. 9, n. 1.

CAP. X

Livros de Milagres, em português

Com a florescência das línguas modernas, os clérigos e monges preferem contar tudo *em romance*. Desta maneira, no século XV, nasceu em França a formosa *Vida e Miracles de Sancta Flor*, no dialecto de Quercy (477). Mais perto de Portugal, a partir da segunda metade de quatrocentos, o santuário de Nossa Senhora de Guadalupe deu origem a uma série de obras deste género, umas entroncadas nas outras (478), principalmente na obra do monge Diogo Ecija: *Corónica como fué fundada y edificada la iglesia y monesterio de Nuestra Señora Sancta Maria de Guadalupe* (479). Também o *Libro de la historia y milagros de nuestra señora de Montserrat*, com os seus 288 milagres, fala-nos doutros *libros antigos* em que muitos mais vinham contados (480).

Organizaram-se, entre nós, as crónicas maravilhosas das graças de Deus, pelos merecimentos de Nossa Senhora da Oliveira, dos Mártires de Marrocos, do Santo Condestável, de Nossa Senhora da Nazaré, de S. Gonçalo de Lagos, do Bom Jesus de S. Domingos de Lisboa, etc.

Nalguns casos, custa-nos a decidir se tais colecções estavam em português ou não, embora nos inclinemos para a afirmativa, ao tratar-se de Livros de Milagres do século XIV ou já de quatrocentos.

(477) *Analecta Bollandiana*, t. 64, pp. 13-46.
(478) Cf. D. Tomás Muñoz y Romero, *Diccionario de los Antiguos Reinos*, etc., Madrid, 1858, pp. 135-136.
(479) Ms. do século XV, outrora existente no Mosteiro da Guadalupe.
(480) Barcelona, 1550, fl. 32.

Num convento franciscano de Santarém, uma freira nascida no século XIII fez várias maravilhas, de que «estava cheo huum livro, o qual nos tempos antigos se furtou da sancristia» ([481]). Tal obra, porém, devia ser bem posterior ao tempo da sua morte, envolvendo-a numa aura poética que bem pouco favorece o seu valor histórico. Chamava-se ela D. Leonor Afonso, era enfermeira e, sob a sua bênção, uma cerejeira floriu repentinamente e deu fruta madura.

À volta de 1480, morria D. Constança de Noronha, duquesa de Bragança. Era amiga dos pobres e terceira de S. Francisco. Ora, os romeiros vinham pedir-lhe milagres: «Em nosso poder temos hum instrumento feito por mandado e authoridade publica no anno de mil e quatrocentos e oitenta e oito, aos vintatres dias do mes de Junho, na villa de Guimarães, em que se contão muitas, e mui notaveis maravilhas, que Deos Nosso Senhor por ella obrou, dando vida a desconfiados, saude nos olhos, a quem os tinha quasi perdidos de enfermidade, pés e mãos a alleijados, e desta sorte outras muitas» ([482]).

Tal inquirição fora levada a cabo em 1488, pelo juiz João Afonso, a pedido do franciscano Frei Pedro. E assim nasceu o que poderíamos chamar *Livro dos Milagres de Santa Duquesa.* Destes milagres, Fr. Manuel da Esperança tirou e resumiu uns sete: uma mulher de rosto leproso curou-se ao tocar na duquesa morta; uma criança paralítica levada pela avó pôs-se a caminhar, etc. ([483]).

Como escreve Rui de Pina, na *Crónica de D. Dinis* ([484]), S.ta Isabel fez «em sua vida muitos milagres, e depois de sua morte muitos mais». Destes e dos primeiros, vamos encontrar uma boa colecção, em linguagem do século XIV, no *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Purtugal, dona Isabel, e dos bõos feitos e milagres em sa vida e depoys da morte* ([485]), alguns deles autenticados por vários tabeliães, sobretudo Martim Afonso.

([481]) Fr. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica,* t. 1, Lisboa, 1656, p. 533.

([482]) D. RODRIGO DA CUNHA, *História Ecclesiástica dos Arcebispos de Braga,* t. 2, Lisboa, 1635, p. 244.

([483]) Fr. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica,* t. 1, Lisboa, 1656, pp. 182-183.

([484]) Lisboa, 1907, p. 29.

([485]) Ed. de J. J. Nunes, Coimbra, 1921, pp. 78-94.

Segundo nos parece, devem ter sido copiados dalguma colecção do mosteiro de S.ta Clara, formada a pouco e pouco, até ao tempo em que o anónimo da *leenda* de S.ta Isabel os meteu na vida da Rainha Santa. São cerca de vinte e um milagres (aleijados, cegos, gente possessa) em que não falta uma mulherzinha endemoninhada, de Lamego, que já percorrera muitas romarias de Portugal e Castela. E a mão anónima que tal escreveu, acrescenta: «Muitos omeens vẽem aaquela sepultura, ũus enfermos da quartãa em tempo de inverno, e outros enfermos de desvairadas enfermidades, tangidos do demonio, que partem dali curados, de guisa que longo seeria de contar as mercees que Deus faz a muitos por esta rainha» ([486]).

Através da tradução quatrocentista da *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285), escrita em latim na primeira metade do século XIV, podemos pôr-nos em contacto com uma colecção de prodígios de S.to António, onde não faltam muitos milagres enviados, seguramente, de cá ([487]). Naquela época, já muitas dessas narrações se encontravam profundamente deturpadas pela tradição oral, que tende, contìnuamente, para o romance piedoso ([488]). Quando o Papa canonizou o Santo, «as campas de aquela cidade [de Lisboa], nom as tangemdo nehuum, por sy meesmas elas se tamgiam» ([489]). E outras coisas parecidas, sem escapar a história sinistra de D. Loba ([490]).

Basta-nos dar o título dalguns destes milagres, na sua linguagem ([491]):

Milagre que sse acomteçeo em Lisboa, cidade de Portugall, de huum moço.

Milagre. Como hũa filha delrey de Liam e de hũa Rainha purtuguesa resuçitou samto Amtonio.

Milagre de huum sobrinho de Samto Amtonio que foy resuçitado.

Millagre de huũa filha da Rainha dona Tarega de Purtugall.

([486]) Ed. de J. J. Nunes, Coimbra, 1921, p. 90, n.º 53.

([487]) *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285), t. 1, Coimbra, 1918, pp. 263-282.

([488]) Cf. Léon de Kerval, *L'évolution et le développement du merveilleux dans les légendes de S. Antoine de Padoue*, Paris, 1906.

([489]) *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285), t. 1, ed. cit., p. 264.

([490]) *Ib.*, pp. 273-276.

([491]) *Ib.*, pp. 264-282; Mário Martins, *O ciclo franciscano na nossa espiritualidade medieval*, sep. de *Biblos*, 27 (1951), pp. 69-78.

Nota huum milagre maravilhoso que acomteçeo em Samtarem.

Milagre que aconteçeo em Serpa, villa de Portugall, e do que sse hi passou.

De huum milagre que acomteçeo em Torres Novas, villa de Purtugall.

Achamo-nos, não raro, em plena fantasia, longe das fontes primitivas e seguras. E as narrativas franciscanas, enviadas de terra portuguesa, tornam a aparecer aqui e além, às vezes com o sabor agreste e perfumado das *Florinhas de S. Francisco.* O Santo de Assis salvou das águas do rio Mondego a filhinha de um amigo dos frades — e foram dar com a pequenina em cima de um rochedo, «que estava demtro em no riio, saã e sem dano, com huũa saya vermelha, que damtes tinha vestida» ([492]). Noutro caso, é um frade menor que livra uma moça do demónio ([493]). Pedro Boi, um avarento de Estremoz, «oulhou contra o moesteiro dos fraires e viio sobre o telhado da igreja vimte e nove candeas bem despostas». Concluiu que eles eram santos e mandou-lhes *booa pitança* ([494]). *Segue-sse huũa maravilhossa vissom que vyo huum fraire em no moesteiro de Lixboa* ([495]), seguida pela história do cozinheiro ajudado dos anjos ([496]).

Passemos à frente mais três maravilhas, acontecidas em Évora e Alenquer ([497]), dando por finda esta colecção hagiográfica dos bons frades portugueses de S. Francisco. Agora, temos alguns *milagres que nosso Senhor fez pelos merecimentos do santo Infante D. Fernando* ([498]), páginas fugitivas e de pouco significado. De maior valor seria a colecção de *alguns milagres authenticados que Deos fez pellos merecimentos do Bemaventurado Sam Gonçalo de Lagos,* da segunda metade do século XV e anos posteriores ([499]).

([492]) *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285), t. 1, ed. cit., p. 367.
([493]) *Ib.*, t. 2, p. 70.
([494]) *Ib.*, pp. 70-72.
([495]) *Ib.*, p. 211.
([496]) *Ib.*, pp. 213-214.
([497]) *Ib.*, pp. 215-217, 226.
([498]) Fr. João Álvares, *Crónica do Infante Santo D. Fernando,* Coimbra, 1911, cap. 42.
([499]) Fr. António da Purificação, *Chronica da ordem dos eremitas de S. Agostinho,* P. 2, Lisboa, 1656, pp. 287 e ss.

Em geral, cada um destes Livros de Milagres indicava bastantemente o centro de afluência de uma vasta zona de romeiros e transformava-se, igualmente, na sua crónica humilde e anónima.

Manuel de Brito Alão teve nas mãos alguns registos em que estavam «alguns milagres, e maravilhas, que a Senhora obrou nella por meyo desta sua Santa Imagem» ([500]) de N.ª S.ª da Nazaré. No santuário de Nossa Senhora da Oliveira, encontrava-se outro Livro de Milagres ([501]) e Fr. João da Póvoa fez *ajuntar num quaderno os milagres de N. Senhora das Virtudes, os quaes andavão espalhados em papeis particulares, e soltos* ([502]).

Vamos pôr em relevo alguns Livros de Milagres que chegaram aos nossos dias. O primeiro está em galaico-português, mas foi escrito entre nós (não sabemos se em latim ou directamente em língua viva). O segundo vem da primeira metade do século XIV. Quanto aos demais, estão em português de quatrocentos.

1.º — Milagres de S. Abdão

Abdão, Abdom, Adom, Audom, Oudom, Eudom — por estes e mais variados nomes é conhecido do povo um estranho peregrino medieval, tido por santo. Ainda hoje em dia, tem a sua capela na Correlhã ([503]), diocese de Braga. Apesar disso, pouco ou nada sabemos deste romeiro nem do mártir que tem o seu nome. Contudo, existe uma narrativa da sua morte, em galaico-português do século XIV, nos *Miragres de Santiago*. E todos os romeiros de S. Abdão, nomeados nesse livro, são de terras portuguesas.

Vale a pena transcrever a página comovedora em torno do passamento de S. Abdão, peregrino de S. Tiago de Compostela: «Sabede que huun omme boõ de santa vida, fui en rromaria a Santiago; et avia nome Audon; et pois que ouve sua rromaria acabada, entrouse ao Reyno de Portugal, et chegou a huun couto

([500]) Manuel de Brito Alão, *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora de Nazareth*, Lisboa, 1684, p. 37.

([501]) Fr. Leão de S. Tomás, *Benedictina Lusitana*, t. 2, Coimbra, 1651, p. 170.

([502]) Fr. Manuel da Esperança, *História Seráfica*, t. 2, Lisboa, 1666, pp. 490, 583-586.

([503]) L. de Figueiredo Guerra, *A capela de S. Abdão na Correlhã*, 1924. Cf., também, Mário Martins, *Os Autos dos Apóstolos e o Livro de Santiago*, em *Brotéria*, 48 (1949), pp. 312-315.

de Santiago que ha nome Cornelloa que jaz cabo do rio a que chaman Limia, et pousou en casa de huun lavrador que avia nome Agomiño et jouve y moyto doente tres dias; et porque entendeu que se chegava o dia da sua morte, enviou aquel seu ospede aos clerigos que o levasen, aa iglesia d'y, ca seeria proveyto da iglesia se o asi fezesem. Et os clerigos quando esto oyron, huun d'eles que avia nome Martiño, preguntou se tragia diñeiros segundo os clerigos soen fazer; et desque souberon que non tragia senom o bordom, e esportela et huun-a saya, diseron ao ospede que se quisese ou podese que o levase aa iglesia, et eles que o reçeberian deboamente; et el enton volveuse para sua casa e por lo miragre de Deus achou huun asno et poseo en el et levoo alo e deytoo en huun leito, et el pedio o corpo de Deus; et quando vio que llo tragian deitouse en terra et rreçebeo con gran devoçon et con grandes lagrimas. Et en outro dia aa tarde leixaronno soo en no leito traballando con a morte; et aa mea noyte acharonno jazer en terra morto e volto contra Oriente, segundo he acustumado dos cristiãos; et esto foy cinquo dias ante janeiro, em dia dos ynoçentes, en no anno da encarnaçon de mill et çento e triinta annos» ([504]).

Ora, mal o romeiro deu a alma ao Criador, as crianças puseram-se a gritar: *Oudom, santo de Deus, ajuda-nos!* E fez muitos milagres.

Na cerração da noite, Mendo, um bom clérigo, viu luzes sobre o seu túmulo. Ega, boa mulher amiga de Deus, notou o mesmo. E Paio tomou uma *candea* e disse desta maneira:

«— Oudom, se tu es santo e amigo de Deus, fays que se açenda esta candea por si; — et a candea foy logo acesa» ([505]).

Vemos curar uma fidalga paralítica, que já fora em romaria a S. Martinho. Contemplamos a figura dolorosa doutra mulher «que non dormia nen comia, e con a rravea fogia commo sandia por los logares despobrados e levaronna ao seu moymento; et logo foy sana commo adormeçeu» ([506]). Escutamos o milagre a favor dum pobre cego que *cobrou logo moy ben o lume dos ollos* e

([504]) *Os miragres de Santiago, version gallega del siglo XIV*, ed. por E. López-Aydillo, Valladolid, 1918, p. 53.
([505]) *Ib.*, p. 54.
([506]) *Ib.*, p. 55.

nunca mais quis abandonar a Correlhã, até ser enterrado ao lado de S. Abdão.

Chega uma *demoniada* (endemoninhada) de Bragança e também fica livre, etc., etc. «Estes miragres e outros muytos mostrou e faz Deus por aquel home Santo Oudon en aquel lugar do apostolo Santiago, aaqueles que o demandan e o an mester» ([507]).

Tais narrativas incluem uma explicação sobrenatural do sofrimento humano e da sua função na nossa vida. A dor unia-os a Deus.

2.º — Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães

Foi escrito por Afonso Peres, tabelião de Guimarães, entre 1342 e 1343. Entre os milagres, nada aparece *da pestelença,* surgindo, apenas, cegos, mudos, endemoninhados, gente aleijada, etc.

Em 1351, o cónego Esteve Anes pediu a Antoninho Lourenço *que catasse o livro* [*em*] *que o dito Affonso Perez escrevera os dittos milagres e que lhe mandase dar o trelado pera o enviar mostrar aos fieis de Deos,* a fim de eles ajudarem as obras de Nossa Senhora da Oliveira. Antoninho Lourenço pôs-se a procurar e achou *hum livro de purgaminho escrito por mão do dito Affonso Perez, segundo a ssa letra paresia* ([508]). E copiou tudo.

Mais tarde, outros fizeram o mesmo. Em 1572, o cónego vimaranense Gonçalo Ribeiro requereu, também, que lhe mandassem *tresladar os dittos estormentos dos milagres que fizera Nossa Senhora* ([509]). Certamente que esta cópia não seria bastante para satisfazer a piedade dos fiéis. De facto Pedro de Mesquita também copiou os milagres de Afonso Peres, em 1620, cópia essa ainda existente no Arquivo Municipal de Guimarães (cód. n.º 1550/A-5-4-65).

Gaspar Estaço, nos princípios do século XVII, teve nas mãos o *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira,* não sabemos

([507]) *Os miragres de Santiago, version gallega del siglo XIV,* ed. por E. López-Aydillo, Valladolid, 1918, p. 56.

([508]) Arquivo da Universidade de Coimbra, doc. 57, em letra da primeira metade de seiscentos, fl. 8 v.

([509]) *Ib.,* fl. 8.

se na letra original ou em apógrafo antigo da Idade Média. Os milagres estavam em *dous purgaminhos* da Colegiada de Guimarães «e foram primeiro escritos por hum Affonso Peres taballiam daquelle tempo, dos quaes nós escrevemos sómente o primeiro pola razam, que logo se verá, o qual é o seguinte. *Señor. Affonso Peres taballiam na vossa villa de Guimarães faço saber a v. m. que na Era de M.CCC.LXXX. annos oito dias de Settembro foi posta a cruz na alvaçaria de Guimarães, e a aduceu hi P.º Steves nosso natural, filho que foi de Stevo Garcia en outro tempo mercador de Guimarães, e a qual cruz G.º Steves irmam do ditto P.º Steves diz que foi vontade de Deus, que lhe deu a entender, que fosse a Lormandia Anafrol, e que comprasse a ditta Cruz, e a aducesse a este lugar de Guimarães hu esta assentada apar da oliveira, a qual oliveira quando esta Cruz apar della assentaron era seca, e daquel dia a tres dias começou de reverdecer, e deitar ramos, e eu Affonso Peres taballiam esto escrevi.* Nam escrevo os outros milagres, porque ja andam en hum livro de letra de mam» ([510]).

Este *livro de letra de mam,* a que se refere Gaspar Estaço, seria este nosso apógrafo, em letra da primeira metade de seiscentos, actualmente no Arquivo da Universidade de Coimbra ([511])? Não sabemos nem isso tem importância. Percorramos alguns dos seus quarenta e tal milagres: um moço *piqueno* era mudo e Nossa Senhora deu-lhe a fala... *e logo o chantre e cabido e clerigos da ditta Villa, visto este milagre, forom hy fazer procissom*; Margarida, ceguinha dos lados da Ribeira do Homem, veio em romaria a Nossa Senhora da Oliveira e começou logo a ver... *e o chantre e os conegos e os clerigos da ditta Villa, visto este milagre, fizerom procissom*; Nicolau, moço endemoninhado, foi livre por graça da Senhora da Oliveira e *lançou pella garganta hum dinheiro novo que hy está pendorado e o chantre, conigos e clerigos da ditta Villa, vendo este milagre, foram lhy logo fazer proçissom.*

([510]) GASPAR ESTAÇO, *Várias antiguidades de Portugal*, Lisboa, 1625, pp. 156-157.

([511]) Entrou para o Arquivo da Universidade de Coimbra por diligência do Rev.do Dr. Avelino de Jesus Costa, a quem devemos o conhecimento deste manuscrito. Os milagres foram integralmente publicados por Mário Martins em *Revista de Guimarães*, 63 (1953), pp. 83-132. Na separata, ajuntou-se um apêndice com um estudo comparativo entre o apógrafo de Coimbra e o do Arq. Mun. de Guimarães — com as variantes substanciais deste último.

A litania das maravilhas vai seguindo pelo mesmo caminho, com dados exactos: nome, filiação, terra, milagre e o eterno refrém *e logo o chantre e os conigos e clerigos da ditta Villa, vendo este milagre, foron lhi fazer procissom* (a frase pouco muda dum milagre para outro).

Encontramos várias pessoas: Senhorinha, cega de nascença; uma rapariga chamada Maria Pascoal, quase muda, de modo que a não podiam entender; Lourenço Esteves, também sem a luz dos olhos; Domingas de S. Gens, dos arredores de Lamego, que se julgava possessa do diabo; um tal Pedro Peres, hemiplégico — enfim, um mundo de gente sofredora. Não faltava, mesmo, um monge de Pombeiro «que avia grandes tempos et annos que non mandava o seu braço direito, e que o tinha encoberto por tal guiza que nom avia em el força nenhũa e fizi lhi merçe e endireitou lhe o braço e sinou se com el, e logo o chantre et os conigos e os clerigos da Villa vendo este milagre fezi lhi fazer procissom; eu Affonço Perez, taballiom de Guimarães, este milagre escrevy. Testemunhas: Martim Domingez; Lourenço Dominges o Alvim; Martim Moreira et outros ([512]).

O último milagre fala-nos de Maria Lourenço, endemoninhada havia mais de seis meses. Perguntaram-lhe *quem andava dentro della et diziam que avia nome Pedro* ([513]). Livrou-a Nossa Senhora da Oliveira, *et o chantre et os conegos et os clerigos do Choro vendo este milagre foron lhy fazer procisson.*

São páginas de grande interesse, pela sua origem do século XIV, mas linguìsticamente deformadas por uma genealogia de copistas. Bom seria se encontrássemos o pergaminho com a letra de Afonso Peres ou, pelo menos, algum apógrafo da Idade Média.

3.º — Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos

Quase toda em letra gótica do século XV, esta colecção ainda existe num velho códice de Santa Cruz ([514]). Desta obra tirou a *Crónica dos Cinco Reis de Portugal* umas quatro páginas com as

([512]) Arq. da Univ. de Coimbra, ms. cit., fl. 10.
([513]) *Ib.*, fl. 20.
([514]) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770. Era o cód. XXXVIII, da velha numeração do mosteiro da Santa Cruz em Coimbra. Cf., também, *Crónicas dos Sete Primeiros Reis*

maravilhas dos santos mártires ([515]) e nela se funda, quase passo a passo, a colecção de milagres do *Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos* ([516]) editado, primeiramente, em 1568. De facto, tanto o texto destas páginas como o do antigo códice de Santa Cruz marcham paralelamente e coincidem bastante. Ainda assim, divergem aqui e acolá, havendo também milagres num, que faltam no outro, e vice-versa. Mas é o códice manuscrito que possui mais vasta quantidade de milagres e de maior valor histórico e linguístico. São quase todos de quatrocentos.

Depois duma grande iluminura, na primeira folha, a representar o martírio dos santos franciscanos, segue-se o primeiro milagre. Foi a cura duma cega, «a qual veo aquy a este moesteiro ao sanchristiaão ([517]) que lhe desse hũa pouca dagua dos preciosos martires, em huum pucaro. E levou a e pose a em os olhos, e prouve ao muyto alto Senhor Deos que lhe deu saude e vista. E esto he verdade. E saben no quantos ha em a çidade de Coinbra» ([518]).

Através destas folhas de pergaminho, vemos alongar-se a formosa sequência das grandes maravilhas e das práticas devotas dos romeiros. Trata-se de narrações exactas, na sua grande maioria, com nomes de pessoas e terras, cheias de pormenores realistas:

O cónego Diogo Gonçalves engoliu uma sanguessuga e logo a

de Portugal, ed. por C. da Silva Tarouca, t. 1, Lisboa, 1952, pp. 197-207. Nelas, vem D. Mateus, bispo de Lisboa, como tendo mandado escrever toda a história dos Mártires de Marrocos, depois de a ter ouvido ao cavaleiro Estêvão Pires: «o Iffante D. Pedro, seu irmão, filho delRey D. Sancho, trouve de Maroquos pera Coimbra os cimquo Marteres da Ordem de San Francisco, na Era de MCCLXVIII (1230) anos XVI dias de Janeyro, que forom marterizados pela Fee de Jesu Christo. A qual historia aquy diremos, segundo foy sabida por muytos, que com o Iffante andavom em Maroquos, e spicialmente por hum cavaleiro natural de Santarem, chamado Estevom Periz, homem homrado e de boons costumes, segumdo desto da testemunho D. Mateus, Bispo de Lixboa, em cujas mãos por juramento dos santos avamjelhos, ele comtou toda a estoria, como se acomteçera, estando ele com outros muytos fidalguos em Maroquos em companhya do dicto Iffante D. Pedro» (t. 1, p. 197). E mais adiante: «E dezia aquele bispo, de que dicto avemos que fez esprever esta estoria, que Ruy Fafez, cavaleyro, e outros cavaleyros de casa do Iffamte lhe comtarom depois per muytas vezes todo esto que disemos destes santos Marteres, por esta maneyra e ainda outras cousas» (pp. 206-207).

([515]) Ed. por A. de Magalhães Basto, Porto, 1945, pp. 244-248.

([516]) *Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos,* ed. por Rocha Madahil, Coimbra, 1928.

([517]) Sacristão.

([518]) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 2.

lançou fora, quando «a molher de Vasco Annes cavaleyro, sua madrinha, o encomendou a estes sanctos martires» ([519]).

Ficamos sabendo coisas mínimas: que ao escrever do milagre ele ainda era vivo, que morava em Santa Cruz de Coimbra e que deitou a dita *semexuga per hũa ventãa dos narizes.* É uma linguagem familiar, amiga de contar tudo miùdamente, como acontece ao povo, sobretudo às mulheres.

O prior de S. Tiago, João Martins, a quem se atravessara um osso quando estava «comendo um coelho», fez uma romaria até ao mosteiro «onde elles jazem logo lançou o osso e reçebeo saude» ([520]).

Segue-se o caso do tabelião de Soure, com a ideia fixa do cão danado, certamente mais exacto que a històriazinha da mula do delegado papal, o qual fez pouco dos santos mártires e «desprezou de lhes fazer oraçom». Ora, que aconteceu depois? A «mulla em que andava caeo em terra por morta, e elle ficou muito espantado daquella cousa. E os que hy stavam lhe disserom que por que desprezara a oraçom destes sanctos que por aquella rezom lhe aveera tal cousa. E emtom elle tornou com muy grande devaçom pedindo merçee que lhe perdoassem e ofereçeo grandes offertas aos sanctos bem aventurados» ([521]).

Devotamente, perpassa, diante de nós, a litania lenta dos peregrinos: cura-se um escudeiro coimbrão, que *era moço quebrado,* fazem-se três milagres aos companheiros vagabundos do *Ifante dom Pedro,* o que andou por Marrocos, vemos, entre outras coisas, nascer a famosa e estranha procissão dos nus, que tantos anos havia de durar ([522]).

Escutamos uma *demuninhada* (endemoninhada) que ficou tranquila, depois de três missas junto das relíquias dos Mártires de Marrocos ([523]). Aparece, ainda, outra infeliz da mesma espécie, chamada Catarina Pires, que seguia para o santuário de Nossa Senhora das Virtudes ([524]). Vêm, sobretudo, romeiros dos arredores de Coimbra, a cumprir as suas promessas ou a implorar milagres.

([519]) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 2.
([520]) *Ib.,* fl. 2-2 v.
([521]) *Ib.,* fl. 2 v.-3.
([522]) *Ib.,* fls. 3-4. MÁRIO MARTINS, *O ciclo franciscano na nossa espiritualidade medieval,* sep. de *Biblos,* 27 (1951), pp. 81-83.
([523]) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 4.
([524]) *Ib.,* fl. 4 v.

Rezam, dão esmolas e trazem, por exemplo, *hũa fogaça muy grande e tres dobrados,* como fez Afonso Anes ([525]), em 1433. Chegamos a ouvir o diálogo de duas mulherzinhas, uma delas a persuadir a outra, com palavras cheias de esperança ([526]).

Aqui e além, a imaginação popular envolvera, já, nas roupagens fantasiosas do romance edificante, alguns episódios antigos. Assim acontece ao castigo de Diogo Pires, por ele andar a trabalhar no dia festivo dos Mártires de Marrocos. Quantos pregadores lançariam mão desta história apologética, no sermão da grande romaria!:

«En na era do nacimento de nosso Senhor Jhesu Christo de mill e quatrocentos e XXX annos, fizerom estes gloriosos martires huum milagre mui fremoso. Huum homem que avia nome Diego Pirez dicto da curta, que morava tras a oussya de sam Bertollameu, andava huum dia destes gloriosos marteres em sua vinha podando, que jaz tras sam Francisco. E veeo huum homem pello caminho e disselhe: ay, Diego Pirez. E nom sabees que he oye dia dos martires que jazem em santa cruz; e elle oolhou pera o caminho e nom vio nenguem. E em olhando disse: que monta ysso que nom som de gardar. E poren oolhou quem lhe aquello dizia e nom vyo nenguem e tornou ao seu officio de podar, e logo subpitamente lhe veo huum tremor ao corpo e aas maãos que yamays nom pode fazer nenhuũa cousa que elle entendeo em sy que fazia muy grande mal. E logo subpitamente se veo ao moosteiro de santa cruz e fez sua oraçom honde jazem os seus corpos e lhe fez logo promitimento que nunca em quanto el vivesse que nunca fizesse em seu dia. Mais antes lhe prometia de hir sempre aa sua vespera e missa e preegaçom; e fecto este promitimento ante elles foyse aa clastra a ouvir sua preegaçom e ja stavam em fim della e deu este Diego Pirez em seu testemunho que elle tiinha videiras podadas LXXX ou bem çento assy como aquel que se fora a ssua vinha antes que sahisse muyto o sol e Deos fez tamanho millagre que em todas estas videiras nom lhe ouve tam soomente huum cacho e em toda a outra vinha Deos lhe deu muyto fructu» ([527]).

([525]) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 5 v.
([526]) *Ib.*, fl. 7.
([527]) *Ib.*, fl. 6.

Não estranhemos tais lendas ao lado de muitas verdades. Na história profana, acontecia o mesmo e precisamos, para tal literatura, um pouco de inteligente perdão.

Mais tarde, nos princípios de seiscentos, Francisco Lopes poria em verso a *Verdadeira e Santa Historia dos Sinco Martyres de Marrocos* ([528]), incluindo nela alguns dos seus milagres:

«Nhum lugar humilde e pobre
Hũa legoa da Cidade
De Coimbra antigua, e nobre,
Veo de ares maos que a cobre
Pestifera enfermidade.

Dizem que se chama este
Lugar onde a peste deo
Fala; no qual succedeo
Morrerem todos de peste,
Salvo hum só, que não morreo.

Veo a rede barredoura,
Como la dizem, e levou
Todo o vivente que achou
Barrendo tudo à bassoura,
Donde hum so homem ficou.» ([529])

E o resto vai seguindo, em redondilhas um tanto moles, contando como o bom do homem salvo da peste, deu ali começo à procissão dos nus. Ora, Francisco Lopes sòmente resumia e punha em verso o que vinha, desde tempos antigos, no Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos.

4.º — Livro dos Milagres do Santo Condestável

Já o rei D. Duarte pensara na canonização de D. Nuno Álvares Pereira ([530]). Mais tarde, formou-se uma colectânea de milagres que

([528]) Francisco Lopes, *Verdadeira e Santa Historia dos Sinco Martyres de Marrocos*, Lisboa, 1619.

([529]) *Ib.*, fls. 221 e ss.

([530]) Carlos da Silva Tarouca, *Onde está o Rol dos Milagres do B.º Nuno Álvares Pereira, escrito por Gomes Eanes de Azurara?*, em *Brotéria*, 47 (1948), pp. 155-163; Idem, *O «Santo Condestável» pode ser canonizado?*, em *Brotéria*, 49 (1949), pp. 129-140.

algum carmelita escreveu mas que foi atribuída a Gomes Eanes de Zurara ([531]). Essa colecção antigamente guardada no Convento do Carmo em Lisboa, *scritta in caratteri gotici*, e agora desaparecida, foi parcialmente traduzida em italiano ou, simplesmente copiada, passou a Roma e por lá ficou ([532]). Mas em Portugal também corriam vários apógrafos. Como o rol dos milagres do velho guerreiro sofreu vários arranjos do P.e Jorge Cotrim e de Fr. Jerónimo, preferimos a cópia de Manuel Severim de Faria, hoje existente no cód. 4044, da Casa Cadaval, em Muge. Representa o texto de tipo mais antigo e autêntico e intitula-se desta maneira: *Milagres do sancto Condestabre da Ordem de nossa Senhora do Carmo.* Directa ou indirectamente, é a esta colecção que se refere o autor do *Murray's Hand-Book for Travellers in Portugal* ([533]) que traduz para inglês, com a mesma numeração, o milagre 36.º deste apógrafo.

Em português, reza ele desta sorte:

«36. O Senhor sancto Condestabre tinha hũa alampada de prata em çima da sua sepultura, e aconteceo, que depois da vespera chegou hũm homem ao mosteiro e vendo que não estavão aly os fraires foise a sepultura do senhor sancto Conde, e fez sua oração

([531]) Carlos da Silva Tarouca, *Onde está o Rol dos Milagres do B.º Nuno Alvares Pereira, escrito por Gomes Eanes de Azurara?,* em *Brotéria,* 47 (1948), p. 163.

([532]) O P.e Maurício Bruni, sábio carmelita brasileiro, enviou-nos a seguinte nota acerca dos milagres do Santo Condestável, que agradecemos e copiamos a seguir:

«*Memoria di alcuni dei molti miracoli che Iddio operò per intercessione del Conte Santo il B. Nonio Alvarez Pyreirá, chi vi si trova nell'archivio del Real Convento del Carmine di Lisbona, scritta in caratteri gotici ed in idioma molto antico portoghese, la di cui copia autentica in lingua portoghese si conserva nell'archivio dell'Ordine del Convento di S. Maria della Transpontina di Roma.* (Segue a narração de alguns dos milagres, escrita em italiano).

Apud postulador das causas ... da Ordem do Carmo, em Roma. Cota: Post. IV 118, 1 (*Vitae Servorum Dei Carmelitarum a fratre Seraphino Maria Potenza ejusdem Ordinis sacerdote collectae*) a fol. 176.

Segue, no mesmo códice, a fol. 204: *Brieve* (sic) *relacione della vita del grande Contestabile* (sic) *di Portogallo B. Nugno Alvarez Pereyra detto comunemente per antonomasia il Conte Santo.*

*

Del ristretto della vista di Nonnio A. Pereira... scritta latinamente da Antonio Rodrigo Costa... Stampata in Lisbona nell'anno 1723 appresso Pascale di Silva, stampatore del Re e della Regia Accademia in folio carte 188 senza la Prefazione e indice. (ib., Codex II, a fol. 372. Cota: Post. IV 118,2).

Em outro códice (Cota: Post. IV 114, a fol. 14-39) acha-se outro rol de milagres do B. Nuno, agora em português, transcritos do mesmo códice em *lettra gotica e muy antigua lingoagem.*»

([533]) Londres, 1864, pp. 24-25.

e em fim de oração furtou a ditta alampada donde estava, e torceo a toda e metteo a de so o sobaco, e andou com ella pello mosteiro per espaço de hũa hora andando de porta em porta e não podia sair fora do Mosteiro asquando se andandose, e elle vendo esto tirou a lampada de sy, e deitoua atras de hum ataude, e não embargando que assim a lançasse, ele nunqua pode sair fora do Mosteiro ataa que o doutor frey Martinho tomou pello braço, e o lançou pella porta do convento fora» ([534]).

São 221 casos, ao todo, e constituem a mais vasta compilação que nos legou o século XV, ainda maior que a dos milagres do Bom Jesus, de mestre André Dias.

Muitas vezes, uma graça espiritual passa ao primeiro plano e dá sentido superior e sobrenatural à graça temporal. Assim acontece, logo no primeiro milagre, quando o Condestável, em sonhos, manda a um homem que se confesse, para não morrer de peste ([535]).

Geralmente, os devotos procuravam o milagre só depois de terem corrido *fizicos e solorgiaães* ([536]). Uma vez curados, contavam a sua pequenina história, que o padre-sacristão escutava: *Diogo Gil, carpinteiro, que mora em Villa Nova, diz...* ([537]).

São descrições desnudas de qualquer retórica, em que o estilo adquire a simplicidade esquelética e um pouco fria da linguagem tabelioa, com nomes, datas, profissões e moradas. E vemos passar toda a casta de gente, mesmo das classes altas. Contudo, a maioria sai da multidão anónima para contar o seu milagre e volta, de novo, para o olvido das coisas desconhecidas e que não deixam rasto.

Sobre as ondas inquietas e sonoras, os pescadores recorriam às *preces e rogarias do sancto Conde* e vinham, depois, acrescentar mais um número maravilhoso ao rol do Condestável, tudo em linguagem de marítimos:

«38. Viçente Rodriguez Pescador que mora na Lapa: Diz que elle partio em hũa sua barca com outros parçeiros a pescar no mar alto, e tanto que sairão de fós em fora, aprouve a Deos de lhe dar tal tormenta, que se fizerão VI dias sem poderem tomar terra.

([534]) Bibl. da Casa Cadaval, em Muge, cód. 4044, fl. 90. Os milagres abrangem as fls. 84-118 v.
([535]) *Ib.*, fl. 84.
([536]) *Ib.*, fl. 85.
([537]) *Ib.*, fl. 86-86 v.

E a tormenta era tamanha que estavão em ponto de não aver vida assim por mingua de mantimento, como da tormenta que era muy esgarrada que não podião aver terra. E devotamente se encomendarão ao sancto Condestabre que os livrasse daquelle perigo, e o senhor Deos pellas preces e rogarias do sancto Conde os livrou daquelle perigo, e logo virão terra, e vierão a porto com saude, e pax» ([538]).

O mais não se aparta deste estilo: gente aflita e *adoorada* (cheia de dores) que recorre ao Conde Santo, indo depois em romaria ao seu túmulo. Faziam vigílias, rezavam, deitavam, sobre as chagas, terra da sepultura ou bebiam-na com água. E Deus punha a sua virtude nestas práticas simples de todos os tempos.

Num povo de trovadores e romarias, de estranhar seria a ausência completa de cantares religiosos, em torno dos milagres dos santos e de Nossa Senhora. Mas nada ou quase nada ficou — e os milagres de Nuno Álvares, em verso, coligidos pelo cronista carmelitano, parecem apócrifos. Seja como for, registamos a sua existência inofensiva. Como narra uma memória antiga, escreve Fr. José Pereira de Santana, os romeiros do Conde Santo, ao chegarem à igreja do Carmo, *acendião o seu velão, que era de pezo darroba, e fagião sua oraçom beem espeçada; e menguado o afam da andança, empeçavão suas folias no logo do soterramento* ([539]).

Ora, de que falavam esses cantares de romaria, à volta da sepultura do Condestável? Além de seguidilhas patrióticas, eram canções relativas aos milagres que vêm no rol atribuído a Gomes Eanes de Zurara:

«Outras Seguidilhas cantavão, nas quaes se incluem famosos portentos, que Deos obrava pelos merecimentos do seu Bemaventurado Servo, os quaes se achão escritos entre os outros do estimado livro original de Gomes Annes de Azurara, composto no tempo d'el-Rey D. Duarte, e se guarda no Archivo deste Convento. Mas como no Capitulo seguinte havemos de fazer memoria dessas maravilhas, agora só transcreveremos as Trovas com toda a formalidade, que achamos nos firmíssimos monumentos do mesmo Archivo; sem desestimarmos semelhantes vulgaridades, porque com

([538]) Bibl. da Casa Cadaval, em Muge, cód. 4044, fl. 90-90 v.

([539]) Fr. José Pereira de Santana, *Crónica dos Carmelitas da antiga e regular observancia,* t. 1, Lisboa, 1745, p. 468.

ellas se prova ser tão constante a noticia dos referidos prodigios, que estes servião de particular assumpto ao applauso commum de sua acreditada santidade. Dizem, pois, as Seguidilhas:

«Do Restello a Sacavem
Nem ningola nem ninguem
Tem semelho ao Condestabre
Que lhe prouge, e que le praze
Ho fagernos tanto bem.

O rapaz das coberturas,
Que morre e cahe para traz,
Já nom vai á sepultura,
Que otra bez vive o rapaz:
E ho Conde le fizo o bem.

Á filha de Joanne Estés,
Que finou por non mamar,
Ao do Moinho do cubo
Que finou por se afogar,
Viventa o Conde tambem.

O mal daquella alfayata,
A gram dor de Lopo Affons,
Non les chega aos corações,
Que o Conde Santo los guarda:
Y todo por fager bem.

E bem Condestabre Santo,
Cobrinos com vosso manto,
Com vosso manto de gáles,
Defendimento dos males,
E faganos munto bem,
E bem, e bem.» (540)

Alguns dos milagres mencionados nestas seguidilhas são fáceis de identificar entre os do rol atribuído a Gomes Eanes de Zurara. A *grande dor* de Lopo Afonso, por exemplo, vem contada no milagre n.º 11. O pobre homem sofria, efectivamente, de *door de coração que de noite lhe queria tirar a alma do corpo*. Encomendou-se ao Santo Conde e recebeu logo saúde. Quanto à filha

(540) Fr. José Pereira de Santana, *Crónica dos Carmelitas da antiga e regular observancia*, t. 1, Lisboa, 1745, pp. 469-470.

de João Esteves, que *finou por non mamar,* aparece no milagre n.º 162. De facto, a filhita dele «avia quatro dias que não mamava nenhũa couza. E era ja finada, estando a offerta prestes, e todo pera a enterrar devotamente a encomendou ao sancto Condestabre que rogasse a Deos por ella que lhe desse vida, e logo aquella hora por virtude de Deos e graça, e rogarias do sancto Condestabre a moça se levantou com seu folego donde jazia finada», etc.

Para terminar, verificamos que a ressurreição do *rapaz das coberturas, que morre e cahe para traz,* vem largamente narrada no milagre n.º 4 e, com alguns pormenores mais, no n.º 198. Infelizmente, nas seguidilhas do santo Condestável, falta já a minúcia no contar dos milagres, sendo eles mais nomeados do que narrados. Neste ponto, temos pena do seu autor não ter imitado as *Cantigas de S.ta Maria* ou os *Milagros de Nuestra Señora,* de Gonçalo de Barceo, em que os factos são descritos com todos os pormenores.

5.º — Livro dos Milagres do Bom Jesus, por Mestre André Dias

O beneditino Mestre André Dias, bispo de Mégara, morreu à volta de 1439, muito velhinho. Fundara a célebre confraria do SS.mo Nome de Jesus, no mosteiro de S. Domingos de Lisboa, e coligira muitos milagres do Bom Jesus, talvez com a ajuda dalgum confrade ou do padre-sacristão da igreja. E desta maneira, temos agora um bom repositório das graças espirituais e temporais da água do Bom Jesus. Esse rol, em letra gótica, está no iluminado n.º 61 da Bibl. Nac. de Lisboa, fls. 72 v.-80 v., logo a seguir às laudes e cantigas do bispo de Mégara, e foi recentemente impresso ([541]). A relação dos milagres do Bom Jesus intitula-se deste modo ou, antes, abre com estas palavras: *En nome do boo Jhesu se começe este seu livro.* E continua: «Naquel tempo que reynava e reynou ho muyto vitorioso e de muy grandes virtudes ElRey dom Johã, nos reynos de Portugal»...

([541]) Mário Martins, *Laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias,* Lisboa, 1951, pp. 283-298. Designaremos esta edição por *MM.*

Vagarosamente, fala-nos da guerra com os *castellãos,* da *batalha campal, entre o Tojal e a ribeira do Freixial, apres da villa de Aljubarota* ([542]), etc. Sobretudo, recorda-nos a *pestelença* que assolou Lisboa. Foi então que ele, bispo de Mégara, propôs a fundação da irmandade para ficarem livres da peste, graças ao *nome do boo Jhesu.* Efectivamente, *logo çessou,* informa André Dias ([543]). Depois, conta-nos, miùdamente, como benzeu a água do Bom Jesus e pregou sobre ela: «o dicto meestre Andre en na preegaçom que fez ante a mayor parte da dicta çidade de Lixboa, pubricou as grandes vertudes que o senhor Deus boo Jhesu criou, e esto he em hũa muy sancta agua exorsizata, que sse faz de agua e de sal, e de cinza, e de vynho, e nom se pode fazer senom per bispo sagrado segundo os degredos. E logo ante todo o poboo, o dicto senhor bispo meestre Andre beenseo e sanctificou a dicta agua sancta do boo senhor Deus Jhesu, e logo per ella çessou a dicta pestelença da dicta çidade. E fez per ella o boom senhor Deus Jhesu muytos myragres e muytas maravylhas, quaaes nom forom feytas de çento anos aca em toda a christamdade» ([544]).

O velho monge beneditino ia tornar-se o cronista humilde da sua confraria e dos milagres da água santa, escrevendo o diário maravilhoso dos milagres: «e nos dom meestre Andre, bispo de Megarra, per muytas persoas assy homeens como molheres digna[s] de fe e de creença dictas em testemunhas, posemos e screvemos em este livro, por seer memoria pera sempre e por que creça pera sempre a confraria dos servos do boom senhor preçioso Jhesu» ([545]).

Contam-se trinta e cinco milagres, nesta relação talvez incompletamente copiada, pois finda assim: *Item outro mylagre da agua sancta do boo Jhesu,* sem mais nada a seguir. Talvez o escriba pusesse o título adiantadamente, à espera dalgum novo milagre. Não sabemos.

A colecção abre com um quadro pitoresco. É uma multidão munida de púcaros, jarros e enfusas, apinhada em torno do bispo velhinho, ao pé da *caldeira* da água benta do Bom Jesus:

([542]) Cód. iluminado 61 da Bibl. Nac. de Lisboa, fl. 72 v.; *MM,* p. 283.
([543]) *Ib.,* fl. 73 v.; *MM,* p. 284.
([544]) *Ib.,* fl. 73 v.; *MM,* p. 284.
([545]) *Ib.,* fl. 74; *MM,* p. 285.

Millagre de Deus Jhesu, e meezinha pera a door dos olhos provada.

«No domyngo en que primeiramente per o dicto meestre Andre esta sancta agua foy sanctificada e beenta que foy aos viinte huum dias do mes de novembro de myl e IIII.[c] e XXXII anos, foy a pressa da gente tam grande pera tomarem de aquella agua sancta de Jhesu que entornarom per a terra toda ha agua que foy beenta per o dicto meestre Andre, em hũa caldeira en que está a agua beenta que as gentes deytam per sy quando veem aa egreja, e a caldeira foy per terra. E hũa molher que ha nome Constança Dominguez, morador na rua das esteiras da çidade de Lixboa, nom podendo aver de aquella agua sancta do boo Jhesu, que fosse lympa, tomou huum pano de lynho e envurilhou o em aquella agua çuja que jazia per o chaão, a qual avya muyto tempo que era doente dos olhos [...]. E ella com grande fe que ouve en no boo Jhesu, creendo que com aquella meezinha sancta da agua do boo Jhesu seria saã, e tomou aquel pano assy molhado com aquella sancta agua, e lavou os olhos [...] e perdeo a door que tiinha em elles e ficarom limpos e saãos, como se delles nunca fora doente, graças ao boo Jhesu» (546).

Em geral, cada narrativa aparece encimada por um pequeno título indicativo da doença curada ou da graça concedida, muitos deles por este estilo monótono:

Meezinha provada de Jhesu pera a door dos dentes.

Meezinha da dicta agua sancta de Jhesu, pera a door dos dentes, e para a door da cabeça.

Meezinha da dicta agua sancta de Jhesu, pera a vista dos olhos (547).

Porém, nem sempre o título corre pelas mesmas palavras:

Milagre muyto fremoso e muyto maravylhoso de aquesta sancta agua do boo Jhesu (548).

Outro mylagre mũyto de notar da sancta agua do boo Jhesu que prestou aa door da madre e aa door da ilharga (549).

(546) Cód. iluminado 61 da Bibl. Nac. de Lisboa, fl. 74-74 v; *MM*, pp. 285-286.
(547) *Ib.*, fls. 74 v.-75; *MM*, pp. 286-287.
(548) *Ib.*, fl. 75 v.; *MM*, p. 288.
(549) *Ib.*, fl. 75 v.; *MM*, pp. 288-289.

Porém, na maioria dos casos, lemos estas palavras anódinas: *Outro mylagre da agua sancta do boo Jhesu* ou, então, *seguesse outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu.*

Nestas páginas antigas, podemos ver boas mulherzinhas de púcaros na mão, a dialogar com um homem doente, a caminho da procissão da Senhora da Escada. E vêm as coisas tão esmiuçadas que ficamos a saber tudo: nome, ofício, doença, rua, etc. (550). A Beatriz Anes, mulher dum cordoeiro, «pereçia que lhe fendiam a cabeça com huum cuytello», desde que dera à luz uma criança. Um dia, com «grande fe e devaçom em esta agua sancta de Jhesu, beveo tres bocados della, dizendo em cada huum bocado: Jhesu salva me, Jhesu deffende me, Jhesu livra me, e huum pater noster com ave maria. E depoys lavou a boca e a cabeça com aquella agua e logo foy saã de todo» (551).

Sabemos, assim, como rezava o povo, qual a sua espiritualidade, conhecemos a devoção dele ao nome de Jesus e outras coisas humildes ordinàriamente esquecidas pelos historiadores.

Aqui e além, ergue-se uma pessoa ou outra, acima da planura intérmina dos nomes que nada nos dizem. Citamos mais extensamente uma pequena e religiosa cenazinha marítima, onde encontramos a *mulher que foy do conde de Cepta*:

«Huum homem chamado per nome Johã Rodriguez Çaquoto, morador aa porta de sam Viçente da dicta çidade, disse que elle fora em hũa barca em conpanha da mulher que foy do conde de Çepta, e Roy Nogueira. E hyndo assy pello mar açerca do cabo de sam Viçente, per razom da grande tormenta que ouverom lhes foy forçado sairem em terra, e sayram em hũa praya. E que quando elle saltara fora da barca por hyr a terra como os outros faziam, que vehera hũa honda tã grande que o levara ao mar, e que hyndo assy pello mar, que sse encomendara muyto devotamente ao boo senhor Deus Jhesu, e chamando ho seu nome per trez vezes, que fora cousa muy çerta e provada que logo aaquela hora vehera outra muyto mayor honda que o lançou fora aos pees da dicta condessa e de Roy Nogueira, e dos outros que esta-

(550) Cód. iluminado 61 da Bibl. Nac. de Lisboa, fl. 74 v.-75; *MM*, p. 286.
(551) *Ib.*, fl. 75; *MM*, p. 287.

vam em terra. E todos estonçe louvarom o nome do boo Deus Jhesu, por tamanho mylagre como este foy amen» ([552]).

Mais uma graça em favor do escudeiro Pero Gonçalves Malafaia e termina este repertório de milagres a que Mestre André Dias, já velhinho, lançara as mãos trémulas, a fim de «seer memoria pera sempre».

Graças a este rol dos milagres do Bom Jesus e da sua água bendita, conhecemos como se tornara popular, entre o nosso povo, a invocação do SS.mo Nome de Jesus. E se nos dedicássemos a estudos linguísticos, poderíamos ver, nestas històriazinhas singelas, um dos mais belos documentos da linguagem falada de então — a meio caminho entre o vocabulário *escrito* dos eruditos, de sabor livresco, e o hermetismo tantas vezes indecifrável da gíria popular.

6.º — Livro dos Milagres de S. Veríssimo

São vinte e seis, ao todo, do final do século XV. Estão escritos num códice da Biblioteca Pública de Évora ([553]), em letra gótica, sobre pergaminho, logo depois da lenda dos santos mártires Veríssimo, Máximo e Júlia. Mas a lenda está em latim e os milagres em português.

Ao contrário da lenda dos santos, substancialmente apócrifa, estes *milagres* apresentam, frequentemente, um certo carácter de autenticidade histórica, embora a maioria dos casos não ultrapasse o limite das graças ordinárias, sem quebra nenhuma das leis naturais. O estilo do primeiro milagre lembra bastante um documento oficial: «Sabbam quantos este milagre virem que feria sexta, tres dias de Junho era de mil.CCCC.L annos, achegou a este mosteyro hũa molher adoorada, ha qual ha nome Maria Lourenço, morador em sam Joham de Penalva do bispado de Viseu e em sua companhia della veerom tres homens», etc. ([554]).

E lá segue o caso triste duma pobre endemoninhada, com «huum spiritu malinno que dizia e chamava per nome que era ho

([552]) Cód. iluminado 61 da Bibl. Nac. de Lisboa, fl. 80 v; *MM*, p. 297.
([553]) Cód. cv/1-23 d. Os milagres estão nas fls. 7-11.
([554]) *Ib.*, fl. 7.

mestre dom Martim Annes de Barbudo». Deus livrou-a por intercessão dos santos mártires, o que foi visto por vários romeiros, pela «sancristaã e outras boas donas do dicto mosteyro» ([555]).

Como no *Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos* e noutros mais, encontramos a litania dolorosa de cegos, surdos, gente desequilibrada que julgava estar possessa do demónio, sem falarmos duma pobre paralítica que *non avia entendimento nenhuum.* Os santos aparecem em sonhos e os seus milagres têm a humildade consoladora das coisas de cada dia. Os benditos mártires interessavam-se pela saraiva que lhes destroçava a vinha, pelo gorgulho que roía o trigo dos campos, pela lagarta que comia as colheitas. E é este o sentido espiritual destas páginas em português arcaico: *o sentido da bondade de Deus a proteger os homens,* a *presença* dos santos na nossa vida, como membros da mesma família.

Fenómenos normais elevam-se à categoria de prodígios sobrenaturais, como o fogo de S. Telmo, na ponta dos mastros, uma *candea* na noite cerrada e tempestuosa. Vale a pena ouvir esta narração dos nossos marítimos de quatrocentos:

«Huum home per nome Stevam Carrasco e outros com el, indo a Aljacira em huum bayxel quando hy jazia el rey dom Fernando, tomouos hũa tormenta atraves de Porches sobre o Algarve, e elles, ja meenfestados ([556]) cuydando que fossem mortos. E rogarom estes martires e logo em essa ora virom hũa candea sobre o mastro, e quanto mays ventava tanto mayor lume dava por que a nocte era mui çerrada», etc. E os mártires vieram em sua ajuda, pois os pobres pescadores, depois de muita tormenta, descobriram uma *abertura per meo de aquelles penedos como se fosse hũa porta,* por onde passou o baixel. E os da terra maravilharam-se do milagre ([557]).

Por essa época, os marinheiros de Cristóvão Colombo também assistiam ao maravilhoso espectáculo da chama de S. Telmo na ponta dos mastros e deram-lhe a mesma interpretação religiosa e cheia de optimismo: o Céu não os abandonava!

([555]) O mosteiro deve ser o de Santos.
([556]) Confessados.
([557]) *Ib.*, fls. 8-9.

7.º — Livro dos Milagres de S. Tiago de Compostela

Para terminar, falemos alguma coisa dos milagres de S. Tiago, vertidos para português. São do *Liber Sancti Jacobi,* do pseudo-Calisto, mas através doutra obra.

Os autos dos apóstolos — que são, em letra de forma, o *Segundo livro que fala de todo o feito e de todalas vidas e das paixões dos apostolos* ([558]) — encerram a mesma lista do *Liber miraculorun,* do pseudo-Calisto ([559]), afora o último milagre do original latino: *Capitulum* XXII. *De viro qui tredecim vicibus venditur totidemque ab apostolo liberatur* (Do homem que é vendido treze vezes e outras tantas é libertado pelo apóstolo). Porém, também este derradeiro milagre falta na versão galega do século XIV: *Os miragres de Santiago* ([560]).

Os títulos dos capítulos, em português, denunciam uma tradução indirecta e algo livre do conteúdo do *Liber miraculorum* ([561]). No entanto, vê-se logo que os factos são os mesmos, embora enunciados de maneira diversa. Conviria estabelecer um paralelo entre a versão portuguesa e a galega, estudando, a seguir, a posição de ambas perante a obra do mestre em teologia Bernardo de Brihuega, donde vieram *Os autos dos apóstolos*, provàvelmente em castelhano.

Na verdade, Valentim Fernandes, *servidor e empremidor de su alteza,* já pusera o problema das origens de *Os autos dos apóstolos* à sua consciência profissional de impressor culto. E conta-nos como tudo se passou:

«E porque no começo do presente livro se diz: *Aqui se começa o segundo lyvro* ([562]), e muytas vezes faz mençom do terçeiro, poderia dizer alguem que a presente obra nom fora perfecta. Por isso perguntey aa vossa alteza pello auctor veendo que nom eram os autos de sam Lucas. E me disse que o mandara fazer el rei dom Alfonso de Castella com outros muytos livros os quaes junta-

([558]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXII/280, fls. 135-148.
([559]) *Liber Sancti Jacobi,* ed. cit., pp. 259-287.
([560]) López-Aydillo, *Os miragres de Santiago,* Valladolid, 1918.
([561]) Mário Martins, *Os Autos dos Apóstolos e o Livro de Santiago,* em *Brotéria,* 48 (1949), p. 310.
([562]) O sublinhado é nosso.

mente chamou *historia geral* ([563]). Pello qual revolvi todos meus livros ata que achey hum lyvro intitulado *genesi alfonsii* ([564]) repartido em cinco livros composto por mandado do sobredito Rey por huum famoso meestre em sancta theologia chamado Bernardo de Briuega, e achey no seu segundo livro que tracta da ley nova e da viinda do messia aos CCLXII capitolos palavras do começo da presente obra nossa. Porem nom traz a ordem dos capitollos em modo tam perfecto como a presente. E porque neste lyvro vam muytas palavras de falar antiigo que mais parecem galegas que portuguesas nom ponha vossa alteza culpa ao empressor. Porque como sabe vossa real senhoria que a el Rey nosso senhor aprouve em vossa presença que nom fossem mudados os vocablos antiigos em modernos, e que ajuntasse as epistolas de alguuns apostolos ao dito livro» ([565]).

Se atendermos, pois, à fonte intermediária dos milagres de S. Tiago, em português, já não estranharemos tanto as suas diferenças do original em latim. Apesar de tudo, comparando a tradução portuguesa com *Os miragres de Santiago* e as suas interpolações ([566]), temos de concordar ser a primeira bem mais pitoresca e de maior intensidade poética, além de ser mais fiel. No milagre do conde de S. Gil, por exemplo, o conde *pôs em seu coração* ir a Compostela. *E começou seu caminho; e andou tanto que chegou a Santiago.* O conde e seu irmão só mandaram chamar os *romeus* (romeiros), depois de cearem, etc. Nada disto podemos ler no *Liber Sancti Jacobi* ([567]) nem nos *miragres de Santiago.*

Da versão portuguesa desprende-se um perfume agreste de flores bravas da charneca, uma poesia ingénua bem própria do falar medieval: eles *aviam gram sabor de teer hi sua vigilia...*

Deixe-nos o leitor recordar o índice deste Livro de Milagres, na prosa pitoresca de quatrocentos:

De como Santiago sacou da prisom os cativos que jaziam no carcer.

([563]) O sublinhado é nosso.
([564]) Idem.
([565]) *Os autos dos apostolos*, Lisboa, 1505, prólogo.
([566]) Cf. MÁRIO MARTINS, *Os Autos dos Apostolos e o Livro de Santiago*, em *Brotéria*, 48 (1949), pp. 311-313.
([567]) *Ib.*, pp. 312-313.

De como na carta do pecador foy vaziado seu pecado que era hi escripto.

De como Santiago resucitou huum menino.

Da conveença e do voto falsado.

Como Santiago lyvrou ho seu romeu da forca ([568]).

Como Sanctiago enprestou o asno ao rromeu em que levasse seus filhos.

De como Sanctiago livrou Frisones amarinheiro do perigo do mar.

De como livrou Santiago os que cairom no mar.

Como Sanctiago livrou o seu mentiral cavaleiro.

Como Sanctiago sacou o cavaleiro en no escudo do mar.

De como Santiago livrou o lombardo da prisom do salto hu o tinham preso.

De como Sanctiago deu saão o cavaleiro que era enfermo da boca e do rostro.

Como Sanctiago acorreo ao seu romeu que feria seu senhor.

De como Sanctiago sacou o mercador da prisom.

De como Sanctiago livrou o cavaleiro en na batalha hu lidava com seos enmiigos.

De como Sanctiago livrou o cavaleiro que tiinham os diaboos áa garganta.

De como Sanctiago resucitou o que se matara por el per enganno do diaboo.

De como Sanctiago recebeo o conde e os outros rromeus em no seu altar.

De como Sanctiago se quis mostrar per cavaleiro ao bispo grego.

De como Sañctiago livrou o que queriam escabeçar.

De como guareceo Sanctiago o rico homem enfermo ([569]).

Destes milagres de S. Tiago, isolamos um, por mais tarde o encontrarmos numa adaptação portuguesa — com D. Afonso IV

([568]) Estes cinco primeiros milagres, transcrevemo-los de *Os autos dos apóstolos*, caps. 54-58, visto o cód. alc. CCLXXXII/280 estar truncado, nesta altura.

([569]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXII/280, fls. 135 r.-148 v.

a cercar a cidade de Coimbra, em vez de Fernando I, rei de Leão e Castela ([570]).

De como Sanctiago se quis mostrar per cavaleiro ao bispo grego.

«Agora ouvide e sabede todos assi clerigos come leigos huum muy fermoso milagre que aveo em Compostela, ante o altar de Santiago. Huum bispo ouve em Grecia que avia nome Estião. E leixou seu bispado e veo sse em romaria a Santiago. E quando chegou hy, pos em seu coraçom de se nunca daly partir em todolos dias de sa vida, por amor do beento apostolo. E entom falou com aqueles que aviam de guardar a egreja. E deitou sse lhes aos pees e rogou lhes que por amor de Deus e do beento apostolo Santiago, que lhe dessem, em huum canto, apar do altar, hu estevesse em oraçom. Ca queria servir a Santiago, enquanto vivo fosse. Ca por amor del leixou quanto no mundo avia e todo o viço do mundo. Quando eles ouvirom o que dizia e virom que nom andava em guisa de bispo, mais come outro pobre, prougue lhes ende muito e fezerom seu rogo. E entom lhes fezerom de hũa cuberta de pano huum logar hu jouvesse e fezesse sa oraçom e onde podesse veer bem o altar. E ali fez el sa vida muy booa e mui sancta. E quando veo a hum dia de huũa festa de Santiago, veo muy grã gente a egreja. E huũa muy grã companha de homeens entrarom ali hu aquele homeem boo morava. E ficarom seus giolhos ante o altar e fezerom sa oraçom em esta guisa: Ay boo Santiago, rogamos te cavaleiro senhor que nos defendas de nossos enmiigos e do mal em que agora somos e do que ha de viinr. Quando aquel homem boo ouvyo como aqueles chamavam a Sanctiago cavaleiro, pesou lhe muito e disse lhes: Cativa gente e mui sandia, nom o chamedes cavaleiro, mais pescador. E depois que esto disse, veo a noite e forom sse as gentes da egreja. E veo Santiago aquela noite armado de todas armas muy limpas e muy fermosas a guisa de cavaleiro. E trazia duas chaves em sa maão e chamou aquel homem boo tres vezes e disse lhe: Estião, servo de nosso senhor, que

([570]) *Cancioneiro da Ajuda,* ed. por Carolina Michaelis de Vasconcelos, t. 2 (investigações bibliográficas, biográficas e histórico-literárias), Halle, 1904, p. 827, nota 3.

mandaste que me nom chamassem cavaleiro, mais pescador, por esto te me mostro eu agora atal que tu ves, por tal que jamais nom duvides que eu nom som cavaleiro de nostro senhor e som guerreador contra os mouros. E sabe que roguey a nosso senhor que eu podesse seer ajudador verdadeiro a todos aqueles que me pidissem a vida em seus periigos e que me quisessem e me amassem de todo coraçom. E por tal que creas esto melhor, per estas chaves que me vees teer em na mão darei eu de manhã a ora de terça a çidade de Coinbra a[o] rrey dom Fernando, senhor de Castella e de Leom, que ha dous annos que jaz sobre ela. E depois que Santiago esto disse, foe sse assi que dom Estião nom soube que fora del. E pela manhaã depois que disserom as matinhas, chamou o homem boo os clerigos e os leigos que hi estavam. E contou lhes quanto vira e ouvira, como ja disse e disse lhes o ssinal daquelo. E foe logo escrito todo e a ora en que a cidade aviam daveer os cristaãos. E depois a muy pouco tempo enviou el rrey sa carta e seu mandado ao arçebispo que a cidade de Coinbra era ja sua e enviou lhe dizer o dia e ora em que a ouvera e em que a entrara e filhara. E acharam que assi fora todo bem como o homem boo o dissera. Quando aquel homem boo e sancto vio que era verdade o que lhe dissera Santiago, disse: Certo aqueste he bel milagre. E por dereito deve seer chamado Santiago cavaleiro. E des ali adeante fez o homem boo muy mais forte vida e muy mais santa que ante. E esteve ali ataa que acabou sa vida e foe sse aa gloria de Deus, hu nos faça hir, por sa sancta merçee. Amen» ([571]).

Este *Segundo livro que fala de todo o feito e de todalas vidas e das paixões dos apostalos* encerra um repertório de maravilhas bem digno da insaciável sede de milagres que atormentava a gente piedosa de então. Muitos deles vêm dos *Actos dos apóstolos,* de S. Lucas, e oferecem todas as características da verdade histórica. Mas, outra parte enraíza nos apócrifos, havendo também bastantes que jazem envoltos na névoa duvidosa duma lenda impenetrável, em que mal distinguimos a verdade da mentira.

As *serpentes mordiam os encantadores per mandado dos Apostollos* ([572]), convertiam-se os mágicos de Babilónia ([573]), um menino

([571]) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXII/280, fls. 146 r.-147 v.
([572]) *Ib.,* fl. 261.
([573]) *Ib.,* fl. 261 v.

de um dia, sòmente, pôs-se a defender *Eufrosio o diagoo e disse que era virgem* (574) — e mais coisas. As serpentes metem-se nas *suas covas,* ao mandado dos apóstolos (575) e é vê-los como *fezerom sayr os diaboos do sol e da lũa e os esmeuçarom todos com as carretas* (576).

Como no Monte Sinai, Deus intervinha dum modo fulminante na marcha dos acontecimentos e, nestas páginas, para falar como Unamuno, escrevia-se a história de Deus, na terra dos homens.

*

Como já dissemos, este género literário não morreu de todo e, em letra do século XVI e XVII, vemos posto em português um *Livro de Milagres de Nossa Senhora de Guadalupe, em Espanha.* Nele não faltam peregrinos que atravessavam a fronteira, e lá iam em busca duma graça ou em cumprimento duma promessa (577). E eram esses caminhantes incansáveis que alargavam religiosamente as fronteiras dos povos e uniam os homens longínquos, sob a luz de Deus.

(574) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXII/280, fl. 262 v.
(575) *Ib.,* fl. 263 v.
(576) *Ib.,* fl. 266.
(577) Bibl. Nac. de Lisboa, *Fundo Geral,* ms. 74, fls. 1 r.-57 r.

Fontes bibliográficas principais

Bibl. Nac. de Lisboa, Pombalina, ms. 98: *Memórias sobre a antiguidade das Romarias, e da Romaria do sitio de Nossa Senhora do Cabo.*

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ilum. 61: André Dias, *Livro de oraçoens em proza e verso vulgar de louvores e excellencias do SS. Nome de Jesus, dos milagres que Deos obrou pela Imagem do St.º Cristo...* (Em letra gótica do séc. xv, mas portada do séc. xviii).

Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, ms. 3.379 (apógrafo setecentista da obra antecedente).

Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. cclxxxii/280: *O segundo livro que fala de todo o feito e de todalas vidas e das paixões dos apóstolos.*

Bibl. Nac. de Lisboa, códs. alcs. ccli/377, cclii/378: Martim Pérez, *Livro das Confissões.*

Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, ms. 74 (milagres de Nossa Senhora de Guadalupe e peregrinos portugueses).

Torre do Tombo, Sé de Coimbra, maço iv, doc. 6.

Bibl. da Ajuda, ms. 51/v/25.

Bibl. da Ajuda, ms. 51/ii/58: Baltazar de S. João, *Vita Beati Gilii.*

Bibl. Públ. de Évora, cód. cv/1-23 d. (com os milagres de S. Veríssimo, Máximo e Júlia).

Bibl. da Casa de Cadaval, em Muge, cód. 1.046: *Livro de couzas antigas...* (com um *Livro das romarias e peregrinações de toda a Terra Santa*).

Bibl. da Casa de Cadaval, em Muge, cód. 4.044: *Milagres do sancto Condestabre, religioso da Ordem de nossa Senhora do Carmo.*

Arq. da Universidade de Coimbra, doc. 57: Afonso Peres: *Livro dos milagres de Nossa Senhora da Oliveira* (e outros documentos).

Arq. Mun. de Guimarães, cód. 1.550/A-5-4-65: Afonso Peres, *Livro dos milagres de Nossa Senhora da Oliveira.*

Bibl. Mun. do Porto, cód. 770: *Martírio e Milagres dos Mártires de Marrocos.*

Bibl. Mun. do Porto, cód. 920. (Fundo Azevedo, 18): *Livro das traduções e pastorais de D. Fr. João Álvares.*
Bibl. Públ. de Braga, ms. 871: *Constituições de D. Luís Pires.*
Bibl. Nac. de Madrid, cód. 1.176 (livro de milagres de Nossa Senhora de Guadalupe).
Bibl. do Escorial, ms. C.III.3.
Apud postulador das causas da Ordem do Carmo, Roma: Post. IV 118,1; Post. IV 118,2; Post. IV 114 (milagres de Nuno Álvares Pereira).

Acta Sanctorum, t. 3, Veneza, 1738.
AFONSO O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria,* Madrid, 1889.
AGOSTINHO DE SANTA MARIA, Frei – *Santuário Mariano,* Lisboa, 1707 e ss.
ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal,* ts. 1 e 2, Coimbra, 1910.
ALMEIDA PAILE, Miguel de – *Santo António dos Portugueses em Roma,* t. 1, Lisboa, 1951.
ÁLVARES NOGUEIRA, Pedro – *Livro das vidas dos Bispos da Sé de Coimbra,* Coimbra, 1945.
ANASTÁCIO DE FIGUEIREDO, José – *Nova História da Militar Ordem de Malta,* ts. 1 e 2, Lisboa, 1800.
ANTÓNIO BRANDÃO, Frei – *Monarquia Lusitana,* ts. 3 e 4, Lisboa, 1690, 1725.
ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO, Frei – *Chrónica da antiquissima provincia de Portugal da ordem dos eremitas de S. Agostinho,* Lisboa, 1642 e 1656.
AUSTIN O'MALLEY, E. – *Tello and Theotonio, the Twelfthcentury Founders of the Monastery of Santa Cruz in Coimbra,* Washington, 1954.
Autos dos Apóstolos, Lisboa, 1505.
AVITO, *Ad Balchonium,* em *P. L.,* t. 41, cols. 805-808.
BAIÃO, António – *O archivo da Torre do Tombo,* Lisboa, 1905.
BALUZE, Estêvão – *Miscellaneorum Liber Tertius,* Paris, 1680.
BARROS, Dr. João de – *Geografia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes,* Porto, 1919.
BÉDIER, J. – *Les légendes épiques. Recherches sur la formation des chansons de geste,* Paris, 1904-1913.
BRITO ALÃO, Manuel de – *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora de Nazareth,* Lisboa, 1684.
CAETANO DE SOUSA, D. António – *História Genealógica,* Lisboa, 1735 e ss.
— *Provas da História Genealógica,* Lisboa, 1739 e ss.
Cancioneiro da Ajuda, ed. de C. M. de Vasconcelos, Halle, 1904.
Cancioneiro da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1949-1953.
Cancioneiro Geral, Coimbra, 1910-1917.
Cancioneiro da Vaticana, Lisboa, 1878.
Cancioneiro da Vaticana, ed. por E. Monaci, Halle, 1875, 1880.
CARMOLY, E. – *Itinéraires de la Terre Sainte des XIII, XIV, XV, XVI et XVII siècles,* Bruxelas, 1847.

Censual do cabido da Sé do Porto, Porto, 1924.
CERQUEIRA PINTO, António – *História da prodigiosa Imagem... do Bom Jesus de Bouças,* Lisboa, 1737.
CLÁUDIO DA CONCEIÇÃO, Frei – *Memória da prodigiosa imagem da Senhora do Cabo,* Lisboa, 1817.
Constituições do Arcebispado de Lisboa. Decretadas por D. João Esteves d'Azambuja (1402-1414), ed. por Borges de Figueiredo em *Revista Archeológica,* t. 1 (1887) pp. 10-15, 28-31, 60-64, 77-79, 94-96, 108-109.
Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, t. 38, Viena, 1898.
CORREIA, Virgílio – *Uma descrição quinhentista do Mosteiro de Santa Cruz,* em *O Instituto,* t. 79 (1930), pp. 28-54.
COSTA VEIGA, A. B. da – *Estudos de história militar portuguesa,* Lisboa, 1936.
Crónica do Condestabre, Coimbra, 1911.
Crónica de D. Dinis, ed. do texto do Cód. de Cadával 965, por C. da Silva Tarouca, Coimbra, 1947.
Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, ed. por Rocha Madahil, Aveiro, 1939.
Crónica da fundaçam do moesteyro de sam Vicente dos cónegos regrantes, Porto, 1873.
Crónica Geral de Espanha de 1344, ed. por Lindley Sintra, Lisboa, 1951, 1954.
Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285), ed. por J. Joaquim Nunes, Coimbra, 1918.
Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal, ed. por Carlos da Silva Tarouca, Lisboa, 1952, 1953.
CUNHA, D. Rodrigo da – *História eclesiástica dos Arcebispos de Braga,* ts. 1 e 2, Braga, 1634, 1635.
— *Catálogo e história dos bispos do Porto,* P. 2, Porto, 1623.
— *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa,* Lisboa, 1642.
DAVID, P. – *Études sur le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte,* em *Bulletin des études portugaises,* Lisboa, ts. 10 (1945), 11 (1947), 12 (1948), 13 (1949), 15 (1951).
— *Études Historiques sur la Galice et le Portugal,* Lisboa, 1947.
DE FONTENILLES, *Notre-Dame de Roc-Amadour en Espagne et Portugal,* Cahors, 1896.
DELEHAYE, H. – *Les légendes hagiographiques,* Bruxelas, 1906.
DIAS DINIS, A. J. – *O testamento do Infante D. Henrique,* Coimbra, 1946.
DORNELAS, Afonso de – *Santíssima Virgem d'Africa, Padroeira de Ceuta,* Lisboa, 1924.
DUARTE, Dom – *Leal Conselheiro,* Lisboa, 1942.
ELEIZEGUI, L. Máiz – *El Apostol Santiago y el arte jacobeo,* Madrid, 1944.
ERDMANN, Carl – *Maurício Burdino,* Coimbra, 1946.
ESTAÇO, Gaspar – *Várias Antiguidades de Portugal,* Lisboa, 1625.

FERREIRA, Alexandre – *Memórias e Notícias Históricas da Célebre Ordem Militar dos Templários na Palestina*, Lisboa, 1735.

FERREIRA, J. A. – *Fastos episcopais da igreja primacial de Braga*, ts. 1 e 2, Braga, 1928, 1930.

FLÓREZ, H. – *España Sagrada*, ts. 3, 15-17, 20-22, 38.

Flos sanctorum em lingoajem portugues, Lisboa, 1513.

FOREVILLE, R. – *Le Livre de Saint Gilbert de Sempringham*, St. Dizier, 1943.

FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, Frei – *Commentariorum de alcobacensi manuscriptorum bibliotheca libri tres*, Coimbra, 1827.

FRANCISCO BRANDÃO, Frei – *Monarquia Lusitana*, ts. 5 e 6, Lisboa, 1650, 1672.

FRANCISCO DE SANTA MARIA, P.e – *O Ceo aberto na Terra*, Lisboa, 1687.

GASPAR DE ALMEIDA, José – *Indice-Roteiro dos chamados livros originais do cartório do Cabido da Sé do Porto*, Porto, 1936.

GAYANGOS, D. Pascual – *Memória sobre la autenticidad de la Crónica denominada del moro Rasis*, Madrid, 1852. Em apêndice, a *Crónica do mouro Rasis*.

GARCIA VILLADA, J. – *História Eclesiástica de España*, t. 2, Madrid, 1933.

GERARDO DE FRACHET, Frei – *Vitae Fratrum*, Lovaina, 1575.

GONÇALVES COELHO, José Júlio – *Notre Dame de Roc-Amadour en Portugal. Son culte. Hôpitaux et hôtelleries*, Roche-Drive, 1912.

GONZAGA DE AZEVEDO, L. – *História de Portugal*, t. 3, Lisboa, 1940.

GORDON BIGGS, Anselm – *Diego Gelmírez*, Washington, 1949.

HARE CARTER, H. – *Paleographical edition and study of the language of a portion of codex alcobacensis 200*, Filadélfia, 1938.

HERAEUS, W. – *Silviae vel potius Aetheriae Peregrinatio ad loca sacra*, Heidelberg, 1908.

Histoire de l'Afrique et de l'Espagne intitulée Al-Bayano'l-Mogrib, tr. por E. Fagnan, t. 2, Argel, 1904.

Historia Compostelana, ed. por Flórez, em *España Sagrada*, t. 20, Madrid, 1765.

HUIDOBRO Y SERNA, Luciano – *Las peregrinaciones jacobeas*, Madrid, 1950.

IDÁCIO, *Chronicon*, em *P. L.*, t. 51, cols. 873-890.

Indice chronológico dos Pergaminhos e Foros existentes no Archivo Municipal de Coimbra, Coimbra, 1875.

ISIDORO DE SEVILHA, St.o – *De viris illustribus*, em *P. L.*, t. 83, cols. 1.081-1.106.

JERÓNIMO, S. – *Ad Avitum*, em *P. L.*, t. 22, cols. 1.059-1.072.

JESUS DA COSTA, Avelino de – *Documentos da Colegiada de Guimarães*, Coimbra, 1947.

JOÃO ÁLVARES, Frei – *Crónica do Infante Santo D. Fernando*, Coimbra, 1911.

JOÃO DA PÓVOA, Frei – *Memórias soltas e inventários do Oratório de S. Clemente das Penhas*, Porto, 1940.

José Pereira de Santana, Frei – *Chrónica dos Carmelitas,* t. 1, Lisboa, 1745.
Kerval, Léon de – *L'évolution et le développement du merveilleux dans les légendes de S. Antoine de Padoue,* Paris, 1906.
Leite de Vasconcelos, J. – *Santa Maria de Terena nas «Cantigas» de Affonso o Sábio,* Lisboa, 1906.
Liber Anniversariorum Ecclesiae Colimbriensis, Coimbra, 1947, 1948.
Liber Sancti Jacobi. Codex Calixtinus, ed. por W. Muir Whitehill, Santiago de Compostela, 1944.
Libro de la historia y milagros hechos a invocación de nuestra Señora de Montserrat, Barcelona, 1568.
Lopes, David – *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano,* em *Boletim de segunda classe da Academia das Ciências,* t. 4 (1911), pp. 378 e ss.
Lopes, Fernão – *Crónica de D. Fernando,* Lisboa, 1895.
— *Crónica de D. João I,* Lisboa, 1897 e ss.
Lopes, Francisco – *Verdadeira e Santa Historia dos Cinco Martyres de Marrocos,* Lisboa, 1619.
López-Aydillo, E. – *Os miragres de Santiago, versión gallega del siglo XIV,* Valladolid, 1918.
Luís de Sousa, Frei – *História de S. Domingos,* ts. 1 e 2, Lisboa, 1861 e 1866.
Madoz, José – *Epistolario de S. Braulio de Zaragoza,* Madrid, 1941.
Magalhães Basto, A. de – *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto,* Porto, 1934.
Manuel da Esperança, Frei – *História Seráfica,* ts. 1 e 2, Lisboa, 1656 e 1666.
Manuel de Monforte, Frei – *Crónica da Província da Piedade,* Lisboa, 1751.
Maria de Corral, José – *Santa María de Rocamador y la milagrosa salvación de una infanta de Navarra en el siglo XII,* em *Hispania,* t. 7 (1947), pp. 554-610 (sobretudo o último capítulo: *Nuestra Señora de Rocamador en Portugal*).
Mariana Gildea, Sor – *Expressions of Religious Thought and Feeling in the Chansons de Geste,* Washington, 1943.
Martins, Mário – *Correntes da Filosofia Religiosa em Braga, nos séculos IV a VII,* Porto, 1950.
— *O Monacato de S. Frutuoso de Braga,* Coimbra, 1950.
— *O ciclo franciscano na nossa espiritualidade medieval,* Coimbra, 1951.
— *Laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias,* Singeverga, 1951.
— *O livro dos milagres de Nossa Senhora da Oliveira, de Afonso Peres,* Guimarães, 1953.
— *O Pseudo-Turpim na versão portuguesa da História do Imperador Carlos Magno,* em *Brotéria,* t. 59 (1954), pp. 380-395.
— *Estudos de Literatura Medieval,* Braga, 1956.
Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa, Lisboa, 1942.

MENÉNDEZ Y PELAYO – *Orígenes de la novela*, t. 1, Santander, 1943.
MICHAELIS DE VASCONCELOS, C. – *André de Resende e a Crónica do Mouro Rasis*, Lisboa, 1922.
OLIVEIRA, P.e Miguel de – *As Paróquias Rurais Portuguesas*, Lisboa, 1950.
ORÓSIO, Paulo – *Liber Apologeticus*, em *P. L.*, t. 31, cols. 1173-1212.
PANTALEÃO DE AVEIRO, Frei – *Itinerário da Terra Sancta*, Coimbra, 1927.
PEIXOTO DE AZEVEDO, P.e Torquato – *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, Porto, 1845.
PEREIRA, Gabriel – *Documentos históricos da cidade de Évora*, P. 2, Évora, 1887.
— *Estudos Eborenses. O Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro*, Évora, 1916.
PINA, *Rui de – Crónica de D. Afonso V*, Lisboa, 1901.
— *Crónica de D. Duarte*, Lisboa, 1901.
P. M. H. Scriptores, t. 1.
RAU, Virgínia – *Subsídios para o estudo das feiras medievais portuguesas*, Lisboa, 1943.
RESENDE, André de – *Antiquitatum Lusitaniae Lib, V... et poemata omnia*, Colónia, 1600.
RESENDE, Garcia de – *Crónica de D. João II*, Coimbra, 1798.
RIBEIRO DA CUNHA, Arlindo – *Senhora da Abadia*, Barcelos, 1951.
RODRIGUES DE OLIVEIRA, Cristóvão – *Sumário em que brevemente se contam algumas cousas que há na cidade de Lisboa*, Lisboa, 1938.
ROMANI, Mário – *Pellegrini e viaggiatori nell'economia di Roma dal XIV al XVII secolo*, Milão, 1948.
ROQUE DO SOVERAL, Frei – *História do insigne apparecimento de Nossa Senhora da Luz*, Lisboa, 1610.
SAEZ, Emílio – *Los ascendientes de San Rosendo*, em *Hispania*, t. 8 (1948), pp. 3-86.
SANTARÉM, Visconde de – *Quadro Elementar*, Paris, 1842 e ss.
SEMEDO DE AZEVEDO, José Manuel – *Nossa Senhora da Orada*, Faro, 1956.
SILVA CORREIA, Fernando da – *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, 1944.
SILVA LOPES, João Baptista da – *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, Lisboa, 1948.
TORRES, Casimiro – *Las Peregrinaciones de Galicia a Tierra Santa en el siglo V*, Madrid, 1955.
Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos, ed. por Rocha Madahil, Coimbra, 1928.
VALÉRIO, S. – *Obras*, ed. por R. Fernández Pousa, Madrid, 1942.
VALMAR, Marquês de – *Estudio sobre las Cantigas del Rey Don Afonso el Sabio*, Madrid, 1897.
VASCONCELOS, A. de – *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão*, t. 2, Coimbra, 1894.

VÁSQUEZ DE PARGA, Luís – *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela,* Madrid, 1948, 1949.

Vida e milagres de Dona Isabel, ed. por José Joaquim Nunes, Coimbra, 1921.

VIEIRA BRAGA, Alb. – *Curiosidades de Guimarães. Mortórios,* Guimarães, 1942.

— *Os Votos de Santiago. Artes e Artistas,* Guimarães, 1948.

— *Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal,* Guimarães, 1948.

— *Curiosidades de Guimarães. O culto poético popular e romeirinho a Nossa Senhora,* em *Revista de Guimarães,* t. 64 (1954), pp. 421-461; t. 65 (1955), pp. 41-95.

Vimaranis Monumenta Historica, Guimarães, 1908.

VITERBO, *Elucidário,* Lisboa, 1865.

XAVIER MONTEIRO, A. – *Santa Senhorinha de Basto,* em *Cenáculo,* t. 5, (1949-1950), pp. 226-250.

XAVIER SIMONET, F. – *Historia de los mozárabes de España,* Madrid, 1897-1903.

ZURARA, Gomes Eanes de – *Crónica dos feitos de Guiné,* Lisboa, 1949.

Índice alfabético

Abadia – 89.
Abdão (S.) – 171, 172, 173.
Abderramão – 43 a 46.
Abraão, Conde – 86.
Açores (Celorico da Beira) – 89.
Afonso (Mestre) – 24.
Afonso, Martim – 168.
Afonso Henriques, Dom – 20, 42, 47, 48, 50, 89, 90, 118, 132.
Afonso II – 61.
Afonso IV – 51, 101.
Afonso V – 22, 97, 103, 146.
Afonso X, o Sábio – 71 a 87, 164.
África – 99, 100.
Agostinho de Santa Maria, Frei – 91.
Albergarias – 30 a 32.
Albuquerque, Afonso de – 27.
Alemanha – 86.
Alenquer – 85, 170.
Algarve – 78, 189.
Almançor – 112.
Almendra – 22.
Álvares Pereira, Nuno – 25, 26, 39, 40, 93, 94, 102, 120, 179 a 184.
Alvites, Martim – 85.
Amadeu (Beato) – 103.
Anes, Esteve – 173.
Anes Jardo, Domingos – 127.
Antão de Santa Maria, Frei – 102.
António (S.) – 38, 169, 170.
António de Monsanto, Frei – 145.
António de Santarém, Frei – 140, 141.
Aragão – 64, 71.
Arronches – 83.
Assumar – 94.
Atocha – 72.
Autos dos Apóstolos – 113, 114, 190 e ss.
Aveiras de Cima – 97.
Aveiro – 25.
Avito – 129, 130.
Azinhoso – 94.
Barros, Dr. João de – 21.
Beja – 81.
Belém (da Palestina) – 153 a 155, 157.
Belém (de Lisboa) – 100.
Benavila – 94.
Bernardo, Dom – 66 a 68.
Bernardo de Briuega – 191.
Betfagé – 153.
Bonaval – 19.
Bouças – 113.
Bouças, S. Salvador de – 27.

Bouro – 90.
Braga – 26, 54 a 59, 66 a 70, 101, 116, 129, 137, 145.
Bragança – 173.
Bragança, Dom Afonso de – 143, 144.
Cabo de Espichel – 91.
Cabo de S. Vicente – 41 a 52, 187.
Caldas da Rainha – 113.
Calisto (Pseudo) – 108 e ss., 190 e ss.
Calvário – 152, 153, 155.
Cancioneiro da Ajuda – 143.
Cancioneiro da Vaticana – 19, 89, 119.
Cantigas de Santa Maria – 71 a 87, 164.
Carnide – 92.
Cárquere – 89, 90.
Carrión de los Condes – 65.
Castanheira – 98.
Ceissa – 93.
Celas – 92.
Ceuta – 97, 99, 100, 187.
Cezimbra – 91.
Chelas – 77.
Cláudio da Conceição, Frei – 91.
Coimbra – 33, 48, 116, 117, 135, 136, 137, 175 a 179.
Colombo, Cristóvão – 189.
Colónia – 8.
Compostela – 9, 13, 14, 15, 38, 54 a 59, 105 a 123, 132, 134, 171 a 173, 190 a 194.
Confrarias – 22 (n. 15), 100 (n. 265), 142.
Constantinopla – 129, 130, 133, 134, 147.
Correlhã – 57, 171 a 173.
Costa, Dom Jorge da – 128.
Cotrim, P.e Jorge – 180.
Coutinho, Dom Fernando – 52.
Crónica da Ordem dos Frades Menores – 169, 170.
Cucufate (S.) – 56.
Cunha, Dom Rodrigo da – 50.
Damasco – 157.
Dantzig – 110.
Dias, André – 96, 161, 184 a 188.
Dinis, Dom – 51, 128, 138, 139.
Diogo Ecija, Frei – 167.
Domingos da Queimada (S.) – 20.
Donato (S.) – 20, 21, 22.
Duarte, Dom – 29, 30, 51, 52, 97, 179.
Egéria – 128, 129, 147, 148, 155.
Egito – 157, 158, 159.
Elvas – 77.
Espinheiro – 92, 93, 99.
Estêvão, Mestre – 42, 47 a 49.
Esteves da Azambuja, Dom João – 51, 142.
Eulália de Mérida (St.a) – 20, 53.
Eutrópio (S.) – 109.
Évora – 72, 73, 74, 78, 86, 140, 164, 170.
Extremoz – 75, 170.
Ex-votos – 38 a 40, 67, 68, 98.
Faro – 42, 86.
Fernandes, Valentim – 190.
Fernando, Infante Dom – 24, 25, 98, 170.
Fernando Ribeiro, Frei – 145.
Figueiredo, Fidelino de – 67.
Filipa, Infanta Dona – 121.
Finis Terrae – 90.
Flandres – 93.
Flor de Rosa – 94.
Franqueira – 89.
Frutuoso de Braga (S.) – 19, 42, 52 a 58, 130.
Gaia – 113.
Galiza – 12, 13, 54, 58, 59, etc.
Gautier de Coincy – 74.
Gelmires, Dom Diogo – 54 a 58, 117.
Geraldes, Dom Martinho – 139.
Gerardo de Frachet, Frei – 164, 165.
Gervaz (S.) – 63.
Gil, S. Frei – 20, 162, 164.

Godinha (St.ª) – 20.
Gonçalo, Dom – 136, 137.
Gonçalo de Amarante (S.) – 20, 27, 139, 140.
Gonçalo de Lagos (S.) – 26, 167.
Gonçalves, P.e Diogo – 145.
Guadalupe – 102, 103, 195.
Guadiana – 82.
Gualter (S.) – 24.
Guarda – 91.
Guerra, Dom Fernando – 70.
Guimarães – 20, 21, 24, 33, 59, 62, 75, 94, 95, 120, 168, 173 a 175.
Guiomar de Lisboa – 128.
Henrique, Conde Dom – 116, 117, 132.
Henrique, Infante Dom – 95, 99, 100.
Henrique de Bona – 22, 23, 125, 126.
História Geral – 191.
Hufes, Hufo – 59.
Hugo, Dom – 54 a 58, 117.
Idácio – 129.
Ilduara – 20.
Indulgências – 33, 34, 158.
Inês de Castro, Dona – 63.
Ínsua – 91.
Isabel (St.ª) – 24, 39, 101, 121, 122, 127, 168, 169.
Isidoro (S.) – 130.
Jafa – 151, 155, 157, 158.
Jericó – 154.
Jerónimo (S.) – 129 a 131.
Jerusalém. Cf. Terra Santa.
Jesus, Bom – 184 a 188.
Joana, Infanta Dona – 25, 102, 103.
João I – 94 a 97, 142, 184.
João II – 59, 98, 99, 120.
João Álvares, Frei – 146.
João de Biclara ou Valclara – 130.
João da Póvoa, Frei – 97, 98, 99, 145, 171.
Jordão – 154, 157.
Josafá, Vale de – 10, 153, 155, 157.
José Pereira de Santana, Frei – 182, 183.
Juan de Ascona, Frei – 115.
Júlia (St.ª) – 188.
Lago – 89.
Lançarote – 93.
Leça – 89.
Leiras – 89.
Leonor, Dona – 30, 159, 160.
Lisboa – 22, 24, 48, 49, 51, 59, 65, 74, 77, 78, 103, 131, 169, 180, 184 a 188.
Livros de Milagres – 15, 16, 71, 72, 74, 76, 86, 95, 103, 161 a 195.
Lopes, Fernão – 93, 95, 179.
Lopes de Baião, Afonso – 89.
Luís de Sousa, Frei – 91.
Luna, Pedro de – 143, 144.
Mafalda (Beata) – 20.
Maia – 113, 114.
Mália – 149.
Manetti, Giannozzo – 128.
Manuel I – 59.
Margarida Pinheira, Sor – 25, 103, 121.
Maria SS.ma Cf. Nossa Senhora.
Marmelal – 34, 141.
Marrocos, Mártires de – 35, 36, 175 a 179.
Marta (St.ª) –19, 21.
Martinho de Dume (S.) – 58, 59, 130.
Marvão – 96.
Mateus, Dom – 50.
Martins, Pero – 92.
Matozinhos – 26, 27, 99.
Maurício, Dom – 58, 127, 133 a 136.
Máximo (S.) – 188.
Mendes, Paio – 60, 61.
Mérida – 20, 53.
Mileu – 91.
Minho – 57.
Módena, Martinho – 137.
Monsarás – 78, 79.

Monte Córdova – 20.
Montélios – 53.
Montserrat – 37.
Mosteiró – 93.
Moura – 82.
Nazaré (da Palestina) – 151, 157, 159.
Nazaré (de Portugal) – 86, 92, 96, 167, 171.
Nogueira, Rui – 187.
Noronha, Dona Constança de – 39, 168.
Nossa Senhora – 10, 42, 71 a 87, 89 a 103, 153, 156, 159, 173 a 175, 187.
Nunes, Airas – 119.
Nuremberga – 110.
Odemira – 75, 85.
Oña – 72.
Orada – 93.
Ordonho I – 105.
Orósio, Paulo – 130.
Ourém – 93.
Ourém, Conde de – 142.
Oviedo – 114.
Paio – 65.
Paio de Coimbra, Frei – 20.
Pais, Aires – 89.
Palmeiro – 8, 125, 126.
Pantaleão de Aveiro, Frei – 155.
Pedro I – 63, 66.
Pedro, Condestável Dom – 71.
Pedro, Infante Dom – 30, 52.
Pedro, Frei – 168.
Pedro Pais, Frei – 164.
Pedrógão Grande – 91.
Pereira, Mécia – 25.
Peres, Afonso – 95, 173 a 175.
Peres, Fernão – 132.
Peres, Gil – 43.
Pérez, Martim – 27, 28, 29.
Pilar – 101, 102.
Pina, Rui de – 23, 168.
Pires, Dom Luís – 29, 34, 37.
Pombeiro – 90, 175.
Portalegre, P.e Paulo de – 145, 160.
Porto – 116, 126, 131, 142.
Prudêncio – 49.
Puy – 9, 79, 87.
Queimada – 99.
Ramiro, Dom – 116.
Rasis – 43 a 46.
Relíquias – 8 a 10, 13, 32, 33, 41 a 50, 53 a 70, 105 e ss., 130, 134 a 137, 141, 142, 158, 159, etc.
Resende, André de – 44, 48.
Ribeiro, Gonçalo – 173.
Roberto – 49.
Rocamador – 9, 31, 38, 79, 87, 100 (n. 265), 101, 126, 139.
Rodrigues, Vasco – 145.
Roma – 9, 125 a 128, 132.
Roncesvales – 14.
Rosendo (S.) – 20, 60, 162.
Rosmithal, Leão de – 110.
Sala – 72.
Salado – 101, 141.
Salas – 20.
Salvador (S.) – 19, 20, 53.
Sancha, Dona – 132.
Sancho I – 62, 63, 118, 137, 138.
Santarém – 32, 76 a 78, 91, 130, 140, 141, 168.
Semedo de Azevedo, José Manuel – 93.
Senhorinha de Basto (St.a) – 20, 59 a 66, 162, 163.
Serpa – 170.
Severim de Faria, Manuel – 180.
Sevilha – 101, 102.
Silves – 138.
Sinai – 129, 147.
Sisenando – 117.
Soure – 90, 177.
Sousa, Pero de – 120.
Soveral – 19.
Susana (St.a) – 56.
Tavira – 23, 24.
Tebaida – 129, 147.
Teles, Dona Leonor – 95.

Telmo (S.) – 189.
Telo, Dom – 12, 28, 127, 133, 134, 137.
Teotónio (S.) – 12, 131, 132, 147 a 155.
Terena – 13, 80 a 85.
Teresa, Dona – 117.
Teresa de Ourém – 24.
Terra Santa – 9 a 12, 38, 100, 101, 110, 111, 117, 125 a 160.
Tiago de Compostela (S.). Cf. Compostela.
Toledo – 61.
Torcato (S.) – 20, 21.
Torres Novas – 170.
Torres Vedras – 26.
Tréveros – 9.
Tudia – 72.
Tui – 57.
Turpim (Pseudo) – 108, 109.
Urraca, Dona – 105, 132.
Val de Prados – 19.
Valério (S.) – 53, 129.
Valmar, Marquês de – 71.
Valongo – 19.
Veríssimo (S.) – 188, 189.
Vicente (S.) – 34, 36, 41 a 52, 96, 162, 163, 164. Cf. Vicente do Cabo (S.).
Vicente do Cabo (S.) – 30, 41 a 52.
Vida e Miracles de Sancta Flor – 167.
Vila Sirga – 65, 72.
Vítor (S.) – 56.
Viseu – 112.
Zamora – 59, 61, 64, 93.
Zurara, Gomes Eanes de – 51, 52, 180, 182.

Índice analítico

Pág.

Introdução 7

Cap. I — Sob o Signo das Peregrinações... 19

Cap. II — Peregrinações a S. Vicente do Cabo 41

Cap. III — S. Frutuoso, St.ª Senhorinha e S. Geraldo 53

Cap. IV — Milagres e Romarias Portuguesas, nas Cantigas de Santa Maria... 71

Cap. V — Peregrinações a Nossa Senhora, no séc. XV 89

Cap. VI — Peregrinações a S. Tiago de Compostela 105

Cap. VII — Peregrinações a Roma e à Terra Santa 125

Cap. VIII — Itinerários 147

Cap. IX — Livros de Milagres, em Latim 161

Cap. X — Livros de Milagres, em Português 167

1.º — *Milagres de S. Abdão*... 171

2.º — *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães* 173

3.º — *Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos* 175

4.º — *Livro dos Milagres do Santo Condestável* ... 179

5.º — *Livro dos Milagres do Bom Jesus, por Mestre André Dias*... 184

6.º — *Livro dos Milagres de S. Veríssimo* 188

7.º — *Livro dos Milagres de S. Tiago de Compostela* 190

Fontes Bibliográficas Principais 197

Indice Alfabético 205

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTA OBRA, COM TODAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS, NA TIPOGRAFIA DE RAMOS, AFONSO & MOITA, LDA., A 25 DE MARÇO DE 1957, FESTA DA ANUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA

ERRATAS

ONDE SE LÊ:	LEIA-SE:
Pág. 93 (nota 235): 1940	1949
Pág. 103: Margarida Pinheiro	Margarida Pinheira
Pág. 108 (nota 287): 1950	1951
Pág. 108 (nota 290): 1946	1947

DATE DUE

GAYLORD

PRINTED IN U.S.A.

BX2323 .M38
Peregrinacoes e livros de milagres na
Princeton Theological Seminary–Speer Library
1 1012 00039 5477